O

Ṛg Veda

LIVRO 4

(Maṇḍala 4)

Traduzido para o inglês por:

H. H. Wilson
(Parte do) Terceiro Aṣṭaka. Primeira Edição – 1857.
[Disponíveis em archive.org]

Ralph T. H. Griffith
Segunda Edição – 1896
[Disponível em sacred-texts.com]

Incluindo 15 hinos[1] por
Hermann Oldenberg – 1897
[Disponível em archive.org e em sacred-texts.com]

Versões traduzidas para o português por:
Eleonora Meier – 2014.

→ Ir para o Índice Rápido

[1] Hinos **1-15**. – *The Sacred Books of the East*, vol. 46.

Conteúdo

Hino 1. Agni (Wilson)

(Continuação do Terceiro Aṣṭaka. Continuação do Adhyāya 4. Anuvāka 1. Sūkta I)

O deus é Agni, ou, pode ser Varuṇa na segunda, terceira, e quarta estrofes; o Ṛṣi é Vāmadeva; a métrica do primeiro verso é Aṣṭi; do segundo, Atijagatī; do terceiro, Dhṛti, e Triṣṭubh do resto.

Varga 12. **1**. Visto que os deuses êmulos sempre te estimulam, Agni, que és um deus de movimento rápido, (a disputar), portanto que (os teus adoradores) te incitem por suas devoções (a trazer os deuses para os seus sacrifícios); adorável Agni, eles (os deuses), te geraram, imortal, divino, onisciente, como a divindade presente entre os homens; eles te geraram como o deus onipresente e onipotente.[1]

2. Traze para a presença dos adoradores, Agni, o teu irmão Varuṇa, como um participante do sacrifício, com um ânimo disposto, o mais antigo participante do sacrifício; o regente da água, o Āditya, o sustentador dos homens, o soberano venerado pela humanidade.

3. Amigável e belo (Agni), traze o teu amigo (Varuṇa) à nossa presença, como dois cavalos fortes transportam o carro rápido ao longo da estrada para o seu objetivo; tu recebes, Agni, a (oblação) gratificante juntamente com Varuṇa, e com os Maruts que iluminam tudo; concede, brilhante Agni, felicidade aos nossos filhos e netos; concede, belo Agni, felicidade para nós mesmos.

4. Que tu possas, Agni, que és sábio, afastar de nós a ira do divino Varuṇa; liberta-nos, tu que és o sacrificador mais frequente, o portador (de oblações) mais diligente, o mais resplandecente, de todas as animosidades.

5. Sê, Agni, o nosso preservador, o mais próximo de nós com tua proteção no romper dessa aurora; desaprova Varuṇa por nós,[2] e, propiciado (pelo nosso louvor), alimenta-te da (oblação) agradável, e sê para nós de invocação auspiciosa.

Varga 13. **6**. O brilho desse deus auspicioso, dirigido aos homens, é o mais excelente, o mais extraordinário, aceitável (para todos), como a manteiga quente pura (do leite) da vaca (é aceitável) para o deus; como o presente de uma vaca leiteira (é para um homem).

7. Estes são os nascimentos supremos, verdadeiros, e desejáveis deste divino Agni,[3] envolvido (com brilho) no ilimitado (firmamento); puro, brilhante, radiante senhor (de todos), que ele possa vir (ao nosso) sacrifício.

8. O mensageiro, o invocador (dos deuses), andando em uma carruagem dourada com uma língua de chama, ele frequenta todas as câmaras (de sacrifício); puxado por cavalos vermelhos, corporificado, resplandecente, sempre agradável, como uma residência bem abastecida com alimentos.

9. Associado com sacrifício, e conhecendo aqueles homens (que estão engajados em boas obras), eles o guiam com a corda forte (de louvor); ele, o divino Agni, realizando

---

[1] Nós temos nessa e na próxima estrofe o mesmo padrão que ocorreu no Sūkta 127 e seguintes do primeiro Maṇḍala, que estão escritos na mesma métrica longa e complexa, a repetição no final da linha das três ou quatro palavras anteriores; assim nós temos aqui, *ādevaṃ janata pracetasaṃ, viśvam ādevaṃ janata pracetasam*, com o sentido parcialmente modificado na repetição, pelo menos de acordo com o escoliasta.

[2] *Ava yakṣva no varuṇaṃ;* Sāyaṇa explica o verbo por *vināśaya*, destrói, e o objeto é *Varuṇa kṛtam*, aquilo que foi feito por Varuṇa, como doença infligida por ele, tal como hidropisia; ou o termo pode implicar *pāpam*, pecado; esse e o anterior ocorrem no *[Śukla] Yajur*, XXI. 3, 4.

[3] Como Agni, Vāyu e Sūrya, ou isso pode se referir aos locais de sua manifestação, ou terra, firmamento, e céu; veja 1.95.3.

(todos os desejos), permanece na casa desse mortal, e obtém participação em sua riqueza.
10. Que aquele sábio Agni nos conduza àquela riqueza que é desejada pelo devoto; ele a quem todos os imortais criaram para (a realização de) ritos sagrados; de quem o céu é o pai e progenitor, e a quem (os sacerdotes) realmente aspergem (com oblações).
Varga 14. **11**. Ele é gerado primeiro nas residências (dos sacrificadores); então em sua posição, (o altar), a base do vasto firmamento; sem pés, sem cabeça, ocultando suas extremidades, unindo-se com a fumaça no ninho da nuvem de chuva.
12. O esplendor procedeu primeiro a ti (Agni), que és glorificado por louvor, no ventre da água, no ninho da nuvem de chuva; os sete afeiçoados (sacerdotes) geraram (louvor) para o derramador (de benefícios), que é desejável, sempre jovem, corporificado, e resplandecente.
13. Neste mundo os nossos antepassados mortais[4] partiram após instituir o rito sagrado, quando, invocando a aurora, eles libertaram as vacas produtoras de leite, escondidas entre as rochas na escuridão (da caverna).
14. Despedaçando as rochas, eles adoraram (Agni), e outros (sábios) ensinaram em toda parte os (atos) deles; desprovidos dos meios de (libertar) o gado, eles glorificaram o autor do sucesso, de onde eles encontraram a luz, e foram, assim, capacitados (a adorá-lo com cerimônias sagradas.
15. Devotados (a Agni), aqueles líderes (de ritos sagrados), com mentes decididas a (recuperar), o gado, romperam, pelo (poder) de prece divina, a montanha obstrutora, compacta, sólida que confinava as vacas, um curral cheio de vacas.
Varga 15. **16**. Eles primeiro compreenderam o nome das vacas,[5] conhecendo as três vezes sete excelentes (formas) do (ritmo) materno;[6] então eles glorificaram as auroras conscientes, e a aurora púrpura apareceu com o esplendor do sol.
17. A escuridão espalhada foi destruída, o firmamento brilhava com resplendor; o brilho da aurora divina surgiu; então o sol ficou acima das imperecíveis montanhas, vendo tudo o que era certo ou errado entre a humanidade.
18. Logo após acordar, os (Aṅgirasas) viram (o gado libertado), e se apoderaram dos tesouros preciosos; os deuses universais então vieram a todas (as suas) residências; Mitra e Varuṇa, que a sua verdade (seja mantida) para aquele que (os) adora.
19. Que eu possa glorificar o atual Agni radiante, o invocador (dos deuses), o sustentador do universo, o mais digno de adoração, sem ordenhar o puro úbere (da vaca), sem o alimento purificado de Soma oferecido em libação.[7]
20. Que Agni seja a Aditi[8] de todos aqueles a quem sacrifício é oferecido; que ele seja o convidado de todos os homens; recebendo o alimento (sacrifical) dos devotos,[9] que ele, para quem tudo é conhecido, seja o concessor de felicidade.

Índice ◄►Hino 2 (Wilson)

[4] Os Aṅgirasas; a intenção desse e do próximo verso é, obviamente, a atribuição da origem do culto ao fogo a Aṅgiras e seus seguidores.
[5] *Te manvata prathamaṃ nāma dhenoh;* de acordo com Sāyaṇa, *dhenoh* pode significar *vāc*, fala, e com *nāma*, mero som como meio de louvor; ele pode também ter seu sentido comum, a passagem referindo-se à antiga nomenclatura de gado, como proferida pelos Aṅgirasas, como *Ehi, surabhi, guggulu, gandhinī*, etc.
[6] Há vinte e uma métricas dos Vedas.
[7] De acordo com o comentador, isso implica que nenhuma oferenda é feita para Agni na ocasião; apenas louvor é dirigido a ele.
[8] Que ele seja o nutridor dos deuses, como se fosse Aditi sua mãe; ou Aditi pode significar a terra, isto é, o seu esteio ou suporte; Mahīdhara, nesse verso, *[Śukla] Yajur-Veda,* XXXIII. 16, o explica etimologicamente; sem um defeito, não vil ou ignóbil.
[9] *Devānām ava āvṛṇānaḥ,* de acordo com Sāyaṇa, é compartilhar do alimento sacrifical dos adoradores; Mahīdhara o explica: entregando as oblações oferecidas aos deuses, ou seja, através do fogo.

Hino 1. Agni (Griffith)[10]

1. Agni, os Deuses, sempre de comum acordo, te enviaram para cá, um Deus, nomeado mensageiro, sim, com sua sabedoria te enviaram. O Imortal, ó Santo, entre os homens mortais, o Deus devotado aos Deuses, o sábio, eles geraram, geraram o onipresente Sábio devotado aos Deuses.
2. Como tal, ó Agni, traze com benevolência para os Deuses o teu irmão Varuṇa que ama sacrifício, Fiel à Lei, o Āditya que sustenta os homens, o Rei, sustentador da humanidade.
3. Ó Amigo, dirige para cá aquele que é nosso Amigo, veloz como uma roda, como dois cavalos de carro em curso rápido, Maravilhoso! para nós em curso rápido. Ó Agni, encontra benevolência para nós com Varuṇa, com os Maruts que iluminam tudo. Abençoa-nos, ó Radiante, por semente e progênie, sim, abençoa-nos, ó Deus Maravilhoso.
4. Tu que conheces Varuṇa, ó Agni, afasta de nós o descontentamento do Deus. O melhor sacrificador, o mais brilhante, refulgente, afasta de nós todos aqueles que nos odeiam.
5. Sê, ó Agni, o mais próximo de nós com auxílio, nosso amigo mais próximo, enquanto agora essa Manhã está surgindo. Apazigua para nós Varuṇa, sê generoso, desfruta do suco agradável; sê rápido para nos ouvir.
6. Excelente é o brilho, do mais luminoso esplendor, que o Deus auspicioso concede aos mortais, o brilho de Deus, tão desejado assim como a manteiga, pura, quente, da vaca, o presente generoso da vaca leiteira.
7. Três são aqueles nascimentos,[11] os verdadeiros, os mais exaltados, avidamente desejados, do Deus, de Agni. Ele veio envolvido na região ilimitada, puro, radiante, amigável, poderosamente resplandecente.
8. Esse enviado se alegra em todos os lugares de culto, conduzido em seu carro dourado, Invocador de língua doce;[12] fascinante de se contemplar, com corcéis vermelhos, refulgente, como um banquete rico em alimentos, eternamente alegre.
9. Aliado por adoração, que ele dê conhecimento ao homem; por um cordão estendido[13] eles o levam adiante. Ele permanece, eficaz,[14] na habitação deste mortal, e o Deus ganha uma parte de suas posses.[15]
10. Que Agni – pois ele sabe o caminho – nos conduza a tudo o que ele desfruta de riquezas enviadas pelos Deuses, o que todos os Imortais prepararam com sabedoria, Dyaus, Pai, Gerador, derramando verdadeiras bênçãos.
11. Nas casas primeiro ele veio à existência, na base grande do céu, e no seio desta região; sem pés e sem cabeça,[16] escondendo ambas as extremidades, contraindo-se na toca de seu Touro[17].

---

[10] Este hino, e os quarenta seguintes, são atribuídos ao Ṛṣi Vāmadeva, o filho de Gotama.
[11] As manifestações de Agni no céu como o Sol, no firmamento como o relâmpago, e na terra como o fogo sacrifical e doméstico.
[12] Por provar as oblações; ou, talvez, de voz agradável.
[13] Em virtude da corrente ou sucessão infinita de sacrifícios realizados regularmente.
[14] Aperfeiçoando os sacrifícios, ou realizando todos os desejos do adorador.
[15] Porque a riqueza do adorador depende do favor de Agni.
[16] Sem pés ou cabeça distinguíveis.
[17] Aparentemente o combustível no qual ele se fortalece; de acordo com Sāyaṇa, 'no ninho da nuvem de chuva'.

12. Primeiro ele ergueu-se no alto magnificamente, desafiador, na toca do Boi, o lar da Ordem sagrada,[18] almejado, jovem, belo, e muito resplandecente, e sete amigos queridos[19] surgiram para o Poderoso.
13. Aqui os nossos pais humanos[20] tomaram seus lugares, ansiosos para cumprir a Lei sagrada de adoração. Eles guiaram adiante, com chamado alto, as abundantes Vacas leiteiras[21] da Aurora, escondidas no estábulo da montanha, na caverna.
14. Eles ficaram esplêndidos[22] quando eles rasgaram a montanha; outros, em volta, divulgarão essa sua façanha. Eles cantaram sua canção, preparados para libertar o gado; eles encontraram a luz, com hinos sagrados eles adoraram.
15. Ansiosos, com pensamento concentrado no espólio,[23] os homens com sua fala celestial[24] escancararam a montanha firme sólida, compacta, circundante, que confinava as Vacas, o estábulo cheio de gado.
16. O mais antigo nome da Vaca leiteira[25] eles compreenderam; eles encontraram os três vezes sete títulos mais nobres da Mãe.[26] Isso os bandos conheciam, e enviaram aclamação; com o brilho do Touro[27] a Vermelha[28] era visível.
17. A escuridão densa fugiu, o céu estava esplêndido; para cima ergueu-se o feixe luminoso da Manhã celestial. Sūrya ascendeu às grandes extensões, contemplando as ações de homens bons e maus.
18. Então, posteriormente eles olharam em volta, despertos, quando pela primeira vez eles seguraram aquele tesouro concedido pelo Céu.[29] Agora todos os Deuses permanecem em todas as suas residências. Varuṇa, Mitra, que a prece seja eficaz.
19. Eu chamarei aqui o brilhantemente radiante Agni, o Arauto, sustentador de todos, o melhor em culto. Ele descobriu, como o úbere puro das vacas leiteiras, o suco da Soma quando purificado e derramado de taças.[30]
20. O Deus mais livre de todos os que devem ser adorados, o hóspede que é recebido nas casas de todos os homens, Agni, que tem garantido a excelente proteção dos Deuses, – que ele seja benevolente, para nós, Jātavedas.

Índice ◄►Hino 2 (Griffith)

---

[18] O altar, o lugar de sacrifício ordenado pela lei.
[19] Sete sacerdotes menores; ou as frequentemente mencionadas sete línguas ou raios de fogo.
[20] Os Aṅgirases.
[21] Os raios de luz.
[22] Iluminados pelos raios de luz recuperados.
[23] As Vacas, os raios de luz.
[24] Sua prece.
[25] Aqui, de acordo com Sāyaṇa, Vāk ou Voz, Fala, ou especialmente prece.
[26] É incerto o que quer dizer *os três vezes sete* (títulos, nomes, formas, ou alguma palavra similar estando necessariamente subentendida) *mais nobres da Mãe*. O professor Wilson, seguindo Sāyaṇa, traduz a passagem: 'conhecendo as três vezes sete excelentes (formas) do (ritmo) materno', isto é, as vinte e uma métricas dos Vedas; ou, ele acrescenta, a passagem pode se referir 'à antiga nomenclatura de gado, como proferida pelos Aṅgirasas, como *Ehi, surabhi, guggulu, gandhinī*, etc'.
[27] Com o esplendor do Sol.
[28] Uṣas ou Aurora.
[29] Os raios de luz recuperados.
[30] A explicação de Sāyaṇa da segunda linha dessa estrofe é diferente, e o professor Wilson, seguindo-o, traduz: 'sem ordenhar o puro úbere (da vaca), sem o alimento purificado de Soma oferecido em libação', implicando, segundo o escoliasta, 'que nenhuma oferenda é feita para Agni na ocasião; apenas louvor é dirigido a ele'. *Ná*, no Veda, pode ser lembrado, significa *não* e *como*, e em algumas passagens é difícil determinar em qual de seus sentidos a palavra deve ser tomada.

Hino 1. Agni (Oldenberg)

MAṆḌALA 4, HINO 1.
AṢṬAKA 3, ADHYĀYA 4, VARGA 12-15.

1.[31] Ó Agni, os deuses concordantemente sempre te puseram para trabalhar como seu administrador divino; com essa intenção[32] eles te puseram para trabalhar. Eles te geraram, ó venerável, o imortal entre os mortais, o sábio, o deus que ama os deuses; eles geraram o todo sábio (Agni), que ama os deuses.
2. (Ó Agni), volta-te para o irmão Varuṇa, para aos deuses com tua bondade,[33] para (Varuṇa) que aceita o sacrifício, para o (deus) mais velho que aceita o sacrifício, o Āditya justo que sustenta as tribos (humanas), o rei que sustenta as tribos humanas.
3. Ó amigo, volta-te para o teu amigo (Varuṇa), como uma roda de um carro[34] (segue) rapidamente o (cavalo) veloz, para o nosso bem, ó esplêndido, rapidamente. Ó Agni, encontra misericórdia (para nós) com Varuṇa, com os Maruts todo brilhantes. Abençoa (-nos), ó flamejante, para que possamos nos propagar, para que possamos avançar adiante, abençoa-nos, ó esplêndido!
4. Que tu, ó Agni, que conheces Varuṇa, afastes de nós a ira do deus. Sendo o melhor sacrificador, o melhor mensageiro (dos deuses), flamejante, afasta de nós todo o ódio.
5. Como tal, ó Agni, sê para nós o (deus) mais baixo[35] com teu auxílio, o nosso (amigo) mais próximo, enquanto essa aurora resplandece. Sendo generoso (conosco), faze, por meio de sacrifício, Varuṇa se afastar de nós. Ama a misericórdia; atende prontamente o nosso apelo.
6. Dele, do deus afortunado, a aparência é excelente, e a mais brilhante entre os mortais. Como a manteiga brilhante aquecida da vaca (a aparência) do deus é encantadora, como a generosidade de uma vaca leiteira.
7. Três[36] são aqueles nascimentos mais elevados, verdadeiros, e encantadores desse deus Agni. Estando envolvido no infinito[37] ele veio para cá, o luminoso, brilhante, resplandecente Ária.
8. Ele, o mensageiro, anseia por todos os lugares, o Hotṛ com a carruagem dourada, com a língua adorável, com os cavalos vermelhos, de aparência extraordinária, brilhante, sempre encantador como uma reunião abundante em alimentos.
9. Ele, o parente do sacrifício, iluminou os homens. Eles o conduzem adiante por uma grande corda.[38] Ele mora na residência dele (do mortal), realizando (sua tarefa). O deus obteve a companhia do mortal.

---

[31] Este Sūkta parece ser composto de dois hinos independentes. Grassmann acreditava que os três primeiros versos são o fragmento de um hino, e que os versos 4-20 formam um segundo hino. Sua justificação era que os versos 1-3 estão compostos em métricas similares a Atyaṣṭi, enquanto os restantes estão compostos em Triṣṭubh. Eu penso que ele estava no caminho certo, mas que sua opinião deve ser ligeiramente modificada. Nos versos 1-5 Agni é invocado para acalmar a ira de Varuṇa; enquanto que, por outro lado, nenhuma alusão a Varuṇa ocorre nos versos 6-20. Eu acredito, portanto, que o primeiro hino deve ser considerado como consistindo nos versos 1-5; ele é composto de métricas da classe Atyaṣṭi (1-3) com dois versos finais Triṣṭubh (4-5). O segundo hino compreende os versos 6-20. Os organizadores da Saṁhitā, no entanto, consideraram esses dois hinos como um só, como é mostrado pela posição que eles atribuíram a ele, antes do segundo Sūkta, que tem o mesmo número de versos (20) que este primeiro Sūkta.
[32] Ou seja, com a intenção de que ele atue como o administrador dos deuses.
[33] Ou 'por causa de sua bondade', 'para ganhar seu favor (para os mortais)'?
[34] O professor Max Müller refere *ráthyā-iva* a dois cavalos; ele traduz: 'Ó amigo, traze aqui o teu amigo, como dois velozes cavalos de carruagem trazem rapidamente uma roda veloz'.
[35] Isto é, o mais próximo aos homens.
[36] Literalmente 'três vezes'. Mas eu acho que nós devemos corrigir *trī́* (três). O mesmo erro parece ocorrer em 3.56.5. 'Três são as suas moradas. Ó rios; três (são aquelas) dos sábios'. Comp. também 3.56.8; 1.116.4.
[37] Isso parece significar, no céu infinito.
[38] Bergaigne compara com 9.87.1, onde é dito que eles conduzem o Soma para a grama sacrifical como um cavalo por meio de cordas. Sāyaṇa diz, 'por uma corda que tem a forma louvores'.

10. Que este Agni, o conhecedor, nos leve ao tesouro dado pelos deuses que pertence a ele.[39] Aquele (tesouro) que todos os imortais criaram por seu pensamento, que Dyaus, o pai, o progenitor (criou); aquele real (tesouro) eles aspergiram.[40]
11. Ele nasceu nas residências como o primeiro, na base do grande (ar), no ventre desse ar, sem pés, sem cabeça, escondendo ambas as suas extremidades, atraindo para si mesmo (seus membros?), no ninho do touro.[41]
12. A hoste[42] surgiu maravilhosamente a princípio, no ventre de Ṛta, no ninho do touro,[43] adorável e jovem, de aparência extraordinária e brilhante.[44] Sete amigos[45] nasceram para o touro.
13. Aqui os nossos pais humanos se sentaram,[46] aspirando por Ṛta.[47] Invocando as auroras,[48] eles guiaram para fora as vacas leiteiras que moravam no estábulo de rocha, na prisão.
14. Tendo fendido a rocha eles se purificaram. Outros em volta divulgaram amplamente aquela (façanha) deles. Tomando ... como um instrumento (?),[49] eles cantaram triunfalmente. Eles acharam a luz; eles cantaram suas preces.
15. Ansiando pelas vacas em sua mente, aqueles homens, os Uśijs, abriram com palavras piedosas a rocha fechada, firmemente retentora, que encerrava e cercava as vacas, o estábulo sólido cheio de vacas.
16. Eles conceberam o primeiro nome da vaca leiteira; eles encontraram os três vezes sete mais altos (nomes ou essências) da mãe.[50] As hostes,[51] entendendo isso, aclamaram. A vermelha[52] tornou-se visível através do brilhante (leite?)[53] da vaca.
17. A escuridão confusa[54] desapareceu, o céu apareceu em esplendor, o brilho da deusa Aurora se ergueu. O Sol ascendeu às vastas planícies, contemplando ações certas e erradas entre os mortais.

---

39 Compare com o verso 18.
40 Isto é, ungiram, adornaram. 'Derramaram'. – Max Müller.
41 O touro parece ser o próprio Agni.
42 A palavra *śárdha*, que na maioria dos trechos é aplicada à hoste dos Maruts, aqui parece para se referir à companhia dos Aṅgiras ou sete Ṛṣis, mencionada no quarto *pāda*. Os sete Ṛṣis, 'nossos pais' (verso 13), com a ajuda de Agni, fenderam a montanha e libertaram as vacas ou auroras (versos 13 e seguintes; 4.2.15 e seguintes).
43 O touro novamente parece ser Agni.
44 Esses epítetos (comp. verso 8, *pāda* 3) referem-se a *śárdha* (hoste)? Ou eles são aplicados a Agni, de modo que teríamos que traduzir: 'Adorável era o jovem (Agni), de aparência maravilhosa e brilhante?' Bergaigne interpreta a passagem desse modo. Se essa tradução está correta, *śárdhaḥ* pode ser considerado como neutro, e o primeiro *pāda* poderia ser traduzido: A primeira hoste saiu maravilhosamente.
45 Evidentemente, os sete Ṛṣis (veja a nota 42). Bergaigne: As sete preces? Ou os sete rios?
46 Os sete Ṛṣis se sentaram para cantar e sacrificar, pelo que eles abriram a montanha-prisão das vacas.
47 A menção de Ṛta nesse contexto é tanto vêdica quanto avéstica. Comp. *Ormazd et Ahriman*, p. 146; H. O., *Religion des Veda*, p. 144, nota 2.
48 As vacas nesse mito parecem ser uma representação mítica das auroras.
49 *Paśváyantra* (comp. *ślókayantra*, 9.73.6) é muito duvidoso. Será que não existe uma raiz *paśva*, significando, possivelmente, 'o rebanho de gado'? E nós podemos traduzir, 'aqueles que tinham as suas máquinas (de bater?) direcionadas sobre os rebanhos de vacas'? Ou, 'segurando os rebanhos com seus instrumentos (ou seja, com as cordas usadas para tirar as vacas da caverna)'? – O professor Max Müller sugere a tradução, 'os condutores de gado', e escreve: 'Será que isso representa *paśu-yantrāsaḥ? Yantra* parece o mesmo que *yoktra*, ou algo parecido, veja 10.94.7, 8. *Paśuyantra* seria aqueles que seguram as cordas do gado, que os levam para longe'.
50 A mãe parece novamente ser a vaca, ou mais exatamente a Aurora considerada como a mãe das vacas (*mātā gávām*, 4.52.2 3; 7.77.2), e como a mãe dos Ṛṣis (4.2.15). Comp. 5.45.2. *Ā ūrvād gávām mātā jānatī gāt*. Os sete nomes da vaca também são mencionados em 1.164.3, seus três vezes sete nomes, em 7.87.4.
51 As hostes parecem ser a assembleia dos Ṛṣis.
52 A aurora.
53 Comp. 9.81.1 'Quando (os Somas) foram tirados, junto com os coalhos brilhantes da vaca'. O leite da vaca brilhante que os Ṛṣis obtiveram parece ser considerado como um meio mágico para obter para os homens o aspecto da luz brilhante do amanhecer. Comp. H. O., *Religion des Veda*, p. 450.
54 Veja 2.17.4; 4.16.4.

18. Então, posteriormente, estando despertos eles olharam em volta; então eles pegaram aquele tesouro dado pelo Céu, todos os deuses em todas as casas. Ó Mitra, que a verdadeira (realização) pertença à (nossa) prece, ó Varuṇa!
19. Eu me dirigirei ao flamejante Agni, o Hotṛ, o sustentador de tudo, o melhor sacrificador. Ele perfurou, por assim dizer, o úbere puro das vacas, (e fez fluir o leite) purificado como a seiva derramada dos brotos de Soma.
20. Ele, a Aditi (isto é, a liberdade) de todos os deuses veneráveis, o convidado de todos os homens, Agni, escolhendo (para nós) a proteção de todos os deuses, que ele, Jātavedas, seja misericordioso.

Índice ◄►Hino 2 (Oldenberg)

Hino 2. Agni (Wilson)

(Sūkta II)

O deus e o Ṛṣi como antes; a métrica é Triṣṭubh.

Varga 16. **1**. Ele, que foi colocado imortal entre os mortais,[1] o observador da verdade, uma divindade triunfante entre deuses, o invocador dos deuses, o sacrificador mais diligente, Agni; ele foi colocado (sobre o altar) para iluminar (a cerimônia) por seu (brilho), e para a elevação do adorador, através de oblações (no céu).
2. Agni, filho da força, gerado hoje nesse nosso rito, como intermediário entre ambos (deuses e homem) tu procedes, o invocador (dos deuses), atrelando, gracioso Agni, os teus corcéis robustos, vigorosos e resplandecentes.
3. Eu celebro os corcéis vermelhos, concessores de alimento, derramadores de água, e que viajam mais rápido do que o pensamento, dele que é a verdade; atrelando o par brilhante (ao teu carro), tu passas entre as divindades de quem tu és, e adoradores humanos.[2]
4. Possuidor de bons cavalos, de um carro excelente, e de riqueza abundante, Agni, em meio a estes (adoradores) traze, para o homem que oferece oblações dignas, Aryaman, Varuṇa, Mitra, Viṣṇu, os Maruts, ou os Aśvins.
5. Que o sacrifício, Agni, seja produtivo de vacas, de ovelhas, cavalos, e, celebrado pelo teu adorador, auxiliado pelos sacerdotes, seja sempre ininterrupto; que ele, poderoso Agni, seja produtivo de alimentos e de progênie, continuado por longo tempo, afluente, com base ampla, e mantido em plena assembleia.[3]
Varga 17. **6**. Tu és o recompensador munificente daquele homem que, suando (com trabalho árduo), traz combustível para ti, e para o teu serviço faz sua cabeça doer;[4] protege-o, Agni, de todo aquele que procura lhe fazer mal.
7. Que um filho, firme em (devoção) e generoso (em oferendas), nasça para aquele que apresenta alimento (sacrifical) para ti quando precisando de alimento, que te dá constantemente o estimulante (suco Soma), que te acolhe como convidado, e te acende devotamente em sua mansão.

---

[1] Ou entre órgãos mortais dos sentidos, Agni sendo aquele da fala.
[2] *Antarīyase yuṣmāṃścadevān viśa ā ca martān,* tu segues entre, vocês os deuses e os homens; *vocês* é especificado por Agni ser uma divindade; ele vai aos homens para receber a oblação, e aos deuses, dos quais ele é um, para levá-la para eles.
[3] *Sabhāvān*, na presença de espectadores.
[4] Veja a nota 14.

8. Protege do pecado o sacrificador generoso que te glorifica de manhã e à noite, e, oferecendo oblações, faz o que é aceitável para ti em seu próprio domicílio, como um cavalo com aprestos dourados.[5]

9. Que nunca faltem riquezas àquele que faz oferendas a ti, Agni, que és imortal, que com concha erguida derrama oblações repetindo o teu louvor, e não deixes que a maldade de um (inimigo) malévolo o enrede.

10. Que seja agradável para ti, Agni, que és uma divindade benevolente, aquela prece (que é pronunciada) pelo homem com cujo sacrifício bem conduzido tu estás bem satisfeito, mais jovem (dos deuses), de cujos (ritos), quando te adorando que nós possamos ser os promotores.

Varga 18. **11**. Que o sábio Agni discrimine entre virtude e vício, entre os homens (virtuosos e maus), como um (cavalariço distingue) as costas fortes e fracas (de cavalos);[6] enriquece-nos com riqueza acompanhada por descendência virtuosa; sê generoso para o doador liberal; evita aquele que não oferece.

12. Os sábios não insultados permanecendo nas residências do homem têm glorificado o sábio (Agni); portanto, senhor do sacrifício, tu podes proceder com pés de movimento rápido para contemplar os deuses admiráveis e maravilhosos.

13. Resplandecente Agni, o mais jovem dos deuses, o que satisfaz (os desejos dos) homens, que deves ser conduzido facilmente (ao altar), dá riqueza abundante e concessora de alegria para a sua preservação ao adorador que te louva e te adora e te oferece libações.

14. Portanto, Agni, quando nós trabalhamos para ti com mãos e pés, e todos os nossos membros, os piedosos realizadores de ritos, (os Aṅgirasas), usam seus braços no trabalho (de atrito), como fabricantes de rodas fabricam um carro.

15. Que nós sete sacerdotes primeiros na ordem geremos da aurora materna os adoradores do criador (Agni); que os Aṅgirasas sejam os filhos do céu,[7] e, radiantes, dividam a montanha que contém riqueza.[8]

Varga 19. **16**. Desse modo, Agni, os nossos antepassados excelentes e antigos, celebrantes de sacrifício sagrado, procederam para (a região de) luz pura,[9] e, recitando preces e dissipando a escuridão, eles tornaram manifestas as (vacas) purpúreas.

---

[5] *Aśvo na sve dame ā hemyāvān,* isto é, de acordo com o escoliasta, tendo uma cilha feita de ouro, aplicando o epíteto ao cavalo, ainda que separado por *sve dame*, em sua própria casa.

[6] Essa passagem é expressa elipticamente e metaforicamente, *cittim acittiṃ cinavad vi vidvān,* que o sábio (Agni) distinga aquilo que é para ser conhecido, ou virtude, e o que não é para ser pensado, ou pecado; ou *chittim* e *achittim* podem ser explicados por *jñānam* e *ajñānam*, conhecimento e ignorância; *martān*, mortais ou homens, não tem epítetos; o comentador os supre; a comparação segue, *pṛṣṭheva vītā vṛjinā ca,* como costas brilhantes, e de suporte ruim; pelos cavalos e o cavalariço nós estamos em débito com Sāyaṇa.

[7] *Divasputrā aṅgiraso bhavema,* ou que nós, os filhos do céu, possamos ser Aṅgirasas; ou, de acordo com o comentador, *bhūtīmantah*, possuidores de poder superior; de acordo com um texto citado pelo comentador, que, no entanto, não é muito claro, os Aṅgirasas são os filhos de Āditya, 'aquilo que era a sua semente se manifestou primeiro como Āditya, dali, em sucessão, aqueles que eram as cinzas tornaram-se os Aṅgirasas'; veja vol. I. pág. 4:

["O comentador cita Yāska, para a identidade de *Aṅgiras* com *Aṅgāra*, uma brasa; e uma passagem do *Aitareya Brāhmaṇa* é citada, na qual é dito, 'as brasas se tornaram os Aṅgirasas'".

"'A terceira [faísca], que resplandeceu *(ādidevatā)** [do esperma de Prajāpati] tornou-se os Ādityas (uma classe de deuses). Aquelas partes (de semente de Prajāpati depois que ela foi aquecida) que eram brasas (*aṅgāra*) se tornaram o Aṅgiras'. *Essa forma intensiva singular da raiz *div*, brilhar, é aqui escolhida apenas para explicar a origem do nome, '*ādityās*". – *Aitareya Brāhmaṇa*, pág. 148 da tradução por Martin Haug, edição de 1922].

[8] *Adriṃ rujema dhaninaṃ* pode aludir à rocha na qual as vacas estavam escondidas, ou *adri* podem ser traduzido como nuvem (*megha*), pelo rompimento da qual a chuva é feita cair.

[9] *Śucīd ayan dīdhitim; dīptam sthānam tejas cāgacchan;* Mahīdhara, *[Śukla] Yajur*, XIX. 69, explica isso por *ravi maṇḍalam,* o orbe do sol, e dá uma interpretação diferente às últimas frases; que nós, dividindo os raios do sol, e perfurando a terra (com postes sacrificais e similares), também procedamos pelo caminho dos deuses, ou para o céu; é uma interpretação bastante ousada, no entanto, converter *apavran*, o terceiro plural do terceiro pretérito, em

17. Realizadores de boas obras, brilhantes e devotos, os louvores dos deuses têm livrado o seu nascimento da impureza, como (um ferreiro aquece o) ferro; incitando Agni, elevando Indra, e vagando (à procura), eles foram até o vasto rebanho de gado (escondido).
18. Feroz (Agni), quando (Indra) proclamou a presença próxima do rebanho de vacas dos divinos (Aṅgirasas) como um rebanho de gado em um estábulo bem abastecido,[10] a progênie dos mortais foi, assim, habilitada (a realizar atos piedosos), e o senhor da família tornado competente para (proporcionar) o aumento da posteridade e (o sustento dos) dependentes.
19. Nós temos te adorado (Agni), e temos assim nos tornado os realizadores de um bom trabalho, adorando o pleno e diversamente encantador Agni, o belo esplendor do deus radiante, quando as auroras brilhantes vestiram (-se) de luz.
20. Criador, Agni, nós repetimos esses teus louvores a ti que és onisciente; os aceita; resplandece no alto; nos torna opulentos; concede a nós, tu que és adorado por muitos, ampla riqueza.

Índice ◄►Hino 3 (Wilson)

Hino 2. Agni (Griffith)

1. O Fiel, Imortal entre os mortais, um Deus entre os Deuses, enviado nomeado, Sacerdote, o melhor em adoração, deve resplandecer em glória. Agni será erguido ao alto com as oblações do homem.
2. Nascido para nós aqui neste dia, ó Filho do Vigor, entre ambas as raças de seres nascidos,[11] Agni, tu passas como um enviado, tendo atrelado, Sublime! os teus garanhões radiantes de músculos fortes.
3. Eu louvo os corcéis avermelhados que derramam bênção, pingando óleo, os mais velozes através do pensamento da Ordem.[12] Atrelando cavalos vermelhos tu segues para lá e para cá entre vocês Divindades[13] e raças mortais.
4. Aryaman, Mitra, Varuṇa, e Indra com Viṣṇu, dos Deuses, Maruts e Aśvins – esses, Agni, com bom carro e corcéis, traze para cá, o mais generoso, para o povo com boas oferendas.
5. Agni, que esse nosso sacrifício seja eterno, com bravos amigos, rico em vacas, ovelhas e cavalos, rico, Asura! em alimento sagrado e filhos, fartura de base ampla, em plena assembleia, e duradouro.

---

apavṛṇumah, primeiro plural do presente com o sentido do modo potencial; esse verso e os três seguintes ocorrem no *Atharva Veda*, XVIII. 3, 21-24.
[10] *Āyūtheva kṣumati paśvo akhyad devānāṃ yaj janimānt* é, literalmente, como um rebanho de animais que possuem alimentos, ele disse dos deuses que o nascimento está próximo; *janimā*, Sāyaṇa interpreta como *go-sangham*, e compreende o resto como acima; ou ele propõe uma alternativa, não mais inteligível; a segunda metade da estrofe é igualmente obscura como a primeira; *martānāṃ cid urvaśīrakṛpran vṛdhe cid arya uparasya āyoḥ; urvaśīh* é interpretado por Sāyaṇa, *prajā*, progênie, como se fosse o nominativo, em vez de ser o acusativo plural; e se assim for, não existe nenhum nominativo para *akṛpran*, foram feitos capazes; a palavra é notável, e o é ainda mais pela referência de Sāyaṇa a Yāska, *Nir*. v 1, onde a palavra significa, como de costume, Apsaras, e a etimologia é *urvabhya aśnuta* ou *urubhyām aśnuta,* que permeia ou provém da coxa, conforme a lenda purânica de seu nascimento a partir da coxa de Nārāyaṇa; veja também a [obra dramática] *Vikramorvaśī* de Kālidāsa, que mostra que a lenda tem alguma antiguidade. [Veja abaixo a versão desse verso por Oldenberg e a nota 48].
[11] Entre Deuses e homens, os Deuses também sendo chamados de *jātāḥ* ou nascidos, como filhos do Céu e da Terra.
[12] O pensamento do sacrifício ordenado pela Lei.
[13] Os Deuses dos quais tu, Agni, és um.

6. O homem que, suando, traz para ti o combustível, e faz sua cabeça doer,[14] teu servo fiel, – Agni, sê para ele um Protetor forte, protege-o de todos os que procuram lhe fazer mal.
7. Quem te traz alimento, embora tu tenhas alimento em abundância, recebe seu convidado alegre e o apressa adiante, quem te acende devotamente em sua morada, – para ele sê riqueza segura e que dá livremente.[15]
8. Quem quer que cante louvores a ti à noite ou de manhã, e, com oblação, faça o que tu amas, – em sua própria casa, assim como um corcel de cilha dourada, resgata-o da angústia, o doador generoso.
9. Quem quer que traga presentes para ti Imortal, Agni, e te preste serviço com concha erguida, – não deixes que ele, labutando penosamente, perca suas riquezas; não deixes a maldade do pecador cercá-lo.
10. Cujo culto bem feito tu aceitas, Agni, tu Deus, o presente de um mortal, tu Doador generoso – que o sacrifício dele seja estimado por ti, O Mais Jovem! e que nós possamos fortalecê-lo quando ele te adorar.
11. Que aquele que sabe[16] distinga a inteligência e a tolice dos homens, como costas retas e tortas de cavalos.[17] Leva-nos, ó Deus, à riqueza e descendência nobre; mantém a penúria longe[18] e nos concede abundância.
12. Esse Sábio[19] os Sábios,[20] nunca enganados, ordenaram,[21] estabelecendo-o nas residências do vivo. Daí que tu possas, Deus amigável, com passos rápidos[22] contemplar os Deuses, maravilhosos, belos de se olhar.
13. Boa orientação tu tens para o sacerdote, ó Agni, que, Deus mais jovem! com Soma derramado te serve. Soberano de homens, tu Deus alegre, traze tesouro esplêndido e abundante para ajudar o trabalhador.
14. Ora, tudo o que nós, teus servos fiéis, Agni, temos feito com os pés, com as mãos, e com os nossos corpos, os sábios, com labor, o rito sagrado têm guiado, como aqueles que moldam um carro com destreza manual.
15. Que nós, sete sábios os primeiros em posição, geremos, da Aurora a Mãe, homens para serem ordenadores.[23] Que nós, Aṅgirases, sejamos filhos do Céu, e, radiantes, rompamos a montanha que contém riqueza.[24]
16. Como nos tempos antigos os nossos antigos Pais, acelerando a obra de culto sagrado, Agni, procuraram luz pura e devoção, cantando louvores; eles perfuraram o solo e tornaram visíveis as Auroras vermelhas.

---

[14] Com a carga de madeira que ele carrega sobre ela.
[15] Que habilita o possuidor a ser generoso por sua vez.
[16] O sábio Agni.
[17] *Como costas retas e tortas: aśvānām*, de cavalos, é suprido por Sāyaṇa; como um dono de cavalos ou cavalariço distingue entre costas bem formadas e mal formadas.
[18] Eu sigo o professor Roth nessa interpretação de *dítim* e *áditim* nessa passagem. O professor Wilson, seguindo Sāyaṇa, traduz: 'sê generoso para o doador liberal; evita aquele que não oferece'. 'Dá-nos essa vida sobre a terra, afasta a vida futura'. – Max Müller.
[19] Agni.
[20] Os outros Deuses.
[21] Mandaram se tornar um arauto sacerdotal ou invocador.
[22] Eu sigo Sāyaṇa; mas a correção dessa explicação é incerta. Segundo Pischel, *paḍbhiḥ* aqui significa 'com (teus) olhos'.
[23] 'Novamente, através da identificação dos pais com a luz, eles são postos em conexão com a metáfora da geração. Foi através de Agni que seus antepassados foram habilitados a dar nascimento aos seus sucessores. (1.68.8-9 [na versão de Oldenberg; 4b-5a nas versões de Griffith e Wilson]). Os pais estão unidos com a Aurora, e desejam com ela gerar filhos homens. (4.2.15; 10.61.10-11; compare com 6.44.23). Em um hino a Soma eles são mencionados junto com o sol da manhã como tendo colocado o germe na terra; (9.83.3; compare com 1.164.36); e a fecundidade do céu e da terra, que dá nascimento a deuses e homens, é descrita como produzida pelos pais. (10.64.14)'. – Wallis, *Cosmology of the Rigveda,* p. 72.
[24] A nuvem com seu suprimento de chuva, ou a caverna na qual as vacas ou raios de luz estavam aprisionados.

17. Deuses,[25] fazendo atos sagrados, devotos, resplandecentes, fundindo como minério[26] suas gerações humanas, acendendo Agni e exaltando Indra, eles vieram cercando o estábulo de gado.
18. Forte![27] ele as notou[28] – e os Deuses diante delas – como rebanhos de gado em um pasto cheio de alimento. Lá elas lamentaram seu forte desejo por mortais, para ajudar o Verdadeiro, O Mais Próximo, o Vivente.[29]
19. Nós temos trabalhado para ti, nós temos trabalhado nobremente – as Auroras brilhantes têm derramado sua luz sobre a nossa adoração – acrescentando beleza ao perfeito Agni, e ao belo olho do Deus que brilha eternamente.
20. Agni, Distribuidor, nós cantamos esses louvores para ti o Sábio; aceita-os alegremente. Resplandece no alto e sempre nos torna mais ricos. Dá-nos grande riqueza, ó tu cujas bênçãos são muitas.

Índice ◄►Hino 3 (Griffith)

Hino 2. Agni (Oldenberg)

MAṆḌALA 4, HINO 2.
AṢṬAKA 3, ADHYĀYA 4, VARGA 16-19.

1. Ele, que foi estabelecido como o administrador entre os mortais, o Imortal, justo, e entre os deuses, sendo ele próprio um deus, o Hotṛ, o melhor sacrificador flamejará poderosamente; Agni se erguerá com as oferendas de Manus.
2. Aqui, ó Agni, filho da força, tu vais por nós hoje como um mensageiro, tu que és nascido, entre as duas raças (de homens e deuses), tendo atrelado, ó alto, os teus (garanhões) pujantes, viris, brilhantes.[30]
3. Atrelando os dois poderosos corcéis vermelhos que nadam em ghee – (os cavalos) de Ṛta, eu penso, que são mais rápidos com sua mente,[31] os avermelhados, tu segues (como um mensageiro) entre vocês, os deuses, e as tribos de homens.
4. Ó Agni, com teus bons cavalos, e teu bom carro, rico em bênçãos, traze para cá dentre eles (os deuses)[32] Aryaman, Varuṇa e Mitra, Indra e Viṣṇu, os Maruts e os Aśvins, para aquele que oferece boas oblações.
5. Esse sacrifício, ó Agni, é rico em vacas,[33] em ovelhas e cavalos, em amigos valorosos; ele nunca deve ser desprezado; ele é rico em nutrição, ó senhor maravilhoso,[34] rico em prole, ele é riqueza duradoura, de base ampla, com (brilhantes) assembleias.
6.[35] Sê um protetor forte, ó Agni, do homem que com o suor do seu rosto traz combustível para ti, ou esquenta sua cabeça desejoso de adorar-te. Livra-o de todo homem pernicioso.

---

[25] Os Aṅgirases semelhantes a deuses.
[26] Purificando sua humanidade, como o minério é purificado pela fundição.
[27] Ó poderoso Agni.
[28] Indra viu as vacas dos Aṅgirases, os raios de luz roubados.
[29] Agni parece ser aludido. [Veja abaixo a versão desse verso por Oldenberg e a nota 48].
[30] Comp. abaixo 4.6.9.
[31] Quanto aos cavalos de Ṛta, comp. 3.6.6.
[32] '*Mitrám eṣām* poderia ser o rápido Mitra?' Max Müller.
[33] O significado é, ele é rico em recompensa que consiste em vacas, etc.
[34] O texto tem *asura*.
[35] Com o primeiro *pāda*, compare abaixo 4.12.2.

7. O homem que traz alimento para ti que estás desejoso de alimento, aquele que incita o convidado alegre e o estimula, o homem devoto que te acende em sua morada: a ele possa pertencer riqueza duradoura e generosa.[36]
8. O sacrificador que te louva à noite e de manhã e te satisfaz; aquele homem generoso tu deves conduzir através de toda angústia, como um cavalo bem impelido, (residindo) em sua casa.
9. O homem que adora a ti, o imortal, ó Agni, e que te honra, segurando a concha sacrifical – que ele, o (sacrificador) labutando, não seja privado de riqueza; que nenhum infortúnio vindo de um (inimigo) pernicioso o cerque.
10. Aquele mortal cujo sacrifício bem ordenado tu, como o deus, aceitas, ó Agni, como um doador generoso, que a sua adoração[37] seja bem-vinda, ó deus mais jovem, (o trabalho do Hotṛ realizado) para um adorador cujos auxiliares nós possamos ser.
11. Que ele, o conhecedor, distinga a sabedoria e a tolice dos mortais, como costas retas e tortas (de cavalos). E por causa de riqueza e descendência nobre, ó deus, concede-nos Diti e afasta Aditi.[38]
12. Os sábios não iludidos instruíram o sábio (Agni), estabelecendo-o nas residências de Āyu.[39] Daí tu podes ver, ó Agni, com teus olhos[40] esses seres visíveis e secretos (que se movem) nos caminhos do Arya.[41]
13. Traze, ó Agni, tu o (deus) mais jovem, que és um bom guia, um tesouro abundante, brilhante para o adorador que espreme Soma, que te serve e se esforça, para ajudá-lo, ó alegre, que enches as habitações dos povos.
14. E tudo o que nós temos feito, ó Agni, por devoção por ti, com os pés,[42] com as mãos, com os nossos corpos; (naqueles nossos atos) os sábios têm mantido a Ṛta, aspirando por ela, como aqueles que manobram uma carruagem por meio dos dois braços da lança (?).[43]
15. E que possamos nascer da Aurora, a mãe, como os sete sacerdotes,[44] como os primeiros adoradores entre os homens. Que sejamos os Aṅgiras, os filhos do Céu. Que nós flamejantes rompamos a rocha que contém o prêmio da disputa.[45]
16. E, como nossos primeiros, antigos pais, ó Agni, estavam aspirando por Ṛta[46] – eles alcançaram a devoção pura, cantando suas litanias. Perfurando a terra eles revelaram as (vacas) vermelhas.

---

[36] [Veja a nota 15].
[37] Literalmente o trabalho do Hotṛ (executado para tal Yajamāna).
[38] É muito estranho que o poeta peça ao deus para afastar Aditi (comp. 1.152.6), que deve aqui ser considerada, portanto, como uma divindade malévola. Eu penso que essa concepção de Aditi é derivada da idéia de essa deusa como punidora de pecados; é a mesma deusa que pode libertar o pecador dos grilhões do pecado e que pode acorrentá-lo e destruí-lo. Afastar Aditi parece significar, portanto, afastar do mortal o perigo de ser atado pelos grilhões do pecado; a ideia é a mesma que acima, em 4.1.5, onde Agni é invocado para fazer Varuṇa, o filho de Aditi, ir embora. Nesse caso conceder Diti significaria conceder libertação daqueles mesmos grilhões.
[39] Sobre Āyu, o antepassado mítico da raça humana, veja Bergaigne, *Religion Védique,* I, p. 59 e seg.
[40] Eu acredito que em nosso verso *paḍbhíḥ* deve ser derivado do um substantivo *páś*, e traduzido, 'com teus olhos', enquanto no verso 14 nós devemos ler *padbhíḥ*, e traduzir, 'com os pés'. [Veja a nota 22].
[41] Pischel (*Ved. Studien*, I, 229, nota I) crê que *aryáḥ* é nom. sing., referente a Agni. Mas compare com 6.51.2, *ṛjú márteṣu vṛjinā ca páśyan abhí caṣṭe sūraḥ aryáḥ évān.* Esse verso torna muito provável que *aryáḥ* seja um genitivo dependente de *évaiḥ*, *évān*. ('contemplando ações certas e erradas, entre os mortais, o Sol olha para os caminhos do Arya').
[42] Sobre *paḍbhíḥ,* ou antes *padbhíḥ*, [veja a nota 40].
[43] Ao traduzir *bhuríj* eu segui, embora não sem dúvida, a teoria de Pischel, *Ved. Studien*, I, 239 e seguintes. – Pischel parece estar certo em fazer *ṛtaṃ* depender de *yemuḥ* (comp. 4.23.10) e de *āśuṣāṇāḥ* (comp. acima, 4.1.13 e abaixo, verso 16).
[44] Os sete Ṛṣis ou Aṅgiras, filhos do Céu e da Aurora (compare com 4.1.16).
[45] Aqui nós temos novamente os sete Ṛṣis quebrando a montanha na qual as vacas estavam presas.
[46] A apódose está faltando. Como verso 15 mostra, o significado é: Como os nossos pais fizeram seus atos poderosos, aspirando por Ṛta, desse modo que nós possamos fazer o mesmo.

17. Os homens piedosos, realizando bem os atos (de culto), resplandecentes, fundindo as gerações dos deuses como minério,[47] acendendo Agni, fortalecendo Indra, continuaram, sitiando o estábulo de vacas.
18. Ele olhou (para os deuses) como para rebanhos de gado em um (pasto) rico, quando as gerações dos deuses (estavam) perto dele, ó poderoso. Depois (das gerações) dos mortais as Urvaśīs[48] definharam, para o crescimento forte do Arya, do mais próximo Āyu.[49]
19. Nós temos feito o nosso trabalho para ti; nós temos sido bons trabalhadores – as auroras brilhantes têm resplandecido Ṛta,[50] – iluminando[51] o perfeito Agni que brilha de vários modos com esplendor excelente, (iluminando) o belo olho do deus.
20. Nós recitamos esses hinos para ti, o sábio, ó Agni, adorador (dos deuses);[52] aceita-os! Resplandece; nos torna mais ricos. Concede grande riqueza a nós, ó generoso!

Índice ◄►Hino 3 (Oldenberg)

---

[47] Eles tratam o povo divino como o ferreiro trata o metal.
[48] Eu creio que Geldner (*Ved. Studien*, I, 260, nota 1) está certo em sustentar que Urvaśī, onde quer que ocorra, é o nome de uma Apsaras e nada mais. O nome de Āyu, que ocorre no quarto *pāda*, confirma isso; pois Āyu, como é bem conhecido, é o filho de Purūravas e da ninfa Urvaśī. Assim, o significado parece ser: Quando as vacas tinham sido conquistadas, e quando Agni olhou para as gerações dos deuses que estavam perto dele, as Urvaśīs, isto é, as Apsarases como Urvaśī, ansiaram pelo amor dos mortais tais como Purūravas, e pela propagação das gerações humanas; elas deram nascimento a filhos tais como Āyu.
[49] Sobre Āyu, veja a nota anterior. Mas eu não posso dizer por que ele é chamado de o mais próximo Āyu. É esse mais próximo Āyu oposto, como um antepassado mais próximo ou recente, aos Aṅgiras, mencionados no verso 16? O mesmo Āyu mais próximo é mencionado também em 1.104.4: ['ele que vive ao nosso lado', versão de Griffith], conectado, como parece, com algumas Apsarases. Eu não tenho a pretensão de ser capaz de interpretar esse verso muito difícil, mas estou convencido de que ele foi mal interpretado tanto por Roth (*Siebenzig Lieder*, p. vii) quanto por Bergaigne (I, 60).
[50] Isto é, as auroras têm emitido seu brilho, que é uma manifestação visível da lei eterna de Ṛta.
[51] A construção é: nós temos sido bons trabalhadores, iluminando etc. As palavras 'as auroras brilhantes têm resplandecido Ṛta' são um parêntese.
[52] O texto é quase idêntico ao do primeiro hemistíquio de 1.73.10.

Hino 3. Agni (Wilson)

(Sūkta III)

O deus, o Ṛṣi, e a métrica, como antes.

Varga 20. **1**. Obtenham Agni, o rei do sacrifício, o que aflige (inimigos), o invocador (dos deuses), o distribuidor de alimentos através do céu e da terra, o formado de ouro, para sua proteção, antes que (sejam surpreendidos pela) morte súbita.[1]
2. Este é o altar que nós decoramos para ti, como uma esposa apegada ao marido coloca roupas elegantes (para satisfazê-lo); amadurecedor de boas obras, senta-te em nossa presença envolvido (em brilho), enquanto as tuas chamas se inclinam para ti.
3. Repete, ó sacerdote, o louvor, a prece, para o atento, o afável Agni, o observador do homem, o concessor de felicidade, o divino, o imortal; para ele a quem o derramador da libação, como a pedra (de moer), adora em voz alta.
4. Tu, Agni, presides esse nosso rito; reconhece, tu que és conhecedor da verdade, e autor de boas obras, essa nossa adoração, sempre que essas preces estimulantes (são dirigidas) a ti, sempre que relações amigáveis contigo são (estabelecidas) em nossa residência.
5. Por que, Agni, tu nos acusas (pelo nosso pecado) para Varuṇa, por que para o céu? Qual é o nosso crime? Por que repeti-lo para o caridoso Mitra, para a terra, para Aryaman, ou para Bhaga?
6. Por que repeti-lo quando exaltado em cerimônias sagradas? Por que contá-lo para o poderoso, benevolente, circundante, vento verdadeiro? Por que, Agni, para a terra, porque para Rudra o destruidor de homens?[2]
Varga 21. **7**. Por que para o grande Pūṣan transportador de alimento? Por que para Rudra, o objeto de culto, o dador da oblação (para os deuses)? Por que para Viṣṇu louvado por muitos? Por que contar o nosso pecado para o ano extenso?[3]
8. Por que contá-lo à veraz companhia dos Maruts? Por que, mesmo quando solicitado, para o sol poderoso? Por que repeti-lo para Aditi, ou para o vento rápido? Realiza, onisciente Jātavedas, (o culto) do céu.
9. Eu solicito, Agni, o leite da vaca, essencial para o sacrifício; ainda imatura, (ela possui), o (fluido) doce e maduro; embora ela seja preta, contudo com seu leite branco nutritivo ela mantém a humanidade em existência.
10. O viril Agni, o derramador (de benefícios), foi aspergido com o leite sustentador genuíno; o dador de alimentos continua inabalável (em seu curso), e o sol, o derramador de chuva, tem ordenhado o (líquido) branco do úbere (do firmamento).[4]
Varga 22. **11**. Por sacrifício, os Aṅgirasas, rachando a montanha, a escancararam, e voltaram com as vacas; os líderes (de ritos sagrados) chegaram alegremente na aurora, e o sol se manifestou quando Agni foi gerado.[5]

---

[1] Diante da inconsciência do raio; o que implica, de acordo com o escoliasta, um estado de inconsciência, ou morte, tão repentino como se fosse o trabalho do raio.

[2] *Ṛudrāya nṛghne,* o matador de homens, Rudra; o comentador diz, de homens maus.

[3] *Śarave vṛhatyai; śaruh, śarat, samvatsarah,* ou *śaru,* pode significar *nirṛti*, a personificação feminina do mal, que, por alguma inadvertência inexplicável, eu transformei, em uma passagem anterior, em uma divindade masculina; veja 1.38.6; *nirṛti* ocorre, no entanto, no masculino; como no comentário sobre o *Taittirīya Yajur,* I.2.11; *nirṛtir yajñavighātī rākṣasah,* um mau espírito perturbador de sacrifício. Cal. Ed. p. 405; e no comentário de Bharatasena sobre a palavra *nairṛta* no *Amara koṣa*, I.1.56, ele apresenta *nirṛti* como sinônimo de *nairṛta;* citando o *Ratna koṣa* em confirmação: *Nairṛta*, o filho de Khasā, um Rākṣasa, ele também é Nirṛti; na passagem do primeiro *Aṣṭaka* aludida, os epítetos são femininos, e a mudança de sexo é injustificável.

[4] *Duduhe pṛśnir ūdhaḥ; Pṛśni* aqui, de acordo com o comentário, é um sinônimo de Sūrya.

12. Por sacrifício, Agni, os rios divinos, imortais, desimpedidos, continuam a fluir perpetuamente com águas doces, como um cavalo que está sendo incitado em sua velocidade.
13. Nunca vás, Agni, ao sacrifício de alguém que nos prejudica; nem àquele de um vizinho malévolo; nem àquele de um parente (não natural); não aceites a devida (oblação) de um irmão insincero; não nos deixes derivar prazer do inimigo de um amigo.
14. Agni, dignamente adorado, conservador, conciliado (por nossas ofertas), protege-nos com tuas proteções; ilumina-nos; extirpa totalmente o nosso pecado; derrota os grandes e exultantes Rākṣasas.
15. Sê propiciado, Agni, por esses hinos; aceita, herói, essas iguarias (sacrificais) (oferecidas) com louvores; sê satisfeito, Aṅgiras, pelas nossas preces; que a adoração dirigida aos deuses te exalte.
16. Agni, criador, a ti que és sábio, conhecedor do passado, eu dirijo, ó sábio, essas misteriosas palavras solicitantes, (esses) poemas que sempre devem ser recitados, junto com louvores e preces.

Índice ◄►Hino 4 (Wilson)

Hino 3. Agni (Griffith)

1. Obtenham, para ajudá-los, Rudra,[6] Senhor do culto, Sacerdote de ambos os mundos, Sacrificador efetivo, Agni, envolvido com suas cores douradas, antes que o raio caia[7] e os deixe inconscientes.
2. Este santuário nós preparamos para a tua chegada, como a senhora amorosa se veste para seu marido. Realizador de bom trabalho, senta-te diante de nós, envolvido enquanto estas chamas[8] se inclinam para encontrar-te.
3. Um hino, ó Sacerdote, para aquele que ouve, o gentil, para aquele que olha para os homens, extremamente bondoso, canta uma canção de louvor ao Deus imortal, a quem a pedra, espremedora de suco doce, adora.
4. Assim como o verdadeiro conhecedor da Lei, ó Agni, fica atento a este nosso rito solene. Quando os teus cânticos de festival serão cantados para ti? Quando a tua amizade será mostrada dentro da nossa morada?
5. Por que essa reclamação[9] para Varuṇa, ó Agni ? E por que para o Céu? Pelo que é a nossa transgressão? Como tu falarás à Terra e ao generoso Mitra? O que dirás a Aryaman e Bhaga?
6. O que, quando tu resplandeces nos altares menores,[10] o que para o vento poderoso que vem nos abençoar, verdadeiro, circundante? O que para a Terra, ó Agni, o que tu dirás para Rudra o destruidor de homens?[11]

---

[5] Aludindo ao sacrifício da manhã com fogo, provavelmente instituído pelos Aṅgirasas.
[6] Aqui significando Agni.
[7] Antes que a morte os surpreenda. O professor Ludwig menciona o *Atharvaveda*, XII.2.8, onde Agni Kravyād, ou Agni em sua forma mais terrível, é citado como o Deus da Morte que entorpece os homens com seu raio.
[8] *As chamas:* não há substantivo no texto. Sāyaṇa supre 'chamas ou canções de louvor', ou 'conchas' pode ser a palavra subentendida. O professor Ludwig supre 'famílias ou pessoas', e o professor Grassmann, 'libações'.
[9] Por que tu nos acusas de pecado?
[10] Nas *dhiṣṇyās*, ou altares laterais, ou pilhas de terra cobertas com areia sobre as quais o fogo é colocado.
[11] O destruidor de homens maus, diz o comentador. Rudra é geralmente representado como um Deus benevolente.

7. Como ao grande Pūṣan que promove o nosso bem-estar, – o que ao honrado Rudra, que dá oblações? Qual pecado nosso a Viṣṇu que anda ao longe, o que, Agni, tu dirás à Flecha Sublime?[12]
8. O que tu dirás ao bando verdadeiro de Maruts, como responder ao grande Sol[13] quando fores questionado? Diante do Livre, diante do Veloz,[14] defende-nos; realiza a obra do céu, onisciente Jātavedas.
9. [15]Eu almejo o verdadeiro presente da vaca providenciado pela Ordem; embora crua,[16] ela tem o suco doce maduro, ó Agni. Embora ela seja de cor preta ela está cheia de leite nutritivo, luminosamente brilhante, que sustenta todos.
10. Agni o Touro, o viril, foi aspergido com óleo em suas costas, pela Lei eterna. Aquele que dá poder vital segue firme. Pṛśni[17] o Touro ordenhou o úbere branco puro.
11. Pela Lei os Aṅgirases racharam a rocha, e cantaram seus hinos junto com o gado. Trazendo grande felicidade os homens cercaram a Manhã: a luz era visível no nascimento de Agni.
12. Pela Lei as Deusas Imortais as Águas, com ondas ricas em hidromel, ó Agni, e incólumes, como um corcel forte elogiado em sua corrida, se apressaram a fluir adiante rapidamente e para sempre.
13. Nunca vás ao banquete de quem nos prejudica, o vizinho traiçoeiro ou parente indigno. Não nos punas pela transgressão de um falso irmão. Não nos deixes sentir o poder do amigo ou inimigo.
14. Ó Agni, nos mantém seguros com tua proteção, amando-nos, Deus honrado! e sempre guardando. Espanta, destrói a aflição grave; mata até o demônio quando ele se torna poderoso.
15. Por esses nossos cânticos de louvor sê benevolente, Agni; movido por nossas preces, ó Herói, toca as nossas iguarias. Aceita, ó Aṅgiras, essas nossas devoções, e que o louvor que os Deuses desejam se dirija a ti.
16. A ti que conheces, Agni, tu Distribuidor, todos esses discursos secretos sábios eu proferi, cantei para ti, Sábio, as palavras encantadoras de sabedoria, para ti, ó Cantor, com meus pensamentos e louvores.

Índice ◄►Hino 4 (Griffith)

---

[12] O relâmpago.
[13] O sentido das estrofes 5-8 parece ser, como o professor Ludwig observa: tu não tens motivos para queixar-te de nós para qualquer um dos Deuses, sê, em vez disso, nosso defensor se Sūrya se apresentar como nosso acusador.
[14] O Sol.
[15] A primeira linha é difícil. 'Eu solicito o leite da vaca essencial para o sacrifício'. – Wilson.
[16] Essa oposição da vaca crua e do leite cozido ou maduro em seu úbere já foi mencionada antes. Veja 1.62.9.
[17] Aqui dito ser Sūrya ou o Sol, que tira sua luz do céu. Mas veja Benfey, *Vedica und Verwandtes*, pp. 74, 75.

Hino 3. Agni (Oldenberg)

MAṆḌALA 4, HINO 3.
AṢṬAKA 3, ADHYĀYA 4, VARGA 20-22.

1. Atraiam Rudra cá para sua proteção,[18] o rei do sacrifício, o Hotṛ verdadeiramente sacrificante dos dois mundos,[19] Agni o de cor dourada, antes que o raio invisível (os atinja).
2. Este é o lar que preparamos para ti como uma esposa amorosa, bem-vestida, (prepara o leito nupcial) para seu marido. Dirigido para cá, vestido (em oferendas e preces?) senta-te. Estas (conchas sacrificais ou preces?) estão voltadas para ti, ó mais hábil!
3. Para ele que nos ouve, que não é orgulhoso, que contempla os homens, para o deus misericordioso, imortal, recita uma prece, ó adorador, um hino – (para Agni), a quem o espremedor (de Soma), o espremedor de Madhu, magnifica como a pedra de espremer.[20]
4. Tu, que és bem-intencionado, dá atenção a nosso trabalho pesado, a esta Ṛta,[21] ó observador da Ṛta! Quando os nossos hinos tomarão parte em teus regozijos? Quando a nossa amizade habitará em tua casa?
5. Como tu, ó Agni, diante de Varuṇa, e como tu, e qual pecado nosso tu censurarás diante de Dyaus? Como tu falarás para o generoso Mitra, para a Terra? O que (tu dirás) para Aryaman, para Bhaga?
6. O que tu dirás, ó Agni, quando tiveres te tornado forte nos altares Dhiṣṇya?[22] O que para o forte Vāta que avança em triunfo? Para o Nāsatya[23] que gira em torno da terra,[24] para ...[25] ? O que, ó Agni, para Rudra, o matador de homens?
7. Como (tu falarás) ao grande Pūṣan que traz prosperidade? O que (dirás) ao marcial Rudra, o dador de oferendas?[26] Qual pecado tu anunciarás para Viṣṇu vastamente dominante, qual, ó Agni, para a arma poderosa (dos deuses)?
8. Como tu responderás, quando fores perguntado, à justa[27] hoste de Maruts? Como ao Sol poderoso, ao rápido Aditi?[28] Realiza a tua obra, ó Jātavedas, tu que conheces o Céu!
9. Eu glorifico a Ṛta da vaca[29] governada por Ṛta e também pela crua,[30] o (leite) maduro, doce como mel, ó Agni. Embora sendo preta esta (vaca) se enche de bebida brilhante, de ...[31] leite.

---

[18] Sobre a identificação de Agni com Rudra, comp. Bergaigne, *Rel. Védique*, III, 36; von Bradke, *Dyāus Asura*, p. 54 (*Ṛg-Veda* 1.27.10; 3.2.5; 8.72.3).
[19] O segundo *pāda* desse verso é idêntico a 6.16.46: ['O Sacerdote do Céu e da Terra, verdadeiro sacrificador'. – Griffith].
[20] A pedra de espremer é considerada frequentemente como falando, como louvando os deuses.
[21] Isto é, a esse sacrifício, que é considerado como uma das principais manifestações da Ṛta.
[22] No sacrifício Soma o fogo queima em oito altares chamados Dhiṣṇya.
[23] Essa é a única passagem no Ṛg-Veda em que *nāsatya* ocorre no singular.
[24] Compare com 1.79.3.
[25] *Kṣé* está evidentemente corrompido.
[26] É muito estranho encontrar Rudra aqui designado como 'dador de oferendas'. Mas parece muito ousado explicar *haviḥ-dé* como um dativo de *haviḥ-ád* ('comedor de oferendas').
[27] O texto tem *ṛtāya* como um adjetivo.
[28] Aditi é masculino e parece ser um epíteto ('irrestrito, livre') do Sol. Provavelmente a palavra ao mesmo tempo visa aludir à deusa Aditi.
[29] A 'Ṛta da vaca', se a leitura estiver correta, parece ser o leite.
[30] A 'crua' é a vaca em oposição ao leite maduro.
[31] O significado de *jāmarya* (ἅπαξ λεγόμενον) é desconhecido.

10. Com Ṛta de fato, com o leite das costas,[32] o touro foi ungido, Agni o homem. Sem tremer ele seguiu em frente concedendo seu vigor. O touro salpicado derramou seu úbere brilhante.[33]
11.[34] Pela Ṛta os Aṅgiras quebraram a rocha e a fenderam; eles gritaram junto com as vacas. Prosperamente os homens cercaram[35] a Aurora. O Sol apareceu quando Agni (o fogo) tinha nascido.[36]
12. Pela Ṛta as deuses imortais, incólumes,[37] as Águas, ó Agni, com suas ondas doces como mel têm acelerado adiante para sempre a fluir (ao longo de seu curso), como um cavalo de corrida incitado por gritos quando (os cavalos de corrida) são soltos.
13. Nunca vás, em teu caminho tortuoso, ao espírito (que vinga a culpa) de alguém,[38] de um vassalo que tenha transgredido, ou de um amigo. Não requeiras (de nós), a dívida de um irmão pecador. Que nós não tenhamos que sofrer sob o espírito que vinga o crime de um amigo ou de um enganador (hostil).[39]
14. Protege-nos, ó Agni, com toda a tua proteção, tu que és protegido, ó marcial, e és alegrado (por nós). Reluze, e destrói até o forte mal! Mata o Rakṣas mesmo que ele tenha se tornado grande.
15. Sê benevolente, ó Agni, por esses nossos hinos. Toca, ó herói, essa riqueza movido pelas nossas preces. E aceita, ó Aṅgiras, as nossas palavras sagradas. Que o louvor, amado pelos deuses, ressoe para ti.[40]
16. Eu, o sacerdote, tenho recitado para ti o onisciente, ó Agni, adorador (dos deuses), todas essas canções, essas palavras mais secretas, essas recitações e palavras de sabedoria, para ti o sábio, com preces e hinos.

Índice ◄►Hino 4 (Oldenberg)

---

[32] Isso quer dizer, com o leite que vem do cume do céu? Comp. 4.20. 4: [‘... delicia-te com o alimento que vem dos cumes da montanha’.]
[33] Esse *pāda* parece ser uma imitação de 6.66.1, onde *Pṛśni* ('a salpicada') é a mãe dos Maruts.
[34] Aqui nós temos novamente o mesmo mito dos Aṅgiras e das vacas, ao qual tantas alusões são encontradas nos hinos precedentes.
[35] As vacas vermelhas do mito são as auroras; os Aṅgiras sitiam a fortaleza na qual essas vacas estão presas.
[36] Sobre o acendimento do fogo como um encantamento pelo qual o sol é feito nascer, veja H. O., *Religion des Veda,* p. 109 e seguintes. Os Aṅgiras acendem o fogo para realizar seu sacrifício; assim, eles fazem o sol nascer.
[37] O mesmo epíteto é aplicado às águas também em 10.104.8.
[38] O significado parece ser que Agni é solicitado a não dirigir contra o sacrificador um espírito que tem de vingar o delito cometido por uma terceira pessoa. 'Por que não ler *yajñam*? Não vás secretamente ao sacrifício de ninguém, nem de uma casa hostil, nem de um amigo. Não exijas (de nós) a dívida de um irmão pecador. Que nós não sintamos o poder do amigo ou inimigo’. Max Müller.
[39] O texto está evidentemente corrompido.
[40] Ou, desperte para ti.

Hino 4. Agni (Wilson)

(Sūkta IV)

O deus é Agni, o matador de Rakṣas; o Ṛṣi e a métrica como antes.

Varga 23. **1**. Aplica a tua força, Agni, como um passarinheiro espalha uma armadilha ampla; procede como um rei acompanhado por seus seguidores sobre seu elefante;[1] tu és o dispersador (de teus inimigos); seguindo a hoste de movimento rápido[2] consome os Rākṣasas com tuas chamas mais ferozes.
2. Tuas chamas rápidas e errantes descem (em todos os lados); brilhando violentamente com energia consome (o inimigo); dispersa, Agni, com a concha (de oblação), chamas abrasadoras, e faíscas, e tições.
3. Tu, que és mais rápido, dirige as tuas (chamas) contra (raios) oponentes,[3] e, desimpedido, torna-te o protetor desse teu povo contra o caluniador que está distante ou que está próximo; não deixes nenhum (inimigo) malévolo prevalecer contra nós (que somos) teus adoradores.
4. Agni de armas afiadas, ergue-te; espalha amplamente (as tuas chamas) contra (os Rākṣasas); consome totalmente os inimigos; ardente Agni, queima aquele que age como um inimigo com relação a nós,[4] como um pedaço de madeira seca.
5. Ergue-te, Agni, castiga aqueles que nos dominam; manifesta as tuas energias divinas; afrouxa as fortes (cordas de arco) dos reis malignos; destrói aqueles (que são hostis), sejam parentes ou não aliados.
Varga 24. **6**. Experimenta as tuas boas graças, mais jovem (dos deuses), aquele que oferece louvor a ti, um Brahman, vindo rapidamente (para conferir felicidade);[5] para ele são todos os dias prósperos e riqueza (de gado) e tesouros; que tu, como o senhor do sacrifício, brilhes sobre a residência dele.[6]
7. Que sempre seja próspero o homem generoso que te propicia com oblações constantes e louvores; que todos os dias em sua vida árdua sejam prósperos, e que esse (seu) sacrifício seja (produtivo de recompensa).
8. Eu reverencio as tuas boas graças, Agni; que esse hino reiterado e ressonante leve o devido louvor à tua presença; que nós sejamos possuidores de bons cavalos e bons carros,[7] para que possamos te prestar homenagem; e concede-nos riquezas diariamente.

---

[1] *Rājevāmavāṃ ibhena;* o último (*ibha*) pode significar destemido, (hoste, subentendido) *gatabhayena*, ou, como de costume, *hastinā; ama* também tem diferentes interpretações, um ministro, por *amātya*, ou *ama*, um associado; ou doença, infligindo-a ao inimigo; o verso ocorre no *Nirukta*, VI. 13, e é explicado como no texto; e novamente no *[Śukla] Yajur*, XIII. 9, com, ao todo, uma explicação semelhante.
[2] Mahīdhara dá a *prasiti* o significado que tinha na primeira parte do verso, uma rede, uma armadilha; esse verso e os três seguintes ocorrem no *[Śukla] Yajur*, XIII. 10-13; a explicação ocasionalmente varia ligeiramente.
[3] *Prati spaśo visṛja; spaśah* é explicado por Sāyaṇa, *parabādhakān rasmīr,* ou ele diz que pode significar *cārām*, espiões, enviados para decidir entre o verdadeiro e o falso; assim Mahīdhara o interpreta, *pranidhīn*, mas ele o compreende por amarradores, que prendem.
[4] *Arātiṃ cakre* também pode significar que anula ou impede a nossa doação, aquele que torna uma doação uma não doação.
[5] *Īvate brahmaṇe;* nós não temos explicação do último exceto *parivṛḍhāya*, ao grandemente aumentado.
[6] *Aryo vi duro abhidyaut,* é também, como observa Sāyaṇa, interpretado diferentemente por alguns, ele o adorador brilha especialmente sobre sua casa.
[7] Isso, de acordo com o comentador, é metafórico para: que nós, estando com os filhos, netos, e semelhantes, te adoremos.

9. Que cada um por sua própria vontade te adore diligentemente, brilhando no (salão) de manhã e à noite, todos os dias; assim, passando o tempo em nossas casas, (desfrutando da) riqueza do homem (hostil), que nós te adoremos com corações felizes.
10. Tu, Agni, és o protetor daquele que, possuidor de bons cavalos e um carro dourado, se aproxima de ti com um carro carregado de riqueza; tu és o amigo daquele que te satisfaz pela devida realização de hospitalidade para ti.
Varga 25. **11**. Invocador (dos deuses), o mais jovem (dos deuses); possuidor de sabedoria excelente, através da aliança (produzida contigo) por textos sagrados, que veio a mim do meu pai Gautama, eu destruo os poderosos (demônios); que tu, que és aquele que humilha (os inimigos), fiques ciente de nossos louvores.
12. Onisciente Agni, que os teus (raios) protetores, que não dormem, alertas, propícios, não indolentes, benévolos, infatigáveis, cooperando, tendo tomado o seu lugar (nesse sacrifício), nos preservem.
13. Aqueles teus (raios) protetores, Agni, que, vendo (o que ocorreu), protegeram do infortúnio o filho cego de Mamatā;[8] ele, conhecendo todas as coisas, nutriu aqueles (raios) benevolentes,[9] e seus inimigos, que pretendiam destruí-lo, não lhe causaram dano.
14. Agni, que estás livre de desonra, por ti nós somos feitos opulentos; por ti nós somos protegidos; que nós, pela tua orientação, obtenhamos alimento abundante; nutridor da verdade, destrói ambos (os tipos de caluniadores), aqueles que estão perto, aqueles que estão longe, e no devido tempo realiza (os nossos desejos).
15. Que possamos propicia-te, Agni, por meio deste combustível; aceita o louvor que é recitado por nós; consome os Rākṣasas que não adoram; protege-nos, tu que deves ser honrado por (teus) amigos, da reprovação do opressor e do maldizente.

Índice ◄►Hino 5 (Wilson)

Hino 4. Agni (Griffith)

1.[10] Estende o teu vigor como uma rede de ampla extensão; segue como um rei poderoso com seus atendentes. Tu, seguindo a tua rede rápida, disparas setas; trespassa os demônios com dardos que queimam ferozmente.
2. As tuas armas rodopiantes partem em vôo rápido; segue-as de perto, brilhando em tua fúria. Espalha com tua língua as chamas aladas, ó Agni; irrestrito, lança teus tições em torno de ti.
3. Envia os teus espiões[11] para frente, o mais veloz em teu movimento; sê, nunca enganado, o guardião desse povo contra aquele que, próximo ou distante, está inclinado para o mal, e que nenhum transtorno enviado por ti nos subjugue.
4. Ergue-te, ó Agni, espalha-te diante de nós; queima os nossos inimigos, tu que tens flechas afiadas. Ardente Agni! consome totalmente como restolho seco aquele que nos causa dano.

---

[8] É feita alusão, de acordo com o comentador, à bem conhecida lenda obscena do nascimento de Dīrghatamas, que, é dito aqui por Sāyaṇa, recuperou sua visão por adorar Agni.
[9] *Rarakṣa tān sukṛto viśvavedas;* não está muito claro se *viśvavedas* se aplica a Agni ou a Dīrghatamas; Sāyaṇa, por inserir *bhavān*, sua honra, adota o primeiro, mas isso parece questionável.
[10] Sāyaṇa diz que esse hino é endereçado a Agni como matador de Rākṣasas, isto é, como o Deus do fogo com o qual os imigrantes arianos queimaram a floresta, rechaçaram os aborígines hostis, e limparam o solo para acampamento ou instalação permanente.
[11] As primeiras chamas, enviadas à frente como se para fazer um reconhecimento.

5. Ergue-te, Agni, expulsa aqueles que lutam contra nós; manifesta o teu próprio vigor celestial. Afrouxa os arcos fortes dos impelidos pelos demônios;[12] destrói os nossos inimigos sejam parentes ou estranhos.
6. Deus mais jovem, conhece bem a tua graça aquele que deu um impulso para esta grande devoção. Todos os belos dias e magnificência de riquezas tu tens irradiado sobre os portais do homem bom.
7. Abençoado, Agni, seja o homem, o doador generoso, que com seus louvores e oblação regulares está ávido para agradar-te por sua vida e residência. Que todos os seus dias sejam brilhantes; seja esse o seu desejo.
8. Eu louvo a tua proteção benevolente; canta em resposta.[13] Que essa minha canção cante como uma amada contigo. Senhores de bons cavalos e carros que nós possamos adornar-te, e dia a dia concede-nos domínio.
9. Aqui de livre escolha que cada um te sirva ricamente, resplandecente dia a dia à noite e de manhã. Assim que nós possamos honrar-te, contentes e alegres, superando as glórias do povo.
10. Aquele que com bons corcéis e ouro excelente, ó Agni, se aproxima de ti em um carro carregado de tesouros, seu Amigo tu és, sim, tu és o Protetor daquele cuja alegria é te entreter devidamente.
11. Através de palavras e parentesco[14] eu destruo os poderosos;[15] esse poder eu tenho de Gautama meu pai. Presta atenção nesse nosso discurso, ó tu O Mais Jovem, Amigo da Casa, extremamente sábio, Invocador.
12. Que os teus poderes protetores, que não conhecem sono, rápidos e propícios, alertas e sempre amigáveis, os mais incansáveis, infalível Agni, tomando seus lugares aqui, combinados, nos preservem.
13.[16] Teus raios guardiões, ó Agni, quando eles o viram, protegeram o cego Māmateya[17] da aflição. Senhor de todas as riquezas,[18] ele protegeu os virtuosos; os inimigos que de bom grado os prejudicariam não causaram dano.
14. Ajudados por ti contigo que nós possamos ser ricos, que possamos ganhar força contigo para nos guiar para frente. Realiza as palavras de ambos,[19] ó Sempre Sincero; faze isso imediatamente, tu Deus a quem o poder encoraja.
15. Ó Agni, com este combustível nós te serviremos; aceita o louvor que cantamos para ti com benevolência. Destrói os Rākṣasas maldizentes; protege-nos, ó rico em amigos, da malícia e desprezo e calúnia.

Índice ◄►Hino 5 (Griffith)

Hino 4. Agni (Oldenberg)

MAṆḌALA 4, HINO 4.
AṢṬAKA 3, ADHYĀYA 4, VARGA 23-25.

---

[12] Aqueles a quem os maus espíritos incitam a nos atacar.
[13] Com o som auspicioso das tuas chamas crepitantes.
[14] Isto é, através da minha estreita aliança com Agni, efetuada pelas preces com as quais os meus pais e eu o temos adorado.
[15] Os Rākṣasas ou demônios; segundo Sāyaṇa.
[16] Essa estrofe ocorreu antes, 1.147.3.
[17] O Ṛṣi Dīrghatamas.
[18] Agni.
[19] Os desejos dos Deuses e dos homens. Sāyaṇa dá uma explicação diferente, e o professor Wilson traduz conformemente: 'destrói ambos (os tipos de caluniadores)'.

1. Produze a tua torrente de chamas como um ataque amplo. Sai impetuoso como um rei com seu elefante; ...[20] após teu ataque voraz, tu és um arqueiro; atinge os feiticeiros com as tuas (setas) mais quentes.
2. Teus redemoinhos voam rapidamente. Ferozmente flamejante toca (-os). Ó Agni, (envia) com a concha[21] o teu calor, as tuas (chamas) aladas; envia os teus tições sem restrições por toda parte.
3. Sendo o mais rápido, envia os teus espiões contra (todos os malfeitores). Sê um guardião infalível deste clã. Aquele que nos ataca com maus feitiços, próximo ou distante, que nenhum tal (inimigo) desafie o teu rastro.
4. Ergue-te, ó Agni! Espalha-te contra (todos os inimigos)! Queima os inimigos, ó (deus) com a arma afiada! Quando aceso, ó Agni, queima como mato seco o homem que usa maldade contra nós.
5. Conserva-te de pé, lança (os inimigos) para longe de nós! Manifesta os teus (poderes) divinos, ó Agni! Afrouxa os fortes (arcos) daqueles que incitam os demônios (contra nós).[22] Esmaga todos os inimigos, sejam eles parentes ou estranhos.
6. Conhece a tua benevolência, ó mais jovem, aquele que abre um caminho para um discurso sagrado como esse. Que tu irradies para as portas dele todos os dias auspiciosos e a riqueza e o esplendor do avaro.
7. Ó Agni, que seja afortunado e abençoado com boa chuva aquele que almeja te alegrar com oferendas constantes e hinos através de sua vida em sua casa. Que tal anseio sempre traga dias auspiciosos para ele.
8. Eu louvo a tua benevolência; ela ressoa aqui. Que essa canção (que é como) uma esposa favorita, desperte para ti.[23] Deixa-nos avivar-te, sendo ricos em cavalos e carros. Que tu possas manter o nosso poder nobre dia a dia.
9. Que (o adorador) aqui se aproxime de ti frequentemente por iniciativa própria, ó (deus) que brilhas na escuridão, resplandecente dia a dia. Deixa-nos adorar-te esportivos e alegres, superando o esplendor de (outras) pessoas.
10. Quem quer que, rico em cavalos e rico em ouro, se aproxime de ti, ó Agni, com seu carro cheio de riquezas – tu és o protetor e o amigo dele que sempre se deleita em te mostrar hospitalidade.
11. Através do meu parentesco (contigo) eu derrubo os grandes (inimigos) com as minhas palavras.[24] Aquele (parentesco) veio a mim do meu pai Gotama. Fica atento a essa nossa palavra, ó mais jovem Hotṛ, altamente sábio, como o amigo da nossa casa.
12. Que aqueles teus guardiões, infalível Agni, sentando-se juntos nos protejam, aqueles que nunca dormem, que impelem para frente, bondosos, incansáveis, que mantêm o lobo afastado, que nunca se cansam.
13.[25] Teus guardiões, ó Agni, que vendo salvaram da aflição o filho cego de Mamatā – Ele o possuidor de toda riqueza salvou aqueles que fizeram boas ações. Os impostores, embora tentando enganar, não puderam enganar.
14. Em tua companhia nós residimos, protegidos por ti. Sob a tua orientação vamos adquirir ganho. Realiza ambos os louvores,[26] ó (tu que és a) verdade! Faze isso pelo teu poder atual, ó destemido!

---

[20] O significado de *drūṇānáḥ* é incerto.
[21] Onde quer que a manteiga seja derramada com a concha, as chamas se erguem.
[22] O terceiro *pāda* é idêntico a 10.116.5b.
[23] Ou 'ressoe para ti'. Compare com 4.3.15.
[24] Eu tomei *manáḥ* como acusativo plural. Se for genitivo singular, a tradução será: 'Através do meu parentesco com o grande (Agni) eu derrubo (os meus inimigos) por meio das minhas palavras'.
[25] Esse verso é idêntico a 1.147.3. Veja as notas lá. O lugar original desse verso parece ser no primeiro Maṇḍala, porque ele menciona Māmateya.
[26] Provavelmente o louvor ou canção dos deuses e dos homens.

15. Que possamos adorar-te, ó Agni, com este tronco de madeira. Aceita o hino de louvor que recitamos. Queima aqueles que nos maldizem, os feiticeiros. Protege-nos, ó (deus) que és grande como Mitra, da fraude, da injúria, e da desgraça.

Índice ◄►Hino 5 (Oldenberg)

Hino 5. Agni (Wilson)

(Adhyāya 5. Continuação do Anuvāka 1. Sūkta V)

O deus é Agni como Vaiśvānara; o Ṛṣi Vāmadeva;[1] a métrica Triṣṭubh.

Varga 1. **1**. Como nós podemos apresentar regozijantes (oferendas adequadas) para Agni, o derramador (de benefícios)?; para Vaiśvānara, ele que, brilhante com grande esplendor, sustenta o céu, com todo o seu (volume) vasto e insuportável, como um pilar (sustenta um telhado).
2. Não repreendam o divino (Agni), que, aceitando a oblação, deu esta riqueza para mim, seu (adorador) mortal de (intelecto) maduro; Agni, que é sábio, imortal, discriminativo, (que é) Vaiśvānara, o principal condutor (de ritos), o poderoso.
3. Que Agni, preenchendo ambas (a condição mediana e a mais excelente), brilhante luminoso, de vigor múltiplo, o derramador de (benefícios), o possuidor de afluência, (que compreende) por (sua) sabedoria o hino sagrado misterioso, como (eles rastreiam) os passos de uma vaca desaparecida, revele (o sentido) para mim.
4. Que Agni de dentes afiados, possuidor de riqueza excelente, consuma com seu brilho ardente aqueles (adversários) que ofendem as glórias firmes e valiosas dos sapientes Varuṇa e Mitra.
5. Como mulheres que não têm irmãos, indo (para cá e para lá da sua própria para a casa de seu pai), mulheres adversas aos seus maridos desencaminhando-se, assim os maus, falsos (em pensamento), falsos (em palavra), eles dão origem a este profundo abismo (do inferno).
Varga 2. **6**. Purificador, Agni, concede a mim, que não negligencio a tua adoração, esta (riqueza) aceitável e vasta, como uma carga pesada sobre um (carregador) fraco, junto com alimento revigorante; (riqueza) segura, abundante, tangível, e composta pelos sete elementos.[2]
7. Que o nosso louvor (auto-) purificador, apropriado para a glória dele, e acompanhado por adoração, chegue rapidamente àquele oniforme (Vaiśvānara)[3] cujo (orbe) brilhante que sobe rapidamente está posicionado ao leste da terra, para ascender, como o sol, acima do céu inamovível.
8. Qual objeção (pode ser oferecida) a essa minha asserção, que eles afirmam que o leite das vacas, que (os ordenhadores) obtêm como água, é colocado em ocultação (por Vaiśvānara) e nutre a excelente e valiosa extensão da ampla terra.
9. Eu reconheço este grupo adorável das grandes (divindades),[4] que desde antigamente a vaca que derrama leite afeta, brilhando acima da região de água, (o firmamento), em segredo; que desliza veloz, que se move rápido.

---

[1] [Veja a nota 8].
[2] *Saptadhātu*, diz o comentador, significa sete tipos de animais.
[3] Vaiśvānara é aqui dito ser entendido no sentido de sol, sob a autoridade de Yāska, ou, de acordo com diferentes opiniões, a palavra expressa *agni* como relâmpago, ou *āditya*.
[4] *Mahāmanīkaṃ*, o orbe solar, de acordo com o comentador identificado com *vaiśvānara*, *sūryamaṇḍalam vaiśvānara*.

10. Então, radiante em associação com os pais, (céu e terra), ele é despertado (para beber) a secreção agradável da vaca, e a língua do assíduo (realizador de ritos sagrados),[5] o resplandecente derramador (de benefícios), aproximando-se do posto excelente da (vaca) materna, procura beber o leite.
Varga 3. **11**. Interrogado com respeito, eu declaro a verdade, que essa (riqueza é adquirida), Jātavedas, pelo louvor a ti; tu governas sobre ela, (sobre) tudo o que (ela possa ser), a riqueza que está no céu ou na terra.
12. Qual é o valor dessa (riqueza) para nós? Qual é a sua vantagem? Informa-nos, Jātavedas, pois tu sabes; (dize-nos) qual é o melhor (curso) para nós neste caminho secreto, para que possamos seguir não repreendidos a estrada direta.
13. Qual é o limite, quais são os objetos, qual é o (fim) desejável para o qual nós aceleramos como velozes (cavalos de guerra) para a batalha? Quando para nós as auroras divinas, as noivas do (sol) imortal, cobrirão (o mundo) com luz?
14. (Os homens) não (são) satisfeitos por discurso improdutivo, frívolo, inconclusivo, escasso; então o que, Agni, eles dizem aqui para ti? desprovidos das ferramentas (de culto), deixa-os sofrer de angústia.[6]
15. Para a prosperidade deste (instituidor do rito), a hoste (de chamas) do aceso (Agni), o derramador (de benefícios), o dador de moradias, tem brilhado no salão (de sacrifício); vestido em esplendor, de bela aparência, e glorificado por muitos, ele brilha como um homem com opulência.[7]

Índice ◄►Hino 6 (Wilson)

Hino 5. Agni (Griffith)

1.[8] Como nós daremos unanimemente uma oblação para Agni, para Vaiśvānara[9] o Generoso? Grande luz, com pleno crescimento excelente ele elevou, e, como um pilar suporta o telhado, a sustenta.
2. Não censurem aquele que, Deus e autoconfiante, concedeu esta recompensa[10] para mim um mortal, – Imortal, discernente, sábio, para mim o simples, Vaiśvānara o mais viril, jovem Agni.
3. Pontiagudo, poderoso, forte, de vigor sem limites, Agni que conhece o hino sublime, mantido secreto como a trilha da vaca leiteira perdida, o duplamente Poderoso, – ele declarou para mim esse conhecimento oculto.
4. Que ele com dentes afiados, o Doador Generoso, Agni, consuma com a chama mais ferozmente brilhante aqueles que não consideram os mandamentos de Varuṇa e as prezadas leis fixas do sapiente Mitra.
5. Como mulheres jovens sem irmãos, vagueando, como senhoras que odeiam seus maridos, de má conduta, aqueles que são cheios de pecado, falsos, infiéis, eles geraram este lugar abismal.[11]

---

[5] O texto tem apenas *prayatasya*, que o comentador amplia para *āhavanīyādirupeṇa vaiśvānarasya niyatasya*, de *vaiśvānara* ativo sob a forma do fogo *āhavanīya* e do resto.
[6] Isto é, se eles pretendem adorar Agni sem a oblação, e outros materiais de oferenda queimada, eles não podem esperar suas boas graças.
[7] *Kṣitir-na rāyā*, como um rajá, ou similar, com abundância de gado e tesouro.
[8] O Ṛṣi Vāmadeva, como o professor Roth observa, 'professa dar a conhecer uma sabedoria misteriosa e recôndita, que foi revelada a ele por Agni', e a linguagem do hino é correspondentemente difícil e obscura.
[9] Deus comum de todos os homens arianos.
[10] A dádiva desse conhecimento misterioso.

6. Para mim, fraco, inocente, tu, luminoso Agni, tu audazmente tens dado por assim dizer um fardo pesado, esse hino Pṛṣṭha,[12] profundo e forte e poderoso, de sete elementos, e com iguarias oferecidas.
7. Então que a nossa canção que purifica, através da sabedoria alcance em um instante a ele o Universal,[13] estabelecido no alto,[14] na melhor posição da terra, acima da bela pele gramada de Pṛśni.
8. Desse meu discurso o que eu proferirei mais? Eles indicam o leite guardado em segredo, quando eles escancararam por assim dizer os estábulos das vacas.[15] A Ave[16] protege o melhor e bem-amado lugar da terra.
9. Esta é a poderosa aparição dos Grandes que desde antigamente a Vaca radiante tem seguido. Esse, brilhando no lugar de Ordem, rápido, se apressando em segredo, ela descobriu.[17]
10. Ele[18] então que brilhou junto com seus Pais[19] recordou o tesouro belo e secreto de Pṛśni,[20] que, no lugar mais elevado da Vaca Mãe, a língua do Touro, da chama inclinada para frente, provou.
11. Com reverência eu declaro a Lei, ó Agni; o que é, vem pela tua ordem, Jātavedas. Disso, o que quer que seja, tu és o Soberano; sim, toda riqueza que está na terra ou no céu.
12. Qual é a nossa riqueza disso, e qual o nosso tesouro? Dize-nos, ó Jātavedas, pois tu sabes, qual é o nosso melhor rumo nessa passagem secreta; nós, não repreendidos, chegamos a um lugar muito distante.
13. Qual é o limite, quais as regras, a recompensa? Como corcéis de pés rápidos nós aceleramos para a disputa. Quando as Deusas, as Esposas do Imortal, as Auroras, espalharão sobre nós o esplendor do Deus-Sol?
14. Insatisfeitos, com discurso desprovido de vigor, escasso e frívolo e inconclusivo, por que é que eles se dirigem a ti aqui, ó Agni? Que esses que não têm armas[21] sofram de tristeza.
15. A majestade dele o Bom, o Poderoso, flamejante, tem brilhado por glória na residência. Ele, vestido em luz, tem resplandecido o mais belo de se olhar, rico em bênçãos, como uma casa brilha com riquezas.

Índice ◄►Hino 6 (Griffith)

---

[11] Isto é, diz Sāyaṇa, *narakasthānam* ou inferno. Os maus são a causa da existência do lugar de punição preparado para eles.
[12] Pṛṣṭha é o nome de um arranjo específico de Sāmans usados na oblação do meio-dia.
[13] Vaiśvānara Agni.
[14] De acordo com essa tradução conjetural, que segue uma sugestão do professor Ludwig, a referência é a Agni colocado sobre o altar, acima da superfície da terra (Pṛśni). Mas o significado de *jábāru* (no alto?) é incerto. O professor Wilson traduz: 'cujo (orbe) brilhante que sobe rapidamente está posicionado ao leste da terra, para ascender, como o sol, acima do céu inamovível'.
[15] Essa estrofe parece aludir aos Aṅgirases recuperando os raios perdidos de luz, *o leite guardado em segredo*.
[16] O Sol que voa pelo céu.
[17] *A poderosa aparição dos Grandes:* o orbe solar; *os Grandes* sendo os raios do Sol. *A Vaca radiante:* Uṣas ou Aurora que descobre o Sol enquanto ele viaja em segredo, ou à noite, de oeste para leste, e o segue até que ele esteja prestes a nascer.
[18] Agni.
[19] Céu e Terra.
[20] Pṛśni é a Vaca cujo leite é usado na oblação que Agni, o Touro, devora.
[21] Que são desprovidos dos elementos necessários do sacrifício, e, portanto incapazes de satisfazer Agni.

Hino 5. Agni (Oldenberg)

MAṆḌALA 4, HINO 5.
AṢṬAKA 3, ADHYĀYA 5, VARGA 1-3.

1. Como nós podemos oferecer unanimemente luz poderosa[22] ao generoso Agni Vaiśvānara? Com seu crescimento perfeito poderoso ele sustenta a margem alta como um pilar.
2. Não censurem a Ele, o autodependente, que deu esta graça para mim, o deus para o mortal, o inteligente para o simples, o sábio imortal, o mais viril, inquieto Agni Vaiśvānara.
3. Agni, o pontiagudo, o touro poderoso com esperma aos milhares, proclamou para mim o Sāman grandioso, duplamente poderoso, a prece, tendo encontrado, por assim dizer, o rastro escondido de uma vaca.[23]
4. Que Agni, ele que é rico em prosperidade, cujos dentes são afiados, consuma com suas chamas mais quentes aqueles que violam as leis fundadas por Varuṇa, o amado, firmes (leis) do atento Mitra.
5. Aqueles que vagam como moças sem irmãos, da má conduta como as mulheres que enganam seus maridos, sendo maus, pecadores, e falsos – eles criaram para si mesmos esse lugar profundo.[24]
6. Sobre mim, embora pequeno, mas inocente, tu, ó purificador Agni, colocaste ferozmente essa prece poderosa, profunda, vigorosa, como um fardo pesado, esse Pṛṣṭha,[25] composto por sete elementos.[26]
7. Que a nossa prece que O purifica, através do poder da mente (inerente a ela), chegue a Ele, que é a comum (propriedade de todos os homens) da mesma forma, o bom (nome?) de Pṛśni na pele das ervas, no topo da ....[27]
8. O que deve ser proferido abertamente por mim desse discurso? Eles falam secretamente do que está oculto.[28] Quando eles descobriram, por assim dizer, a água das vacas,[29] ele guarda o amado topo da ..., a pegada da ave.[30]
9. Ele encontrou em segredo aquela grande face dos grandes que a vaca brilhante acompanhou,[31] a antiga (face) brilhando na residência de Ṛta, a que corre rápido, que se move rápido.
10. E resplandecente perto de seus pais (Céu e Terra), em sua presença, ele pensou no secreto, bom (nome?) de Pṛśni. A língua da chama viril, inclinada para frente (apanhou) aquilo que estava próximo na mais alta morada da mãe, a vaca.[32]
11. Eu falo, ao ser perguntado, Ṛta (isto é, a verdade), por reverência (por Agni, ou pelos deuses), por esperança colocada em ti, ó Jātavedas, visto que eu estou aqui. Tu governas sobre toda essa riqueza que (reside) no céu e na terra.

---

[22] Compare especialmente com 1.45.8.
[23] Agni descobriu o Sāman o qual ele proclama para o mortal, como o rastro de uma vaca perdida.
[24] Isto é, o inferno.
[25] No ritual vêdico mais novo certos Stotras são tecnicamente designados como *pṛṣṭha* ou 'costas' das liturgias (veja, por exemplo, Weber, *Indische Studien*, X, 385). A palavra se encontra aqui no mesmo sentido? Ou nós devemos corrigir *préṣṭham*?
[26] As sete notas da escala?
[27] Essa passagem é obscura. O último *pāda* é simplesmente intraduzível.
[28] Do leite mencionado no terceiro *pāda*?
[29] A água das vacas é o leite.
[30] Compare com 3.5.5,6.
[31] O sol, a face dos grandes deuses (1.115.1 [nota 19]), acompanhado pela aurora?
[32] É o significado de tudo isso que Agni, brilhando no altar entre o céu e a terra, deseja e consome com suas chamas a oblação de manteiga que tem seu lar no úbere da vaca?

12. Qual dessa riqueza é nossa, qual tesouro? Que tu que sabes declares para nós (aquele tesouro), ó Jātavedas! Aquele que é o maior (objetivo) desse nosso caminho, está oculto. Nós não chegamos repreendendo a um lugar vazio (?).[33]
13. Qual é o limite, quais os objetos? Qual (riqueza) agradável nós podemos obter como (cavalos) velozes (ganham) o prêmio? Quando as Auroras, as consortes divinas do imortal, se expandirão sobre nós com o esplendor do sol?
14. E o que aqueles insaciáveis aqui dizem, ó Agni, com seu discurso sem vigor, débil e fraco, que tem de ser ouvido? Que eles caiam desarmados no nada.
15. A face deste Vasu aceso, viril, brilhou gloriosamente na casa. Vestido em brilho, com sua forma bela de se ver, o generoso brilhou como uma casa com sua riqueza.

Índice ◄►Hino 6 (Oldenberg)

---

[33] Compare com 10.108.7, onde os Paṇis dizem para Saramā: *réku padám álakamā jagantha* ('o lugar está vazio (?); tu vieste em vão').

Hino 6. Agni (Wilson)

(Sūkta VI)

O deus é Agni; o Ṛṣi e a métrica como antes.

Varga 4. **1**. Agni, ministrante do sacrifício, que tens direito a culto, fica acima de nós nesta oferenda para os deuses; pois tu prevaleces sobre tudo o que é desejável; tu inspiras o louvor do adorador.
2. O não perplexo, o sagaz, estimulante Agni, o sacerdote ministrante, foi colocado entre os homens para (a celebração de) sacrifícios; como o sol, ele espalha luz acima, e sustenta a fumaça sobre o céu como um pilar.
3. A concha cheia (de manteiga) está preparada; rápido (em ação), opulento (com a oblação), o (sacerdote) multiplicador, conduzindo (a adoração) dos deuses, circungira (o fogo); o poste recém cortado está erguido, o machado brilhante pendente cai sobre as vítimas.
4. Quando a grama sagrada está espalhada e o fogo está aceso, o Adhvaryu se ergue, propiciando (os deuses), e Agni, o ofertante da oblação, antigo e multiplicador (da oferenda), circungira três vezes (a vítima), como um protetor de gado.
5. Agni, o sacrificador, o alegrador, o falado docemente, o objeto de sacrifício, que se move ritmicamente, circungira (a vítima) por sua própria (vontade), os (raios) brilhantes dele (alimentado) com alimento (sacrifical), se espalham em volta;[1] todas as regiões ficam alarmadas quando ele resplandece.
Varga 5. **6**. Brilhante resplandecente Agni, auspiciosa é a aparência de ti, que és terrível e amplamente espalhado, pois (as noites) não escondem o teu esplendor com a escuridão, nem os (espíritos) malignos infligem qualquer dano ao teu corpo.
7. De quem, progenitor (da humanidade), a benevolência nunca é detida; cujos pais não precisam incitá-lo ao esforço;[2] de modo que o bem satisfeito, purificador Agni brilha como um amigo entre os homens, os descendentes de Manu.[3]
8. Agni, a quem as duas vezes cinco irmãs[4] residindo entre os homens, os descendentes de Manu, geraram, como mulheres, (despertando-)o ao amanhecer, alimentando-se de oblações, brilhante, de aspecto agradável, e afiado como um machado.
9. Os teus cavalos, Agni, respirando espuma, de cor vermelha, de curso reto, de bom passo, brilhantes resplandecentes, vigorosos, de bons membros, e de forma graciosa, são convocados para o culto aos deuses.
10. Aqueles teus raios, Agni, triunfantes, espalhados, radiantes, adoráveis, vão como cavalos de face de falcão (para sua meta), ressoando alto como a companhia dos Maruts.
11. Bem aceso Agni, para ti a prece foi composta;[5] que (o sacerdote te) propicie por (seu) louvor; o (sacrificador) oferece culto; dá-nos (prosperidade) múltipla; desejando (riquezas), os homens se sentam adorando Agni, o invocador dos deuses, o glorificador da humanidade.

Índice ◄►Hino 7 (Wilson)

---

[1] *Asya vājino na śokā* também pode ser interpretado *aśvā dīptayo īva dravanti*, seus raios se espalham rápido como cavalos.
[2] *Na mātarāpitarā nū cid iṣṭau*, nem pai e mãe, isto é, céu e terra, são rapidamente poderosos em incitá-lo.
[3] *Mānuṣīṣu vikṣu* pode significar apenas seres humanos.
[4] Os dedos empregados na produção do fogo por atrito.
[5] *Akāri brahma*, a prece ou louvor foi feito; bastante desfavorável à doutrina da origem incriada do Veda.

Hino 6. Agni (Griffith)

1. Sacerdote do nosso rito, eleva-te ereto, ó Agni, a serviço dos Deuses o melhor dos sacrificadores, pois sobre cada pensamento tu és o Soberano; tu promoves até a sabedoria dos piedosos.
2. Ele foi estabelecido em meio aos homens como Sacerdote infalível, Agni, sábio, bem-vindo em nossos santos sínodos. Como Savitar ele ergueu seu esplendor, e como um construtor[6] elevou sua fumaça para o céu.
3. A concha brilhante, cheia de óleo, está erguida; escolhendo o serviço dos Deuses para a direita ele circula.[7] Ávido ele se ergue como o pilar recém feito que, firmemente estabelecido e fixado, unge as vítimas.[8]
4. Quando a grama sagrada está espalhada e Agni aceso, o Adhvaryu se levanta regozijante para a sua tarefa. Agni o Sacerdote, como alguém que cuida de gado, dá a volta três vezes, como desde antigamente ele deseja.
5. O próprio Agni, o sacerdote, com movimento medido, segue em círculo, com fala agradável, alegre, fiel à Ordem. Suas chamas refulgentes correm adiante como cavalos vigorosos, todas as criaturas ficam atemorizadas quando ele resplandece.
6. Belo e auspicioso é teu aspecto, ó encantador Agni, terrível quando se espalhando. Teus esplendores não são cobertos pela escuridão; a detração não deixa nenhuma mancha sobre o teu corpo.
7. Nada impediu a sua produção, Generoso Doador; sua Mãe e seu Pai[9] estavam livres para enviá-lo.[10] Então um Amigo benevolente, refulgente, Agni brilhou em habitações humanas.
8. Ele, Agni, a quem as duas vezes cinco irmãs,[11] residindo juntas, geraram nos lares dos homens, brilhante como um dente de lança, acordou de manhã, com boca poderosa e como um machado bem afiado.
9. Esses teus Cavalos Baios,[12] Agni, pingando gordura, avermelhados e vigorosos, acelerando diretamente para frente, e corcéis vermelhos, extraordinários, de músculos poderosos, são convidados para este serviço aos Deuses;
10. Essas tuas chamas que resplandecem brilhantemente, ó Agni, que se movem sempre agitadas, que subjugam tudo, como falcões se apressando avidamente para a caça, rugem alto como o exército dos Maruts.
11. A ti, ó Deus flamejante, prece foi oferecida. Que o sacerdote te louve; concede àquele que adora. Os homens estabeleceram Agni como Invocador, desejosos de adorar a glória dos vivos.[13]

Índice ◄►Hino 7 (Griffith)

---

[6] Como o construtor de uma casa ergue um pilar.
[7] É levado em volta para os altares.
[8] As unta com a manteiga sacrifical com a qual ele, (o poste sacrifical), foi ungido previamente.
[9] Céu e Terra.
[10] Para ser mensageiro entre homens e Deuses.
[11] Os dedos do sacerdote que produzem o fogo sacrifical.
[12] *Harítaḥ; Harits,* o protótipo (a palavra sendo feminina), do grego 'Graças [ou Cárites]'. Veja Max Müller, *Chips from a German Workshop,* IV, 141 (nova edição).
[13] Agni como Narāśaṁsa, o Louvor ou Glória dos Homens.

Hino 6. Agni (Oldenberg)

MAṆḌALA 4, HINO 6.
AṢṬAKA 3, ADHYĀYA 5, VARGA 4-5.

1. Fica de pé para nós, ó Agni, Hotṛ do sacrifício, o melhor realizador de sacrifícios entre os deuses. Pois tu és o mestre de todo pensamento, tu promoves a prece do adorador.
2. O infalível Hotṛ está assentado entre as pessoas, Agni dador de alegria, o sábio nos sacrifícios. Como Savitṛ ele enviou sua luz para cima. Como um construtor, ele elevou sua fumaça para o céu.
3.[14] (A concha) brilhante, cheia de dádivas, com manteiga, está estendida. Da esquerda para a direita (Agni se move) escolhendo as pessoas divinas. Em pé (permanece) o poste (sacrifical) como um potro recém-nascido; bem colocado, bem estabelecido ele unge as vítimas.[15]
4. Depois que a grama sacrifical foi espalhada e o fogo aceso, o encantado Adhvaryu posicionou-se de pé. Agni, o Hotṛ, escolhido desde os tempos antigos, gira em torno três vezes, como um pastor.
5. Como Hotṛ, correndo ritmicamente, Agni, o dador de alegria, de língua doce, o justo, segue ao redor por seu próprio poder. Suas chamas correm para frente como cavalos de corrida; todos os seres temem quando ele brilha.
6. Belo, ó Agni de bela face, é o teu aspecto, que és terrível e múltiplo; agradável (ele é). Visto que eles não têm impedido a tua luz pela escuridão, nem difamadores[16] têm deixado manchas no teu corpo.
7. Ele cuja mãe (?)[17] não foi impedida de dar à luz, nem seu pai e sua mãe sempre que eles foram incitados[18] (?); esse Agni, o purificador, bem estabelecido como Mitra, brilhou entre as tribos de homens, –
8. Agni, a quem as duas vezes cinco irmãs,[19] residindo juntas, geraram entre as tribos humanas, que acorda ao amanhecer, que é brilhante como um dente de elefante (?)[20], cuja boca é bela, que é afiado como um machado.
9.[21] Agni, aqueles teus cavalos dourados que nadam em ghee, os vermelhos que vão direto para frente, os velozes, os brilhantes, briosos, cavalos extraordinários, garanhões pujantes, chamaram para cá o povo divino.
10. Aquelas tuas chamas vitoriosas, ardentes, incansáveis, ó Agni, que se movem por toda parte, se apressam para sua meta como falcões; elas rugem poderosamente como a hoste dos Maruts.
11.[22] (Esse) hino foi produzido para ti, ó Agni, quando tu foste aceso. Que (o sacerdote) recite a litania; que tu distribuas (tesouros) para aquele que sacrifica. Os homens estabeleceram Agni como o Hotṛ, os Uśijs, adorando (a Ele), o louvor de Āyu.[23]

Índice ◄►Hino 7 (Oldenberg)

---

[14] Com o primeiro hemistíquio compare 3.19.2. Veja também 4.63.4.
[15] O significado parece ser que o poste sacrifical, que foi ungido, dá unguento à vítima amarrada a ele.
[16] [Literalmente, salpicadores].
[17] O significado de *sātu* é incerto. *Boehtlingk-Roth* dá 'receptáculo'. Joh. Schmidt traduz 'ventre', e conecta a palavra com *strī*. Se 'ventre' estiver correto, ele parece ser o útero do qual Agni nasceu.
[18] *Iṣṭáu* pertence a *iṣ*, 'incitar', ou a *iṣ*, 'desejar'? 'Sempre que ele (Agni) deseja'. Max Müller.
[19] As dez irmãs naturalmente são os dedos.
[20] Ao traduzir *atharíyaḥ ná dántaṃ* eu segui a opinião de Pischel (*Vedische Studien*, I, 99) sobre o significado de *atharī*, embora a sua teoria seja muito duvidosa.
[21] Com esta descrição dos cavalos de Agni, comp. acima, 4.2.2,3.
[22] O segundo hemistíquio deste verso é quase idêntico a 5.3.4.
[23] Compare *Narāśaṁsa*, *Sacred Books of the East*, vol. 32, pág. 439.

Hino 7. Agni (Wilson)

(Sūkta VII)

O deus e o Ṛṣi como antes; a métrica da primeira estrofe é Jagatī, das cinco seguintes Anuṣṭubh, e do resto Triṣṭubh.

Varga 6. **1**. Este invocador dos deuses e ministro do culto frequente, que deve ser glorificado em sacrifícios, foi colocado antes (dos deuses) pelos realizadores do rito;[1] o Agni a quem Apnavāna e outros Bhr̥gus[2] acenderam nas madeiras por causa de todos os homens, maravilhoso (em seus atos) e soberano (sobre tudo).

2. Quando, Agni, brilhante resplandecente, a tua luz é para ser manifestada?; pois por isso os mortais te aceitaram como para ser adorado entre a humanidade.

3. Contemplando-te em cada habitação, verdadeiro, inteligente, (brilhante com faíscas) como o céu com estrelas, o aperfeiçoador de todos os sacrifícios.

4. Os homens trouxeram, por causa de todas as pessoas, o mensageiro rápido do adorador (para os deuses), que (governa) toda a humanidade, o manifestador, o resplendente.

5. Eles (os adoradores) o instalaram em sua devida ordem, o invocador (dos deuses), o inteligente, o agradável, o purificadoramente radiante, o realizador de sacrifício frequente, (brilhante) com sete chamas.

Varga 7. **6**. Ele, que mora nas (águas) maternas e nas madeiras, amado, contudo não aproximado,[3] maravilhoso, escondido em uma caverna, dotado de conhecimento, buscando (oblações) a partir de qualquer quadrante.[4]

7. A quem, quando eles desistem do sono, os devotos propiciam na morada da água em cada sacrifício; o poderoso Agni, para quem oblações devem ser oferecidas com reverência, que, verdadeiro sempre, aceita o sacrifício.

8. Tu que és onisciente entendes as funções de um mensageiro (dos deuses) no sacrifício; bem informado sobre o céu e a terra, e o (firmamento) intermediário, e o enviado mais inteligente, antigo, e amplificador, tu sobes as ladeiras do céu.

9. Escuro é o caminho de ti que és brilhante; a luz está diante de ti; o teu brilho em movimento é o principal de (todos os) corpos (luminosos); quando os presentes (adoradores) seguram o germe (nas varas de atrito) tu és gerado rapidamente e te tornas de fato o mensageiro (do sacrifício).

10. A luz do gerado rapidamente é visível, e quando o vento sopra a chama, ele (Agni) espalha sua língua ardente entre as árvores, e com seus dentes (brilhantes) consome o (combustível) ereto (seu) alimento.

11. Quando velozmente, com (brilho) rápido, ele leva seu alimento, o poderoso Agni faz (de si mesmo) o mensageiro veloz (do adorador); consumindo (o combustível), ele se alia com a força do vento, e como (um cavaleiro) incita seu corcel rápido, assim Agni de curso rápido revigora e incita (suas chamas).

Índice ◄►Hino 8 (Wilson)

---

[1] De acordo com Mahīdhara, *[Śukla] Yajur-Veda,* III. 15, o Agni aqui aludido é o Āhavanīya que é aceso antes do Dakṣiṇa.

[2] *Apnavāno bhr̥ghavah;* de acordo com Sāyaṇa, *Apnavānah* é o nome de um Ṛṣi da família de Bhr̥gu. Mahīdhara o torna plural *apnavānāh*, e outros Ṛṣis, e os Bhr̥gus; ele diz que também pode significar *putravantah*, que têm filhos, um epíteto dos Bhr̥gus.

[3] Brilhante ou amado, não honrado ou servido, por medo de queimadura.

[4] Em qualquer lugar, de qualquer maneira, buscando combustível, manteiga, etc.

Hino 7. Agni (Griffith)

1. Aqui[5] por ordenadores[6] esse Deus foi nomeado o primeiro Invocador, o melhor em culto, para ser louvado em ritos; a quem Apnavāna[7] e os Bhṛgus fizeram resplandecer de cor brilhante na madeira, espalhando-se de casa em casa.
2. Quando a tua glória como um Deus, Agni, será manifestada repentinamente? Pois os homens mortais te seguraram firmemente, adorável em todos os seus lares,
3. Vendo-te fiel à Lei, o mais sapiente, como o céu estrelado, iluminando com raio alegre cada rito solene em cada casa.
4. O enviado de Vivasvān[8] os homens vivos tomaram como seu estandarte, veloz, o governador de toda a humanidade, movendo-se como Bhṛgu[9] em toda casa.
5. Ele o inteligente eles colocaram devidamente como Sacerdote Invocador, bem-vindo, com chama santificadora, o melhor adorador, com poder sétuplo;[10]
6. Em suas Mães Eternas,[11] na madeira, escondido e inacessível, mantido oculto embora suas chamas sejam brilhantes, procurando em toda parte,[12] encontrado rapidamente.
7. Que, como o alimento se espalha nesse úbere terreno,[13] os Deuses possam se regozijar no lar da Ordem,[14] grandioso Agni, servido com reverência e oblação, voa sempre para o sacrifício, o Fiel.
8. Ave de cada rito,[15] hábil em deveres de um enviado, que conheces ambos os mundos e aquele que se encontra entre eles,[16] tu segues desde antigamente um Arauto disposto, conhecendo muito bem os recessos mais recônditos do céu.
9. Deus brilhante, teu caminho é preto; a luz está diante de ti; o teu esplendor em movimento é a principal das maravilhas. Quando ela, ainda não fecundada,[17] te concebe, mesmo quando recém-nascido tu és um enviado.
10. Embora recém-nascido, seu vigor é evidente quando o vento sopra sobre seu esplendor ígneo. Sua língua afiada ele coloca nos gravetos, e com seus dentes consome até alimentos sólidos.
11. Quando ele levou rapidamente o alimento[18] com chama veloz, o forte Agni se torna um enviado ligeiro, segue o sussurro do vento, consumindo, e, como um corcel,[19] acelera, leva avante o cavalo veloz.

Índice ◄►Hino 8 (Griffith)

---

[5] Nesta cerimônia.
[6] Os reguladores do sacrifício.
[7] Um Ṛṣi da família de Bhṛgu.
[8] De acordo com Sāyaṇa, o mensageiro do adorador.
[9] Ou brilhando; Bhṛgu sendo originalmente uma personificação do relâmpago.
[10] As sete chamas de Agni.
[11] As Águas celestiais.
[12] Vagando à vontade à procura de alimento.
[13] Aqui na terra, e especialmente no altar do qual vêm as oblações. Só quando os elementos do sacrifício estão prestes a aparecer Agni pode convidar e trazer os Deuses.
[14] O lugar do sacrifício ordenado pela lei.
[15] Presente em todos os sacrifícios.
[16] O firmamento ou meio do ar entre o céu e a terra.
[17] O pedaço de madeira no qual o fogo é produzido.
[18] Eu sigo Sāyaṇa, mas não estou satisfeito com a explicação dele.
[19] Agni, ele mesmo um corcel, impele o vento para frente como se fosse um corcel. O professor Ludwig sugere que *árvā* aqui pode significar um cavaleiro, não um corcel.

Hino 7. Agni (Oldenberg)

MAṆḌALA 4, HINO 7.
AṢṬAKA 3, ADHYĀYA 5, VARGA 6-7.

1. Este (Agni) foi estabelecido aqui como o primeiro pelos instituidores, o Hotṛ, o melhor sacrificador que deve ser magnificado nos sacrifícios, a quem Apnavāna e os Bhṛgus fizeram resplandecer, brilhante na madeira, espalhando-se para toda casa.
2. Agni! Quando o esplendor de ti, o deus, aparecerá de maneira correta? Pois de fato os mortais apanharam a ti que deves ser magnificado nas casas.
3. Vendo o justo, sábio, como o céu com as estrelas, que produz alegria em todos os sacrifícios, de casa em casa –
4. O mensageiro rápido de Vivasvat que governa todas as tribos humanas; Ele os Āyus trouxeram para cá para cada casa, a luz, ele que pertence aos Bhṛgus.
5. Ele o conhecedor eles estabeleceram de modo correto como o Hotṛ, o alegre com suas chamas purificadoras, o melhor sacrificador com suas sete (formas)[20] –
6. Ele que está envolto em muitas mães, na madeira, que não repousa nela (?),[21] que é brilhante, embora oculto em segredo, fácil de ser encontrado, e se esforçando por tudo o que é desejado.
7. Quando os deuses se regozijaram na ... das ervas,[22] naquele úbere,[23] na fundação da Ṛta,[24] o grandioso Agni, a quem as oferendas são feitas com adoração, o justo, sempre se aproximou avidamente por causa do sacrifício.
8.[25] Tu, o conhecedor, tens cumprido ansiosamente o ofício de mensageiro do sacrifício, olhando para ambos os fins, para os dois mundos. Tu vais como um mensageiro, escolhido desde os tempos antigos, tu que conheces melhor as subidas para o céu.
9. O teu caminho é preto. A luz está diante de ti, o vermelho. A tua chama é rápida. Esta é uma das maravilhas: quando a virgem (te) concebe (como seu) filho,[26] tu te tornas um mensageiro logo que nasces.
10. Assim que ele nasce, sua força se mostra, quando o vento sopra sobre sua chama. Ele move sua língua afiada entre o mato seco. Até alimentos sólidos ele rasga em pedaços com seus dentes.
11. Quando ele sedentamente tornou-se forte por alimento sedento,[27] o agitado Agni nomeia um mensageiro sedento. Consumindo (a madeira) ele segue o ...[28] do vento. Ele parece incitar um cavalo rápido; o corredor acelera junto.

Índice ◄►Hino 8 (Oldenberg)

---

[20] As sete chamas ou línguas de Agni? Os sete Hotṛs? Os sete Ratnas?
[21] Possivelmente nós podemos conjeturar *ā́śritam*, 'que repousa nela'.
[22] Sobre *sasásya*, veja 3.5.6, nota 27.
[23] Compare com 4.10.8.
[24] Compare com 1.147.1.
[25] Com esse verso compare 4.8.4.
[26] A madeira, o filho da qual é Agni.
[27] Eu tomo *ánnā* aqui como um instrumental. – Compare com a nossa passagem 7.3.4; 10.79.5; 10.91.7; 10.113. 8.
[28] *Meḷiṃ;* veja 3.26.9, [nota 25].

Hino 8. Agni (Wilson)

(Sūkta VIII)

O deus e o Ṛṣi como antes; a métrica é Gāyatrī.

Varga 8. **1**. Eu te propicio com louvor, o mensageiro (dos deuses), o onisciente, o portador de oblações, o imortal, o principal sacrificador.[1]
2. O poderoso sabe como conceder a riqueza (desejada ao adorador); ele conhece as subidas do céu; que ele traga os deuses para cá.
3. Ele, o divino (Agni), sabe como os deuses devem ser reverenciados; ao (adorador) sincero, em sua residência ele dá a riqueza que é desejada.
4. Ele é o invocador (dos deuses), compreendendo a divindade de (seu) mensageiro, e, conhecendo a subida do céu, ele viaja entre a terra e o céu.
5. Que nós sejamos aqueles que propiciam Agni com presentes de oblações, e que, nutrindo-o, o alimentam com combustível.
6. São famosos por riquezas e por progênie aqueles que, venerando Agni, oferecem-lhe oblações.
7. Que riquezas, invejadas por muitos, recaiam sobre nós dia a dia, e alimento (abundante) nos aguarde.
8. Que o sábio Agni obvie inteiramente por seu poder os (males) removíveis dos homens os descendentes de Manu.[2]

Índice ◄►Hino 9 (Wilson)

Hino 8. Agni (Griffith)

1. Seu enviado que possui tudo, Imortal, portador de seus presentes,
O melhor adorador, eu cortejo com canção.
2. Ele, Poderoso, conhece a doação de riqueza,[3] ele conhece o profundo recesso do céu; Ele trará os Deuses para cá.
3. Ele sabe, ele próprio um Deus, guiar os Deuses até o justo em sua casa;
Ele dá exatamente os tesouros que nós amamos.
4. Ele é o Arauto; bem informado, ele cumpre sua missão para lá e para cá,[4]
Conhecendo o profundo recesso do céu.
5. Que nós sejamos aqueles que satisfazem Agni com presentes sacrificais,
Que o nutrem e o acendem.
6. Ilustres por riqueza são aqueles, e atos de herói, vitoriosos,
Que têm servido Agni com reverência.
7. Então que venham para nós, dia após dia, riquezas almejadas por muitos,
E poder e força surjam para nós.
8. Aquele Cantor santo[5] em sua força dispara suas flechas mais velozes do que
As flechas rápidas das tribos de homens.

---

[1] *Sāma-Veda,* I. 12.
[2] Que ele destrua completamente os males que podem ser destruídos.
[3] Sabe enriquecer seus adoradores.
[4] Leva para os Deuses as preces, louvores, e oblações de seus adoradores, e os traz para o sacrifício.
[5] Agni o Sacerdote. A estrofe é difícil. Eu adotei a interpretação do professor Ludwig.

Índice ◄►Hino 9 (Griffith)

Hino 8. Agni (Oldenberg)

MAṆḌALA 4, HINO 8.
AṢṬAKA 3, ADHYĀYA 5, VARGA 8.

1. Eu prossigo para você com minha prece ao mensageiro possuidor de tudo, o portador imortal de oferendas, o melhor sacrificador.
2. Ele, o grandioso, conhece realmente o lugar de riqueza, a subida para o céu; que ele, (portanto), conduza os deuses para cá.
3. Ele, o deus, sabe como guiar os deuses para o (adorador) justo, em sua casa. Ele (nos) dá riqueza preciosa (para nós).
4. Ele é o Hotṛ; ele que conhece o ofício de mensageiro, vai para lá e para cá (entre homens e deuses), conhecendo a subida para o céu.
5. Que nós sejamos daqueles que têm adorado Agni com o presente de oferendas, que o fazem prosperar e o acendem.
6. Os homens que têm trazido culto a Agni são renomados como bem-sucedidos por riqueza e por prole poderosa.
7. Que riqueza muito desejada venha até nós dia a dia; e que ganhos surjam entre nós.
8. Ele (Agni), o sacerdote das tribos, (o sacerdote) dos homens, perfura (todos os poderes hostis) por sua força como com um (arco) de arremesso.

Índice ◄►Hino 9 (Oldenberg)

Hino 9. Agni (Wilson)

(Sūkta IX)

O deus, o Ṛṣi e a métrica como antes.

Varga 9. **1**. Agni, faze-nos felizes, pois tu és poderoso,[1] (tu), que vens a este homem devoto para sentar-te na grama sagrada.
2. Que aquele Agni, que é difícil de dominar, que é imortal, que é preeminente entre os homens os descendentes de Manu, se torne o mensageiro de todos os deuses.
3. Ele é levado para o salão sacrifical como o Hotṛ para ser adorado em sacrifícios, ou como o Potṛ[2] ele se senta (na grama sagrada).
4. Agni pode ser o sacerdote oficiante no sacrifício,[3] ou o dono da casa na câmara sacrifical, ou ele se senta como o Brahman.
5. Tu, que és o diretor (do cerimonial),[4] aceitas as oblações dos homens que adoram devotamente, os descendentes de Manu.
6. Tu estás disposto (a cumprir) a função de mensageiro para o mortal cujas oblações no sacrifício tu tens o prazer de transportar.
7. Sê satisfeito pelo nosso sacrifício; (sê satisfeito), Aṅgiras, pela nossa oferenda; ouve a nossa invocação.
8. Que o teu carro inviolável, com o qual tu defendes os doadores de oblações, esteja em toda parte à nossa volta.[5]

Índice ◄►Hino 10 (Wilson)

Hino 9. Agni (Griffith)

1. Agni, mostra benevolência; grandioso és tu que vieste a este homem piedoso,
Para sentar-te na grama sagrada.
2. Que ele o Imortal, Auxiliador, difícil ser enganado entre os homens,
Torne-se o mensageiro de todos.
3. Ao redor do altar ele é levado, Sumo Sacerdote[6] bem-vindo em ritos solenes,
Ou se senta como o Potar.[7]
4. Agni no fogo em sacrifício, e na casa como Senhor dela,
E, como um Brahman toma seu lugar.[8]
5. Tu vens como o guia do povo que celebra um sacrifício,
E para oferendas trazidas pelos homens.

---

[1] *Sāma-Veda,* I. 23.
[2] Dois dos dezesseis sacerdotes são aqui citados: o Hotṛ é o ofertante da oblação; a função do Potṛ é incerta.
[3] *Uta gnā agnir adhvara:* o significado de *gnā* é, geralmente, *devapatnī*, uma esposa de um deus, segundo a qual, uma interpretação sugerida por Sāyaṇa é: Agni adora as esposas dos deuses no sacrifício; ou, como uma alternativa, *gnā*, como equivalente a *gacchan*, indo, pode designar o *adhvaryu*, que se move no cerimonial.
[4] Upavaktā, o sacerdote que pronuncia as fórmulas de sacrifício, ou ele pode ser o Brahmā, ou o Sadasya, ordenando o que deve ser feito.
[5] O verso ocorre no *[Śukla] Yajur*, III. 36.
[6] Hotar, o oferecedor da oblação.
[7] Literalmente, Limpador ou Purificador, outro dos dezesseis sacerdotes geralmente empregados.
[8] Eu leio *utāgnā* como proposto pelo professor Max Müller e pelo professor Ludwig em vez do quase impossível *utá gnāḥ* do texto.

6. Tu serves como mensageiro daquele cujo sacrifício tu amas suficientemente,
Para levar os presentes do mortal para o céu.
7. Aceita o nosso rito solene; fica satisfeito, Aṅgiras, com o nosso sacrifício:
Dá ouvidos e atende o nosso chamado.
8. Que o teu carro inviolável, com o qual tu guardas aqueles que presenteiam,
Aproxime-se de nós de todos os lados.

Índice ◄►Hino 10 (Griffith)

Hino 9. Agni (Oldenberg)

MAṆḌALA 4, HINO 9.
AṢṬAKA 3, ADHYĀYA 5, VARGA 9.

1. Agni, tem piedade! Tu és grandioso, que vieste a este homem piedoso para te sentar na grama sacrifical.
2. Aquele que não pode ser enganado, o zeloso, o imortal entre os homens tornou-se o mensageiro de todos.
3. Ele, o Hotṛ que dá alegria, é conduzido em torno do assento sagrado nos sacrifícios aspirantes ao céu. E ele se senta como o Potṛ também.
4. Agni se senta também como (a) esposa[9] (do sacrificador) com o sacrifício, e como o dono da casa na casa, e como o Brahman.[10]
5. Tu zelosamente te aproximas como o Upavaktṛ[11] das pessoas que realizam o serviço sacrifical, e (tu te aproximas) das oferendas dos homens.
6. E tu cumpres zelosamente o ofício de mensageiro para o homem em cujo sacrifício tu tens prazer, para levar a oferenda do mortal (para os deuses).
7. Encontra prazer em nossos ritos, em nosso sacrifício, ó Aṅgiras. Ouve o nosso chamado!
8. Que o teu carro infalível, pelo qual tu proteges os adoradores, nos cerque por todos os lados.

Índice ◄►Hino 10 (Oldenberg)

---

[9] Na minha opinião o texto tradicional está correto.
[10] O Brahman muito provavelmente não é o Brahman do ritual posterior, mas o Brāhmaṇācchaṃsin.
[11] O Upavaktṛ é idêntico ao Praśāstṛ ou Maitrāvaruṇa do ritual posterior.

Hino 10. Agni (Wilson)

(Sūkta X)

O deus e o Ṛṣi como antes; a métrica é Padapaṅkti.[1]

Varga 10. **1**. Nós te celebramos hoje, Agni, que és como um cavalo (em transportar nossas cargas) com teus louvores, levando (os nossos desejos aos deuses), e (que és) como um benfeitor, propício e afetuoso.[2]
2. Sê agora o transportador, Agni, do nosso sacrifício auspicioso, poderoso, eficaz, verdadeiro e grandioso.
3. Agni, que como o sol és luz, propiciado por esses nossos hinos, vem à nossa presença com toda a tua hoste (de esplendor).[3]
4. Glorificando-te, Agni, hoje, com esses nossos louvores, que possamos oferecer-te (oblações); as tuas (chamas), brilhantes como as do sol, rugem alto.
5. Teu brilho encantador, Agni, seja de dia ou de noite, brilha sobre (todos os objetos) como um ornamento (para dar-lhes) beleza.
6. Dador de sustento, (Agni), o teu auxílio é livre de imperfeição, como manteiga clarificada, o teu esplendor puro e dourado brilha como um ornamento.
7. Verdadeiro Agni, realmente tu removes do mortal que institui (teu) culto qualquer pecado que tenha sido cometido (por ele) antigamente.
8. Que as nossas atenções amigáveis e fraternas a vocês divindades venham a ser afortunadas; pois tais (atenções demonstradas) em todo sacrifício (formam) a nossa segurança na esfera (dos deuses).

Índice ◄►Hino 11 (Wilson)

Hino 10. Agni (Griffith)

1. Neste dia com louvores, Agni, nós te trazemos aquilo que tu amas.
Julgamento correto, como um cavalo, com nossas devoções.[4]
2. Pois tu tens sido sempre o Condutor do carro,[5] Agni, de nobre
Força, sacrifício sublime, e julgamento justo.
3. Através desses nossos louvores vem nos encontrar, brilhante como a luz do sol,
Ó Agni, bem disposto, com todos os teus aspectos.
4. Agora que possamos servir-te cantando esses louvores hoje para ti, Agni.

---

[1] [De acordo com Griffith e Gary Holland, a estrofe 5 está em Mahāpadapaṅkti, e a 8 em Uṣṇih; além disso, de acordo com Gary Holland, as estrofes 4, 6 e 7 podem estar em Padapaṅkti ou Uṣṇih].
[2] *[Śukla] Yajur*, XV. 44; como o texto é muito elíptico, Mahīdhara tem uma explicação um pouco diferente; desse modo, sobre *aśvaṃ na,* como um cavalo, ele diz que alude ao cavalo *Āśvamedhika*, visto que os sacerdotes o celebram no sacrifício; Sāyaṇa explica o símile: Agni é o carregador de oblações como um cavalo é de cargas; sobre o epíteto de *stomaiḥ* ou *ohaiḥ*, ambos concordam em derivá-lo de *vaha*, carregar, mas um o explica portando, ou fazendo adquirir, fruto ou recompensa; o outro, fazendo chegar a Indra e o resto; *kratuṃ na*, Sāyaṇa interpreta 'como um benfeitor'; Mahīdhara o interpreta sacrifício, que nós celebremos ou aumentemos esse teu sacrifício, Agni, com louvores, etc.; o verso ocorre também no *Sāma-Veda,* I. 434, II. 1127.
[3] Esse e o anterior ocorrem no *[Śukla] Yajur-Veda,* XV. 45 e 46, e no *Sāma-Veda,* II. 1128, 1129.
[4] ['Neste dia com louvores, Agni, nós te trazemos o que agita teu espírito, força, como um cavalo, auspiciosa, com serviço.' – versão de 1890].
[5] Promotor.

Alta como a voz do Céu tuas explosões estão ribombando.
5. Justamente nessa hora do dia e da noite teu olhar é o mais doce:
Ele brilha perto de nós assim como ouro por glória.
6. Teu corpo imaculado, brilhante como ouro, como manteiga clarificada:
Esse[6] cintila como ouro em ti, ó Autodependente.
7. Todo ódio e injúria, sim, se cometidos, Agni, tu desvias,
Santo, do homem que adora corretamente.
8. Agni, com vocês Deuses, que sejam prósperas as nossas amizades e parentescos.
Seja esse nosso vínculo aqui através deste lugar, teu altar.[7]

Índice ◄►Hino 11 (Griffith)

Hino 10. Agni (Oldenberg)

MAṆḌALA 4, HINO 10.
AṢṬAKA 3, ADHYĀYA 5, VARGA 10.

1.[8] Ó Agni! Que possamos hoje realizar com sucesso, com a tua atenção, este louvor que toca o teu coração, que é como um cavalo, como poder auspicioso da mente.
2. Pois de fato tu, ó Agni, te tornaste o quadrigário do poder auspicioso da mente, da verdadeira habilidade, e da poderosa Ṛta.
3. Através desses nossos hinos dirige-te para cá até nós como o sol com sua luz, ó Agni, gracioso com todas as tuas faces.
4. Que possamos adorar-te hoje, ó Agni, louvando-te com essas canções. Os teus rugidos trovejam como (o trovão) do Céu.
5. Teu aspecto mais doce, ó Agni, brilha perto de nós por causa de glória, ora de dia, ora à noite, como ouro.
6. Como ghṛta purificado é teu corpo imaculado; (ele é) ouro brilhante; aquele teu (corpo) brilhou,[9] ó autodependente, como ouro.
7. Pois até a maldade que alguém cometeu, tu realmente afastas inteiramente, ó justo Agni, do mortal sacrificador.[10]
8. Que a nossa amizade, ó Agni, a nossa irmandade com vocês, os deuses, seja abençoada. Este é nosso umbigo (isto é, ligação) em nosso lugar, neste úbere.[11]

Índice ◄►Hino 11 (Oldenberg)

---

[6] Teu esplendor.
[7] [A última frase na versão de 1890 é: "'Esse é nosso vínculo neste lugar, esse altar'. *Esse altar:* literalmente, esse úbere; isto é, o lugar de onde provêm oblações"].
[8] O *Avasāna* nesse verso deve estar antes de *hṛdispṛśam*, não depois dessa palavra, como o texto tradicional o coloca. *Ṛdhyāma*, consequentemente, não pode ser acentuada.
[9] Ou *rocate*, 'brilha'?
[10] O *Avasāna* deve estar antes de *mártāt*. Compare acima, verso 1, nota 7.
[11] Compare com 4.7.7. O significado parece ser: neste lugar de sacrifício, onde as vacas dão leite.

Hino 11. Agni (Wilson)

(Anuvāka 2. Sūkta I)

O deus e o Ṛṣi como antes; a métrica é Triṣṭubh.

Varga 11. **1**. Poderoso Agni, teu resplendor auspicioso brilha na proximidade do sol (de dia); teu (esplendor) brilhante e visível é evidente à noite,[1] quando o alimento suave e agradável (do sacrifício, a oblação) se torna manifesto em tua forma.
2. Agni, que és gerado repetidamente, e glorificado por sacrifício, abre o céu para aquele que te oferece adoração; resplandecente (Agni), dá-nos aquela (riqueza) ampla e aceitável que, (deus) radiante, tu, com todos os deuses, tens dado (a outros adoradores).
3. As oferendas[2] (aos deuses) são geradas, Agni, de ti; de ti (procedem) louvores; de ti preces eficazes; de ti vem um corpo vigoroso e riqueza para o homem que adora com sinceridade e oferece oblações.
4. De ti, que és vigoroso, o transportador de oblações, o vasto, o concessor do que é desejado, nasce (um filho) de força real; de ti vem riqueza aprovada pelos deuses, a fonte da felicidade, de ti, Agni, (é obtido) um cavalo veloz não detido.
5. Imortal Agni, mortais devotos adoram com ritos sagrados a ti a primeira divindade (dos deuses), cuja língua (os) alegra,[3] o dissipador do pecado, o que humilha (os demônios), o senhor da mansão, o não desorientado.
6. Agni, filho da força, já que tu proteges (teus adoradores), (afasta) para longe de nós toda iniquidade; (afasta) para longe (de nós) o pecado; para longe (de nós) todos os maus pensamentos; pois próspero é aquele de quem tu, que és radiante à noite, promoves o bem-estar.

Índice ◄►Hino 12 (Wilson)

Hino 11. Agni (Griffith)

1. Tua majestade abençoada, vitorioso Agni, resplandece brilhantemente na vizinhança de Sūrya.[4] Esplêndida de se ver, ela se mostra mesmo à noite, e o alimento é belo de se olhar em tua beleza.
2. Agni, revela seu pensamento para aquele que canta, o poço,[5] Deus Forte! enquanto tu és louvado com fervor. Concede-nos aquele hino poderoso, ó Vigoroso, o qual, Radiante! com todos os Deuses tu amas.

---

[1] Ou seja, oblações devem ser oferecidas com fogo de manhã e à noite.
[2] *Kāvyā* como *kāvyāni* é explicado por Sāyaṇa como atos em conexão com o fogo, tal como trazer as divindades, transportar oblações e similares, ou pode significar as funções do adhvaryu; de outro modo poderia se pensar que se refere ao *kavya*, ou oferendas aos Pitṛs ou manes.
[3] Por tomar como sua boca* a oblação. [*Agni é a boca dos deuses. Veja, por exemplo, 2.1.13,14 e 1.105, nota 5; e também o *Śatapatha Brāhmaṇa,* 7.1.2.4: 'os deuses comem alimentos com Agni como sua boca; pois para qualquer divindade que os homens ofereçam, é em Agni que eles oferecem, visto que é com Agni como sua boca que os deuses comeram assim o alimento'].
[4] De dia, na luz do sol.
[5] A fonte da canção sagrada.

3. De ti, ó Agni, brota sabedoria poética, de ti vêm pensamentos e hinos de louvor que prosperam; de ti flui riqueza, com heróis para adorná-la, para o homem de coração verdadeiro que dá oblação.
4. De ti surge o herói[6] que ganha o prêmio, que traz auxílio, poderoso, de coragem real. De ti vem prosperidade, enviada pelos Deuses, que dá felicidade; Agni, de ti o cavalo de guerra impetuoso veloz.
5. Imortal Agni, a ti cuja voz é agradável, como o primeiro em posição, como Deus, mortais religiosos convidam com hinos; a ti que removes o ódio, Amigo do Lar, Senhor da casa, infalível.
6. Para longe de nós tu afastas a escassez e a tristeza, para longe de nós toda má vontade quando tu proteges.[7] Filho da Força, Agni, abençoado é aquele à noite, a quem tu como Deus atendes para seu bem-estar.

Índice ◄►Hino 12 (Griffith)

Hino 11. Agni (Oldenberg)

MAṆḌALA 4, HINO 11.
AṢṬAKA 3, ADHYĀYA 5, VARGA 11.

1. Tua face auspiciosa, ó poderoso Agni, brilha na vizinhança do sol. Brilhante de se ver, ela é vista até à noite. Agradável de se ver é o alimento em teu (belo) corpo.[8]
2. Ó Agni, revela (sábios) pensamentos para aquele que te louva; (revela) a abertura, quando tu, ó nascido forte, és louvado com tremor. Concede-nos, ó muito grandioso, tal prece rica que tu com todos os deuses amem, ó brilhante.
3. De ti, ó Agni, gênio nasce, de ti (sábios) pensamentos, de ti hinos beneficentes. De ti vem riqueza adornada com heróis para o mortal assim disposto que te adora.
4. De ti que nasce o cavalo de corrida que ganha prêmio, cuja energia se expande ao redor, o útil, de força verdadeira; de ti riqueza encantadora enviada pelos deuses; de ti, ó Agni, o cavalo veloz e impetuoso.
5. A ti, ó Agni, os mortais devotos procuram ganhar por suas preces como o primeiro, a ti o deus de fala agradável, ó imortal, que afastas a malícia, o deus doméstico, o senhor da casa, o sábio.
6. (Afasta) de nós a insensatez e a angústia; (afasta) toda má vontade daquele a quem tu atendes.[9] Sê benevolente à noite, Agni, filho da força, para aquele a quem tu, o deus, atendes com bem-estar.

Índice ◄►Hino 12 (Oldenberg)

---

[6] Ou o cavalo forte.
[7] [Veja a nota 9].
[8] Literalmente, no teu aspecto *(rūpe)*. Desse modo é afirmado que o Soma, 9.16.6, se purifica *rūpe avyáye*, literalmente, no aspecto das ovelhas, isto é, no filtro feito de pelo de ovelha.
[9] Se *yát* estiver correto, a tradução será: '(afasta) toda má vontade quando tu (nos) proteges'.

Hino 12. Agni (Wilson)

(Sūkta II)

Deus, Ṛṣi e métrica como antes.

Varga 12. **1**. Que aquele que com a concha erguida te acende, e três vezes todo dia te oferece alimento (sacrifical), conhecendo a tua glória, Jātavedas, para ser revigorado pelo ato, supere (todos os outros) em riquezas.
2. Aquele que, trabalhando diligentemente, te traz combustível, honrando, Agni, a tua grande glória; ele que te acende ao anoitecer e ao amanhecer; ele, próspero e destruindo seus inimigos, adquire riquezas.
3. Agni é o possuidor de grande força, de alimento excelente, de riquezas, o mais jovem (dos deuses); abundante em sustento, ele dá ao mortal que o adora (riqueza) preciosa de acordo com (a sua devoção).
4. Se, mais jovem (dos deuses), com a desconsideração comum aos homens, nós alguma vez cometemos alguma ofensa contra ti, torna-nos livres dos defeitos da terra;[1] elimina totalmente, Agni, nossas ofensas.
5. Não nos deixes, Agni, que somos teus amigos, jamais sofrer danos por causa de qualquer ofensa grande ou abrangente contra deuses ou homens; concede perdão aos nossos filhos e netos, a recompensa do que foi bem feito.
6. Adoráveis Vasus, da mesma maneira que vocês libertaram a vaca amarrada pelo pé, assim libertem-nos totalmente do pecado; e que a nossa existência, Agni, seja prolongada.

Índice ◄►Hino 13 (Wilson)

Hino 12. Agni (Griffith)

1. Aquele que te acende, com a concha erguida, e três vezes nesse dia te oferece alimento, ó Agni, que ele se sobressaia, triunfante através dos teus esplendores, sábio através do teu poder mental, ó Jātavedas.
2. Aquele que com trabalho e dificuldade te traz combustível, servindo a majestade do poderoso Agni, ele, acendendo-te ao anoitecer e de manhã, prospera, e chega à riqueza, e mata seus inimigos.
3. Agni é Mestre de domínio sublime, Agni é Senhor da força e riqueza elevada. Diretamente o Deus autoconfiante, O Mais Jovem, dá tesouros para o mortal que o adora.
4. Deus Mais Jovem, seja qual for o pecado, por tolice, que nós aqui, como seres humanos, tenhamos cometido, à vista de Aditi[2] torna-nos sem pecado, perdoa, inteiramente, Agni, as nossas ofensas.

---

[1] *Aditer anāgān* é interpretado por Sāyaṇa*, bhūmer anāgasah, pāparahitān;* em que sentido 'os pecados da terra', ou 'contra a terra', é para ser entendido, deve ser uma questão de conjectura.
[2] Aparentemente o grande Poder onipresente que controla as forças do universo, e do qual nenhum pecado é escondido.

5. Mesmo na presença de grande pecado, ó Agni, liberta-nos da prisão dos Deuses ou mortais.[3] Que nós que somos teus amigos nunca sejamos prejudicados; concede saúde e força à nossa semente e prole.
6. Assim como vocês aqui, Deuses Excelentes e Santos, soltaram a vaca[4] que estava amarrada pelo pé, assim também nos libertem dessa aflição; que nossa vida, ó Agni, se estenda por muito tempo.

Índice ◄►Hino 13 (Griffith)

Hino 12. Agni (Oldenberg)

MAṆḌALA 4, HINO 12.
AṢṬAKA 3, ADHYĀYA 5, VARGA 12.

1. Que o homem que segura a concha sacrifical e te acende, ó Agni, que prepara alimento três vezes para ti neste dia, supere vitoriosamente (seus inimigos) através de seu brilho, sábio pelo poder da tua mente, ó Jātavedas.
2.[5] Aquele que labutando traz combustível para ti, prestando serviço à tua, a grande face (do deus), ó Agni, acendendo-te ao anoitecer e ao amanhecer – ele prospera, obtém riqueza, e destrói seus inimigos.
3. Agni é mestre de grande poder real; Agni (é mestre) do ganho, da maior riqueza. Ele, o mais jovem, (deus) autodependente de maneira correta distribui tesouros para o adorador mortal.
4. Qualquer pecado, ó (deus) mais jovem, que nós tenhamos cometido contra ti em negligência, homens como nós somos, nos torna sem pecado diante de Aditi; livra-nos de (toda) culpa por todos os lados, ó Agni!
5. Mesmo de grande culpa, ó Agni, da prisão dos deuses e dos mortais – que nós, teus amigos, nunca sejamos prejudicados; dá sorte e bem-estar para amigos e parentes.
6.[6] Como vocês antigamente soltaram, ó Vasus, a búfala amarrada pelo pé, ó deuses adoráveis, desse modo tirem de nós essa angústia. Que, ó Agni, a nossa vida seja mais prolongada.

Índice ◄►Hino 13 (Oldenberg)

---

[3] Real prisão por homens e correspondente castigo pelos Deuses.
[4] A búfala, amarrada a um poste, representando simbolicamente o homem que se encontra nos grilhões do pecado. Veja 10.126.8.
[5] Com o início desse verso, comp. acima, 4.2.6.
[6] Esse verso é idêntico a 10.126.8.

Hino 13. Agni (Wilson)

(Sūkta III)

O deus, o Ṛṣi, e a métrica como antes; ou os deuses podem ser considerados como aqueles especificados ou mencionados em cada estrofe.

Varga 13. **1**. Disposto favoravelmente, Agni manifestou (seu poder) em relação à procissão concessora de riqueza das auroras resplandecentes;[1] procedam, Aśvins, para a residência do (adorador) piedoso; o sol divino se ergue com esplendor.
2. O divino Savitṛ difunde sua luz no alto, dissipando o orvalho, e como um (touro) vigoroso ardente pela vaca; então Varuṇa, e Mitra, e outros (deuses), se apressam para (cumprir)[2] seus ofícios quando eles elevam o sol no céu.
3. Sete grandes corcéis transportam aquele sol, a quem as (divindades), ocupantes de mansões duradouras, e não desatentas (aos seus ofícios), formaram para dissipar a escuridão, (e que é) o animador do mundo inteiro.
4. Divino (sol), tu procedes com os (cavalos) mais poderosos, espalhando a tua rede (de raios), e cortando a morada escura (da noite); os raios trêmulos do sol deitam fora a escuridão que está espalhada como uma pele sobre o firmamento.
5. Esse sol, não muito distante, e desimpedido, seja (olhando) para baixo ou olhando para cima, não é prejudicado por ninguém;[3] qual é o poder pelo qual ele viaja? Quem (realmente) viu aquele que, como o pilar coletivo do céu, sustenta o firmamento?

Índice ◄►Hino 14 (Wilson)

Hino 13. Agni (Griffith)

1. Agni olhou, disposto benevolentemente, para a fonte concessora de riqueza das Manhãs radiantes. Venham, Aśvins, para a morada do piedoso; Sūrya o Deus está se erguendo com seu esplendor.
2. Savitar, Deus, espalhou no alto o seu brilho, agitando sua bandeira[4] como um herói em busca de despojos. Varuṇa e Mitra seguem seu caminho estabelecido,[5] quando eles fazem o Sol subir no céu.
3. Ele a quem eles fizeram para afastar a escuridão, Senhores de mansões seguras, fiéis ao seu objetivo, Ele que contempla o universo, o Deus-Sol, sete Corcéis[6] fortes e jovens carregam para frente.

---

[1] Esse é, aparentemente, um mero anúncio parafrástico de que a aurora tendo aparecido o fogo da manhã deve ser aceso.
[2] *Yat sūryaṃ divy ārohayanti* o comentador explica como *yadā raśmayah sūryasya ārohanam kārayanti*, quando os raios de luz causam a subida do sol, de outro modo poderia se pensar que o nominativo do verbo era Mitra, Varuṇa, e o resto, Mitra sendo a divindade que preside o dia, Varuṇa a noite.
[3] [Veja abaixo as outras versões desse trecho].
[4] De acordo com Sāyaṇa, 'dissipando o orvalho'. Mas não há dúvida que *drapsá*, o avéstico *drafsha*, significa uma bandeira nesse lugar. Sāyaṇa explica *sátvā*, um herói, como 'um touro', mas essa interpretação não pode ser aceita.
[5] O rumo designado para eles na ordem eterna do universo.
[6] *Harítaḥ;* Harits. Veja 4.6.9.

4. Espalhando a tua rede com os corcéis mais poderosos tu vens, despedaçando, ó Deus, o manto de cor preta. Os raios de Sūrya brilhando tremulamente afundam, como uma pele, a escuridão nas águas.
5. Como é que, solto e não sustentado, ele não cai embora dirigido para baixo? Por qual poder próprio ele se move? Quem viu isso? Ele guarda a abóbada do céu, um pilar colocado proximamente.

Índice ◄►Hino 14 (Griffith)

Hino 13. Agni (Oldenberg)

MAṆḌALA 4, HINO 13.[7]
AṢṬAKA 3, ADHYĀYA 5, VARGA 13.

1. Benevolente Agni olhou para o romper das auroras brilhantes, para a concessão de tesouros. Venham à residência do (mortal) virtuoso, ó Aśvins. O deus Sūrya nasce com sua luz.
2. O deus Savitṛ enviou sua luz para cima,[8] balançando sua bandeira[9] como um guerreiro que luta por vacas.[10] Varuṇa e Mitra seguem a lei, quando eles fazem o Sol se erguer no céu.
3. Aquele a quem (os deuses) que habitam em paz firme, e que nunca perdem seu objeto, criaram para dispersar a escuridão – Ele, o Sol, o que observa tudo, as sete éguas jovens fulvas levam adiante.
4. Com teus (cavalos), os mais preparados para correr, tu[11] segues adiante, espalhando a tua rede (de luz), removendo (do mundo), o tecido preto (da escuridão), ó deus. Os raios do Sol abalaram[12] a escuridão, e a afundaram nas águas como uma pele.
5. Não sustentado, livre, estendido voltado para baixo – como é que ele[13] não cai? Por qual poder próprio ele se move? Quem já viu (isso)? Erguido como o pilar do Céu ele protege o firmamento.

Índice ◄►Hino 14 (Oldenberg)

---

[7] Este hino e o seguinte evidentemente formam um par. Eles têm o mesmo número de versos, e estão compostos na mesma métrica. Ambos são dirigidos a Agni em seu caráter matutino, ou melhor, aos Aśvins, que são chamados para compartilhar da oblação matutina (13.1; 14.1,4). O primeiro verso do 13 é bastante semelhante àquele do 14; o mesmo pode ser dito do segundo verso dos dois hinos; o verso final de ambos é idêntico.
[8] Compare com 4.6.2.
[9] [Veja a nota 4].
[10] Compare com 4.40.2; *sátvā bhariṣáḥ gaviṣáḥ.*
[11] O Sol é abordado.
[12] É mais natural tomar *dávidhvataḥ* como nominativo plural do que como genitivo singular. (Ludwig).
[13] O Sol.

Hino 14. Agni (Wilson)

(Sūkta IV)

O deus ou deuses, o Ṛṣi e a métrica como antes.

Varga 14. **1**. O resplandecente Agni, por quem tudo é conhecido, manifestou (sua força) em relação às auroras radiantes com brilho; Nāsatyas que vão longe, venham com seu carro para este nosso sacrifício.
2. O divino Savitṛ exibe sua bandeira no alto, difundindo luz por todos os mundos; contemplando (todas as coisas), o sol encheu o céu e a terra e o firmamento com seus raios.
3. A grandiosa e inteligente aurora, variegada com raios (de muitas cores) de tom púrpura, trazendo opulência, veio com (seu) brilho; a divina Uṣas, despertando (os adormecidos), prossegue com seu carro bem atrelado (para distribuir) felicidade.
4. Que aqueles cavalos robustos e ativos os tragam, (Aśvins), para cá ao romper da aurora, e que estes sucos Soma preparados, derramadores (de benefícios), para vocês beberem, os alegrem nesse (nosso sacrifício).
5.[1] Esse sol, não muito distante, e desimpedido, seja olhando para baixo ou olhando para cima, não é prejudicado por ninguém; qual é o poder pelo qual ele viaja? Quem (realmente) viu aquele que, como o pilar coletivo do céu, sustenta o firmamento?

Índice ◄►Hino 15 (Wilson)

Hino 14. Agni (Griffith)

1.[2] O Deus tem procurado, o próprio Agni Jātavedas, encontrar as Auroras refulgentes em suas glórias. Venham em seu carro, vocês que viajam bastante, venham a esse nosso sacrifício, Nāsatyas.
2. Produzindo luz para todo o mundo das criaturas, o Deus Savitar ergueu sua bandeira no alto. Tornando sua presença conhecida por meio de raios de sol, Sūrya encheu o firmamento e a terra e o céu.
3. A Aurora Vermelha chegou, viajando adiante com brilho, notável por seus raios, de cor alegre e poderosa. A Aurora em seu carro nobremente atrelado, a Deusa, despertando os homens para a felicidade, se aproxima.
4. Que aqueles corcéis mais poderosos e carruagem os tragam, ó Aśvins, aqui ao romper da manhã. Aqui para o seu gole de hidromel estão sucos Soma; regozijem-se nesse nosso sacrifício, ó Poderosos.
5. Como é que, solto e não sustentado, ele não cai embora dirigido para baixo? Por qual poder próprio ele se move? Quem viu isso? Ele[3] guarda a abóbada do céu, um pilar colocado proximamente.

Índice ◄►Hino 15 (Griffith)

---

[1] [Veja a nota 7 do hino anterior].
[2] Esse hino é uma imitação do anterior. A última estrofe é adotada palavra por palavra.
[3] No texto *ayám*, esse, isto é, Sūrya, o Sol, mencionado na estrofe 2.

Hino 14. Agni (Oldenberg)

MAṆḌALA 4, HINO 14.
AṢṬAKA 3, ADHYĀYA 5, VARGA 14.

1. Agni Jātavedas, o deus, olhou para as auroras que brilham com todo o seu poder. Venham para cá, ó Nāsatyas,[4] (deuses) amplamente dominantes, em seu carro para esse nosso sacrifício.
2. O deus Savitṛ enviou seu brilho para cima, produzindo luz para o mundo inteiro. O Sol, brilhando com seus raios, encheu o Céu e a Terra e o ar.
3. A vermelha,[5] trazendo (bem-aventurança) para cá, veio com a sua luz, a grandiosa, brilhante, resplandecendo com seus raios. Uṣas, a deusa, despertando (todos os seres) para a felicidade, procede em sua carruagem bem atrelada.
4. Que aqueles carros e cavalos, os mais prontos para transportar, os[6] conduzam para cá ao romper da aurora. Pois estes Somas são para vocês para que vocês possam beber a bebida de mel.[7] Regozijem-se, ó viris, nesse sacrifício.
5 = 4.13.5.

Índice ◄►Hino 15 (Oldenberg)

---

[4] Sobre a menção dos Nāsatyas (Aśvins) nesse contexto, [veja a nota 7 do hino anterior].
[5] A Aurora como antes.
[6] O texto tem o pronome dual. Os Aśvins são abordados.
[7] É a qualidade peculiar dos Aśvins que eles bebem *mádhu*.

Hino 15. Agni (Wilson)

(Sūkta V)

O deus das seis primeiras estrofes é Agni; das duas seguintes Somaka; das duas últimas os Aśvins, o Ṛṣi é Vāmadeva, a métrica Gāyatrī.

Varga 15. **1**. Agni, o invocador (dos deuses), como um cavalo (que carrega uma carga), é trazido para o nosso sacrifício;[1] uma divindade adorável entre as divindades.
2. Agni, três vezes (ao dia), vem ao nosso sacrifício como um quadrigário, levando o alimento sacrifical para os deuses.
3. O sábio, Agni, o senhor do alimento, rodeou a oblação,[2] dando coisas preciosas para o doador.
4. Radiante é este Agni, o subjugador de inimigos, que está aceso no (altar) do leste, como (ele foi aceso) para Sṛñjaya[3] o filho de Devāvata.
5. Que o mortal que é esforçado (em culto) adquira autoridade sobre este Agni, o de raios afiados, o derramador (de benefícios).
Varga 16. **6**. Eles diligentemente adoram diariamente a ele que é como um cavalo (para transportar oblações), que é generoso e resplandecente como o filho do céu, (o sol).
7. Quando o príncipe, o filho de Sahadeva, prometeu (presentear-)me com dois cavalos, eu não me retirei quando chamado diante dele;[4]
8. Mas aceitei imediatamente aqueles dois cavalos excelentes e bem treinados do príncipe, o filho de Sahadeva.
9. Divinos Aśvins, que este príncipe, Somaka, o filho de Sahadeva, seu (adorador), desfrute de uma vida longa.
10. Divinos Aśvins, vocês dois tornem o príncipe, o filho de Sahadeva, longevo.

Índice ◄►Hino 16 (Wilson)

---

[1] *Pariṇīyate* tem, no entanto, um significado técnico, que implica um cerimonial formal, trazer o fogo tirado do fogo doméstico com o qual acender o fogo sacrifical, *vājī san* sendo um cavalo; isto é, a quem eles carregam como um cavalo trazendo uma carga; Agni sendo trazido para tornar-se o portador da oblação, *havir vāhanah*.
[2] *[Śukla] Yajur-Veda,* II. 35; *Sāma-Veda,* I. 30; o comentador sobre o último interpreta o verbo *paryakramīt* como pegando as oferendas para o transporte aos deuses.
[3] Certo *Somayāji [Somayājin:* alguém que oferece Soma]; nós temos vários príncipes do nome nos *Purāṇas*, mas nenhum distinguido por esse patronímico; os Sṛñjayas também são um povo do oeste da Índia: *Viṣṇu Purāṇa* [em português, pág. 180, nota 136].
[4] Sendo chamado pelo atual príncipe, eu não parti sem receber os dois cavalos.

Hino 15. Agni (Griffith)

1. Agni o Arauto, como um cavalo, é levado adiante[5] em nosso rito solene,
Deus adorável entre os Deuses.
2. Três vezes[6] ao nosso rito solene vem Agni como um quadrigário,
Levando as iguarias para os Deuses.
3. Em volta das oblações ele andou, Agni, o Sábio, o Senhor da Força,
Dando dádivas preciosas ao ofertante.
4. Ele que está aceso no leste[7] para Sṛñjaya,[8] o filho de Devāvata,
Resplandecente, domador de inimigos.
5. Então poderoso seja o Agni a quem o herói mortal comandará,
Com dentes afiados e generoso.
6. Dia após dia eles o preparam, como eles limpam um cavalo que ganha o prêmio.
Preparam o vermelho Filho do Céu.[9]
7. Quando o filho principesco de Sahadeva[10] com dois cavalos baios[11] pensou em mim,
Convocado por ele eu não recuei.
8. E realmente, quando me oferecidos, eu aceitei imediatamente aqueles dois baios nobres
Do filho principesco de Sahadeva.
9. Ó Aśvins, que ele viva por muito tempo, seu cuidado,[12] ó Deuses, o filho principesco
De Sahadeva, Somaka.
10. Façam com que ele, o príncipe jovem, o filho de Sahadeva, desfrute de
Vida longa, ó Aśvins, ó Deuses.

Índice ◄►Hino 16 (Griffith)

---

[5] Indicando o ato formal de trazer o fogo do fogo doméstico para acender o fogo sacrifical.
[6] Em referência aos três sacrifícios.
[7] No *uttaravedī* ou altar do norte.
[8] Certo sacrificador Soma, *kaścit somayājī,* diz Sāyaṇa. [Veja a nota 3].
[9] Ou Aruṣa, o Filho do Céu, isto é, o Sol.
[10] *O filho principesco de Sahadeva:* Somaka, o instituidor do sacrifício, filho de um Rāja chamado Sahadeva.
[11] Que eram para ser o honorário do sacerdote.
[12] Não há substantivo no texto. Sāyaṇa supre *tarpakaḥ*, o que satisfaz, isto é, adorador. O professor Ludwig considera *vāṃ* como um dativo ético.

Hino 15. Agni (Oldenberg)

MAṆḌALA 4, HINO 15.[13]
AṢṬAKA 3, ADHYĀYA 5, VARGA 15-16.

1. Agni, o Hotṛ, ele que é um cavalo forte, é levado ao redor em nosso sacrifício, o deus adorável entre os deuses.
2. Agni anda três vezes[14] em volta do sacrifício, como um quadrigário, transportando a alegria[15] para os deuses.
3. Agni, o senhor do saque, o sábio, circungirou as oblações, dando tesouros ao adorador.
4. Esse (é o Agni) que está aceso na frente para o filho de Devāvata, o Sṛñjaya,[16] o (deus) brilhante, o enganador de inimigos.
5. Que o mortal forte seja o mestre desse (deus), de um Agni como esse, com dentes afiados e generoso.
6.[17] Eles o limpam dia a dia como um cavalo de corrida que ganha (prêmio), como (Soma), o jovem vermelho filho do Céu.[18]
7. Quando o filho de Sahadeva, o príncipe, pensou em mim com dois cavalos baios,[19] eu me levantei como alguém que é chamado.
8. E eu aceitei imediatamente do filho de Sahadeva, o príncipe, aqueles dois cavalos baios adoráveis que ele me ofereceu.
9. Que este príncipe Somaka, o filho de Sahadeva, viva por muito tempo, por sua causa, ó divinos Aśvins!
10. Deem vida longa, ó divinos Aśvins, a esse filho de Sahadeva, o príncipe!

Índice ◄

---

[13] Os três primeiros versos são caracterizados pelas alusões constantes a Agni ser carregado em volta, e, em conexão com isso, pela repetição frequente da preposição *pari*. Provavelmente estes versos formavam um hino-Tṛca independente, a posição do qual estaria de acordo com as leis de organização da Saṁhitā; este Tṛca parece, consequentemente, pertencer à coleção original de hinos. Os versos 4-10, por outro lado, ou, pelo menos os versos 7-10, parecem ser uma adição posterior; os versos 4-6 podem ser considerados como um Tṛca pertencente à Saṁhitā original, embora, nesse caso, seja difícil explicar porque os versos 7-10, que não contêm nenhuma referência a Agni, foram aqui inseridos no fim da série de hinos Agni. Outro argumento contra a separação dos versos 4-6 do resto do Sūkta é a menção do príncipe Sṛñjaya no verso 4; os versos 7-10 se referem a um príncipe Somaka Sāhadevya, e nós sabemos do *Aitareya Brāhmaṇa* (VII.34, compare com o *Śatapatha Brāhmaṇa* II.4.4.4) que esse príncipe também pertencia à tribo Sṛñjaya.
[14] Compare com 4.6.4.
[15] Isto é, a oferenda que os deuses desfrutam.
[16] Esse Sṛñjaya Daivavāta é mencionado também em 6.27.7.
[17] O primeiro pāda deste verso é idêntico ao primeiro pāda do 8.102.12.
[18] O jovem vermelho filho do Céu parece ser o Soma. O Soma é frequentemente chamado de *aruṣá* ('vermelho'), e é dito ser limpo pelos homens; em 9.33.5; 38.5, a expressão *diváḥ śíśum* ('o jovem filho do Céu') é usada em relação a ele.
[19] Isto é, quando ele pensou em me presentear com os dois cavalos.

Hino 16. Indra (Wilson)

(Sūkta VI)

O deus é Indra; o Ṛṣi como antes; a métrica é Triṣṭubh.

Varga 17. **1**. Que o sincero Maghavan, o aceitante de Soma sem vigor,[1] venha a nós; que seus cavalos acelerem em direção a nós; para ele nós oferecemos este sacrifício, a bebida muito potente; que ele conceda a realização de nossos desejos.
2. Herói, Indra, liberta-nos hoje para te dar alegria nesse sacrifício, como (eles soltam um cavalo) no final da estrada; que o adorador, como Uśanas, repita uma prece aceitável para ti, o conhecedor (de todas as coisas), o destruidor de Asuras.
3. Como um sábio (que conhece) o que está oculto, e que realiza ritos sagrados, assim o derramador (de benefícios), bebendo copiosamente a (libação) derramada, exulta (com o gole), e isso gera os sete (raios) eficientes do céu, os quais, sendo glorificados, tornaram (manifestos) os objetos de percepção (humana) de dia.[2]
4. Quando o vasto céu luminoso manifestado pelos raios (de luz) é exposto, em seguida, são (as divindades) resplandecentes de acordo com (sua) morada (celestial); o principal dos líderes, (Indra),[3] em sua aproximação dissipou as trevas densas para que os homens possam ver.
5. Indra, o aceitante de Soma amanhecido, sustenta grandeza infinita, e encheu o céu e a terra pela sua magnitude; portanto, a vastidão dele que superou todas as regiões, ultrapassou (o mundo).
Varga 18. **6**. Conhecendo todas as coisas proveitosas para os homens, Śakra, com seus amigos dispostos (os Maruts), enviou as águas, pois eles, com gritos (altos), dividiram as nuvens, e, desejando (cumprir) seu ofício, abriram o pasto das vacas (dos Aṅgirasas).
7. Teu raio protetor matou Vṛtra, que obstruía o (fluxo das águas), a terra consciente (cooperando) contigo; herói valente, preservador (das regiões), faze descer pela tua força as águas do firmamento.
8. Invocado por muitos, quando tu tinhas dividido a nuvem para (a saída d)as águas, Saramā apareceu diante de ti; e tu, aquele que traz alimento abundante, nos favoreceste, dividindo as nuvens e glorificado pelos Aṅgirasas.
9. Maghavan, que és honrado pelos homens, tu te dirigiste à presença do sábio[4] para conceder riqueza (a ele), e quando solicitando (-te) em sua necessidade (por ajuda); defendendo (-o) com tua proteção, o Dasyu traiçoeiro, ímpio, foi destruído na disputa por despojos.
10. Com a mente decidida a matar o Dasyu, tu chegaste (à residência dele), e Kutsa[5] estava ansioso pela tua amizade; assim sendo vocês dois desceram na habitação dele (de Indra), e, sendo totalmente semelhantes em forma, a mulher sincera foi confundida (em diferenciar entre vocês).[6]

---

[1] O Soma cuja essência se foi.
[2] *Ajījanat sapta kārūn ahnā cic cakrur vayunā ghṛṇantaḥ* é bastante obscuro; é explicado pelo escoliasta como no texto.
[3] O comentador diz Sūrya, mas isso só pode ser como idêntico a Indra, a quem o hino é dirigido.
[4] O texto tem *kaviṃ*, normalmente interpretado como *krānta darśī*, o vidente do passado; mas de acordo com o comentador ele é aqui um sinônimo de Kutsa, como na próxima estrofe.
[5] Um Rājarṣi, o filho, é dito aqui, de Ruru, também um santo nobre; frequente menção do nome ocorreu, nos [livros anteriores], mas pessoas diferentes o têm: Kutsa, o autor de vários Sūktas, (1.101), sendo chamado de filho de Aṅgiras; enquanto (em 1.112.23), nós temos um Kutsa filho de Arjuna.
[6] Após a destruição dos inimigos de Kutsa, Indra o levou para seu palácio, onde Śacī, a esposa de Indra, não pôde dizer qual era o seu marido porque ambos eram exatamente iguais.

Varga 19. **11**. Tu segues com Kutsa na mesma carruagem, determinado a defendê-lo, (tu que és) o atormentador (de inimigos), o senhor dos cavalos (da velocidade) do vento; no mesmo dia no qual, unindo (ao carro), os corcéis de curso reto, como se para receber alimento, o sábio (Kutsa) foi habilitado a atravessar (o oceano) de calamidade.
12. Por Kutsa, tu mataste o miserável Śuṣṇa,[7] e, no princípio do dia, acompanhado de milhares, (tu mataste) Kuyava[8] com o raio; tu destruíste rapidamente os Dasyus, e tu os cortaste em pedaços na batalha, com as rodas (do carro) do sol.[9]
13. Tu subjugaste Pipru e o poderoso Mṛgaya[10] por causa de Ṛjiśvan o filho de Vidathin;[11] tu mataste os cinquenta mil Kṛṣṇas,[12] e, como a velhice (destrói) a vida, tu demolidas as cidades (de Śambara).
14. Quando tens (teu) corpo na proximidade do sol, tua forma se torna fragrante de ambrosia, e tu és como o elefante cervino,[13] consumindo a força (dos fortes), e és como um leão terrível quando manejando as tuas armas.
15. Confiando (em Indra) para proteção, e desejosos de riquezas (homens piedosos) se dirigem a ele solicitando sua presença no sacrifício, como se na batalha; pedindo alimento, celebrando o seu louvor com hinos, pois ele é o refúgio (de seus adoradores), e parece a graciosa e adorável (deusa) da nutrição.[14]
Varga 20. **16**. Invoquemos aquele benevolente Indra que tem feito tantas coisas boas para o homem; que, concedendo opulência invejável, traz rapidamente alimento aceitável para um adorador como eu.
17. Herói, Indra, quando em qualquer conflito de homens o raio afiado cai no meio (deles), e quando, senhor, há uma batalha terrível, então o defensor de nossos corpos se faz conhecido.
18. Sê o protetor dos atos piedosos de Vāmadeva; sê em batalha um amigo infalível; nós viemos a ti, eminente em sabedoria; que tu possas ser sempre benigno para o teu louvador.
19. Em toda batalha, Maghavan, que nós possamos, junto com aqueles homens que confiam em ti e oferecem ricos presentes, como aqueles que são resplandecentes por riquezas, triunfando sobre seus inimigos, te glorificar muitas noites e anos.
20. Portanto, nós oferecemos ao vigoroso Indra, o derramador (de benefícios), adoração sagrada, para que ele nunca possa retirar suas (ações) amigáveis de nós, e para que ele possa ser nosso poderoso protetor, o defensor de (nossos) corpos, como os Bhṛgus (fabricam) um carro (para uso).[15]
21. Glorificado (no passado), glorificado, Indra, no presente, satisfaze teu adorador com alimento, como rios (são enchidos com água); Senhor dos Cavalos, um novo hino foi feito para ti; que nós, possuidores de carruagens, sempre sejamos deleitados em (teu) louvor.

Índice ◄►Hino 17 (Wilson)

---

7 1.52.6; 1.175.4.
8 1.103.8; 1.104.3.
9 1.130.9; 1.175.4.
10 Mṛgaya é dito ser o nome de um Asura; Pipru tem sido citado frequentemente.
11 Os nomes de Rājas.
12 1.101.1; 1.130.8 [nota 10]; é dito aqui também que esses são Rākṣasas de cor negra, *kṛṣṇavarnāṇi Rākṣānsi;* a lenda citada anteriormente especificava apenas 10.000; aqui nós temos *pañcāśat sahasrā.*
13 *Mṛgha na hastī* é explicado como *gaja-viseṣa, mṛgha iva,* uma espécie de elefante semelhante a um cervo; pergunto-me se o *Sivatherium* existia na época desse Sūkta.
14 A deusa Lakṣmī.
15 O objeto da comparação não é muito óbvio, mas, aparentemente, significa que, como um fabricante de rodas faz uma carruagem para um propósito especial, assim o adorador realiza culto a fim de garantir o favor de Indra.

Hino 16. Indra (Griffith)

1. Impetuoso,[16] verdadeiro, que Maghavan venha aqui, e que seus Corcéis Fulvos nos alcancem. Para ele nós espremamos suco extraordinariamente potente; aqui, louvado com canção, que ele realize sua visita.
2. Desatrela, como no final da tua viagem, ó Herói, para alegrar-te hoje nesta libação. Como Uśanā,[17] o sacerdote proferirá um louvor, um hino a ti, o Senhor Divino, que observas.
3. Quando o Touro,[18] bebendo, elogia a nossa libação, como um sábio realizando ritos sagrados em segredo, sete cantores[19] aqui do céu ele gerou, que mesmo de dia têm feito seus trabalhos enquanto cantando.
4. Quando a bela luz do céu por hinos foi feita visível (eles fizeram grande esplendor brilhar ao romper da manhã), ele com seu socorro, o melhor dos Heróis, dissipou a escuridão cegante para que os homens vissem claramente.[20]
5. Indra, Impetuoso, cresceu imensamente; ele com sua vastidão encheu a terra e o céu. Mesmo além disso se estende a sua majestade, que superou todos os mundos em grandeza.
6. Śakra,[21] que conhece bem todas as ações humanas, com seus Amigos ansiosos[22] soltou as águas. Eles com suas canções partiram até a montanha e prontamente descobriram o estábulo de gado.
7. Eles derrotaram o obstrutor das torrentes, Vṛtra; a Terra, consciente, prestou sua ajuda para acelerar teu trovão. Tu enviaste adiante as águas do oceano, como Senhor através de força e poder, ó Herói intrépido.
8. Quando, Invocado por Muitos! tu partiste a rocha de água, Saramā[23] mostrou-se e seguiu diante de ti. Louvado com hinos pelos Aṅgirases, estourando os estábulos de vacas, muita força tu supriste para nós como nosso líder.
9. Vem, Maghavan, Amigo do Homem, para ajudar o cantor te implorando na batalha pela luz solar. Ajuda-o com auxílio em suas invocações inspiradas; afunda o feiticeiro, o Dasyu sem prece.
10. Vem ao nosso lar decidido a matar o Dasyu; Kutsa[24] desejava ansiosamente ganhar tua amizade. Iguais em forma vocês dois sentaram-se na residência dele; a Senhora fiel[25] ficou em dúvida entre vocês.
11. Tu vens, desejoso de socorrê-lo, com Kutsa, – um aguilhão que domina ambos os cavalos do Deus do Vento, para que, segurando os cavalos marrons como despojos para captura, o sábio[26] possa estar presente no último dia.[27]

---

[16] De acordo com Sāyaṇa, *ṛjīṣī,* a palavra no texto, significa aceitante, ou bebedor, do suco Soma sem vigor, do Soma quando sua essência ou força desapareceu. O professor Ludwig segue Sāyaṇa.
[17] O Ṛṣi Uśanā ou Uśanas, também chamado Kāvya ou filho de Kavi, aparece no Veda como o amigo especial de Indra. Veja 1.51.10; 1.83.5; 1.117.12.
[18] O poderoso Indra.
[19] O sentido dessa linha não está claro. [Veja a acima a tradução por Wilson].
[20] *Dissipou, etc.:* ou, formou densa escuridão cegante para que os homens vissem claramente.
[21] Indra, o poderoso.
[22] Os Maruts.
[23] O cão de caça de Indra, que seguiu o rastro das vacas roubadas. Veja 1.62.3 e 1.72.8.
[24] Um Rājarṣi ou Ṛṣi real, mencionado frequentemente como o amigo predileto de Indra.
[25] Nem a esposa de Kutsa mal podia distinguir um do outro; ou, como Sāyaṇa explica, Indra levou Kutsa para sua própria casa onde Śacī, sua consorte, ficou incerta sobre qual dos dois era Indra.
[26] Kutsa.
[27] O dia decisivo da batalha.

12. Para Kutsa, com teus mil,[28] tu ao amanhecer derrubaste o ganancioso Śuṣṇa, inimigo da colheita.[29] Rapidamente com o amigo de Kutsa[30] destrói os Dasyus, e rola a roda do carro de Sūrya para perto de nós.[31]
13. Tu para o filho de Vidathin, Ṛjiśvan,[32] entregaste os poderosos Mṛgaya e Pipru.[33] Tu derrubaste os cinquenta mil escuros,[34] e despedaçaste fortalezas como a idade consome uma peça de roupa.
14. Quando tu te aproximas do Sol teu corpo,[35] tua forma, Imortal, é vista se expandindo; tu um elefante selvagem investido com poder, como um leão temível quando manejas tuas armas.
15. Desejos por riqueza foram para Indra, ansiando por ele em guerra por luz e em libação, ávidos por glória,[36] trabalhando com canções de louvor; ele é como o lar, como nutrição[37] doce e justa.
16. Chamemos para vocês aquele Indra, disposto a ouvir, ele que tem feito tanto para o benefício dos homens; que, Senhor de generosidade invejada, para um cantor como eu traz rapidamente saque digno de captura.
17. Quando a seta de ponta afiada, ó Herói, voa em meio a qualquer conflito do povo, Quando, Fiel, vem a batalha temível, então sê o Protetor do nosso corpo.
18. Fomenta os pensamentos santos de Vāmadeva; sê um Amigo sincero na luta por saque. Nós viemos a ti cuja providência nos protege; amplo seja o teu domínio eternamente para o teu cantor.
19. Ó Indra, com estes homens que te amam verdadeiramente, doadores profusos,[38] Maghavan, em toda batalha, que possamos nos regozijar por muitos outonos, subjugando nossos inimigos, como os dias subjugam as noites com esplendor.
20. Agora, como os Bhṛgus[39] fizeram um carro, para Indra o Forte, o Poderoso, nós moldamos nossa prece, para que ele jamais possa retirar de nós sua amizade, mas seja o guarda dos nossos corpos e forte defensor.
21. Agora, Indra! louvado, glorificado com louvores, que o poder cresça grandemente como rios para o cantor. Para ti um novo hino, Senhor dos Baios, está formado. Que nós, conduzidos em carros, através da canção sejamos sempre vitoriosos.

Índice ◄►Hino 17 (Griffith)

---

[28] Teus muitos seguidores.
[29] Ou Kuyava pode ser o nome de outro demônio ou inimigo bárbaro. Veja 1.104.3.
[30] O *amigo de Kutsa* é o raio, segundo Sāyaṇa.
[31] Traze de volta a luz do dia.
[32] Um príncipe mencionado antes como protegido por Indra. Veja 1.51.5.
[33] Demônios do ar.
[34] Rākṣasas negros, demônios, ou aborígenes hostis.
[35] Talvez, como sugere o professor Ludwig, uma explicação poética de um eclipse do sol.
[36] Uma transição de 'desejos' para 'desejadores' implícita nesse ponto.
[37] De acordo com Sāyaṇa, como Lakṣmī a Deusa da Prosperidade.
[38] Generosos instituidores de sacrifícios.
[39] De acordo com Sāyaṇa = carpinteiros esplêndidos; mas a referência deve ser à célebre família sacerdotal, e 'carro' pode ser usado metaforicamente para o hino que chega aos Deuses rapidamente.

Hino 17. Indra (Wilson)

(Sūkta VII)

O deus e o Ṛṣi como antes; a métrica também é a mesma, exceto no décimo quinto verso, no qual ela é Virāṭ.[1]

Varga 21. **1**. Tu, Indra, és poderoso; a vasta terra admite para ti (a tua) força, como o faz o céu; tu mataste Vṛtra pelo teu vigor, tu libertaste os rios presos por Ahi.

2. No nascimento de ti que és resplandecente, tremeu o céu (e) tremeu a terra por do medo da tua ira; as nuvens poderosas estavam confinadas; elas destruíram (o sofrimento da seca), espalhando as águas nos lugares secos.

3. O subjugador de inimigos, manifestando sua energia e lançando seu raio, despedaçou a montanha por sua força; ele matou Vṛtra com o raio, exultante, e as águas cujo obstrutor foi destruído avançaram com rapidez.

4. O Céu, teu progenitor, concebeu (eu obtive) um filho digno;[2] o criador de Indra foi o realizador de uma obra muitíssimo excelente; ele que gerou o adorável (Indra), armado com o raio, irremovível de sua posição, e dotado de grandeza.

5. Todos os homens, louvando a munificência do divino Maghavan, realmente glorificam a ele que sozinho derruba muitos, Indra, o rei dos homens, o adorado por muitos.

Varga 22. **6**. Realmente todas as libações são dele, os goles inebriantes são de fato os mais entusiasmantes para o poderoso Indra; realmente tu és o senhor da riqueza, de (todos os tipos de tesouros); tu, Indra, sustentas todas as pessoas pela doação (de riquezas).

7.[3] (Nós louvamos) o matador de muitos inimigos, o corajoso, o derrotador (de inimigos), o grandioso, o ilimitado, o derramador (de benefícios), o manejador do raio brilhante, ele que é o destruidor de Vṛtra, distribuidor de alimentos, o dador de prosperidade, Maghavan o possuidor de riquezas.

9. Este Maghavan, que destrói exércitos reunidos, é aquele que é renomado como o principal em batalhas; ele traz o alimento que ele concede (ao adorador); que nós sejamos prezados em sua amizade.

10. Este (Indra), é famoso, seja conquistando ou matando (seus inimigos), ou se em conflito ele recupera o gado; quando Indra verdadeiramente nutre raiva, tudo o que é estacionário ou móvel o teme.

Varga 23. **11**. Indra, o senhor da opulência, que derrotou muitos (inimigos), ganhou completamente o gado (deles), (seu) ouro, (seus) cavalos; o principal líder por suas energias, louvado por estes seus adoradores, ele é o distribuidor de riquezas, o concessor de riqueza.

12. Uma parte (de sua força) Indra deriva de sua mãe, uma parte de seu pai; ele que, embora seu progenitor,[4] gerou (o mundo), e anima seu vigor repetidamente, como o vento é impelido por nuvens trovejantes.[5]

13. Tu és o Maghavan que torna um homem desamparado, outro próspero, que (dispersa de seu adorador) a poeira acumulada (do pecado), o destruidor (de inimigos), como o céu com o raio, Maghavan conduz seu adorador à riqueza.

---

[1] [Ekapadā virāj].

[2] *Suvīras te janitā manyata dyauh:* o comentador traduz *dyau* por *dyotamāna*, e considera que *janitā* implica Prajāpati.

[3] [Esse verso equivale ao oitavo da versão abaixo, o conteúdo do verso 7 daquela versão estando ausente nessa, o número 8 estando ausente nesse texto].

[4] Prajāpati, novamente, segundo o escoliasta.

[5] O símile é, no entanto, aplicado a Indra pelo comentador em outro sentido; como o vento é impelido por nuvens de trovão, assim Indra é influenciado pelos hinos dos adoradores.

14. Ele lançou a roda (do carro) do sol, e parou Etaśa que saía para (a batalha);[6] a nuvem escura ondulante o orvalha, (permanecendo) na base do brilho nas regiões de suas águas;[7]
15. Como o sacrificador (derrama a oblação) à noite sobre o fogo.[8]
Varga 24. **16**. Que nós (que) desejamos gado, cavalos, alimentos, esposas, possamos através de sua amizade induzir Indra, o derramador (de benefícios), o dador de esposas, o incansável concessor de proteção, a descer, como um balde (é baixado) em um poço.
17. Sê nosso preservador, tu que estás olhando (benevolentemente para) todos; um parente (para nós); um supervisor (de todas as coisas), um concessor de felicidade àqueles que são dignos (de oferecer) libações; um amigo, um protetor, um defensor no mais alto grau entre os defensores, um criador; (sê tu, que concedes) o mundo do céu àquele que o deseja, o doador de alimentos para nós.
18. Considera-te um protetor daqueles que desejam tua amizade; sê um amigo digno de encômio; dá, Indra, alimento a quem (te) louva; sofrendo dificuldades, nós fazemos nossas súplicas a ti, adorando-te com esses ritos sagrados.
19. Quando Indra, o possuidor de opulência, é glorificado, ele destrói sozinho muitos inimigos obstinados; é querido para ele o adorador (que confia) em sua proteção, e nem os deuses nem os homens o perturbam.
20. Indra o de muitas vozes, o possuidor de opulência, o sustentador dos homens, o irresistível, nos dá, quando louvado por nós, (recompensas) garantidas; tu, (Indra), és o rei dos homens; dá-nos abundantemente aquela grande fama que (é devida) ao (teu) adorador.
21. Glorificado (no passado), glorificado, Indra, no presente, satisfaze teu adorador com alimento, como rios (são enchidos com água); Senhor dos Cavalos, um novo hino foi feito para ti; que nós, possuidores de carruagens, sejamos sempre diligentes em (teu) louvor.[9]

Índice ◄►Hino 18 (Wilson)

---

[6] Veja 1.61.15 e 2.19.5.
[7] No *antarikṣa*, ou firmamento.
[8] A estrofe consiste em apenas um pāda, e considera-se que ela se refere à anterior.
[9] O mesmo que o último verso do Sūkta anterior. [Exceto pela troca de *deleitados* por *diligentes*].

Hino 17. Indra (Griffith)

1. Grandioso és Tu, Indra; sim, a terra, com alegria, e o céu admitem para ti o teu grande domínio. Tu em teu vigor tendo matado Vṛtra libertaste as torrentes presas pelo Dragão.[10]
2. O Céu tremeu ao nascimento do teu resplendor; a Terra tremeu por medo do teu desagrado. As montanhas firmes tremeram em agitação, as águas fluíram, e lugares desertos foram inundados.
3. Lançando seu raio com força ele partiu a montanha, enquanto, aplicando sua força, ele mostrava seu vigor. Ele matou Vṛtra com seu raio, exultante, e, seu senhor morto, as águas fluíram adiante rapidamente.
4. Teu Pai Dyaus considerou-se um herói;[11] a mais nobre foi a obra do Criador de Indra; dele que gerou o forte Senhor do Raio que ruge, inamovível como a terra de sua fundação.
5. Ele que sozinho derruba o mundo das criaturas, Indra o Rei dos povos, invocado por muitos – realmente todos se regozijam nele, exaltando[12] as bênçãos que Maghavan o Deus lhes enviou.
6. Todos os sucos Soma são dele para sempre, as doses mais alegradoras são sempre dele, o Poderoso, tu sempre foste o Senhor do Tesouro dos tesouros; Indra, tu deixas todo o povo compartilhar da tua generosidade.
7. Além disso, quando tu nasceste primeiro, ó Indra, tu infundiste terror em todas as pessoas. Tu, Maghavan, despedaçaste com teu raio o Dragão que jazia contra as torrentes de água do céu.
8. O que sempre mata, ousado e furioso Indra,[13] o Senhor do raio brilhante, infinito, forte e poderoso, que mata Vṛtra e obtém saque, dador de bênçãos, Maghavan o generoso;
9. Sozinho famoso como Maghavan em batalhas, ele afugenta exércitos reunidos. Ele nos traz o saque que ele ganha; que nós, bem-amados, continuemos em sua amizade.
10. Renomado é ele quando conquistando e quando matando; é ele que ganha gado no combate. Quando Indra endurece sua indignação tudo o que é fixo e tudo o que se move o teme.
11. Indra ganhou todas as vacas, todo o ouro, todos os cavalos, – Maghavan, aquele que quebra fortalezas em pedaços;[14] o mais valoroso com esses homens[15] dele que o ajudam, distribuindo riqueza e recolhendo o tesouro.
12. Qual é a preocupação de Indra com sua mãe, o que ele se importa com o Pai que o gerou? Sua preocupação é[16] aquele que acelera a força dele em conflitos, como o vento levado adiante pelas nuvens que trovejam.
13. Maghavan torna inquieto o homem tranquilo; ele espalha a poeira[17] que ele acumulou, quebrando em pedaços como o Céu armado com o raio; Maghavan enriquecerá o homem que o louva.

---

[10] Ahi, o demônio-serpente que impede a chuva de cair.
[11] Como sendo o pai de tal filho.
[12] Eu sigo o professor Wilson em tomar *ghṛṇatáḥ* como um nominativo plural, uma forma mais leve para *ghṛṇantáḥ.* De outro modo seria difícil dar sentido à segunda linha.
[13] *Indra:* nessa estrofe está no caso acusativo sem um sujeito ou um verbo regente. Sāyaṇa supre *vayam stotāraḥ stumeti,* 'nós cantores louvamos'.
[14] Como parece impossível dar algum sentido a *pūrvīḥ*, eu adotei a conjetura do professor Grassmann, que é aceita um tanto relutantemente pelo professor Ludwig, e li *pūrbhíd* em vez da palavra no texto. Sāyaṇa supre 'exércitos de inimigos'.
[15] Que cantam seus louvores e assim aumentam a força dele.
[16] Não há palavras correspondentes no texto, mas é necessário suprir algo do tipo. O significado é, Indra é independente de, e não se importa com, seus pais, mas ele se importa com seu querido aliado o raio.
[17] Causa comoção e mantém o mundo em um estado de agitação.

14. Ele impeliu adiante a roda da carruagem de Sūrya; para Etaśa, acelerando em seu caminho, ele deu descanso. A nuvem preta ondulante o orvalha, na profundeza desse meio do ar, na base da escuridão,[18]
15. Como à noite o sacerdote sacrificante.[19]
16. Ávidos por saque, almejando força e cavalos, nós cantores incitamos Indra, o forte, por amizade, que dá as esposas que buscamos,[20] cujo socorro não falha, a acelerar, como um jarro para a fonte.
17. Sê nosso guardião, mostra-te nosso parente, vigiando e abençoando aqueles que despejam o Soma; como Amigo, como Senhor, o mais paternal dos pais, dando força vital e liberdade ao suplicante.
18. Sê o Amigo auxiliador daqueles que buscam a tua amizade; dá vida, quando louvado, Indra, para o cantor. Pois, Indra, nós os sacerdotes prestamos culto a ti, exaltando-te com esses nossos sacrifícios.
19. Sozinho, quando Indra Maghavan é louvado, ele mata muitos Vṛtras nunca resistidos. Deuses ou mortais nunca impedem ou atrapalham a ele sob cuja guarda está o cantor bem-amado.
20. Assim que Maghavan, Indra de voz alta, nos dê bênçãos verdadeiras, sem inimigos, defensor dos homens. Rei de todas as criaturas, dá-nos glória amplamente, glória exaltada devida àquele que te louva.
21. Agora, Indra! louvado, glorificado com louvores, que o poder cresça grandemente como rios para o cantor. Para ti um novo hino, Senhor dos Baios! está formado. Que nós, conduzidos em carros, através da canção sejamos sempre vitoriosos.

Índice ◄►Hino 18 (Griffith)

---

[18] Essa estrofe difícil parece se referir a um eclipse do Sol. Indra estava incitando adiante a carruagem do Sol quando subitamente ele descansou ou parou Etaśa o cavalo que a puxava, e o lançou de volta na nuvem preta úmida da escuridão da noite. Veja 1.121.13, [nota 31], e A. Kuhn, *Mythologische Studien,* 1. pp. 58-60.
[19] *O sacerdote sacrificante:* deixa o fogo brilhar, subentendido. Sāyaṇa explica, 'como o sacrificador asperge Soma sobre o sacerdote invocador Agni', tomando *hótā*, um caso nominativo, como *hótāram,* um acusativo. O professor Grassmann pensa que o único pāda era originalmente um comentário sobre a estrofe anterior.
[20] Talvez se referindo, como observa o professor Ludwig, ao sequestro à força de mulheres depois de uma vitória.

Hino 18. Indra e Outros (Wilson)

(Sūkta VIII)

Indra, Aditi, e Vāmadeva são os deuses e os Ṛṣi do Sūkta, pois ele consiste em um diálogo entre eles; a métrica é Triṣṭubh.

Varga 25. **1**. *Indra fala:* Esse é o caminho antigo e reconhecido pelo qual todos os deuses nascem; assim, quando desenvolvido, que ele nasça da mesma maneira; que ele não cause a perda desta sua mãe.[1]
2. *Vāmadeva fala:* Não me deixes sair por esse caminho, pois ele é (de saída) difícil; deixa-me sair obliquamente do lado; muitos atos não executados por outros devem ser realizados por mim; deixa-me lutar (em guerra) com um (inimigo), em contenda com um oponente.
3. Ele, (Indra), afirmou (que isso irá) causar a morte de minha mãe; não me deixes proceder pelo caminho usual, mas avançar rapidamente, de acordo com (a minha vontade); na casa de Tvaṣṭṛ Indra bebeu o Soma precioso dos recipientes dos ofertantes.[2]
4. *Aditi fala:* Que ato irregular ele cometeu a quem (eu, sua mãe,) carreguei por mil meses e por muitos anos? Não há analogia entre ele e aqueles que foram ou serão nascidos.[3]
5. Considerando vergonhoso (que ele nascesse) em segredo,[4] sua mãe dotou (Indra) com vigor (extraordinário); portanto, assim que nasceu ele se desenvolveu por sua própria vontade, envolvido com esplendor, e encheu o céu e a terra.
Varga 26. **6**. Estes (rios) fluem murmurando como se, estando cheios de água, eles estivessem proferindo sons (de alegria); pergunta a eles o que é isso que eles dizem;[5] qual é a nuvem abrangente que as águas rompem?
7. O que as canções sagradas expiatórias declaram para mim?[6] as águas recebem a vergonha de Indra; meu filho matou Vṛtra com o raio poderoso; ele libertou aqueles rios.
8. *Vamadeva fala:*[7] Exultante, a jovem mãe te deu à luz; exultante, Kuṣavā te engoliu;[8] exultantes, as águas deram deleite ao menino; Indra, exultante, ergue-se por sua força.
9. Vyaṁsa,[9] exultando e desferindo (duros golpes), te atingiu, Maghavan, na mandíbula; ao que, sendo assim golpeado, tu provaste ser o mais forte, e esmagaste a cabeça do escravo com o raio.

---

[1] Segundo a lenda relatada por Sāyaṇa, o Ṛṣi, Vāmadeva, enquanto ainda no útero, estava relutante em nascer da maneira usual, e resolveu vir ao mundo através do lado de sua mãe; ciente de seu propósito, a mãe orou para Aditi, que então veio, com seu filho Indra, para discutir com o Ṛṣi; esse é o assunto do Sūkta, [veja a nota 14]; a parte interessante dessa história absurda é a sua conformidade com o nascimento de Śākya, de acordo com os budistas, que podem, talvez, ter emprestado a noção do Veda.
[2] Aqui, Sāyaṇa observa, Vāmadeva defende a sua própria obstinação pelo exemplo de Indra, que chegou à casa de Tvaṣṭṛ sem ser convidado, e, bebeu à força o Soma preparado para outros deuses.
[3] Aditi defende seu filho sob a alegação de que, como seu período de gestação foi extraordinário, as ações dele não devem ser comparadas com aquelas de quaisquer outros.
[4] Na privacidade do quarto de repouso, indigno de tão grande divindade.
[5] Ou seja, eles estão proclamando a grandeza de Indra, pelo qual, e não por seus próprios esforços, eles foram libertados da nuvem.
[6] *Kimu ṣvid asmai nivido bhananti;* as *Nivids* são certos versos repetidos em alguns sacrifícios para Indra e os Maruts em sua honra, e são equivalentes a uma absolvição da acusação imputada a Indra, e aqui prevista por Aditi, de brahmanicídio, Vṛtra sendo um brâmane; o crime foi transferido para as águas na forma de espuma; essas explicações são um pouco, talvez, derivadas dos incrementos purânicos das lendas originais, imperfeitamente transmitidas.
[7] O resto do Sūkta é do Ṛṣi em louvor a Indra.
[8] O comentador diz uma Rākṣasī, a quem Indra, embora a princípio engolido por ela, expulsou do quarto de repouso.
[9] O nome de um Rākṣasa que também tentou destruir o infante Indra.

10. Como uma novilha tem um bezerro, sua mãe, (Aditi), teve Indra, maduro (em anos), forte, irresistível, vigoroso, enérgico, invencível, (destinado) a seguir seu próprio caminho, atento a si mesmo.
11. Sua mãe perguntou ao poderoso Indra, essas divindades te abandonaram, meu filho? Indra então disse: Viṣṇu, meu amigo, (se tu) pretendes matar Vṛtra, aplica a tua maior destreza.
12. Quem fez da tua mãe uma viúva? Quem procurou matar o adormecido e o caminhante? Qual deus foi mais bondoso do que tu, visto que tu mataste o pai, tendo-o agarrado pelo pé?[10]
13. Na extrema miséria eu cozinhei as entranhas de um cão;[11] eu não encontrei um confortador entre os deuses; eu vi minha esposa desrespeitada; então o falcão,[12] (Indra), me trouxe água doce.

Índice ◄►Hino 19 (Wilson)

Hino 18. Indra e Outros (Griffith)[13]

1. Este é o caminho antigo e aceito pelo qual todos os Deuses vieram à existência. Por esse meio alguém poderia nascer embora tornado poderoso. Que ele não, de outra forma, destrua sua Mãe.[14]
2.[15] Eu não sairei dessa forma; difícil é a passagem. Eu sairei do lado obliquamente. Muito do que ainda não foi feito eu realizarei; um[16] eu devo combater e o outro[17] questionar.
3. Ele dirigiu seu olhar para sua Mãe moribunda; Minha palavra agora eu retiro. Eu sigo aquele caminho.[18] Na residência de Tvaṣṭar Indra bebeu o Soma, o suco que vale cem espremido do almofariz.
4.[19] Que ato estranho ele fará, ele a quem sua Mãe carregou por mil meses e muitos outonos? Ele não tem igual entre aqueles já nascidos, nem entre aqueles que nascerão futuramente.
5. Considerando-o uma vergonha,[20] sua mãe o escondeu, Indra, dotado de toda bravura heroica. Então ele próprio se desenvolveu, assumiu seu traje, e preencheu, assim que nasceu, a terra e o céu.

---

[10] *Yat prākṣiṇāḥ pitaram pādaghṛhya:* os detalhes desse incidente não são relatados por Sāyaṇa, que se contenta em dizer que as alusões são explicadas variadamente pelos *Taittīriyakas* – *Taittirīya Saṁhitā,* VI. I. III. 6.
[11] Assim *Manu* tem: Vāmadeva, que sabia bem o certo e o errado, não foi de modo algum tornado impuro, embora desejoso, quando oprimido pela fome, de comer a carne de cães para a preservação de sua vida, X. 106; *icchan attum,* querendo comer, pode ser considerado duvidoso, mas o texto aqui afirma *śuna āntrāṇi pece,* eu cozinhei as entranhas de um cão.
[12] Isto é, veloz como um falcão.
[13] É dito que Indra, Aditi e Vāmadeva são os Ṛṣis ou videntes assim como os deuses do hino, porque ele consiste de conversa na qual todos tomam parte. O hino parece ser composto de fragmentos um tanto incoerentes, e os comentadores não parecem ter sido bem sucedidos em sua distribuição das estrofes aos respectivos oradores.
[14] O principal assunto é o nascimento e infância de Indra. Ele se recusa a nascer do modo usual e insiste em vir ao mundo de outra maneira. O orador – Vyaṁsa seu pai, Aditi sua mãe, ou algum outro – o dissuade, eventualmente, ao que parece, com sucesso (estrofe 3). Os comentadores erroneamente tomaram a estrofe como referente ao nascimento de Vāmadeva.
[15] Indra, ainda não nascido, é o orador.
[16] Talvez Vṛtra.
[17] Talvez Viṣṇu, a quem ele se dirige na estrofe 11.
[18] Indra, que mudou de ideia, fala a segunda metade da primeira linha.
[19] Não está claro quem é o orador. [Veja a nota 3].

6. Com movimento intenso fluem adiante essas águas, as Sagradas, gritando, por assim dizer, juntas. Pede-lhes que te contem o que as torrentes estão dizendo, qual rocha circundante[21] as águas arrebentaram.
7. Elas estão se dirigindo a ele com palavras de boas-vindas?[22] As torrentes tomarão sobre si a vergonha de Indra?[23] Com seu grande raio meu Filho matou Vṛtra, e libertou esses rios para serpentear.
8. Eu te dou à luz de mim, meu,[24] – tua jovem mãe; a ti, minha própria prole, Kuṣavā[25] engoliu. Para ele, meu bebê, as águas foram bondosas. Indra, meu filho, ergueu-se em vigor conquistador.
9. Tu és meu, ó Maghavan, a quem Vyaṁsa atirou ao chão e quebrou tuas mandíbulas em pedaços. Mas, embora atingido, tu ganhaste o domínio, e com teu raio tu esmagaste a cabeça do Dāsa.
10. A Novilha[26] deu à luz o Forte, o Poderoso, o Touro indomável, o furioso Indra. A mãe deixou seu Bezerro não lambido vagar, buscando, ele mesmo, o caminho que iria seguir.
11. Então para seu Filho poderoso a Mãe se voltou, dizendo: Meu filho, essas Divindades te abandonaram. Então Indra disse, prestes a matar Vṛtra, ó meu amigo Viṣṇu, avança totalmente corajosamente.[27]
12. Quem foi aquele então que tornou tua Mãe viúva? Quem procurou te matar deitado imóvel ou em movimento? Qual Deus, quando tu pegaste teu Pai pelo pé e mataste, estava perto para te confortar?[28]
13. Em profunda aflição eu cozinhei os intestinos de um cão. Entre os Deuses eu não encontrei um para conforto. Minha consorte eu vi em degradação. O Falcão então me trouxe o agradável Soma.[29]

Índice ◄►Hino 19 (Griffith)

---

[20] Ou porque ele parecia ser fraco, ou porque, como diz Sāyaṇa, ele nasceu em um aposento em privacidade indigna de um Deus tão grandioso.
[21] Uma alusão à prisão de nuvem densa da qual Indra libertou as águas.
[22] *Nivids,* frases ou fórmulas curtas inseridas em uma liturgia e contendo epítetos ou invocações curtas aos Deuses.
[23] Sua culpa imaginária incorrida por matar Vṛtra. Veja 1.32.14.
[24] Sāyaṇa explica *mámat* como 'exultante'. O professor Roth, a quem o professor Grassmann e os tradutores de *Siebenzig Lieder* [*Setenta Canções* do Rigveda] seguem, a traduz por agora – agora. Eu tenho preferido a interpretação do professor Ludwig, originalmente devida a Benfey, e considerado a palavra como outra forma de *máma*. A palavra é importante porque expressa o reconhecimento de Aditi de Indra como filho dela.
[25] De acordo com Sāyaṇa, uma Rākṣasī ou demônia que engoliu Indra quando ele nasceu; de acordo com [Rudolf] von Roth, o nome de um rio.
[26] Aditi, a jovem mãe de Indra.
[27] Isto é, ajuda-me em minha batalha com Vṛtra. O professor Grassmann e os tradutores de *Siebenzig Lieder* traduzem a passagem de modo diferente: Ó Viṣṇu, 'te afasta', ou 'sai do caminho', e deixa-me vencer Vṛtra sem tua ajuda.
[28] Essa parece ser a resposta de Viṣṇu. Por que tu me pedes para ajudar-te agora? Tu não mataste o teu próprio pai, teu pai que procurou te matar quando ainda não nascido e quando vindo a nascer? Vyaṁsa parece ser o pai a quem Indra matou (estrofe 9). Sāyaṇa apenas diz que as alusões são explicadas de modo variado pelos seguidores da escola Taittirīya do Yajurveda.
[29] Essa parece ser a justificação de Vāmadeva por ter em sua maior necessidade cozinhado e comido, ou desejado comer, carne impura. [Veja a nota 11]. De acordo com Ludwig, Bergaigne, e Hillebrandt, a estrofe é falada por Indra. *O Falcão:* aludindo ao modo no qual o Soma foi trazido primeiramente do céu. Sāyaṇa o explica como 'Indra vindo rapidamente como um falcão'.

Hino 19. Indra (Wilson)

(Adhyāya 6. Continuação do Anuvāka 2. (Sūkta IX)

O deus é Indra; o Ṛṣi Vāmadeva; a métrica Triṣṭubh.

Varga 1. **1**. Indra, manejador do raio, todas as divindades protetoras que são invocadas com reverência, e ambos, o céu e a terra, glorificam a ti que és realmente um só, poderoso, vasto e de aspecto agradável, para a destruição de Vṛtra.
2. Como os mais velhos (enviam seus jovens), assim os deuses te enviaram (contra Vṛtra); daí tu te tornaste, Indra que és a morada da verdade, o soberano do mundo; tu mataste o adormecido Ahi para (a libertação) da água, e delimitaste (os leitos d)os rios que deleitam a todos.
3. No dia da lua cheia[1] tu mataste com o raio o insaciável, privado de força, ignorante, não apreensivo, adormecido Ahi, que obstruía os (rios) correntes que deslizam para baixo.
4. Indra, por sua força, agitou o firmamento exausto, como o vento, por suas (rajadas) violentas (agita) a água; exultante com sua força, ele dividiu as sólidas (nuvens) e quebrou os picos das montanhas.
5. Os Maruts se apressaram em direção a ti como mães para suas crias; como carros eles aceleraram junto (contigo); tu, Indra, satisfizeste as correntes que fluem; tu despedaçaste as nuvens; tu libertaste os rios obstruídos.
Varga 2. **6**. Tu tornaste a vasta terra, exuberante, e que nutre a todos, muito satisfeita com alimento (abundante), e água trêmula, por (causa de) Turvīti e Vayya;[2] tu tornaste os rios fáceis de serem atravessados.
7. Indra encheu os rios jovens, os pais da abundância, os que corroem (suas margens), como exércitos destrutivos (de seus inimigos); ele inundou as terras secas, e (satisfez) os viajantes sedentos; ele ordenhou as vacas estéreis das quais os Asuras tinham se tornado os senhores.[3]
8. Tendo matado Vṛtra, ele libertou muitas manhãs e anos (que tinham sido) engolidos pelas trevas, e libertou os rios; Indra soltou os rios aprisionados, cercados (pela nuvem), para fluir sobre a terra.
9. Senhor dos cavalos, tu trouxeste o filho de Agrū[4] de sua residência, onde ele estava sendo devorado pelas formigas;[5] quando liberto, embora cego, ele distinguiu a serpente,[6] e quando ele saiu as juntas que haviam sido rompidas no formigueiro foram religadas.[7]
10. O sábio, (Vāmadeva), conhecendo, nobre Indra, os antigos feitos de Ti que és onisciente, tem proclamado as ações, assim como tu as realizaste, geradoras de chuva, autodesenvolvidas, e benéficas para o homem.
11. Glorificado (no passado), glorificado, Indra, no presente, satisfaze teu adorador com alimento, como rios (são enchidos com água); Senhor dos Cavalos, um novo hino foi

[1] *Aparvan* é a expressão do texto, explicada como *paurṇamāsyām*.
[2] Veja 1.54.6 e 1.61.11.
[3] Isto é, ele removeu a esterilidade ocasionada pela dor da separação por resgatar o gado levado pelo Paṇi.
[4] O comentador compreende apenas uma determinada mulher. [*agrū*=virgem; *agru*=não casada – *spokensanskrit.de].*
[5] *Vamrībhir-adānaṃ, upajihvikābhir-adyamānam;* Sāyaṇa evidentemente entende por *upājīhvikā* a formiga branca, porque ele explica, *niveśanāt, valmīkākhyāt sthānāt: valmīka* é o termo familiar para um montículo levantado pelo inseto.
[6] A presença de uma cobra em um formigueiro ainda é uma noção popular.
[7] A fraseologia é parcialmente duvidosa. Sāyaṇa interpreta: as juntas que tinham sido afrouxadas ou corroídas pelos insetos da *ukhā* [caldeira], ou formigueiro, foram reunidas por Indra.

feito para ti; que nós, possuidores de carruagens, sejamos sempre diligentes em (teu) louvor.[8]

Índice ◄►Hino 20 (Wilson)

Hino 19. Indra (Griffith)

1. A ti, realmente, ó Indra Manejador do Trovão, todos os Deuses aqui, os Auxiliadores prontos a ouvir, e ambos os mundos elegem, a ti o Poderoso, Alto, tornado forte, único para matar Vṛtra.
2. Os Deuses, tão fatigados pela velhice, relaxaram seus esforços;[9] tu, Indra, nascido da verdade, eras Governante Soberano. Tu mataste Ahi que cercava as águas, e cavaste seus canais que sustentam a todos.
3. O insaciável, estendido, difícil de acordar, que dormia em sono perpétuo, ó Indra, – o Dragão esticado contra os sete rios inclinados, onde não havia junta,[10] tu despedaçaste com teu trovão.
4. Indra com poder sacudiu a terra e sua fundação como o vento agita a água com sua fúria. Esforçando-se, com força ele estourou o firme em pedaços, e arrancou os cumes das montanhas.
5. Elas correram para ti como mães para seus filhos; as nuvens,[11] como carros, avançaram juntas. Tu reabasteceste os rios e forçaste as ondas; tu, Indra, libertas rios obstruídos.
6. Tu por causa de Vayya e Turvīti[12] paraste a grande correnteza, fluente, que sustenta a todos; sim, a pedido deles tu detiveste o rio corrente e tornaste as torrentes fáceis de atravessar, Indra.
7. Ele deixou as jovens Donzelas hábeis em Lei,[13] não desposadas, como fontes, borbulhantes, fluir correndo para diante. Ele inundou planícies sedentas e desertos, e ordenhou as Vacas secas[14] do mestre poderoso.
8. Por muitas manhãs e muitos outonos belos, tendo matado Vṛtra, ele libertou os rios. Indra pôs em liberdade para vagar sobre a terra os rios cercados, pressionados juntos.
9. Senhor dos Cavalos Baios, tu trouxeste do formigueiro o filho da moça não casada[15] a quem formigas estavam comendo. O cego viu claramente, já que ele agarrou a serpente, ergueu-se, quebrou o jarro;[16] suas juntas novamente unidas.
10. Para o homem inteligente, ó Governante Sábio e Soberano, o homem que conhece todas as tuas façanhas antigas tem contado esses atos de força como tu os fizeste, atos grandiosos, espontâneos, e para o benefício do homem.

---

[8] Igual ao 4.17.21.
[9] Ou abdicaram de suas funções como protetores e transferiram para Indra o dever de matar o opressor Vṛtra.
[10] Que teria facilitado o desmembramento dele.
[11] De acordo com Sāyaṇa, *ádrayaḥ*, montanhas ou nuvens, aqui significa os Maruts.
[12] Turvīti foi mencionado frequentemente no Livro 1, como tendo sido protegido por Indra, e é dito que Vayya era seu pai e companheiro. Veja 1.54.6 e 2.13.12.
[13] Os rios que conhecem e seguem a lei de sua existência, a Ordem do universo.
[14] Ele tirou chuva das nuvens que tinham até agora sido impedidas por seu mestre poderoso Vṛtra de entregar seus estoques.
[15] Sāyaṇa diz que Agrū (solteira) era uma mulher desse nome, cujo filho estava escondido em um formigueiro, de onde Indra o resgatou, devolveu sua visão, e reuniu suas juntas quebradas.
[16] Rompeu o formigueiro no qual ele estava confinado. O professor Ludwig pensa que o filho da donzela não casada é o relâmpago que irrompe da nuvem pai. A passagem é obscura.

11. Agora, Indra! louvado, glorificado com louvores, que os poderes aumentem, como rios, para o cantor. Para ti um novo hino, Senhor dos Baios! está formado. Que nós, conduzidos em carros, pela canção sejamos sempre vitoriosos.

Índice ◄►Hino 20 (Griffith)

Hino 20. Indra (Wilson)

(Sūkta X)

O deus, o Ṛṣi e a métrica como antes.

Varga 3. **1**. Que o ilustre Indra, o concessor de desejos, venha a nós, seja de longe ou de perto, para nossa proteção; ele que é o senhor dos homens, armado com o raio, derrotando seus inimigos em conflito e em combate, (acompanhado) pelos mais ilustres (Maruts).

2. Que Indra, olhando para baixo para nós, venha com seus corcéis à nossa presença para nossa proteção e enriquecimento; que o poderoso que faz trovejar, o possuidor de riqueza, (ajudando-nos) em batalha, esteja presente neste nosso sacrifício.[1]

3. Tu, Indra, colocando-nos diante de ti, receberás esse sacrifício, nossa oferenda sagrada; e como o caçador (mata sua caça), que nós, teus adoradores, portador do raio, para a aquisição de riquezas por meio de ti, sejamos vitoriosos em batalha.

4. Indra, o dador de alimento, está[2] perto de nós, disposto favoravelmente; e, ansioso pelo nosso (bem), bebe do Soma derramado, preparado, alegrador, e fica satisfeito com o alimento (sacrifical oferecido) com o hino do meio-dia.

5. Como um homem se gabando de sua esposa, eu glorifico aquele Indra que é invocado por muitos, que é cantado por sábios modernos, (que é) como uma árvore com frutos maduros, como um (guerreiro) vitorioso, hábil em armas.

Varga 4. **6**. Ele que é vasto e auto-sustentado como uma montanha, o radiante e formidável Indra, nascido antigamente para a destruição (dos inimigos dos deuses), o manejador do raio antigo, carregado de esplendor, como um jarro (cheio) de água.

7. De quem não há opositor por (motivo de) seu nascimento, nem algum destruidor da riqueza que realiza (obras piedosas); poderoso e resplandecente (Indra), o invocado por muitos, concede-nos, tu que és o derramador (de benefícios), riquezas.

8. Tu governas as riquezas e as residências dos homens; tu és o salvador do rebanho de gado; tu és o que dá instrução, o castigador em batalhas, e o distribuidor de grandes pilhas de riquezas.

9. Por qual sabedoria ele que é o mais sábio é renomado? por aquela com a qual o poderoso Indra repetidamente faz (coisas grandiosas); ele é o eliminador especial dos vários pecados do adorador, e dá riqueza ao seu adorador.

10. Não nos prejudiques, mas cuida de nós, Indra; dá-nos aquela riqueza abundante que é tua para dar ao doador (da oblação); louvando-te, nós te celebramos nesse rito sagrado, que é novo e excelente, e (no qual a oblação) é adequada para ser apresentada.

---

[1] *[Śukla] Yajur-Veda,* XX. 48,49; no primeiro Mahīdhara supre *balaih* em vez de *marudbhih* como substituto para *ojiṣṭhebhih;* e no segundo traduz *vājasātau,* para conferir alimentos.

[2] [Essa estrofe é falada para Indra, o verbo está no imperativo].

11.[3] Glorificado (no passado), glorificado, Indra, no presente, satisfaze teu adorador com alimento, como rios (são enchidos com água); senhor dos cavalos, um novo hino foi feito para ti; que nós, possuidores de carruagens, sejamos sempre diligentes em (teu) louvor.

Índice ◄►Hino 21 (Wilson)

Hino 20. Indra (Griffith)

1. De perto ou de longe que o poderoso Indra, o que dá auxílio, venha para nossa proteção, Senhor dos homens, armado com trovão, com Os Mais Fortes,[4] matando seus inimigos em conflito, nas batalhas.
2. Que Indra venha a nós com Corcéis Fulvos, inclinado para nós, para nos favorecer e enriquecer. Que Maghavan, de voz alta e manejando o trovão, fique ao nosso lado nesse sacrifício, em combate.
3. Tu, honrando esse nosso sacrifício, ó Indra, nos darás força e nos encherás de coragem. Para ganhar o saque, Armado com o Trovão! como caçadores que possamos contigo subjugar em luta os nossos inimigos.
4. Amando-nos bem, benevolente, perto ao nosso lado, bebe, Divino Indra, do Soma bem espremido. Bebe do Hidromel que oferecemos, e deleita-te com o alimento que vem dos cumes das montanhas.[5]
5. Ele que é cantado alto por sábios modernos, como uma árvore com frutos maduros, um vitorioso armado de foice,[6] – eu, como um noivo pensando em sua consorte, chamo para cá Indra, a ele invocado por muitos;
6. Ele que em força inerente é como uma montanha, o imponente Indra nascido antigamente para conquista, terrificante manejador do trovão antigo,[7] repleto de esplendor como um jarro com água.
7. A quem desde os tempos antigos não há ninguém para impedir, ninguém para reduzir as riquezas de sua generosidade. Derramando livremente, ó tu Forte e Poderoso, concede-nos riquezas, Deus invocado por muitos!
8. Da prosperidade e lares dos homens tu és o soberano, e abridor do estábulo de gado. Auxiliador dos homens, ganhador de saque em combates, tu conduzes para uma ampla pilha de riquezas.
9. Por qual grande poder ele é renomado como o mais forte, com o qual o Sublime incita batalhas selvagens? Melhor aliviador da grande tristeza do adorador, ele dá posses para o homem que o louva.

---

[3] 4.17.21.
[4] Os mais poderosos Maruts.
[5] Onde se dizia que a Soma crescia especialmente. De acordo com a interpretação de Sāyaṇa, a tradução seria, 'com o alimento trazido a ti com o hino do meio-dia'. *Pṛṣṭha* significa 'dorso, ou cume alto' e 'um hino usado na oblação do meio-dia', e o significado do adjetivo *pṛṣṭhya* é similarmente ambíguo.
[6] O significado é incerto. Sāyaṇa explica *sṛṇyaḥ* como 'armado com um gancho ou foice', 'habilidoso no uso de armas'. O professor Ludwig traduz 'como um gancho que segura'. O professor Aufrecht pensa que *sṛṇyo na jetā* pode talvez significar 'como um ganhador de foices (como prêmio)'. O professor Grassmann pensa que um ceifeiro, que corta os grãos com sua foice, é aludido.
[7] Eu sigo Sāyaṇa, mas não estou satisfeito com a explicação dele. O professor Grassmann segue Bollensen ao ler *vrajám*, curral de vacas, em vez de *vájram*, raio, e essa é a leitura dada também no *St. Petersburg Lexicon.* Se essa alteração fosse adotada a leitura seria, 'o feroz revelador do estábulo de vacas firmemente construído'.

10. Não nos mates; traze, concede a nós a ampla dádiva que tens para dar àquele que oferece. Neste novo presente, com este louvor cantado diante de ti, exaltando-te, nós, Indra, o declararemos.
11. Agora, Indra! louvado, glorificado com louvores, que o poder cresça grandemente, como rios, para o cantor. Um novo hino, Senhor dos Baios! está formado para ti. Que nós, conduzidos em carros, através da canção sejamos sempre vitoriosos.

Índice ◄►Hino 21 (Griffith)

Hino 21. Indra (Wilson)

(Sūkta XI)

O deus, o Ṛṣi e a métrica como antes.

Varga 5. **1**. Que Indra venha a nós para nossa proteção, e sendo louvado (por nós), que o herói poderoso fique alegre juntamente com (conosco)[1] neste rito; ele cujas energias são muitas; que ele, como o sol radiante,[2] reforce o seu próprio vigor irresistível.
2. Glorifiquem os líderes[3] poderosos daquele renomado e opulento (Indra), cuja energia vitoriosa e protetora governa os homens, como um soberano universal que tem direito a veneração.
3. Que Indra, acompanhado pelos Maruts, venha rapidamente para nossa proteção, do céu, da terra, do firmamento, ou das águas; da esfera do sol, de (qualquer) região distante, da morada das chuvas.
4. Nós glorificamos, em ritos solenes, este Indra que governa riquezas substanciais, abundantes; que por sua coragem é vitorioso sobre exércitos (hostis); que por sua generosidade traz (riqueza) excelente à presença (de seus adoradores).
5. Que o sacerdote invocador traga para as nossas casas aquele (Indra) que, fixando o (mundo) firmemente, retribui alimento por (alimento sacrifical) e (profere) uma voz que ordena (que os homens) cultuem;[4] ele que deve ser propiciado por louvores, que é adorado por muitos.
Varga 6. **6**. Quando os repetidores de (seus) encômios, permanecendo na residência do adorador,[5] se aproximarem de Indra[6] com louvor, que ele que é o nosso (grande) sustentador em conflitos, cuja ira é difícil de ser (apaziguada), se torne o sacerdote ministrante do dono da casa.
7. Verdade é que este poder do filho do protetor do mundo,[7] o derramador (de benefícios), afeta para sua vantagem o ofertante de louvor; ele (prevalece) nos

---

[1] Mahīdhara, *[Śukla] Yajur-Veda,* XX. 47, diz, com os deuses.
[2] Mahīdhara conecta o símile com o que antecede, cujas muitas façanhas (são célebres) como o céu; ele atribui, também, *kṣatram* ao sacrificador, que ele, (Indra), nutra a (nossa) força.
[3] Isto é, os Maruts.
[4] *Vācaṃ janayan yajadhyai;* a fala de Indra é o trovão, cujo efeito é induzir o *parcus deorum cultor et infrequens*, seja romano ou hindu, *retrorsum vela dare*.
[5] *Auśijasya*, de *uśij*, um sacerdote, alguém que emprega sacerdotes.
[6] *Adri* é o nome no texto, um nome, é dito, de Indra, de *dṛ* dividir, dilacerar, como inimigos.
[7] *Bhārvara* é explicado como o patronímico de *Bharvara*, que significa *jagadbharttā*, o protetor do mundo, ou Prajāpati.

(pensamentos) secretos[8] do adorador, e na sua residência, para (a execução de seus) atos piedosos, (a realização de seus desejos), e seu deleite.[9]

8. Visto que ele abriu as portas da nuvem, e supriu os cursos rápidos das águas com torrentes (adicionais), assim quando os piedosos recorrem a Indra por alimento, ele (o) encontra na toca do Gaura e Gavaya.[10]

9. Tuas mãos auspiciosas, Indra, são as fazedoras de boas ações; tuas duas mãos, Indra, são as que estendem riqueza para aquele que te louva; o que, Indra, é essa demora? Por que tu não nos alegras? Por que tu não estás satisfeito em nos dar presentes?

10. (Glorificado) dessa maneira, Indra, que é fiel (à sua palavra), o senhor da riqueza, o matador de Vṛtra, dá riquezas ao homem; assim tu, o louvado por muitos, dá-nos riquezas para os nossos atos piedosos, para que eu possa comer dos teus alimentos divinos.

11. Glorificado (no passado), glorificado, Indra, no presente, satisfaze teu adorador com alimento, como rios (são enchidos com água); senhor dos cavalos, um novo hino foi feito para ti; que nós, possuidores de carruagens, sempre sejamos deleitados em (teu) louvor.

Índice ◄►Hino 22 (Wilson)

Hino 21. Indra (Griffith)

1. Que Indra venha a nós para nossa proteção; aqui esteja o herói louvado, nosso companheiro de banquete. Que ele, cujos poderes são muitos, tornado poderoso, nutra, como Dyaus, seu próprio domínio supremo.

2. Aqui magnifiquem seus grandes feitos heroicos, O Mais Glorioso, enriquecendo os homens com recompensas, cuja vontade é como um Soberano em assembleia, que governa o povo, conquistador, que supera todos.

3. Para cá que Indra venha da terra ou do céu, para cá com a fala do firmamento ou oceano; com Maruts, do reino da luz para nos ajudar, ou de longe, do lugar da Ordem.[11]

4. Aquele Indra nós louvaremos em nossas assembleias, ele que é Senhor de riquezas grandiosas e duradouras, vitorioso com Vāyu onde os rebanhos estão reunidos,[12] que conduz com ousadia para maior fortuna.

5. Que o Sacerdote,[13] Senhor de muitas bênçãos, esforçando-se, – que fixando reverência em reverência,[14] dando vazão à sua voz, incita os homens a adorar – com louvores traga Indra cá para as nossas residências.

---

[8] O texto tem apenas *guhā pra,* que Sāyaṇa expande para *guhārūpa-hṛdaye prabhavati:* ela, isto é, a força, *balam*, de Indra, prevalece ou preside o coração, na natureza de segredo ou mistério.

[9] Esse verso está expresso um pouco obscuramente; o significado, de acordo com o escoliasta, é que o poder de Indra sempre protege seu adorador.

[10] *Vidat gaurasya gavayasya gohe; vidat* aqui não tem regência, e *goha* por *gṛha*, uma residência, é um termo estranho como aplicável ao Gaura e Gavaya, os quais, diz Sāyaṇa, são duas espécies de *mṛga*, um veado, ou algum animal selvagem; mas eles são de fato de duas espécies de gado selvagem, *Bos-gavaeus* ou *Gavaeus-frontalis*, e *Bibos gaurus* ou *B. cavifrons*, confundindo o último também com o *Bibos asil* de Silhet; o significado da expressão, de acordo com o comentador, é que Indra obtém esses dois animais, ou para si mesmo como carne sacrifical, ou para seus adoradores, alguns dos quais, pelo menos, até hoje, não se oporiam a comer a carne do boi selvagem.

[11] Talvez, do limite mais distante do universo ordenado. De acordo com Sāyaṇa, da região da nuvem, *meghalokāt*.

[12] Em lugares onde gado, o prêmio da vitória, abunda.

[13] Aparentemente Agni.

[14] Incitando os homens à adoração contínua.

6. Quando sentados ponderando em devoção profunda no domicílio de Auśija[15] eles manejarem a pedra de espremer, que ele cuja ira é feroz, o poderoso portador, venha como sacerdote do senhor da casa dentro de nossos aposentos.
7. Seguramente o poder de Bhārvara[16] o poderoso sempre auxilia a sustentar o cantor; aquele que na morada de Auśija se encontra escondido, a surgir para deleite e para devoção.
8. Quando ele abre[17] os espaços das montanhas, e vivifica com suas torrentes as correntes de água, ele encontra na toca o búfalo e o boi selvagem[18] quando os sábios o influenciam para façanha vigorosa.
9. Auspiciosas são tuas mãos, teus braços bem formados que oferecem recompensa, Indra, ao teu louvador. Que indolência é essa? Por que tu não te alegras? Por que tu não te deleitas em presentear?
10. Assim Indra é o verdadeiro Senhor do tesouro. Liberdade ele deu ao homem por matar Vṛtra. Muito louvado! com teu poder obtém riquezas para nós; que eu possa ser um compartilhante da tua graça divina.
11. Agora, Indra! louvado, glorificado com louvores, que o poder cresça grandemente, como rios, para o cantor. Para ti um novo hino, Senhor dos Baios! está formado. Que nós, conduzidos em carros, através da canção sejamos sempre vitoriosos.

Índice ◄►Hino 22 (Griffith)

---

15 Auśija é geralmente um patronímico do Ṛṣi Kakṣīvān e outros. De acordo com Sāyaṇa o instituidor do sacrifício é denotado. A estrofe é obscura.
16 Segundo Sāyaṇa, um nome de Indra como o filho de Bharvara, o sustentador do mundo, isto é, Prajāpati. O professor Grassmann acha que Agni é indicado, e o professor Ludwig considera razoavelmente claro que Bhārvara é idêntico a Auśija. O significado exato da estrofe é duvidoso, mas seu sentido geral parece ser que Bhārvara, seja ele Auśija, ou Indra, ou Agni, tem uma abundância de riqueza ou poder para proteger o adorador e ajudá-lo na realização de seus deveres religiosos.
17 Quando Indra expõe o interior da montanha de nuvens dentro da qual a chuva está aprisionada.
18 O Gaura (Bos gaurus) e o Gavaya (Bos gavaeus) são dois tipos de gado selvagem. O *gaurásya* e o *gavayásya* do texto devem ser tomados como genitivos partitivos após *vidát*, ele encontra. [Veja a nota 10].

Hino 22. Indra (Wilson)

(Anuvāka 3. (Sūkta I)

Deus, Ṛṣi e métrica como antes.

Varga 7. **1**. Visto que o grande e poderoso Indra é propiciado pelas nossas (oblações), visto que ele (as) deseja de nós, que ele, o possuidor de opulência, que vem brandindo o raio por sua força, aceite o alimento (sacrifical), o hino, a libação de Soma, e as preces.[1]

2. O derramador (de benefícios), lançando com suas mãos o raio quadrangular que causa chuva, feroz, o comandante dos líderes, o realizador de atos (gloriosos), está desejoso da prosperidade da envolvente Paruṣṇī[2] (rio), cujos distritos fronteiriços ele tem frequentado por respeito.[3]

3. Que, divino, o mais divino, logo que nasceu (foi dotado) com iguarias abundantes, e grandes energias, segurando em seus braços o raio desejoso, e fazendo pela sua força (ambos,) céu e terra, tremerem.

4. Todos os lugares altos, e os muitos lugares baixos, o céu e a terra, tremeram (por medo) do poderoso (Indra) em seu nascimento; o forte (Indra) nutre os pais do (sol) movente, e os ventos, como os homens, fazem um barulho em sua peregrinação.

5. De ti, Indra, que és poderoso, grandiosas são as ações, e para ser proclamadas em todos os sacrifícios, visto que, herói magnânimo, tu, sustentando (o mundo), pela tua força mataste Ahi com o raio irresistível.

Varga 8. **6**. Muitíssimo poderoso Indra, todas essas, tuas façanhas, são realmente verdadeiras; (por medo de ti), o derramador (de benefícios), as vacas derramaram (leite) de seus úberes; então, (Indra) de mente benevolente, os rios, temendo-te, fluem com rapidez.

7. Então, Indra, senhor dos cavalos, as irmãs divinas (os rios) louvam (-te) por tua proteção quando tu as libertaste para fluir, depois de terem sido impedidas (por Vṛtra) através de um longo confinamento.

8. O suco Soma estimulante foi espremido; agora que a corrente flua para ti, e que o poder expiatório do ilustre proferidor de louvor seja dirigido para nós, como o cavaleiro veloz segura firmemente as rédeas do cavalo.[4]

9. Permanente Indra, concede-nos energias, excelentes, superiores, poderosas; subjuga para nós os inimigos merecedores de morte; destrói a arma do homem malévolo.

10. Ouve nossos louvores, Indra, e dá-nos muitos tipos de alimento; realiza todos os nossos desejos, e reconhece, Maghavan, ser para nós o doador de gado.

11. Glorificado (no passado), glorificado, Indra, no presente, satisfaze teu adorador com alimento, como rios (são enchidos com água); senhor dos cavalos, um novo hino foi feito para ti; que nós, possuidores de carruagens, sempre sejamos diligentes em (teu) louvor.

Índice ◄►Hino 23 (Wilson)

---

[1] Aludindo às formas quádruplas de oferecer adoração, Brahma, Stoma, Soma, e Uktha; é dito que a primeira é os bolos molhados em manteiga e as oferendas ou oblações similares; a segunda, o louvor que é recitado em voz alta; a terceira, a libação do Suco Soma; e a quarta, o louvor ou prece que é repetida silenciosamente ou em um tom mais baixo, não entoada ou cantada.

[2] *Ūrṇāṃ paruṣṇīm* é explicado como *āchādihām parvavatīm nadīm,* o rio com juntas ou curvas que cobrem – o comentário não diz o quê.

[3] A fraseologia aqui é um tanto obscura, e o comentador não nos esclarece materialmente; o texto é, literalmente: de cujas junções por amizade ele tem se aproximado; Sāyaṇa explica: os distritos separados de qual rio ele tem, por causa de atos amigáveis, coberto ou escondido.

[4] A fraseologia é muito obscura em algumas partes.

Hino 22. Indra (Griffith)

1. Aquele presente nosso que Indra ama e recebe com alegria, aquele mesmo ele faz para nós, o Grandioso e Forte. Ele que vem brandindo em sua força o trovão, Maghavan, dá prece, louvor, e elogio, e Soma.
2. Touro, lançador do produtor de chuva[5] de quatro gumes com ambos os braços, forte, poderoso, o mais heroico; usando como lã Paruṣṇī[6] como adorno, cujas juntas por amizade ele cobriu.
3. Deus que de todos os Deuses nasceu o mais divino, dotado de ampla força e poderes imensos, e tendo em seus braços o trovão anelante, com avanço violento fez o céu e a terra a tremerem.
4. Diante do Deus Sublime, em seu nascimento, o céu tremeu, a terra, as muitas torrentes e todos os precipícios. O Forte aproxima os dois Pais do Touro; alto cantam os ventos, como homens, na região do meio do ar.[7]
5. Estes são os teus grandes feitos, Indra, teus, o Poderoso, atos para serem contados em voz alta em todas as libações, que tu, ó Herói, ousado e corajosamente intrépido, com teu raio, pela força, destruíste o Dragão.
6. Verdadeiros são todos esses feitos, ó Mais Heroico. As Vacas leiteiras[8] saíram do úbere[9] transbordante. Com medo de ti, tu de espírito valoroso, os rios rapidamente se colocaram em movimento.
7. Com alegria, Indra, Senhor dos Cavalos Fulvos, as Irmãs[10] então, essas Deusas, te exaltaram, quando tu deste às aprisionadas sua liberdade para vagar à vontade em longa sucessão.
8. Espremido está o talo que alegra como se fosse um rio; assim que o rito, o poder do trabalhador, te atraia para nós, do Brilhante, como o corcel puxa sua extremamente forte rédea de couro.[11]
9. Sempre por nós realiza os teus mais heroicos, os teus maiores, os teus melhores atos vitoriosos, ó Vencedor. Para nós torna Vṛtras fáceis de serem conquistados; destrói a arma do nosso inimigo mortal.
10. Ouve benevolentemente a nossa prece, ó Indra, e concede-nos força de tipo variado. Manda para nós toda inteligência e sabedoria; ó Maghavan, sê aquele que nos dá gado.
11. Agora, Indra! louvado, glorificado com louvores, que a riqueza aumente como rios para o cantor. Para ti um novo hino, Senhor dos Baios! está formado. Que nós, conduzidos em carros, através da canção sejamos sempre vitoriosos.

Índice ◄►Hino 23 (Griffith)

---

[5] O raio ou relâmpago que se supõe que causa chuva por abrir a nuvem.
[6] Um dos rios do Panjāb, chamado de Irāvatī em épocas posteriores, o moderno Rāvī. Indra parece ser representado como se vestindo nas ondas como lã, ou vapores lanosos, do rio, e amorosamente cobrindo ou unindo em uma corrente as várias junções, membros ou braços dela. 'A fraseologia aqui', observa o professor Wilson, 'é um tanto obscura, e o comentador não nos esclarece materialmente'.
[7] O significado da segunda linha é: Indra aproxima, mas mantém separados, o céu e a terra, os pais do Sol poderoso, e os ventos cantam no espaço intermediário que foi desse modo fornecido por eles.
[8] Correntes de chuva fertilizante.
[9] Nuvem.
[10] Os rios.
[11] A construção da parte do meio da estrofe é muito difícil. O sentido geral parece ser: 'A Soma foi espremida e o suco flui copiosamente. Que o nosso sacrifício te atraia para cá com toda a força de um cavalo que puxa fortemente'. Quem é 'o Brilhante' não está claro; provavelmente Agni é aludido.

Hino 23. Indra (Wilson)

(Sūkta II)

Deus, Ṛṣi e métrica como antes; ou a divindade do oitavo, nono e décimo versos pode ser Ṛta.

Varga 9. **1**. De que maneira (alguém) pode exaltar o poderoso Indra? No sacrifício de qual adorador ele pode, propiciado, estar presente, bebendo a bebida sacrifical Soma, desejoso de alimento (sagrado), e satisfeito (pela oblação)? O poderoso Indra é levado (para o rito) com o objetivo de conceder riqueza brilhante.
2. Qual herói tem desfrutado de sua companhia (em batalha)? Quem tem sido um participante de seus pensamentos benevolentes? Quando alguém aprecia sua generosidade maravilhosa? Quando ele está (presente) para a promoção da prosperidade do homem que o glorifica e o adora?
3. Como é que Indra ouve (o adorador) que o invoca? E, ouvindo, como ele conhece suas necessidades? Quais são suas dádivas antigas; por que eles o chamaram de o realizador (dos desejos) daquele que oferece louvor?
4. Como aquele que glorifica Indra, e é diligente em seu culto, embora enfrentando oposição, obtém dele riqueza? Que o divino Indra seja o apreciador de meus louvores, ao aceitar o alimento sacrifical ele é tornado propício em relação a mim.
5. Quando, de que maneira, no alvorecer dessa manhã, o divino Indra aceitou a amizade de um mortal? Quando, e de que maneira, sua amizade (é manifestada) para os amigos que espalharam a (oferenda) desejável e apropriada diante dele?
Varga 10. **6**. Nós podemos de alguma maneira proclamar tua amizade pelos teus amigos? Quando (nós) podemos (tornar conhecida) a tua relação fraterna? Os esforços de Indra de boa aparência são para a felicidade de todos; a forma extraordinária do movente (Indra) é, como o sol, sempre desejada.
7. Resolvendo matar a (Rākṣasī)[1] opressora, malévola, que não reconhece Indra, ele afiou suas armas afiadas para a destruição (dela), e o feroz (Indra), o que cancela débitos, tem mantido longe as alvoradas desconhecidas nas quais as dívidas (devem ser pagas).
8. Muitas são as águas de Ṛta;[2] a adoração de Ṛta destrói iniquidades; o louvor inteligente e brilhante de Ṛta tem aberto os (ouvidos) surdos do homem.
9. Muitas são as formas estáveis, sustentadoras, encantadores de Ṛta corporificada; por Ṛta (os piedosos) estão expectantes de alimento; por Ṛta as vacas entraram no sacrifício.[3]
10. O (adorador) sujeitando Ṛta (à sua vontade) realmente desfruta de Ṛta; a força de Ṛta é (desenvolvida) com rapidez, e é desejosa de (possuir) água;[4] a Ṛta pertencem os

---

[1] *Jighāṃsan druhaṃ, dhvarasam, anindrāṃ;* o último dos três epítetos determina o gênero da pessoa, mas nós não temos outra pista; o escoliasta supre *Rākṣasīṃ;* quem ela pode ser não está indicado em lugar nenhum; mas a partir do que se segue pode-se pensar que significa a morte, a dívida da natureza, o pagamento da qual a proteção de Indra atrasa por prolongar a vida; mas isso é mera conjetura; o comentário não ajuda em nada.
[2] *Ṛta* normalmente significa sacrifício, ou verdade, ou água; aqui pode ser aplicada, de acordo com Sāyaṇa, a Indra, ou a Āditya, ou aos três anteriores personificados como divindades; as estrofes seguintes são uma sucessão de mudanças na palavra.
[3] Como presentes feitos aos sacerdotes oficiantes; ou a frase pode significar também, os raios de luz entraram na água.
[4] *Ṛtasya śuṣmas-turayā-u-gavyuḥ* é bastante enigmático; o comentador explica como no texto.

amplos e profundos céu e terra; vacas leiteiras supremas, eles produzem seu leite para Ṛta.
11. Glorificado (no passado), glorificado, Indra, no presente, satisfaze teu adorador com alimento, como rios (são enchidos com água); senhor dos cavalos, um novo hino foi feito para ti; que nós, possuidores de carruagens, sempre sejamos diligentes em (teu) louvor.

Índice ◄►Hino 24 (Wilson)

Hino 23. Indra (Griffith)

1. Como, qual sacrifício de sacerdote ele tornou poderoso,[5] regozijando-se com o Soma e sua fonte?[6] Deleitando-se com o suco, bebendo avidamente, o Imponente cresceu para riquezas esplêndidas.[7]
2. Qual herói tem sido feito seu companheiro de banquete? Quem tem sido co-participante em sua benevolência?[8] O que nós sabemos de seus atos maravilhosos? Com que frequência ele vem para ajudar e promover o trabalhador piedoso?
3. Como Indra ouve a invocação oferecida? Como, ouvindo, ele nota os desejos do invocador? Quais são seus antigos atos de generosidade? Por que eles o chamam de Aquele que satisfaz totalmente o cantor?
4. Como o sacerdote que trabalha, sempre veemente, ganha para si a riqueza que ele possui? Que ele, o Deus, note bem os meus louvores verdadeiros, tendo recebido a homenagem que ele ama.
5. Como, e qual laço de amizade com um mortal o Deus escolheu visto que esta manhã está rompendo? Como, e qual amor ele tem por aqueles que o amam, que têm entrelaçado nele sua firme afeição?
6. É então tua amizade com teus amigos a mais poderosa? Tua irmandade conosco, – quando nós podemos divulgá-la? Os rios de leite se movem, como a luz solar mais admirável, a beleza do Encantador para a glória.[9]
7. Prestes a matar o espírito[10] destrutivo sem Indra ele afia suas armas afiadas para golpeá-la. Pelo que o Forte, embora cobrador de nossas dívidas, impele adiante as manhãs distantes que nós não conhecemos.
8. A Lei eterna[11] tem alimento variado que fortalece; o pensamento da Lei eterna remove transgressões. O hino de louvor da Lei eterna, despertador, brilhante,[12] tem aberto os ouvidos moucos dos vivos.

---

[5] Eficaz.
[6] Mais literalmente, úbere; o sacrifício, a fonte da qual o Soma flui como leite do úbere da vaca.
[7] Para dar riqueza esplêndida para o sacrificador, de acordo com Sāyaṇa.
[8] *Qual herói, etc.:* ninguém é permitido compartilhar das oferendas feitas para Indra ou conhecer suas intenções benevolentes.
[9] *Os rios de leite:* essa linha é difícil. A estreita ligação de Indra com o Sol é aludida, e o sentido geral pode ser, como o professor Ludwig sugere: Quando tu te ergues como o Sol, então nós declaramos tua irmandade conosco; ou em outras palavras, a beleza de Indra é dada a conhecer como a luz do Sol. Sāyaṇa explica *sárgāḥ* como, os esforços, *(udyogāḥ), góḥ,* do movente (Indra).
[10] A *Druh*, ou espírito feminino prejudicial que não reconhece Indra. O sentido da segunda linha é: Indra, embora o punidor de nossos pecados, não nos permite ser destruídos por maus espíritos, mas, continuando a se erguer como o Sol, incita adiante uma sucessão de manhãs na luz das quais os demônios da noite desaparecem.
[11] Aqui, diz Sāyaṇa, a palavra *ṛtá* significa Āditya, ou Indra, ou sacrifício. Seu significado varia levemente nessa e nas duas estrofes seguintes, mas a ideia original de regularidade, conformidade à, ou estabelecimento pela, ordem ou Lei eterna, é encontrada do começo ao fim. Na segunda linha *Lei eterna* é o sacrifício regular ordenado pela lei.
[12] Ou que soa claramente.

9. Estão firmemente estabelecidas as fundações da Lei eterna; em sua bela forma estão muitas belezas esplêndidas. Pela Lei sagrada alimentos duradouros elas nos trazem;[13] pela Lei sagrada as vacas vêm ao nosso culto.
10. Fixando a Lei eterna[14] ele, também, a mantém; rápido se move a força da Lei e ganha o prêmio. À Lei pertencem[15] os vastos profundos Terra e Céu; Vacas Leiteiras supremas,[16] à Lei elas dão seu leite.
11. Agora, Indra! louvado, glorificado com louvores, que a riqueza aumente como rios para o cantor. Para ti um novo hino, Senhor dos Baios! está formado. Que nós, conduzidos em carros, através da canção sejamos sempre vitoriosos.

Índice ◄►Hino 24 (Griffith)

---

[13] Isto é, as vacas que *vêm ao nosso culto* para ser presenteadas aos sacerdotes como pagamento por seus serviços.
[14] O instituidor da lei é também seu mantenedor ou administrador. O professor Wilson traduz: 'O (adorador) sujeitando Ṛta (à sua vontade) realmente desfruta de Ṛta'.
[15] Ou, foram feitos por causa da ordem ou sacrifício ordenado pela lei.
[16] Os generosos céu e terra, que nutrem e sustentam o sacrifício ou ordem eterna em geral.

Hino 24. Indra (Wilson)

(Sūkta III)

Deus, Ṛṣi e métrica[1] como antes.

Varga 11. **1**. Qual louvor adequado pode trazer o filho da força, Indra, diante de nós, para nos dar riqueza; o herói, o senhor do gado, é o doador, ó homem, da riqueza de seus adversários para aquele que o glorifica.
2. Ele, Indra, deve ser invocado para a destruição de Vṛtra; ele, o merecidamente louvado, deve ser adorado; o verdadeiro doador de riqueza, ele, Maghavan, dá riqueza, (adquirida) em batalha, ao mortal que lhe oferece prece e libações.
3. Os homens realmente o invocam em batalha; os (devotos) que infligem austeridade sobre seus corpos[2] o constituem seu preservador; quando ambos (o adorador e o sacerdote) se aproximam juntos do generoso Indra, os homens (têm êxito) em (obter) a dádiva de filhos e netos.
4. Poderoso Indra, homens dispersos diferentemente se reúnem entre si para celebrar ritos sagrados para a obtenção de chuva; quando homens que são combatentes se reúnem em batalha, há alguns deles que confiam em Indra.
5. Por isso alguns realmente adoram o poderoso (Indra); por isso um homem prepara o bolo amanteigado para que ele possa oferecer a (Indra); por isso o ofertante de Soma ele distingue daquele que não oferece libação; por isso alguém se alegra ao adorar o derramador (de benefícios).
Varga 12. **6**. Indra dá bem-estar àquele que oferece uma libação para ele, desejando-a, embora em outra esfera; e, com mente humilde, faz daquele que é dedicado a ele seu amigo em combates.
7. Indra, aceitando benevolentemente os louvores de seu (adorador) devotado, que hoje derrama a libação para ele, que torra os bolos amanteigados, ou frita a cevada para Indra, exerce em relação a ele o poder que concede seus desejos.
8. Quando o destruidor (de inimigos) distingue um inimigo mortal; quando o senhor está engajado na batalha longa (e contínua),[3] sua esposa convoca para a residência o derramador (de benefícios), cercada pelos oferecedores de libação.
9.[4] Um homem percebeu um preço pequeno por um artigo de grande valor, e indo novamente (ao comprador ele diz) isso não foi vendido; eu exijo o preço total; mas ele

---

[1] [De acordo com Griffith e Gary Holland, a décima estrofe está em Anuṣṭubh].

[2] *Ririkvāṃsas-tanvaḥ* são explicados por Sāyaṇa como 'adoradores que emaciam seus próprios corpos por penitência'; se interpretado corretamente, portanto, nós temos as penitências ascéticas dos hindus reconhecidas pelo texto do Veda.

[3] *Dīrghaṃ yad ājim abhyakhyad aryaḥ;* Sāyaṇa explica *arya* por *svāmī*, senhor, isto é, Indra; e *Patnī*, na passagem seguinte, diz ele, é a esposa de Indra; mas seria mais coerente com a passagem final interpretar *arya* como o nome do hindu ortodoxo, em cujo interesse sua esposa propicia Indra.

[4] ['O professor Grassmann bane as estrofes 9 e 10 para um apêndice, como não originalmente pertencentes ao hino, que é geralmente considerado por estudiosos europeus como uma obra composta'. – Griffith. Veja a nota 9]. O sentido desse verso e do seguinte é assim explicado, de acordo com Sāyaṇa, por antigos *ācāryas*, hábeis em doutrinas religiosas: alguém (um vendedor), que recebe um preço pequeno por bens valiosos, vai depois até o comprador, e diz, isso não foi vendido por mim, e, assim dizendo, exige o saldo do preço; mas ele, o vendedor, não recupera o preço total, nem obtém o artigo de volta; de acordo com o negócio entre eles não pode ser de outra forma; a venda ocorreu, e se o negócio foi mantido, então tem só que ser considerado que tal é o objeto do preço [ou o preço do objeto?], e essa é a conclusão; um negócio foi feito, e o preço (estipulado) determinado; portanto, em primeiro lugar, um acordo deve ser feito por mim; assim refletindo, Vāmadeva, tendo por muito louvor obtido Indra em sua posse ou subjugação, propõe fazer um negócio quando prestes a dispor dele, como no verso 10.

não recupera um preço pequeno por um grande (equivalente); sejam desamparados ou espertos eles aderem à sua barganha.
10. Quem compra este, o meu Indra, com dez vacas leiteiras? Quando ele tiver matado (seus inimigos), então que (o comprador) o dê novamente para mim.
11. Glorificado (no passado), glorificado, Indra, no presente, satisfaze teu adorador com alimento, como rios (são enchidos com água); senhor dos cavalos, um novo hino foi feito para ti; que nós, possuidores de carruagens, sejamos sempre diligentes em (teu) louvor.

Índice ◄►Hino 25 (Wilson)

Hino 24. Indra (Griffith)

1. Qual louvor digno trará diante de nós Indra, o Filho da Força,[5] para que ele possa nos conceder riquezas; pois ele, o Herói, dá os tesouros ao cantor; ele é o Senhor que nos envia dádivas, ó povo.
2. A ser invocado e louvado com hinos em luta com Vṛtra, aquele Indra bem glorificado nos dá recompensas reais. Aquele Maghavan traz conforto na incursão para o homem religioso que derrama libações.
3. A ele, de fato, os homens invocam em combate; arriscando suas vidas eles fazem dele seu protetor, quando heróis, inimigo para inimigo, abandonam seus corpos, lutando, ambos os lados, por filhos e seus descendentes.
4. Deus Forte! o povo em necessidade aplica sua força, lutando junto na azáfama da batalha. Quando bandos de guerreiros enfrentam uns aos outros alguns na luta corpo-a-corpo se abandonam como Indra.
5. Por isso muitos adoram o poder de Indra; por isso que a bebida fermentada suceda a oblação de farinha.[6] Por isso que o Soma afaste[7] aqueles que não derramam; por isso mesmo eu me alegro em prestar culto ao Forte.
6. Indra dá conforto ao homem que realmente espreme, para ele que anseia por isso, o Soma; não descontente, com espírito devotado esse homem ele considera como seu amigo em batalhas.
7. Aquele que hoje para Indra espreme Soma, prepara a bebida e frita os grãos de cevada – amando os hinos daquele servo dedicado, para ele que Indra dê vigor heroico.
8. Quando o chefe impetuoso procurou o conflito, e o senhor contemplou a batalha prolongada, a mãe de família chama o Deus forte a quem os espremedores de Soma têm encorajado na residência.[8]
9. Ele ofereceu um preço pequeno por uma coisa de valor; eu estava contente,[9] voltando, ainda não comprado. Ele não aumentou sua oferta insuficiente. Simples e inteligentes, ambos ordenam o úbere.[10]

---

[5] O Poderoso.
[6] Ou, que a oferenda de iguarias cozidas siga aquela do bolo sacrifical; que oferendas variadas sejam feitas em rápida sucessão.
[7] Que aqueles que não derramam libações de Soma para Indra sejam mantidos à distância daqueles que o adoram dessa maneira.
[8] Quando o comandante saiu para lutar, sua esposa invoca Indra para protegê-lo. De acordo com Sāyaṇa, o 'chefe impetuoso', 'o senhor', é Indra a quem sua consorte revoca para beber o suco Soma que foi preparado para ele por homens.
[9] Falado por Indra.
[10] Ambos, o simples, ou necessitado, comprador e o astuto vendedor fazem o máximo que podem do negócio; isto é, a compra e venda de Indra, significando a fixação da remuneração a ser paga ao sacerdote para obter a proteção de

10. Quem por dez vacas leiteiras compra de mim este Indra que é meu? Quando ele tiver matado os Vṛtras que o comprador o devolva para mim.
11. Agora, Indra! louvado, glorificado com louvores, que a riqueza aumente como rios para o cantor. Para ti um novo hino, Senhor dos Baios! está formado. Que nós, conduzidos em carros, através da canção sejamos sempre vitoriosos.

Índice ◄►Hino 25 (Griffith)

Indra por meio de sacrifício. O professor Grassmann bane as estrofes 9 e 10 para um apêndice, como não originalmente pertencentes ao hino.

Hino 25. Indra (Wilson)

(Sūkta IV)

Deus, Ṛṣi e métrica como antes.

Varga 13. **1**. Qual amigo do homem, ou adorador dos deuses, digno da amizade de Indra, tem hoje desfrutado (dela)? Ou qual ofertante de libação sobre o fogo aceso o louva (suficientemente) por sua proteção grande e ilimitada?
2. Quem tem reverenciado com palavras (adequadas) o (deus) digno de libação? Quem é devotado (a ele)? Quem mantém o gado (dado por ele)? Quem deseja a companhia de Indra? Quem sua amizade? Quem sua irmandade? Quem (recorre) ao sábio Indra por proteção?
3. Quem solicita hoje a proteção dos deuses? Quem glorifica os Ādityas, Aditi, a luz? A libação derramada de quem os Aśvins, Indra, Agni, bebem à vontade, propiciados por seu louvor?
4. Que Agni, o portador de oblações, conceda-lhe felicidade, e por muito tempo contemple o sol nascente (na residência daquele),[1] que diz, vamos oferecer libações para Indra, líder (de ritos), o amigo do homem, o principal líder entre os líderes.
5. A ele nem muitos nem poucos podem incomodar; que Aditi lhe conceda felicidade infinita; o realizador de atos piedosos é querido (para Indra); querido para Indra é aquele cuja mente está concentrada nele; querido é aquele que se aproxima dele com homenagem; querido para ele é o ofertante de libação.
Varga 14. **6**. Este herói, Indra, o rápido derrotador (de inimigos), que deve ser abordado com homenagem, dá maturidade especial ao ofertante de libação; ele não é o parente, nem amigo, nem cognato, daquele que não oferece libação (para ele); ele é de acesso difícil, e o punidor daquele que não repete (seu) louvor.
7. (Indra), o bebedor de Soma derramado, não contrai amizade com o comerciante rico que não oferece nenhuma libação; ele tira sua riqueza; o destrói quando desamparado; mas ele é um (amigo) especial para aquele que oferece a libação e oblação.
8. Os mais exaltados, os mais humildes (invocam) Indra, as (classes) intermediárias invocam Indra; aqueles que seguem, aqueles que param, (invocam) Indra; os que moram em casa, os que vão para a batalha, (invocam) Indra; os homens que precisam de alimento invocam Indra.

Índice ◄►Hino 26 (Wilson)

---

[1] Ou seja, que o fogo sagrado por longo tempo seja aceso na casa do sacrificador na hora do nascer do sol.

Hino 25. Indra (Griffith)

1. Qual amigo do homem, que ama Deus, tem se deleitado, ansiando por isso, hoje na amizade de Indra? Quem com chama acesa e Soma fluindo o louva por sua grande graça protetora?
2. Quem reverencia com prece o amante de Soma? Qual homem piedoso veste os raios da manhã?[2] Quem procura vínculo, amizade, irmandade com Indra? Quem recorre ao Sábio por auxílio?
3. Quem clama hoje a proteção das Divindades, pede luz a Aditi, ou aos Ādityas? Do talo de Soma espremido de quem bebem os Aśvins, Indra e Agni, bem dispostos em espírito?
4. A ele Agni Bhārata[3] dará abrigo; por longo tempo ele contemplará o Sol nascendo, que diz, Vamos espremer o suco para Indra, o Amigo do homem, o Herói mais valoroso dos heróis.
5. A ele nem poucos nem muitos homens derrotam; para ele Aditi dará amplo abrigo. Caro é o piedoso, o devoto, para Indra; caro é o zeloso, caro é aquele que traz Soma.
6. Esse herói reprime os poderosos[4] para os zelosos; a bebida do espremedor Indra possui exclusivamente; nem irmão, parente ou amigo para aquele que não derrama, destruidor do mudo[5] que resistiria a ele.
7. Indra, bebedor de Soma, não faz aliança com o rico sovina que não derrama Soma. Ele afasta a riqueza dele e o mata nu,[6] próprio Amigo para aquele que oferece, por oblação.[7]
8. Os mais nobres e os mais humildes, os homens que se encontram entre eles, indo, voltando, residindo em contentamento, aqueles que manifestam sua força quando incitados para a batalha, esses são os homens que invocam Indra por auxílio.

Índice ◄►Hino 26 (Griffith)

---

[2] A expressão significa, aparentemente, 'se dirige à oração ao amanhecer'. A interpretação de Sāyaṇa é, 'Quem cobre, isto é, mantém, as vacas dadas por Indra?'
[3] Agni como o Deus especial da família Bharata à qual Vāmadeva o Ṛṣi do hino pertencia.
[4] O significado de *prāśuṣāṭ* é um tanto incerto; 'o rápido derrotador de inimigos'. – Sāyaṇa. 'Que refreia, guia, conduz, ou tem cavalos velozes'. – Professor Roth. 'Conquistador dos poderosos.' – Professor Ludwig.
[5] O homem que não tem voz para louvá-lo.
[6] Desprovido de toda a sua propriedade; desamparado.
[7] De acordo com Sāyaṇa, 'para o homem que derrama a libação e prepara o alimento cozido'; 'para aquele que oferece a libação e oblação'. – Wilson.

Hino 26. Indra (Wilson)

(Sūkta V)

O deus das três primeiras estrofes é dito ser Indra ou Paramātmā; no primeiro caso o Ṛṣi é Vāmadeva, no segundo, Indra; o deus dos outros versos é o Śyena ou Falcão; Vāmadeva é o Ṛṣi, a métrica é Triṣṭubh.

Varga 15. **1**. Eu fui Manu e Sūrya; eu sou o sábio Ṛṣi, Kakṣīvat; eu tenho favorecido Kutsa, o filho de Ārjuni;[1] eu sou o perspicaz Uśanas; veja-me dessa maneira.[2]
2. Eu dei a terra ao venerável (Manu);[3] eu tenho conferido chuva ao mortal que oferece (oblações); eu soltei as águas ressonantes; os deuses obedecem à minha vontade.
3. Alegrado (pela bebida Soma) eu destruí as noventa e nove cidades de Śambara;[4] a centésima eu dei para ser ocupada por Divodāsa quando eu o protegi, Atithigva, em seu sacrifício.
4. Que esta ave, Maruts, seja preeminente sobre (os outros) falcões, uma vez que com um carro sem rodas o de asas rápidas levou a Soma, aceita pelos deuses, para Manu.[5]
5. Quando a ave, intimidando (os guardiões dela), levou de lá (a Soma) ela estava à vontade; (voando) rápido como o pensamento ao longo do vasto caminho (do firmamento), ela partiu rapidamente com a doce planta Soma, e os falcões consequentemente obtiveram celebridade neste mundo.
6. O falcão de vôo reto, transportando a planta Soma de longe; a ave, acompanhada pelos deuses, trouxe, resoluta, a adorável, a estimulante Soma, tendo-a pegado do céu elevado.
7. Tendo-a pegado, o falcão trouxe a Soma com ele para mil e dez mil sacrifícios, e, isso sendo fornecido, o realizador de muitos feitos (grandiosos), o não desnorteado (Indra) destruiu, na alegria do Soma,[6] (seus) inimigos desnorteados.

Índice ◄►Hino 27 (Wilson)

---

[1] ['Eu superei Kutsa o filho de Arjuna' – Deepak Sharma*, Readings from the Veda*, ed. *Hinduism: a Reader. NY: Blackwell,* 2008.]
[2] Esse e os dois versos seguintes são atribuídos ou a Indra ou a Vāmadeva; no último caso diz-se que o sábio os proferiu enquanto ainda no útero, o conhecimento da verdade sendo gerado nele, e capacitando-o a identificar-se com a existência universal: através da visão da verdade suprema eu sou todas as coisas; nós temos aqui, portanto, a base do vedānta panteísta.
[3] O texto tem apenas *āryāya*, o comentador supre *Manave*.
[4] Veja 1.54.6 e 1.51.6.
[5] *Acakrayā vadhayā* é explicado como *cakrarahitena rathena*, com um carro sem rodas; o texto tem *havyam*, mas o comentador diz que isso é uma metonímia para a [planta] Soma, da qual se diz, como nós vimos antes, 3.43.7, nota 3, que foi trazida do céu pela Gāyatrī, na forma de um falcão; de acordo com Sāyaṇa nós devemos entender aqui pelo falcão o Espírito Supremo, Parabrahma, mas essa parece ser a noção de uma época posterior.
[6] [Isto é, na alegria causada por beber o suco Soma, feito com a planta Soma].

Hino 26. Indra (Griffith)[7]

1.[8] Eu fui antigamente Manu, eu fui Sūrya; eu sou o sábio Kakṣīvān, cantor santo. Eu domino Kutsa o filho de Ārjuni. Eu sou o sapiente Uśanā; contemple-me.
2. Eu tenho concedido a terra ao Ārya e chuva ao homem que traz oblação. Eu guiei adiante as águas que ribombam alto, e os Deuses se moveram de acordo com a minha vontade.
3. Na alegria selvagem do Soma eu demoli as fortalezas de Śambara, noventa e nove, juntas; e, totalmente, a centésima habitação,[9] ao ajudar Divodāsa Atithigva.[10]
4. Antes de todas as aves seja classificada esta Ave, ó Maruts; o principal dos falcões seja esse Falcão de azas velozes, porque, de asas fortes, sem carro para carregá-lo,[11] ele trouxe para Manu a oblação[12] amada pelos Deuses.
5. Quando o Pássaro a trouxe, então em movimento rápido impelido no amplo caminho veloz como o pensamento ele se apressou. Rapidamente ele retornou com a doçura da Soma, e daí o Falcão adquiriu sua glória.
6. Portando o talo, o Falcão acelerando adiante, Ave trazendo de longe a dose que alegra,[13] Amigo dos Deuses, trouxe, agarrando firmemente, a Soma que ele tinha pegado do longínquo céu mais elevado.
7. O Falcão pegou e trouxe a Soma, trazendo milhares de libações com ele, sim, dez mil. Aquele Corajoso[14] deixou para trás Malignidades, sábio, na alegria selvagem do Soma, deixou os tolos.

Índice ◄►Hino 27 (Griffith)

---

[7] É dito que o deus das primeiras três estrofes é Indra ou Paramātmā (o Espírito Supremo ou Alma do universo); a divindade ou objeto deificado das outras estrofes é o Śyena ou Falcão.
[8] Indra é o orador dos primeiros três versos, embora não esteja claro o que ele quer dizer ao afirmar que ele é Kakṣīvān e Uśanā, a menos que ele pretenda se identificar com toda a existência.
[9] [Esse último trecho Deepak Sharma lê: 'Acabando com o habitante como a centésima'].
[10] Atithigva é aqui um nome adicional ou epíteto de Divodāsa.
[11] Literalmente, 'com sua própria natureza sem rodas', isto é, por seu próprio impulso natural.
[12] Soma.
[13] A planta que produz o suco estimulante.
[14] Indra.

Hino 27. O Falcão (Wilson)

(Sūkta VI)

A divindade é o Falcão,[1] ou Parabrahma sob essa personificação; o Ṛṣi é Vāmadeva, a métrica é Triṣṭubh, exceto no último verso, no qual ela é Śakvarī.

Varga 16. **1**. Estando ainda em germe, eu conheci todos os nascimentos dessas divindades em sua ordem; cem corpos de ferro me confinaram, mas como um falcão eu saí com velocidade.[2]

2. Aquele embrião não me enganou em satisfação, mas pela energia afiada (da sabedoria divina), eu triunfei sobre ele; o impulsor de tudo,[3] o sustentador de muitos, abandonou os inimigos (do conhecimento), e, expandindo-se, passou para além dos ventos (dos problemas mundanos).[4]

3. Quando o falcão gritou (com exultação) em sua descida do céu, e (os guardiões da Soma) perceberam que a Soma foi (levada) por ele, então, o arqueiro Kṛśānu, perseguindo com a velocidade do pensamento, e encordoando seu arco, disparou uma flecha contra ele.[5]

4. O falcão de vôo reto arrebatou a Soma do alto do vasto céu, como (os Aśvins levaram) Bhujyu da região de Indra, e uma pena caindo do meio da ave desprendeu-se dele ferido no conflito.[6]

5. Agora que Maghavan aceite o puro alimento (sacrifical) nutritivo em um jarro branco, misturado com leite e coalhos, oferecido pelos sacerdotes; a parte superior da (bebida) doce para beber para sua alegria;[7] que o herói (a) aceite para beber para (sua) alegria.

Índice ◄►Hino 28 (Wilson)

---

[1] [Ou Indra no último verso].

[2] Isto é, de acordo com o comentador, até que o sábio compreendesse a diferença entre o corpo e a alma, e aprendesse que a alma estava confinada, ele estava sujeito a repetidos nascimentos; mas nesse estágio ele adquiriu conhecimento divino, e irrompeu através de suas amarras com a força e a rapidez de um falcão a partir de seu ninho; como diz a *Nītimañjarī:* Vāmadeva, tendo assumido a forma de um falcão, saiu do útero pelo poder de Yoga.

["Cem fortalezas de ferro me guardavam, mas eu, a águia, fugi rapidamente". – Deepak Sharma*, Readings from the Veda*, ed. *Hinduism: a Reader. NY: Blackwell,* 2008].

[3] O Paramātmā, ou Espírito Supremo.

[4] Os ares vitais, ou vida, a causa da existência mundana, que é dor.

["**2**. (Soma:) 'Ele não me arrastou contra a minha vontade, pois eu o superava em energia e força viril. Num piscar de olhos, aquele que traz abundância deixou seus inimigos para trás visto que ele ultrapassou os ventos, crescendo com poder'.". – Deepak Sharma.]

[5] O *Aitareya Brāhmaṇa* narra esse incidente da mesma maneira. [Veja outra tradução dos versos 3 e 4 na nota abaixo].

[6] O *Brāhmaṇa* diz, como nós vimos [em 3.43.7, nota 3], uma unha do pé-esquerdo, mas a flecha foi quebrada pela colisão, os fragmentos da unha se tornaram os espinhos do irritável porco-espinho, aqueles da flecha, cobras d'água, raposas voadoras e vermes.

["**3**. Quando a águia desceu gritando do céu, e quando eles conduziram aquela que traz abundância de lá como o vento, quando o arqueiro Kṛśānu, reagindo rapidamente, mirou nele e soltou a corda de seu arco, **4**. a águia carregando Indra o trouxe para baixo como Bhujyu dos pontos mais altos do céu, esticando-se em vôo rápido. Então uma pena de asa caiu no meio do ar do pássaro quando ele precipitou-se no caminho da fuga." – Deepak Sharma. "Uma águia traz soma para a terra (4.26-7) ou para Indra (4.18.13 [veja lá a nota 29, onde é dito que de acordo com três estudiosos aquela estrofe é falada por Indra]), ou a águia carrega Indra para o céu para trazer a soma para humanos e deuses (4.27.4)." – Wendy Doniger, *The Hindus, An Alternative History,* 2009, pág. 121. Veja também, sobre 'como a planta Soma foi trazida para a terra', Muir, *Original Sanskrit Texts*, 1870, Vol. V, pág. 262.]

[7] ["Que o generoso Indra erga [a taça] para beber até que [esteja] em êxtase com Soma." – Deepak Sharma].

Hino 27. O Falcão (Griffith)

1. Eu, quanto eu me encontrava dentro do útero,[8] considerei[9] todas as gerações desses Deuses na ordem. Cem fortalezas[10] de ferro me confinavam, mas eu voei para fora com a velocidade rápida de um Falcão.[11]
2. Não por sua própria livre vontade ele me levou;[12] ele conquistou com sua força e coragem viril. Imediatamente o Corajoso[13] deixou os demônios atrás dele e ultrapassou os ventos quando ele se tornou ainda mais poderoso.
3. Quando com grito alto do céu o Falcão acelerou para baixo, de lá se apressando como o vento ele trouxe o Corajoso.[14] Então, desenfreadamente furioso em sua mente, o arqueiro Kṛśānu[15] mirou e soltou a corda para atingi-lo.
4. O Falcão o trouxe do alto topo do céu, como o carro veloz do Amigo de Indra trouxe Bhujyu.[16] Então, para baixo aqui caiu uma pena[17] flutuante do Pássaro que acelerava adiante em sua jornada.
5.[18] E agora que Maghavan aceite a taça, branca, cheia de leite, cheia com o líquido brilhante; o melhor do hidromel doce que os sacerdotes ofereceram; que Indra para sua alegria possa beber, o Herói, que ele possa pegá-lo e bebê-lo para seu êxtase.

Índice ◄►Hino 28 (Griffith)

---

[8] Da nuvem de chuva.
[9] Ou revi, na esperança de encontrar um salvador.
[10] Compare com 'cem castelos antigos de Śambara' (2.14.6).
[11] O orador é Agni, isto é, o relâmpago que rasga a nuvem e traz para baixo a chuva doce – o Falcão veloz que traz Soma do céu. Veja *The myth of soma and the eagle*, do professor Bloomfield, *Festgruss an Rudolf von Roth,* 1893, pp. 149-155. Compare com *Hymns of the Atharva Veda*, 6.48.1.
[12] A mera vontade do falcão não era suficiente, diz Soma; ele tinha primeiro que voar e vencer meus guardas. [Poder-se-ia cogitar se Soma não é também o orador da primeira estrofe].
[13] Indra. Veja a estrofe 7 do hino anterior.
[14] Significando Soma. A construção da primeira linha é difícil.
[15] Um dos guardas da Soma celestial. Veja 1.155.2.
[16] A alusão na primeira linha é ao resgate de Bhujyu, pelos Aśvins (veja 1.112.6), e nós deveríamos, portanto esperar *indrāvatoḥ,* 'dos dois amigos de Indra', em vez de *indrāvato.*
[17] *Parṇam;* que se tornou sobre a terra a árvore sagrada Parṇa ou Pālāśa, a bela Butea Frondosa.
[18] A forma métrica e a aplicação ritual indicam a comparativamente recente adição dessa estrofe ao hino antigo.
O hino foi discutido por Weber, *Vedische Beiträge,* pp. 4 e seguintes.

Hino 28. Indra-Soma (Wilson)

(Sūkta VII)

Os deuses são Indra e Soma; Ṛṣi e métrica como antes.

Varga 17. **1**. Através daquela amizade, Soma, que te uniu com teu (amigo) Indra, ele fez as águas fluírem para o homem; ele matou Ahi; ele enviou os sete rios, e abriu as fontes fechadas (dos córregos).
2. Contigo, Soma, como seu aliado, Indra retirou rapidamente à força a roda da carruagem do sol, permanecendo acima com o vasto e estacionário (firmamento); a roda (do carro) que vai a todos os lugares do grande opressor[1] foi tirada.
3. Indra matou os Dasyus, Soma, em batalha; Agni os consumiu antes do meio-dia;[2] ele (Indra) destruiu o total de muitos milhares, como (ladrões que são os destruidores daqueles que) continuam (seus próprios) negócios, em um (lugar) difícil e perigoso.[3]
4. Indra, tu tornaste estes Dasyus desprovidos de todas as (boas qualidades); tu tornaste abjetas as raças servis;[4] que vocês, (Soma e Indra), rechacem (e) destruam (seus) inimigos; aceitem a (nossa) homenagem pela destruição deles.
5. Possuidores de riqueza, destruidores de inimigos, Indra e Soma, é de fato verdade que vocês têm distribuído grandes números de cavalos, e do gado que tinha sido escondido, e a terra que vocês recuperaram por sua força.

Índice ◄►Hino 29 (Wilson)

---

[1] Do opressor muito poderoso ou tirano, aludindo provavelmente ao seu calor.
[2] Na parte da manhã, quando o Soma é bebido, e por isso Indra e Agni ficaram revigorados.
[3] O texto tem apenas *durge duroṇe kratvā na yātām,* como daqueles que partiram por causa de negócios em um lugar difícil; onde a proteção contra ladrões é difícil, Sāyaṇa acrescenta.
[4] *Viśo dāsīr akṛṇorapraśastāḥ; dāsīh* como o adjetivo de *viśaḥ*, *prājaḥ*, pessoas, homens, é explicado como *karmahīnāḥ*, que não têm ritos ou funções especiais ou religiosamente instituídas, o que é não é incompatível com o sentido literal, escravos ou servis; *apraśastāḥ* é interpretado *garhitaḥ*, injuriados, vis; a expressão é importante porque indica a existência de classes baixas e servis.

Hino 28. Indra-Soma (Griffith)

1. Aliado contigo, nessa tua amizade, Soma, Indra para o homem fez as águas fluírem juntas, matou Ahi, e enviou os Sete Rios,[5] e abriu por assim dizer as fontes obstruídas.
2. Indu,[6] contigo como seu confederado, Indra rapidamente com pressionou com força a roda de Sūrya.[7] A que rolava,[8] todo o sustento da vida, no alto topo do céu foi separada do grande opressor.[9]
3. Indra atingiu, Agni consumiu, ó Indu, os Dasyus antes do meio-dia[10] no conflito. Daqueles que procuravam alegremente uma residência arduamente conquistada ele derrubou muitos milhares com sua flecha.
4. Inferiores a todos, além disso, tu, ó Indra, derrubaste os Dasyus, tribos abjetas de Dāsas. Vocês expulsaram, vocês executaram os inimigos, e tiveram grande vingança com suas armas matadoras.
5. Assim, de fato, Indra e Soma, Heróis, vocês romperam o estábulo das vacas e cavalos,[11] o estábulo que a barra de pedra obstruía; e perfurando libertaram as habitações.

Índice ◄►Hino 29 (Griffith)

---

[5] Talvez os cinco rios do Panjāb, o Indus e o Sarasvatī. Veja 1.32.12, [notas 11 e 26].
[6] Uma gota, especialmente uma gota do suco Soma, é um nome que ocorre frequentemente do Deus Soma.
[7] Provavelmente um eclipse do Sol é aludido.
[8] A roda do Sol.
[9] [Veja a nota 1]. Compare com 6.20.5.
[10] Na parte da manhã, quando eles se animaram com goles de suco Soma.
[11] Libertaram as vacas, isto é, as águas aprisionadas que fertilizaram a ferra e fizeram gado e cavalos se multiplicarem.

Hino 29. Indra (Wilson)

(Sūkta VIII)

O deus é Indra, o Ṛṣi e a métrica como antes.

Varga 18. **1**. Honrado com iguarias (sacrificais) aceitas, vem, Indra, exultante, com teus cavalos, para os nossos muitos ritos para nossa proteção; tu que és o senhor, glorificado por hinos, cuja riqueza é verdade.
2. Que Indra, o amigo do homem, o onisciente, venha para o sacrifício quando invocado pelos ofertantes de libações; ele que é possuidor de bons cavalos, que é destemido, honrado pelos derramadores de libações, que se regozija com os heróis (os Maruts).
3. Que (seu adorador) faça os ouvidos dele escutarem, de modo a revigorá-lo (por louvor), e dar satisfação a ele em todo lugar aceitável; e sendo bem umedecido com suco Soma, que o vigoroso Indra torne os lugares sagrados (conducentes) à nossa riqueza, e livres de perigo.[1]
4. (Aquele Indra), que se dirige ao suplicante para (sua) proteção, ao sábio que o invoca e o louva dessa maneira; ele que, armado com o raio, coloca, por sua própria vontade, centenas e milhares de (cavalos) de rápido curso nos varais (dos carros deles).
5. Opulento Indra, que nós, que somos protegidos por ti, que somos inteligentes, devotos, e oferecedores de louvor, sejamos participantes contigo por causa da distribuição de riqueza brilhante, e alimento abundante, que tem direito ao (nosso) elogio.[2]

Índice ◄►Hino 30 (Wilson)

---

[1] A frase implicaria que havia lugares de peregrinação nesse período.
[2] A fraseologia é bastante duvidosa, e é explicada [desse modo:] que nós estejamos apreciando-te por causa da doação de fartura de muito alimento, louvável em todos os sentidos e muito brilhante. [Veja a opinião do professor Ludwig na nota 7].

Hino 29. Indra (Griffith)

1. Vem, louvado, a nós, com os poderes e auxílios, ó Indra, com teus Cavalos Fulvos; exultante, passado[3] até pelas libações múltiplas do inimigo, glorificado com nossos hinos, verdadeiro concessor de riqueza.
2. Amigo do homem, para esse nosso sacrifício ele vem notando como ele é chamado por aqueles que espremem Soma. Destemido, e ciente de que seus Corcéis são nobres, ele se alegra com os heróis[4] que derramam Soma.
3. Faça seus ouvidos ouvirem, para que ele possa mostrar sua força e possa estar alegre do jeito que ele ama. Que o poderoso Indra derramando em abundância nos dê boas estradas e segurança perfeita;
4. Ele que com auxílio vem ao seu suplicante, o cantor aqui que com sua canção o convida; ele que, ele próprio, fixa à lança cavalos velozes, ele que tem centenas, milhares,[5] Manejador do Trovão.
5. Ó Indra Maghavan, protegidos por ti que nós sejamos teus, príncipes[6] e sacerdotes e cantores, compartilhando as riquezas enviadas do alto céu que produz muito alimento, e todos desejam sua generosidade.[7]

Índice ◄►Hino 30 (Griffith)

---

[3] Ou, acima das; isto é, não deixes as oferendas dos nossos inimigos te deterem.
[4] Homens eminentes que instituem sacrifícios.
[5] Aparentemente, de tesouros, e não cavalos como Sāyaṇa explica.
[6] Os instituidores do sacrifício, os Sūris.
[7] A fraseologia da segunda linha é um tanto obscura. O professor Wilson traduz: 'participantes contigo por causa da distribuição de riqueza brilhante, e alimento abundante, que tem direito ao (nosso) elogio'. O professor Ludwig, em seu Comentário, sugere que o significado pode ser que os instituidores do sacrifício estão para distribuir a riqueza, e os sacerdotes para recebê-la.

Hino 30. Indra (Wilson)

(Sūkta IX)

O deus e o Ṛṣi como antes; a métrica é Gāyatrī; exceto na última estrofe, na qual ela é Anuṣṭubh.[1]

Varga 19. **1**. Não há ninguém, Indra, superior a ti; ninguém mais excelente (que tu);[2] matador de Vṛtra, não há ninguém, realmente, assim como tu.
2. De fato os homens estão ligados a ti como estão todas as rodas (ao corpo da carruagem); na verdade tu és grandioso e renomado.
3. Realmente todos os deuses, contigo (como) sua força, guerrearam (com os Asuras); portanto tu os destruíste de dia e de noite.
4. Em quais (disputas), por causa de Kutsa e seus aliados, tu roubaste, Indra, a (roda do carro) do Sol.[3]
5. Em quais (disputas), tu sozinho de fato guerreaste com todos aqueles que combatiam os deuses; tu, Indra, mataste os malignos.
Varga 20. **6**. Em quais (disputas), Indra, tu, por causa de um mortal, frustraste o sol, e protegeste Etaśa por meio de (tuas) façanhas.
7. Portanto, matador de Vṛtra, opulento Indra, tu por isso te tornaste o mais furioso, e, em consequência, mataste o filho de Danu (Vṛtra) neste firmamento.
8. Visto que, Indra, tu mostraste tal coragem valorosa, tu mataste a mulher, a filha do céu,[4] quando planejando o mal.
9. Tu, Indra, que és poderoso, enriqueceste a aurora gloriosa, a filha do céu.
10. A apavorada Uṣas desceu da carruagem destruída quando o (derramador de benefícios) a tinha quebrado.
Varga 21. **11**. Então sua carruagem partida jazeu (na margem) da Vipāś (rio), e ela partiu ao longe.
12. Tu espalhaste sobre a terra, por teu estratagema, o Sindhu aumentado quando detido (em seu curso).[5]
13. Por bravura tu levaste a riqueza de Śuṣṇa, quando demoliste suas cidades.
14. Tu mataste o escravo Śambara, o filho de Kulitara, atirando-o fora da enorme montanha.
15. Tu mataste as cinco centenas[6] e milhares (dos seguidores) do escravo Varcin,[7] (rodeando-)o como as pinas (em volta dos raios de uma roda).
Varga 22. **16**. Tu, Indra, que és Śatakratu, fizeste Parāvṛj, filho de Agrū,[8] participante em hinos sagrados.
17. O senhor dos atos, o sábio Indra, carregou através de (suas dificuldades), Turvaśas e Yadu, quando negada investidura.[9]

---

[1] [Uṣas é citada nos versos 9-11; de acordo com Griffith e Gary Holland, a métrica da oitava estrofe também é Anuṣṭubh].
[2] *Sāma-Veda,* I. 203; o texto de Benfey lê *uttaram* e *jyāyas* no neutro; em vez de *uttaro* e *jyāyāṃ* no masculino, como no *Ṛc*.
[3] O texto tem *muṣāya sūryam,* roubaste o sol, mas isso é explicado por Sāyaṇa pela lenda mais usual.
[4] A aurora, extinta pelo predomínio de Indra do começo ao fim do dia.
[5] *Sindhuṃ vibālyaṃ vitasthānām; vigatabālyāvasthām,* cuja juventude passou, isto é, que estava cheio de água, *sampūrṇajalām;* e *vitiṣṭhamānām*, parando ou sendo parado.
[6] [Veja a nota 25].
[7] [Veja 2.14.6].
[8] Veja 4.19.9, [notas 4 e 15].

18. Tu mataste de uma só vez aqueles dois Āryas,[10] Arṇa e Citraratha, (residentes) na (margem) oposta da Sarayu.
19. Matador de Vṛtra, tu restabeleceste o (que era) cego, o (outro que era) coxo, ambos abandonados (por seus parentes);[11] (não é possível) superar a felicidade que é dada por ti.
Varga 23. **20**. Indra derrubou cem cidades de pedra[12] para Divodās, o doador de oblações.
21. Ele pôs para dormir, por ilusão, com suas (armas) destrutivas, trinta mil dos (povos) servis, por causa de Dabhīti.
22. Matador de Vṛtra, tu és o mesmo (para todos os teus adoradores), o senhor do gado, o que subjuga todos esses (teus inimigos).
23. Quando, de fato, Indra, tu incitas tua virilidade vigorosa, não há ninguém no presente momento que possa resisti-la.
24. Destruidor de inimigos, que o divino Aryaman distribua tua riqueza preciosa; (que) Pūṣan (a conceda), (que) Bhaga (a conceda); que o deus sem dentes conceda a riqueza desejada.[13]

Índice ◄►Hino 31 (Wilson)

---

[9] *Apārayat*, ele possibilitou atravessar; de acordo com o comentador, ele os tornou dignos de serem empossados, ou coroados, o que eles não eram a princípio, como o texto sugere, por *asnātarau*, não banhistas; aludindo à sua exclusão da sucessão em favor do filho mais novo, Puru, por seu pai Yayāti, [ou seja, referindo-se ao banho de coroação]; veja o *Viṣṇu Purāṇa,* [4.10; págs. 322-323 da tradução em português].
[10] O comentador interpreta *āryā-āryābhimanau; āryātvābhimaninau;* presumindo sua dignidade como *āryas*, e sendo sem qualquer fé ou devoção a Indra.
[11] Nós temos aqui outra, e um tanto contraditória, afirmação segundo aquela de uma passagem anterior, quando a cegueira e a coxeadura foram atribuídas a uma só pessoa, Parāvṛj, 2.13.12, nota [9]; aqui nós temos não só o dual, *jahitā* em vez de *jahitau*, mas também *dvā* em vez de *dvau*, os dois, o que concorda melhor com a alusão ainda mais antiga aos mesmos defeitos em dois indivíduos diferentes, em 1.112.8, nota [13].
[12] *Aśmanmayīnām purām;* se a noção de alvenaria se limitava aos muros, ou se estendia às habitações, isso indica familiaridade com algo mais substancial do que casebres de barro.
[13] O texto tem *vāmam pūṣā vāmam bhago vāmaṃ devaḥ karūḷatī;* a repetição tripla de *vāma*, *vananīyam*, *dhanam*, parece separar não só Bhaga, mas Karūḷatī de Pūṣan, mas se o último for corretamente interpretado como *kṛttadanta* ou *adantaka*, o de dentes quebrados ou sem dentes, ele se aplica a Pūṣan; o atributo não ocorreu antes; de acordo com os *Purāṇas*, Pūṣan teve seus dentes destruídos pelos seguidores Vīrabhadra no sacrifício de Dakṣa; *Viṣṇu Purāṇa;* [pág. 101 da versão em português], nota 6.

Hino 30. Indra (Griffith)

1. Ó Indra, matador de Vṛtra, ninguém é melhor, mais poderoso do que tu;
Realmente não há ninguém como tu.
2. Como rodas de carruagens essas pessoas todas juntas seguem atrás de ti;
Tu sempre és renomado como Grandioso.
3. Nem mesmo todos os deuses reunidos te conquistaram, Indra, na guerra,[14]
Quando tu prolongaste dias por noite.[15]
4. Quando, por causa daqueles oprimidos, e Kutsa quando ele lutou,
Tu roubaste a roda do carro do sol.[16]
5. Quando, lutando sozinho, Indra, tu venceste todos os Deuses furiosos,[17] tu mataste aqueles que lutaram contigo.
6. Quando também para um homem mortal, Indra, tu aceleraste adiante o Sol,
E ajudaste Etaśa com poder.[18]
7. O que? matador de Vṛtra, não és tu, Maghavan, o mais feroz em tua ira?
Assim tu subjugaste o demônio[19] também.
8. E este ato heroico de poder tu, Indra, também realizaste,
Que tu mataste a Dama, Filha do Céu, que planejava o mal.[20]
9. Tu, Indra, Poderoso, esmagaste Uṣas, embora Filha do Céu,
Quando se erguendo em orgulho.
10. Então de sua carruagem Uṣas fugiu atemorizada, de seu carro arruinado,
Quando o Deus forte o tinha despedaçado.
11. Então lá jaz esse carro de Uṣas, quebrado em pedaços, na Vipāś,[21]
E ela mesma fugiu para longe.
12. Tu, Indra, resististe com poder mágico ao rio transbordante[22]
Que espalhava suas águas sobre a terra.
13. Destemidamente tu pegaste e levaste o estoque que Śuṣṇa tinha acumulado,
Quando tu esmagaste suas fortalezas.
14. Tu, Indra, também derribaste Śambara, o filho de Kulitara,[23]
O Dāsa, da colina alta.
15. Do Dāsa de Varcin[24] tu mataste os cem mil e os cinco,[25]
Esmagados como as pinas de um carro.[26]

---

[14] Esse parece ser o significado do texto, – uma disputa entre Indra e o resto dos Deuses – e a estrofe 5 parece confirmar essa interpretação. [Veja acima a versão por Wilson].
[15] Prolongaste o dia pela noite adentro.
[16] Um eclipse do Sol, talvez, é aludido; ou o significado pode ser apenas que o curso do Sol foi parado, como na estrofe 3. [Veja também 10.138.3a].
[17] De acordo com Sāyaṇa, 'todos aqueles que lutaram contra os Deuses'.
[18] Isto é, o retorno do dia em alguma ocasião específica é atribuído à intervenção de Indra em nome de seu predileto.
[19] Vṛtra o filho de Danu.
[20] A destruição por Indra da carruagem de Uṣas ou Aurora parece significar a extinção de sua luz depois do surgimento do Sol. Assim em 2.15.6 é dito que Indra 'esmagou com seu raio o carro de Uṣas, despedaçando os corcéis lentos dela com seus corcéis rápidos'. O mito é mencionado em outras passagens também. Veja 10.138.5.
[21] Ou na margem daquele rio.
[22] Ou, possivelmente, algum rio chamado Vibālī, o significado exato da palavra sendo incerto.
[23] Essa é a explicação de Sāyaṇa de *kaulitarám*.
[24] Isto é, dos seguidores do demônio ou selvagem Varcin. Veja 2.14.6.
[25] A posição de *pañca* [cinco] na estrofe parece indicar que ela é tomada separadamente. Sāyaṇa a antepõe como prefixo de *śata* [cem], fazendo do número de mortos mil e quinhentos.
[26] '(Rodeando-)o como as pinas (em volta dos raios de uma roda).' – Wilson.

16. Então Indra, Senhor dos Heróis, Poderes, fez o filho da moça não casada,[27]
O rejeitado, compartilhar dos louvores.
17. Então o sapiente Indra, Senhor do Poder, levou Turvaśa e Yadu,[28] aqueles
Que temiam a corrente,[29] em segurança por cima.
18. Arṇa e Citraratha,[30] ambos Āryas, tu, Indra, mataste rapidamente,
No lado de lá da Sarayu.[31]
19. Tu, matador de Vṛtra, guiaste aqueles dois desamparados, o cego, o coxo.[32]
Ninguém pode alcançar essa tua bem-aventurança.
20. Por Divodāsa, aquele que trazia oblações, Indra derrubou
Cem fortalezas de pedra.
21. Os trinta mil Dāsas ele com poder mágico e armas mandou
Dormir por causa de Dabhīti.[33]
22. Como tal, ó matador de Vṛtra, tu és Senhor geral das vacas para todos,
Tu Abalador de todas as coisas que existem.
23. Indra, qualquer ato de poder que tu tenhas hoje para executar,
Ninguém estará lá agora para obstruí-lo.
24. Ó Vigilante, que Aryaman o Deus te dê todas as coisas agradáveis.
Que Pūṣan, Bhaga, e o Deus Karūḷatī[34] deem todas as coisas formosas.

Índice ◄►Hino 31 (Griffith)

---

[27] O filho de Agrū, de acordo com Sāyaṇa. Veja 4.19.9.
[28] Conforme 1.174.9, 'Quando acima da corrente tu os trouxeste, ó herói, tu mantiveste Turvaśa e Yadu em segurança'.
[29] Literalmente, 'não-banhistas' *(asnātārā)*, significando provavelmente incapazes de nadar.
[30] Dois reis, diz o comentador.
[31] Provavelmente algum rio no Panjāb, e não o Sarayu de Oudh, o moderno Sarjū. Turvaśa e Yadu podem talvez ter cruzado o rio, e sob a proteção de Indra ter conquistado os dois chefes arianos cujas terras se encontravam além dele.
[32] Veja 2.13.12, onde um homem somente, o proscrito, ou Parāvṛj, é citado como 'o coxo e cego'. [Veja acima a nota 11].
[33] Um Ṛṣi favorecido por Indra.
[34] Por causa da posição da palavra na estrofe parece ser o nome de um Deus separado, mas Sāyaṇa (que é seguido pelos professores Roth e Grassmann bem como por Wilson) a considera como um epíteto de Pūṣan, isto é, o Deus de dentes quebrados ou sem dentes. [Veja a nota 13]. O instituidor do sacrifício parece ser abordado nesse verso que é provavelmente uma adição posterior ao hino original.

Hino 31. Indra (Wilson)

(Sūkta X)

O deus, o Ṛṣi e a métrica como antes; mas os versos três, quatro, e cinco[1] estão em uma variedade de Gāyatrī, chamada Pādanicṛt, que tem sete, em vez de oito sílabas em cada uma das três divisões.

Varga 24. **1**. Por quais meios pode aquele que está sempre aumentando, que é maravilhoso, que é nosso amigo, estar presente conosco, por qual rito mais eficaz?[2]
2. Qual genuíno e mais estimado dos sucos estimulantes da bebida (sacrifical) pode te encorajar a demolir os tesouros substanciais (do inimigo)?
3. Está[3] presente com cem proteções, tu, o protetor de nós teus amigos e louvadores.[4]
4. (Induzido) pelos louvores dos homens, retorna como uma roda giratória para nós, dependentes (da tua graça).
5. Tu vens em uma (direção) descendente para ritos sagrados, como se para o teu próprio lugar; eu te glorifico junto com o sol.
Varga 25. **6**. Quando os teus louvores, e esses ritos sagrados, Indra, são dirigidos a ti, eles primeiro pertencem a ti, e em seguida a Sūrya.
7. Senhor dos atos sagrados, eles te chamam de Maghavan, o magnânimo, o resplandecente.
8. E realmente tu dás prontamente riqueza abundante àquele que te louva e te oferece libações.
9. Os adversários não diminuem a tua opulência centuplicada, nem resistem às energias de ti opondo-te (a eles).
10. Que as tuas cem, tuas mil proteções, nos preservem; que todos os (teus) desejos (sejam para a nossa defesa).
Varga 26. **11**. Escolhe-nos, Indra, nessa ocasião, para tua amizade, para o (nosso) bem-estar, para riquezas vastas e esplêndidas.
12. Favorece-nos, Indra, diariamente com riquezas infinitas; (protege)-nos com todas as proteções.
13. Com proteções novas, Indra, como um guerreiro, abre para nós aqueles pastos cheios de gado.
14. Que a nossa carruagem, Indra, repulsora de inimigos, brilhante, infalível, proceda (por toda parte), fazendo-nos donos de gado e de cavalos.
15. Sūrya, torna a nossa fama exaltada entre os deuses, como (tu colocaste) o céu, o derramador da chuva mais copiosa, acima (de todas as outras regiões).

Índice ◄►Hino 32 (Wilson)

---

[1] [Apenas o verso 3, de acordo com Griffith e Gary Holland].
[2] Essa parece ser uma estrofe popular; ela ocorre duas vezes no *Sāma-Veda,* I. 169, 232 [ou, *Sāma-Veda,* Primeira Parte, Livro 2, Cap. 2, Década 3, verso 5 e, Segunda Parte, L.1, Cap. 1, 12, 1, da tradução por Griffith]; uma vez no *[Śukla] Yajur*, 27, 29, e uma vez no *Atharvan*, XX. 124, 1.
[3] [Verbo no imperativo].
[4] O mesmo pode ser dito a respeito dessa e da estrofe anterior; ambas ocorrem nos outros três Vedas, *Sāma-Veda*, II. 33, 34 [ou, *Sāma-Veda*, Segunda Parte, L. 1, Cap. 1, 12.2, 3, da tradução por Griffith]; *[Śukla] Yajur-Veda,* 27, 40, 41; *Atharva-Veda,* 122, 2, 3 [ou, *Atharva-Veda,* Livro 20, Hino 124, versos 2, 3, da tradução por Griffith].

Hino 31. Indra (Griffith)

1. Com qual auxílio ele virá até nós, maravilhoso, Amigo sempre crescente;
Com qual companhia mais poderosa?
2. Qual dose genuína e mais generosa[5] te encorajará com suco a
Abrir até a riqueza fortemente guardada?[6]
3. Aproxima-te de nós com cem auxílios,
Tu que és Protetor de nós teus amigos que te louvamos
4. Assim como a roda giratória de um corcel, desse modo dirige-te para cá até nós, Atraído pelos hinos[7] dos homens.
5. Tu procuras por assim dizer teus próprios lugares com rápida descida de poderes;[8]
Eu compartilho contigo[9] assim como com o Sol.
6. Quando juntas a tua coragem e as rodas dele, Indra, fazem seu percurso
Contigo e com o Sol igualmente,
7. Por isso mesmo, Senhor de Força e Poder, as pessoas te chamam de Maghavan,[10]
Doador, que não se detém para pensar.
8. E realmente para aquele que labuta e espreme o suco Soma para ti
Tu dás rapidamente vasta riqueza.
9. Não, nem cem estorvadores podem deter o fluxo da tua generosidade benevolente,
Nem teus grandes feitos quando tu queres agir.
10. Que a tua assistência nos mantenha seguros, os teus cem e os teus mil auxílios;
Que todas as tuas graças nos fortaleçam.
11. Elege-nos neste lugar para amizade e prosperidade,
E grande opulência celestial.
12. Favorece-nos, Indra, sempre com fartura transbordante de riqueza;
Ajuda-nos com todos os teus auxílios.
13. Com novas proteções, Indra, como um arqueiro, abre para nós
Os estábulos que estão cheios de vacas.
14. A nossa carruagem, Indra, se move ousadamente dotada de esplendor, nunca repelida, ganhando vacas e cavalos para nós.
15. Ó Sūrya, faze a nossa fama ser a mais excelente entre os Deuses,
A mais elevada como o céu no alto.

Índice ◄►Hino 32 (Griffith)

---

[5] Isto é, que produz bons resultados e te faz ser mais generoso.
[6] Arrebentar as tesourarias dos nossos inimigos e nos dar seus conteúdos; ou a alusão pode ser às águas trancadas nas nuvens.
[7] Literalmente, 'pelos conjuntos', *niyudbhiḥ*, isto é, sequências de versos, hinos, ou louvores.
[8] Pela efusão natural e espontânea de força divina, como a água se derrama de um precipício.
[9] 'Eu te glorifico junto com o sol'. – Wilson.
[10] O Rico e Munificente.

Hino 32. Indra (Wilson)

(Sūkta XI)

O deus, o Ṛṣi, e a métrica, como antes.[1]

Varga 27. **1**. Indra, matador de Vṛtra, vem a nós rapidamente;[2] tu que és poderoso, (vem) com proteções poderosas.
2. Maravilhoso Indra, viajante ocasionalmente (pelo espaço), tu és realmente o concessor de (nossos) desejos, e fazes o que é admirável para a proteção (daqueles que estão empenhados) em obras extraordinárias.
3. Tu destróis por tua força o feroz inimigo atacante, associado com os amigos humildes que estão junto contigo.
4. Nós, Indra, estamos junto contigo; nós te glorificamos zelosamente, protege-nos verdadeiramente.
5. Manejador do raio, vem a nós com proteções maravilhosas, irrepreensíveis, irresistíveis.
Varga 28. **6**. Que nós, Indra, sejamos amigos de alguém como tu, possuidor de gado, aliados (a ele) por (causa de) alimento abundante.
7. Pois só tu, Indra, és senhor do alimento combinado com o gado; por isso concede-nos alimento abundante.
8. Ninguém muda o teu propósito, Indra, objeto de louvor, quando, sendo louvado, tu desejas outorgar riqueza aos louvadores.
9. Os Gotamas te glorificam, Indra, com louvor, para que tu possas conceder riqueza, e por alimento abundante.
10. Nós proclamamos tua bravura, pela qual animado (pelo Soma), e tendo ido contra elas, tu demoliste as cidades servis.
Varga 29. **11**. Os devotos celebram tuas façanhas valorosas, Indra, objeto de louvor, quando os sucos (da Soma) são derramados.
12. Os Gotamas, ofertantes de louvor, te exaltam, Indra; concede-lhes alimento e posteridade.
13. Embora, Indra, tu sejas a propriedade comum de (todos) os adoradores, nós te invocamos (assim) como tu és (para nós mesmos).
14. Dador de moradias, está presente conosco; bebedor de Soma, sê alegrado pela bebida dos sucos.
15. Que o louvor (de nós) que somos devotados (a ti), Indra, te dê a nós; guia os teus cavalos em nossa direção.
16. Come (Indra) nossos bolos e manteiga; fica satisfeito com nossos louvores como um libertino (pelas carícias) de uma mulher.
Varga 30. **17**. Nós pedimos, Indra, por mil cavalos bem treinados, velozes, por cem jarros[3] de suco Soma.
18. Nós procuramos trazer para baixo, de ti, milhares e centenas de bovinos; que riquezas venham a nós de ti.

---

[1] [Os cavalos de Indra são louvados nos dois últimos versos].
[2] *Sāma Veda* I. 181 [ou, *Sāma Veda*, Primeira Parte, L. 2, Cap. 2, Década 4, v. 7, da tradução por Griffith]. *[Śukla] Yajur Veda*, 33, 65.
[3] *Khārī*, certa medida; por metonímia, uma jarra ou jarro, *droṇa-kalaśa,* contendo tal quantidade; no uso moderno esse é o nome de uma medida de grãos, igual a dezesseis *droṇas*, ou cerca de três alqueires. [Alqueire: 'Antiga unidade de medida de capacidade para secos, equivalente a quatro quartas, ou seja, 36,27 litros'. – Dicionário Aurélio].

19. Que possamos obter, de ti, dez jarros de ouro, pois tu, matador de Vṛtra, és um doador generoso.
20. Tu és um doador generoso, Indra; dá generosamente para nós; não (dá) pouco; traze muito; pois realmente tu desejas dar muito.
21. Realmente tu és renomado entre muitos como um doador generoso; herói, matador de Vṛtra, nos torna participantes da riqueza.
22. Sábio Indra, eu louvo os teus (cavalos) marrons; concessor de vacas, (que) não (és) indiferente (aos teus adoradores); com aqueles dois corcéis não aterrorizes o nosso gado.
23. Como dois fantoches em um palco organizado, novo, e fino, os teus dois (cavalos) marrons são brilhantes em sacrifícios.[4]
24. Teus dois (cavalos) marrons inofensivos são suficientes em sacrifícios para mim, seja indo (a eles) em (uma carroça puxada por) bois, ou indo sem (tal) condução.

Índice ◄►Hino 33 (Wilson)

Hino 32. Indra (Griffith)

1. Ó tu que mataste Vṛtra, vem, ó Indra, aqui para o nosso lado,
Poderoso com teus auxílios poderosos.
2. Tu és rápido e impetuoso, maravilhoso em meio ao povo bem vestido;[5]
Tu fazes maravilhas em nosso auxílio.
3. Mesmo com os fracos tu derrotas aquele que é mais forte, com tua força
O poderoso, com os Amigos que tens.
4. Ó Indra, nós estamos perto de ti; para ti cantamos alto nossas canções;
Ajuda-nos e defende-nos, precisamente nós.
5. Como tal, ó Lançador da Pedra,[6] vem com teus auxílios extraordinários,
Irrepreensíveis, e irresistíveis.
6. Que nós sejamos amigos de alguém como tu, ó Indra, com a fartura de vacas;
Companheiros por energia viva.
7. Pois tu, ó Indra, és sozinho o Senhor da força que vem das vacas;
Então nos concede alimento abundante.
8. Eles não te desviam para outro caminho, quando, louvado, Amante de Música,
Tu desejas dar riqueza para aqueles que louvam.
9. Os Gotamas cantaram sua canção de louvor a ti para que tu possas dar,
Indra, por energia viva.
10. Nós proclamaremos teus feitos heroicos, quais fortalezas Dāsa tu quebraste,
Atacando-as em alegria arrebatadora.[7]
11. Os sábios cantam aquelas façanhas valorosas que, Indra, Amante de Música,
Tu fizeste quando o Soma fluiu.

---

[4] *Kanīnakeva vidradhe nave drupade arbhake; nave* e *arbhake* têm seus significados usuais, novo, pequeno; *kanīnake* é explicado como *śālābhanjiké*, bonecos ou títeres; *vidradhe* por *vyūḍhe*, arrumado, ou organizado; e *drupade* como *drumākhyasthāne sthite,* permanecendo em um lugar fixo, denominado ou uma árvore, ou de uma árvore, uma prancha ou plataforma, provavelmente, correspondendo a um palco no qual os fantoches eram exibidos.
[5] O adjetivo *citriṇīṣu*, feminino plural no caso locativo, permanece sem um substantivo, e Sāyaṇa supre *prajāsu*, pessoas; bem vestidas, talvez, para uma cerimônia religiosa, ou, possivelmente, armadas para a guerra.
[6] Manejador do raio.
[7] Na alegria produzida pelo suco Soma.

12. Indra, os Gotamas que te trazem louvores têm se tornado fortes por ti.
Dá-lhes fama com filhos heroicos.
13. Pois, Indra, realmente tu és o tesouro geral mesmo de todos.
A ti, portanto, nós invocamos.
14. Excelente Indra, dirige-te a nós; alegra-te entre nós com o suco
De Somas, tu bebedor de Soma.
15. Que o louvor de nós que pensamos em ti, ó Indra, te traga para perto de nós.
Volta os teus dois Cavalos Baios para cá.
16. Come do nosso bolo sacrifical; regozija-te com as canções que cantamos.
Assim como um amante com sua noiva.
17. A Indra nós rogamos por mil corcéis bem treinados e de pés velozes,
E cem jarros[8] de suco Soma.
18. Nós fazemos cem das tuas vacas, sim, e mil, acelerar para perto;
Assim que a tua recompensa venha a nós.
19. Nós obtivemos um presente de ti, dez jarros de água feitos de ouro;
Tu, matador de Vṛtra, dás muito.
20. Um Doador generoso, dá-nos muito, traze muito e não um presente insignificante;
Muito, Indra, tu desejas conceder de bom grado.
21. Ó matador de Vṛtra, tu és famoso em muitos lugares como generoso;
Herói, deixa-nos compartilhar da tua generosidade.
22. Eu louvo o teu par de Cavalos Fulvos, sábio Filho daquele que dá vacas[9]
Não apavores as vacas com estes.[10]
23. Como duas pequenas imagens de meninas,[11] despidas, em um poste recém feito,
Desse modo brilham os teus Cavalos Baios em seu curso.
24. Para mim os Baios estão prontos quando eu parto ou não parto, com o amanhecer,
Inócuos nos caminhos que tomam.[12]

Índice ◄►Hino 33 (Griffith)

---

[8] Uma *khārī* é propriamente uma medida de grãos, e por metonímia um recipiente, jarro, ou cântaro, contendo aquela quantidade, que é dita ser igual a cerca de três ou quatro alqueires [veja a nota 2].
[9] O próprio Indra é o doador especial de gado, e esse atributo dele pode talvez, como o professor Ludwig conjetura, ser personificado em um imaginário pai Goṣā, o ganhador ou concessor de vacas. Sāyaṇa forçaria sobre *napāt*, filho, [ou neto], o significado *na pātayitaḥ*, 'tu que não humilhas' (teus adoradores).
[10] *Com estes:* teus dois cavalos. O significado desse último pāda é incerto.
[11] Talvez como cariátides, mas a passagem é obscura. O professor Wilson traduz: 'Como dois fantoches em um palco organizado, novo, e fino'.
[12] De acordo com Sāyaṇa, Que os teus cavalos baios inofensivos me deem suficiência em sacrifícios quer eu vá a eles em um carro puxado por bois ou sem um carro assim puxado, ou seja, a pé.

Hino 33. Ṛbhus (Wilson)

(Adhyāya 7. Anuvāka 4. Sūkta I)

Os deuses são os Ṛbhus;[1] o Ṛṣi é Vāmadeva; a métrica é Triṣṭubh.

Varga 1. **1**. Eu envio a minha prece como um mensageiro para os Ṛbhus; eu solicito (deles) a vaca leiteira, a produtora de leite branco, para a diluição (da libação de Soma); pois eles, tão rápidos quanto o vento, os fazedores de boas obras, foram levados rapidamente através do firmamento pelos corcéis velozes.[2]

2. Quando os Ṛbhus, por honrarem seus pais com (juventude) renovada, e por outros trabalhos, tinham realizado o suficiente, eles então procederam para a comunidade dos deuses, e, atenciosos, eles trazem nutrição ao (adorador) devoto.

3. Que eles que tornaram os pais, decrépitos e inertes, quando como dois postes secos, novamente perpetuamente jovens, Vāja, Vibhvan, Ṛbhu associados com Indra, bebedores do suco Soma, protejam o nosso sacrifício.

4. Visto que por um ano os Ṛbhus preservaram a vaca (morta), visto que por um ano eles a envolveram com carne, visto que por um ano eles mantiveram sua beleza, eles obtiveram por seus atos imortalidade.

5. O mais velho disse: Vamos fazer duas conchas; o mais novo disse: Façamos três;[3] Tvaṣṭṛ, Ṛbhus, aprovou sua proposta.

Varga 2. **6**. Os homens, (os Ṛbhus), falaram a verdade, pois tais (conchas) eles fizeram, e então os Ṛbhus participaram daquela libação; Tvaṣṭṛ, vendo as quatro conchas, brilhantes como o dia, ficou satisfeito.

7. Quando os Ṛbhus, repousando por doze dias, permaneceram na hospitalidade daquele que não pode ser escondido[4] (sol), eles tornaram os campos férteis, eles guiaram os rios adiante, plantas surgiram no deserto e águas (se espalharam sobre) os (lugares) baixos.[5]

8. Que aqueles Ṛbhus que construíram o carro que permanece firme, condutor de roda; que formaram a vaca leiteira multiforme impulsora de todos; eles que são os concessores de alimento, os fazedores de grandes atos, e de mãos ágeis, fabriquem riquezas para nós.

9. Os deuses estavam satisfeitos com suas obras, ilustres em ato e em pensamento; Vāja era o artífice dos deuses, Ṛbhukṣin de Indra, Vibhvan de Varuṇa.

10. Que aqueles Ṛbhus que satisfizeram os cavalos (de Indra) por louvor piedoso, que construíram para Indra seus dois corcéis dóceis, nos deem fartura de riquezas e abundância (de gado), como aqueles que planejam prosperidade para um amigo.

11. Os deuses realmente lhes deram a bebida no (terceiro sacrifício do) dia, e a alegria dela, não por consideração, mas (como o presente de alguém) esgotado (por penitência);[6] Ṛbhus, que são tão (eminentes), concedam-nos, realmente, prosperidade nesse terceiro sacrifício (diário).

---

[1] Veja o Livro 1, Hino 20.

[2] Como aplicável aos mortais divinizados, isso se refere a eles serem transportados para a esfera dos deuses; se os raios do sol estiverem subentendidos, isso implica apenas a sua dispersão pelo céu.

[3] [Aqui falta o trecho: 'Façamos quatro taças, – assim falou o mais jovem'. – Griffith].

[4] [Veja 1.110.3 e 1.161.11, nota 11].

[5] Veja 1.161.11.

[6] *Ṛte śrāntasya sakhyāya* é a frase do texto; Sāyaṇa diz: os deuses não são por amizade, exceto alguém cansado por penitência, o que pareceria se aplicar ao adorador; mas novamente ele diz: eles, esgotados, portanto deram. [Veja abaixo a versão desse verso por Griffith e a nota 7].

Hino 33. Ṛbhus (Griffith)

1. Eu mando a minha voz como arauto aos Ṛbhus;[7] eu almejo a vaca branca para a difusão.[8] Acelerados pelo vento, os Hábeis em movimento rápido cercaram o céu em um instante.
2. Quando os Ṛbhus tinham com cuidado e prodígios feitos serviço adequado para ajudar seus Pais, eles ganharam a amizade dos Deuses; os Sábios levaram o fruto de sua devoção.
3. Que eles que fizeram seus Pais, que estavam jazendo como postes que se desfazem, jovens de novo para sempre, – que Vāja, Vibhvan, Ṛbhu, unidos com Indra, protejam nosso sacrifício, os amantes de Soma.
4. Visto que por um ano os Ṛbhus conservaram a Vaca Leiteira, por um ano inteiro moldaram e formaram seu corpo, e pelo espaço de um ano ainda mantiveram seu brilho, através desses seus trabalhos eles foram feitos imortais.
5. Façamos duas taças,[9] – assim falou o mais velho. Façamos três, – essa foi a frase do mais novo.[10] Façamos quatro taças, – assim falou o mais jovem. Tvaṣṭar aprovou essa decisão de vocês, ó Ṛbhus.
6. Os homens falaram a verdade e exatamente assim eles agiram; esse caminho Divino deles os Ṛbhus seguiram. E Tvaṣṭar, quando ele olhou para as quatro taças resplandecentes como o dia, encheu-se de inveja.
7. Quando por doze dias os Ṛbhus se alegraram repousando como convidados daquele que nunca pode ser escondido,[11] eles fizeram belos campos férteis, eles trouxeram os rios. Plantas se espalharam sobre desertos, águas encheram os vales.
8. Que eles que formaram o carro veloz,[12] que traz Heróis, e a Vaca oniforme[13] e que impulsiona todos, igualmente que eles formem riqueza para nós, – os Ṛbhus, de mãos habilidosas, hábeis no trabalho e benevolentes.
9. Assim em sua obra os Deuses tinham satisfação, ponderando-a com pensamento e discernimento mental. O artífice perito dos Deuses era Vāja, Ṛbhukṣan de Indra, o de Varuṇa era Vibhvan.
10. Eles que, alegrados com sacrifício e louvores, fizeram os dois Baios, os Corcéis dóceis dele, para Indra, – Ṛbhus, como aqueles que desejam que um amigo prospere, não dão bens e crescimento de riquezas.

---

[7] O mito dos Ṛbhus é extremamente obscuro. Eles são considerados como antigos sacrificadores que obtiveram imortalidade como a recompensa de seus trabalhos piedosos. Os pais a quem eles devolveram a juventude parecem ser os pais universais, céu e terra, rejuvenescidos a cada manhã e especialmente na primavera. A vaca leiteira (estrofe 4) é talvez a terra, considerada como o solo produtivo. Os doze dias (estrofe 7) são talvez, como Ludwig sugere, as doze noites *vratyāḥ prajāpateḥ,* ou 'sagradas para Prajāpati'. Veja *Hymns of the Atharva-veda* IV. 11.11. Para estudo cuidadoso e interpretações engenhosas do mito, veja F. Nève, *Essai sur le mythe des Ribhavas;* Paris, 1847; e A. Bergaigne, *La Religion Védique,* II. 406-413; III. 51-55.
[8] Uma expressão técnica para o derramamento de leite no ou sobre o suco Soma. 'Para a diluição (da libação de Soma)'. – Wilson.
[9] Ou conchas sacrificais. Veja 1.20.6.
[10] [Isto é, do irmão do meio, do *mais novo* que o primeiro].
[11] O Sol; Savitar.
[12] A carruagem de três rodas que traz os Aśvins.
[13] Ou de todas as cores. 'Indra atrelou seus Baios, o carro dos Aśvins está equipado com cavalos, Bṛhaspati trouxe a Vaca de todas as cores'. – 1.161.6.

11. Nesse dia eles colocaram bebida que alegra diante de vocês. Não sem trabalho os Deuses são inclinados à amizade. Portanto vocês que são tão grandiosos, ó Ṛbhus, nos concedam tesouros nessa terceira libação.[14]

Índice ◄►Hino 34 (Griffith)

---

[14] Ao anoitecer, [‘no declínio do dia’, ‘quando o dia está terminando’, (verso 5 do hino seguinte)] a hora apropriada para oferendas de bebida para os Ṛbhus.

Hino 34. Ṛbhus (Wilson)

(Sūkta II)

Os deuses, o Ṛṣi e a métrica como antes.

Varga 3. **1**. Ṛbhu, Vibhvan, Vāja, e Indra, venham a este nosso sacrifício, para distribuir coisas preciosas, pois a palavra divina, de fato, agora desejou a bebida[1] (da Soma) nas (horas designadas dos) dias; portanto, as doses que alegram estão reunidas para vocês.
2. Resplandecentes com alimentos (sacrificais), prescientes de seu nascimento (celeste),[2] alegrem-se, Ṛbhus juntamente com os Ṛtus;[3] as doses inebriantes estão reunidas para vocês, assim como louvor piedoso; concedam-nos riquezas com excelente posteridade.
3. Esse sacrifício, Ṛbhus, foi instituído para vocês, o qual vocês, que são eminentemente resplandecentes, aceitaram à maneira dos homens;[4] diante de vocês as (libações) propiciatórias foram colocadas, pois, Vājas, todos vocês têm direito à precedência.
4. Agora, líderes (de ritos), o tesouro que deve ser oferecido é para ser dado ao mortal que realiza (o rito sagrado), o ofertante (da libação); bebam, Vājas, (bebam), Ṛbhus; eu o ofereço a vocês na terceira cerimônia solene (diária) para sua alegria.
5. Vājas, Ṛbhukṣans, líderes (de ritos), venham a nós elogiando riqueza excelente; essas doses (de Soma) procedem para vocês no declínio do dia, como vacas recém paridas para seus estábulos.
Varga 4. **6**. Filhos da força, venham a esse sacrifício, invocados com veneração; dadores de coisas preciosas, associados com Indra, com quem vocês são inteligentes, participem ao serem satisfeitos (pela libação), bebam do doce suco Soma.
7. Simpatizando[5] em satisfação com Varuṇa, bebe, Indra, o suco Soma; bebe-o, tu que tens direito a louvor, simpatizando com os Maruts; bebe, simpatizando com os primeiros bebedores, com os bebedores (nos sacrifícios) dos Ṛtus;[6] simpatizando com as protetoras das esposas (dos deuses),[7] as doadoras de riqueza.
8. Ṛbhus, alegrem-se, simpatizando com os Ādityas, simpatizando com os Parvatas,[8] simpatizando com o divino Savitṛ, simpatizando com as (divindades dos rios) concessoras de riqueza.
9. Ṛbhus, que por sua ajuda (satisfizeram) os Aśvins, que (renovaram) seus pais, que (restauraram) a vaca, que fabricaram os cavalos, que fizeram armadura (para os

---

[1] *Driṣaṇā devī;* no *Aitareya Brāhmaṇa* é dito: Prajāpati disse a Savitṛ, estes são teus companheiros estudantes; bebe com eles. ["Prajāpati disse então para Savitar: 'Estes são os teus alunos; tu somente (entre os Viśvedevas), portanto, beberás com eles'. Ele consentiu, e disse (para Prajāpati), 'Bebe tu também, permanecendo em ambos os lados dos Ṛbhus'". - *Aitareya Brāhmaṇa,* pág. 142 da tradução por Martin Haug, Edição de 1922].
[2] *Vidānāso janmanah* é explicado como, conhecendo a obtenção de deificação.
[3] [Veja a nota 12].
[4] [Ou, 'como Manu'.]
[5] Não é fácil encontrar um equivalente para *sajoṣāḥ*, embora o sentido seja bastante óbvio; *sajoṣā indra varuṇena somaṃ pāhi,* é, literalmente, Indra, que és co-satisfeito com Varuṇa, bebe a libação; implicando que ambos derivam a mesma satisfação da bebida que eles bebem juntos.
[6] *Ṛtupābhiḥ* é explicado, *ṛtuyājadevaiḥ*, as divindades às quais o sacrifício Ṛtu é dedicado.
[7] *Gnāspatnībhih; gnā* é geralmente traduzido como 'as esposas dos deuses'; o composto é aqui explicado como 'as protetoras das mulheres'; isso pode indicar as deusas, mas não há autoridade para tal interpretação.
[8] Uma espécie de divindades que devem ser adoradas nos *Parvas*, certos períodos do mês, como a lua nova e cheia, etc. [Veja a nota 17].

deuses), que separaram a terra e o céu, e que, os onipenetrantes líderes (de ritos), realizaram (atos produtivos de)[9] bons resultados.
10. Ṛbhus, que possuem riqueza composta por gado, alimentos, progênie, moradias, e sustento abundante, vocês, que são os primeiros bebedores (de Soma), concedam a nós, quando alegres, (aquela riqueza, e àqueles) que louvam sua generosidade.
11. Ṛbhus não vão para longe; não vamos deixá-los (sedentos); (estejam presentes) irrepreensíveis neste sacrifício; alegrem-se, divindades, junto com Indra, com os Maruts, e com (outras) brilhantes (divindades), para a distribuição de riqueza.

Índice ◄►Hino 35 (Wilson)

Hino 34. Ṛbhus (Griffith)

1. Para este nosso sacrifício venham Ṛbhu, Vibhvan, Vāja, e Indra com dádiva de riquezas, porque neste dia Dhiṣaṇā[10] a Deusa colocou bebida para vocês; as doses que alegram chegaram a vocês.
2. Conhecendo seu nascimento[11] e ricos em tesouros acumulados, Ṛbhus, regozijem-se junto com os Ṛtus.[12] As doses alegradoras e sabedoria se aproximaram de vocês; mandem-nos riquezas com boa fartura de heróis.
3. Para vocês foi feito esse sacrifício, ó Ṛbhus, que vocês, como homens, ganharam para si mesmos outrora. A vocês vêm todos os que encontram em vocês seu prazer; vocês todos eram, – até mesmo os dois mais velhos – Vājas.[13]
4. Agora, para o adorador mortal, ó Heróis, para aquele que os serviu, era o presente de riquezas. Bebam, Vājas, Ṛbhus! Para vocês é oferecido, para alegrá-los, a terceira e grande libação.[14]
5. Venham a nós, Heróis, Vājas e Ṛbhukṣans,[15] glorificados por causa do tesouro imenso. Essas doses se aproximam de vocês quando o dia está terminando, como vacas, cujos bezerros são recém-nascidos, de seu estábulo.
6. Venham para esse nosso sacrifício, ó Filhos da Força, invocados com adoração humilde. Bebam desse Hidromel, Dadores de Riqueza, unidos com Indra com quem vocês estão em pleno acordo, ó Príncipes.
7. Estreitamente ligado a Varuṇa bebe o Soma, Indra; estreitamente ligado, Amante de Hino! com os Maruts, bebe-o; estreitamente ligado com primeiros bebedores,[16] que bebem na época; estreitamente ligado com as Damas celestiais que nos dão tesouros.

---

[9] *Svapatyāni cakruḥ;* de acordo com o escoliasta, *svapatana sādhanāni karmāṇi,* atos, os meios de conseguir sua boa prole ou consequências; de acordo com Sāyaṇa também o pronome relativo *ye* se refere ao antecedente no verso seguinte, *te agrepāt*, eles os primeiros bebedores, o Soma sendo oferecido primeiro no sacrifício vespertino aos Ṛbhus.
[10] Uma divindade intimamente ligada ao Soma e que preside a prosperidade.
[11] Sabendo como vocês obtiveram imortalidade e deificação.
[12] As estações personificadas e honradas como divindades. Os Ṛbhus como poderes cósmicos estão estreitamente ligados a eles.
[13] Isto é, embora Vāja seja estritamente o nome do mais novo dos três somente, vocês todos têm direito a essa denominação que significa ativo, forte, ou animado. O professor Grassmann traduz: 'vocês são todos os primeiros (que têm direito à precedência) aqui, ó Vājas'; mas a palavra *utá* é então deixada sem tradução.
[14] Veja o hino anterior, estrofe 11.
[15] Ṛbhukṣan é outro nome de Ṛbhu, o mais velho dos três.
[16] Aqueles que reivindicam e recebem a libação primeiro; aqui, aparentemente, os Ṛtus ou Estações.

8. Regozijem-se em pleno acordo com os Ādityas, em concórdia com os Parvatas,[17] ó Ṛbhus; em pleno acordo com Savitar, Divino; em pleno acordo com as torrentes que derramam riquezas.
9. Ṛbhus, que ajudaram seus pais e os Aśvins, que formaram a Vaca Leiteira e o par de cavalos, fizeram armadura,[18] separaram o céu e a terra, – vastos, Heróis, eles fizeram uma boa prole.
10. Vocês que têm riqueza em gado e em saque, em heróis, em rico sustento e tesouro, esses, ó Ṛbhus, primeiros a beber, regozijando-se, deem a nós e àqueles que louvam o nosso presente.[19]
11. Vocês não estavam longe; nós não os deixamos sedentos, irrepreensíveis nesse nosso sacrifício, ó Ṛbhus. Regozijem-se com os Maruts e com Indra, com os Reis,[20] Deuses! para que vocês possam nos dar riquezas.

Índice ◄►Hino 35 (Griffith)

---

[17] Deuses que presidem montanhas e nuvens.
[18] Para os Deuses.
[19] Que acompanham com hinos, e assim, recomendam aos Deuses nossa oblação.
[20] Os outros Deuses, ou os Deuses em geral.

Hino 35. Ṛbhus (Wilson)

(Sūkta III)

Deuses, Ṛṣi e métrica como antes.

Varga 5. **1**. Venham para cá, filhos da força, filhos de Sudhanvan; Ṛbhus, não se mantenham longe; que os sucos que alegram procedam até vocês neste sacrifício, depois[1] do magnânimo Indra.

2. Que a generosidade dos Ṛbhus venha a mim nessa ocasião, (já que) houve o consumo de Soma derramado, em consequência de uma concha ter sido tornada quádrupla por sua destreza e trabalho excelente.

3. Vocês tornaram a concha quádrupla, e disseram (para Agni): concorde (com a divisão); portanto vocês seguiram, Vājas, o caminho dos imortais; Ṛbhus de mãos ágeis, (você se juntaram) à companhia dos deuses.

4. Que tipo de concha era aquela da qual por habilidade vocês fizeram quatro? agora derramem o Soma para a alegria deles; bebam, Ṛbhus, da doce libação de Soma.

5. Por seus atos (maravilhosos) vocês tornaram seus pais jovens; por suas ações vocês tornaram a concha (adequada) para os deuses beberem; por seus atos vocês fizeram os dois cavalos, os transportadores de Indra, mais velozes do que (uma flecha de) um arco, Ṛbhus, que são ricos em alimento (sacrifical).

Varga 6. **6**. Distribuidores de alimentos, Ṛbhus, derramadores (de benefícios), alegrados (pelo gole de Soma), fabriquem riqueza, abrangendo toda a posteridade para aquele que derrama, para o seu júbilo, a libação acre no declínio do dia.

7. Bebe, senhor dos cavalos, Indra, a libação oferecida ao amanhecer; a libação do meio-dia é só para ti; mas (ao anoitecer) bebe com os magnânimos Ṛbhus, a quem, Indra, tu tornaste teus amigos por boas ações.

8. Vocês, filhos da força, que se tornaram deuses por (suas boas ações), subindo alto no céu como falcões, concedam-nos riquezas; filhos de Sudhanvan, vocês se tornaram imortais.

9. De mãos hábeis, já que vocês instituíram, pelo desejo de boas obras, o terceiro sacrifício, que é o concessor de prosperidade, portanto, Ṛbhus, bebam esse Soma derramado com sentidos estimulados.

Índice ◄►Hino 36 (Wilson)

---

[1] *Indram anu, Indram anusṛtya* ou *anugamantu:* tendo seguido, ou que eles possam vir depois de, Indra; ou seria mais coerente traduzir: que eles venham depois (de vocês) para Indra, etc., veja nota 9 no hino anterior. [E também a nota 2 abaixo].

Hino 35. Ṛbhus (Griffith)

1. Venham para cá, ó Filhos da Força, ó Ṛbhus; não fiquem longe, ó filhos de Sudhanvan. Nessa libação está seu presente de tesouro. Que as doses que alegram se aproximem de vocês depois das de Indra.[2]
2. Aqui chegou o presente de riquezas dos Ṛbhus; aqui foi o consumo de Soma bem espremido, visto que por destreza e habilidade como artesãos vocês fizeram o único cálice ser quadruplicado.
3. Vocês tornaram quádruplo o cálice que era um só; vocês falaram estas palavras e disseram: Ó Amigo,[3] ajuda-nos; então, Vājas! ganharam o caminho da vida eterna, Ṛbhus de mãos hábeis, para a assembleia dos Deuses.
4. De que substância era formado aquele cálice que vocês tornaram quádruplo por sua arte e sabedoria? Agora, para a dose que alegra espremam o licor, e bebam, ó Ṛbhus, do hidromel de Soma.
5. Vocês com sua destreza[4] tornaram seus Pais jovens; o cálice, para os Deuses beberem, vocês formaram com destreza; com destreza, Ṛbhus, ricos em tesouros, moldaram os dois velozes Cavalos Fulvos que carregam Indra.
6. Aquele que derrama para vocês, quando os dias estão terminando, a libação picante para sua alegria, ó Vājas, para ele, ó poderosos Ṛbhus, vocês, regozijando-se, têm formado riqueza[5] com abundante fartura de heróis.
7. Senhor dos Cavalos Baios, ao amanhecer tu bebeste o suco; tua, só tua, é a libação do meio-dia. Agora bebe com os Ṛbhus concessores de riqueza, a quem por sua habilidade tu tornaste amigos, ó Indra.
8. Vocês, a quem sua habilidade artística elevou à Divindade, sentaram-se acima no céu como falcões. Então nos deem riquezas, Filhos de Sudhanvan, ó Filhos da Força; vocês se tornaram imortais.
9. A terceira libação, que concede tesouro, a qual vocês ganharam por habilidade, ó de mãos ágeis, – essa bebida foi derramada para vocês, ó Ṛbhus; bebam-na com grande deleite, com alegria como a de Indra.

Índice ◄►Hino 36 (Griffith)

---

[2] Libações tendo sido oferecidas para Indra ao amanhecer e ao meio-dia. Veja a estrofe 7.
[3] Agni.
[4] Poder e habilidade como artífices; *śácyā*.
[5] Feito ou fabricado como artífices.

Hino 36. Ṛbhus (Wilson)

(Sūkta IV)

Os deuses e o Ṛṣi como antes; a métrica é Jagatī, no último verso Triṣṭubh.

Varga 7. **1**. O glorioso carro de três rodas (dos Aśvins, feito, Ṛbhus, por vocês), atravessa o firmamento sem cavalos, sem rédeas; grandiosa foi aquela proclamação de seu (poder) divino, pelo qual, Ṛbhus, vocês nutrem o céu e a terra.
2. Nós os invocamos respeitosamente, Vājas e Ṛbhus, para beber dessa libação, pois vocês são os sábios sagazes que, por meditação mental, fizeram o carro indesviável bem construído (dos Aśvins).
3. Portanto, Vāja, Ribhu, Vibhvan, a sua grandeza foi proclamada entre os deuses, que vocês tornaram seus pais idosos e fracos novamente jovens (e aptos) para ir (aonde eles queriam).
4. Vocês tornaram quádrupla a única concha; por seus atos (maravilhosos) vocês vestiram a vaca com uma (nova) pele; portanto vocês obtiveram imortalidade entre os deuses; tais atos, Vājas e Ṛbhus, devem ser zelosamente glorificados.
5. Que dos Ṛbhus possa (vir a mim) riqueza, a melhor e a mais produtiva de alimentos; aquela que os líderes (de ritos) renomados junto com os Vājas, geraram; aquela que foi fabricada por Vibhvan, e deve ser celebrada em sacrifícios; aquela que, deuses, vocês protegem, que é para ser contemplada.
Varga 8. **6**. É vigoroso e hábil na guerra, é um Ṛṣi digno de homenagem, é um herói, o derrotador de inimigos, invencível nas batalhas, é possuidor de vasta riqueza, e (é abençoado) com excelente posteridade, aquele a quem Vāja e Vibhvan, a quem os Ṛbhus, protegem.
7. Uma forma excelente e agradável foi assumida por vocês; (esse é o nosso próprio) louvor; Vājas e Ṛbhus, fiquem satisfeitos (por isso), pois vocês são sábios, experientes, e inteligentes; assim nós os fazemos (ser) conhecidos por essa (nossa) prece.
8. Vocês que são sábios, (concedam) a nós, em retribuição de nossos louvores, todos os prazeres que são bons para o homem, e fabriquem para nós, Ṛbhus, riquezas e alimentos, resplandecentes, revigorantes, esmagadores (de inimigos), e os mais excelentes.
9. Satisfeitos (pela nossa adoração), fabriquem para nós, nessa ocasião, progênie, e riqueza, e reputação, com numerosos partidários;[1] concedam-nos, Ṛbhus, sustento abundante com o qual nós possamos sobrepujar grandemente outros.

Índice ◄►Hino 37 (Wilson)

---

[1] *Śravo vīravat* pode ser traduzido como prole abrangendo alimento, mas como *prajā* já foi especificado, o escoliasta interpreta *vīravat*, *viros habens*, como *bhṛtyādibhirupetam*, dotado com dependentes.

Hino 36. Ṛbhus (Griffith)

1. O carro[2] que não foi feito para cavalos ou para rédeas, de três rodas, digno de louvores, roda em volta do firmamento. Esse é o grande anúncio da sua Divindade, que, ó Ṛbhus, vocês sustentam a terra e o céu.
2. Ó Sapientes que fizeram a partir de sua mente, pelo pensamento, o carro que roda levemente, o carro que nunca erra, vocês, sendo assim, para beber desta oferenda de bebida, vocês, ó Vājas, e ó Ṛbhus, nós invocamos.
3. Ó Vājas, Ṛbhus, chegando longe, entre os Deuses essa sua exaltação foi declarada gloriosamente, em que seus Pais idosos, esgotados com longura de dias, vocês forjaram novamente à juventude,[3] para que eles se movessem à vontade.
4. O cálice que era único vocês tornaram quádruplo, e por sua sabedoria produziram a Vaca a partir da pele. Então rapidamente, em meio aos Deuses, vocês ganharam vida imortal. Vājas e Ṛbhus, sua grande obra deve ser exaltada.
5. A riqueza dos Ṛbhus é mais gloriosa em renome, aquela que os Heróis, afamados por vigor, produziram. Em sínodos deve ser cantado o carro que Vibhvan forjou;[4] aquele que vocês favorecem, Deuses! é famoso entre os homens.
6. Forte é o cavalo, o homem um sábio em eloquência, o arqueiro é um herói difícil de vencer em luta, grande fartura de riqueza e poder viril obteve aquele para quem Vāja, Vibhvan, Ṛbhus, têm olhado bondosamente.
7. A vocês foi concedido o ornamento o mais belo, o hino de louvor; Vājas e Ṛbhus, alegrem-se nele; pois vocês têm erudição e sabedoria e habilidade poética; como tais, com essa nossa prece nós os chamamos para virem.
8. De acordo com os desejos dos nossos corações[5] possam vocês, que têm pleno conhecimento de todos os prazeres dos homens, moldar para nós, ó Ṛbhus, poder e riqueza esplêndida, rica em grande coragem, excelente, e força vital.
9. Dando a nós aqui riquezas e progênie, aqui moldem fama para nós digna de heróis. Concedam-nos fortuna de tipo esplêndido, ó Ṛbhus, para que possamos nos tornar mais renomados do que outros.

Índice ◄►Hino 37 (Griffith)

---

[2] A carruagem de três rodas dos Aśvins, puxada por asnos, isto é, as nuvens cinzentas do crepúsculo da manhã.
[3] Formas do verbo *takṣ*, formar, fabricar, moldar, como um carpinteiro faz com a madeira, são usadas nesse e outros hinos para os Ṛbhus, os artífices, em vez de palavras que significam restaurar, dar, produzir, e semelhantes.
[4] Ou a taça sacrifical; o texto tem apenas *vibhvataṣṭāḥ*, aquilo que foi fabricado por Vibhvan, ou, como Sāyaṇa diz, pelos Ṛbhus.
[5] Ou, de acordo com Sāyaṇa, por causa dos louvores que nós temos oferecido a vocês.

Hino 37. Ṛbhus (Wilson)

(Sūkta V)

Deuses e Ṛṣi como antes; a métrica dos primeiros quatro versos é Triṣṭubh, do resto Anuṣṭubh.

Varga 9. **1**. Divinos Vājas, Ṛbhus,[1] venham ao nosso sacrifício pelo caminho percorrido pelos deuses, visto que vocês, benevolentes (Ṛbhus), têm mantido o sacrifício entre as pessoas, (a progênie) de Manu, para assegurar a próspera passagem dos dias.
2. Que estes sacrifícios sejam (aceitáveis) para vocês em coração e mente; que hoje os (sucos) suficientes misturados com manteiga fluam para vocês; as libações plenas estão preparadas para vocês; que elas, quando bebidas, possam animá-los para feitos gloriosos.
3. Como a oferenda adequada para os deuses no terceiro sacrifício (diário) sustenta vocês, Vājas, Ṛbhukṣans; como o louvor (então recitado os sustenta); portanto, como Manu, eu lhes ofereço o suco Soma, junto com as (divindades) muito radiantes entre as pessoas reunidas na solenidade.[2]
4. Vājins, vocês são trazidos pelos cavalos robustos montados em um carro brilhante, têm mandíbulas de ferro, e são possuidores de tesouros;[3] filhos de Indra, netos da força,[4] este último sacrifício[5] é para sua alegria.
5. Nós os invocamos, Ṛbhukṣans, por riqueza esplêndida, mutuamente cooperante, a mais revigorante na guerra, que afeta os sentidos, sempre munificente, e que abrange cavalos.[6]
Varga 10. **6**. Que o homem a quem vocês, Ṛbhus e Indra, favorecem, seja sempre generoso por seus atos, e possuidor de um cavalo no sacrifício.[7]
7. Vājas, Ṛbhukṣans, dirijam-nos no caminho para o sacrifício; pois vocês, que são inteligentes, sendo glorificados (por nós), são capazes de percorrer todos os quadrantes (do espaço).
8. Vājas, Ṛbhukṣans, Indra, Nāsatyas ordenem que ampla riqueza com cavalos seja enviada para os homens para o seu enriquecimento.

Índice ◄►Hino 38 (Wilson)

---

[1] O texto tem *Ṛbhukṣāḥ* que é propriamente o nominativo singular de *Ṛbhukṣin*, um nome de Indra; aqui Sāyaṇa o identifica com *Ṛbhavaḥ*, o plural nominativo de *Ṛbhu;* em alguns dos versos seguintes desse hino a palavra aparece como *Ṛbhukṣaṇaḥ*, o nominativo ou vocativo plural de *Ṛbhukṣin* substituindo opcionalmente, a vogal curta pela longa no antepenúltimo, *Ṛbhukṣaṇaḥ* por *Ṛbhukṣāṇaḥ;* veja *Sanscrit Gr.,* Segunda Edição, p. 460.
[2] *Juhve manuṣvad uparāsu vikṣu yuṣme sacā bṛhaddiveṣu somam;* o significado não é muito claro; *uparā* é explicado como aqueles que estão satisfeitos ou se divertem perto da adoração dos deuses; *tāsu vikṣu-prajāsu*, em ou entre tais pessoas; *bṛhaddiveṣu*, Sāyaṇa considera um epíteto de *deveṣu* subentendido.
[3] *Vājinaḥ,* os possuidores ou de cavalos ou de alimento, é aqui usado um tanto irregularmente em lugar de *Vājā; ayaḥśiprā*, de acordo com o comentador, significa tão duro ou forte quanto ferro; *suniṣkāḥ,* tendo bons *niṣkas*, um certo peso de ouro, se não uma moeda.
[4] O texto tem aqui os substantivos no singular, filho de Indra, filho ou neto da força, e segue de forma inconsistente com *rah-vos*, vocês, no plural.
[5] *Ityagriyam*, *agre bhavam*, significaria o primeiro, o anterior, mas Sāyaṇa o explica como *tritīyam savanam*, o que é mais compatível com a adoração dos Ṛbhus.
[6] Tais são as explicações sobre os epítetos dados a *rayiṃ*, riqueza, *ṛbhum, yujam, vājintamaṃ, indrasvantaṃ, sadāsātamam, aśvinam,* explicados como no texto.
[7] *Medhasātā so arvatā;* talvez um cavalo adequado para o *aśvamedha* esteja implícito.

Hino 37. Ṛbhus (Griffith)

1. Venham ao nosso sacrifício, Vājas, Ṛbhukṣans, Deuses, pelos caminhos que os Deuses estão acostumados a percorrer, já que vocês, Deuses alegres, aceitam em clima esplêndido[8] o sacrifício entre esse povo de Manus.[9]
2. Que esses ritos os agradem em seu coração e espírito; que as gotas vestidas em óleo nesse dia se aproximem de vocês. Que os sucos abundantes os impulsionem ao poder e força, e, quando bebidos, os deleitem.
3. Sua aproximação tripla[10] é designada pelos Deuses, assim louvor é dado a vocês, Vājas e Ṛbhukṣans. Então, como Manus, em meio ao povo mais jovem eu ofereço, a vocês que estão nas alturas no céu, o Soma.
4. Fortes, com belas correntes de ouro e mandíbulas de ferro, vocês têm um carro esplêndido e cavalos bem alimentados. Ó Filhos da Força, ó progênie de Indra, a vocês o melhor é oferecido para deleitá-los.
5. Ṛbhukṣans! a ele,[11] por riqueza acessível, o companheiro mais poderoso na luta,
A ele, à altura de Indra, nós invocamos, o mais generoso sempre, rico em cavalos.
6. O homem mortal a quem, Ṛbhus, vocês e Indra favorecem com seu auxílio,
Deve ser bem sucedido, por seus pensamentos,[12] em sacrifício e com o corcel.[13]
7. Ó Vājas e Ṛbhukṣans, desobstruam para nós os caminhos para o sacrifício,
Ó Príncipes, louvados, para que possamos avançar para cada ponto do céu.[14]
8. Ó Vājas e Ṛbhukṣans, ó Nāsatyas,[15] Indra, abençoem esta riqueza,
E, antes do de outros homens, o corcel,[16] para que vastas riquezas possam ser ganhas.

Índice ◄►Hino 38 (Griffith)

---

[8] Depois das chuvas, quando os sacrifícios prolongados não são interrompidos por tempestades.
[9] Os homens arianos.
[10] Vindo ao altar nos três sacrifícios diários.
[11] Ṛbhu, como representando seus irmãos também.
[12] Referindo-se ao adorador que por seus pensamentos devotos e atos obterá sucesso no sacrifício.
[13] Referindo-se ao guerreiro que será vitorioso em batalha com sua carruagem de guerra.
[14] Isto é, ser vitoriosos em todos os lugares, alcançar, o que era em épocas posteriores o objeto da maior ambição de grandes reis, o *digvijaya* ou conquista de terras em todas as direções.
[15] Aśvins.
[16] *Os corcéis:* ou os cavalos de guerra em geral, ou, como o professor Ludwig sugere, um cavalo específico que está para ser sacrificado.

Hino 38. Dadhikrā (Wilson)

(Sūkta VI)

Os deuses do primeiro verso são Céu e Terra, do resto, Dadhikrā; o Ṛṣi é Vāmadeva; a métrica Triṣṭubh.

Varga 11. **1**. Trasadasyu concedeu a muitos os antigos (presentes) que foram obtidos pelo (príncipe) generoso pela sua (graça, Céu e Terra)[1] vocês dois deram um cavalo, um filho,[2] uma arma (para a destruição) dos Dasyus, feroz e subjugadora de inimigos.
2. E vocês dois deram o veloz Dadhikrā,[3] o repulsor de muitos (inimigos), o defensor de todos os homens, o que segue reto, o de movimento gracioso, o resplandecente, o rápido, o destruidor de inimigos como um príncipe heroico.
3. A quem todos os homens, regozijantes, louvam, que avança para todos os lugares, como se para baixo de um precipício, saltando com seus pés como um herói ávido pela guerra, puxando um carro, e correndo tão rápido quanto o vento.
4. Que, combatendo a multidão misturada em batalhas, avança ávido, passando pelas regiões, cujo vigor é manifesto, que, compreendendo o que é para ser conhecido, envergonha o adversário do homem (piedoso).[4]
5. Por quem os homens chamam em batalhas, como atrás de um ladrão levando uma peça de roupa, ou como (atrás de) um falcão faminto lançando-se (sobre sua presa); eles chamam por dele, se apressando para obter alimentos, ou um rebanho de gado.[5]
Varga 12. **6**. E que, emergindo o primeiro naqueles conflitos, avança em várias direções com fileiras de carruagens; como um (corcel) elegante, amigável para o homem, enfeitado com uma guirlanda, erguendo a poeira, e mordendo seu freio.
7. E aquele (cavalo) veloz resistente em batalha, concedendo alimento, e prestando serviço com seus membros, avançando rapidamente sobre a (hoste) de movimento rápido (do inimigo), indo direto para frente, e jogando a poeira para cima, a atira sobre suas sobrancelhas.
8. E os adversários daquele corcel destruidor de inimigos, como (aqueles) do raio brilhante, ficam alarmados; pois quando ele luta, mesmo contra milhares por todos os lados, então, animando (seu espírito), ele é temível e irresistível.
9. Os homens louvam a rapidez avassaladora daquele (cavalo) veloz, que é o realizador (dos desejos) da humanidade, e, seguindo-o para a batalha, eles têm dito: Dadhikrā com (seus) milhares partiu contra o inimigo.
10. Dadhikrā espalhou prontamente as cinco classes de seres por sua força, como o sol (difunde) as águas por seu brilho; ele, o doador de centenas pode e milhares, associa esses louvores com (recompensas) agradáveis.

Índice ◄►Hino 39 (Wilson)

---

[1] Eles não são citados no texto, mas supõe-se que o pronome dual *vām*, de vocês dois, os implica. [Veja a nota 7].
[2] Assim Sāyaṇa explica o *kṣetrāsāṃ* e *urvarāsāṃ* do texto, derivando-os de *kṣetra*, terra, *urvarā*, solo fértil, e *san*, dar; porque esses devem significar *aśva* e *putra* não é muito óbvio.
[3] Dadhikrā, ou como também lido, Dadhikrāvan, é apresentado no *Nighantu* de Yāska entre os sinônimos de *aśva*, um cavalo, [veja a nota 6]; a forma é mencionada em Pāṇini, III. 2. 67; de acordo com Mahīdhara sobre a *ṛc* [verso] 6, do *Sūkta* VII, *[Śukla] Yajur*, 23, 32, a etimologia é *dadhi*, que carrega, que leva seu cavaleiro, e *krama*, ir; de acordo com o *Aitareya Brāhmaṇa*, III.15.5, [págs. 170-171 da tradução por Martin Haug, edição de 1922], Agni, sob a forma de um cavalo, destruiu os Asuras pelo desejo de Bharadvāja.
[4] *Vidathā nicikyat tiro aratim paryāpa āyoḥ,* é explicado [deste modo]: conhecendo as coisas cognoscíveis, que envergonha o oponente, ou o inimigo do homem, o louvador.
[5] *Śravaś cāchā paśumacca yūtham* é explicado como: eles chamam por ele, isto é, Dadhikrā, indo, tendo em vista alimento ou fama, ou um rebanho composto de bovinos; Sāyaṇa baseia sua interpretação naquela de Yāska, *Nir.* IV. 24.

Hino 38. Dadhikris[6] (Griffith)

1. De vocês dois[7] vieram as dádivas nos tempos de outrora que Trasadasyu[8] concedeu aos Pūrus.[9] Vocês deram o ganhador de nossos campos e terras de arado, e o forte batedor que subjugou os Dasyus.
2. E vocês deram o poderoso Dadhikrās, o dador de muitos presentes, que visita todos os povos, falcão impetuoso, rápido e de cor variada, como um bravo Rei que cada homem verdadeiro deve honrar.
3. A quem, como se fosse para baixo de um precipício, avançando rápido, cada Pūru louva e seu coração se regozija, – surgindo como um herói ávido por batalha, girando o carro e correndo como a tempestade.
4. Que obtém saque precioso nos combates e se move, ganhando despojos, entre o gado; manifestado em cor brilhante, olhando para as assembleias, além do avarento,[10] para a adoração dos vivos.
5. Ruidosamente o povo grita por ele em batalhas, como se fosse um ladrão que rouba um traje; acelerando[11] para a glória, ou um rebanho de gado, assim como um falcão faminto mergulhando.
6. E, desejoso de surgir primeiro em meio a esses exércitos, nesse caminho e naquele com fileiras de carros ele se apressa, alegre como um padrinho de noiva, fazendo para ele uma guirlanda,[12] jogando para cima a poeira, mastigando a rédea que o detém.
7. E aquele Corcel forte, vitorioso e fiel, obediente com seu corpo no combate, acelerando em frente em meio às que pressionam rapidamente,[13] lança sobre suas sobrancelhas a poeira que ele joga para cima.
8. E ao seu trovão, como o rugido do céu, aqueles que atacam tremem e ficam atemorizados; pois quando ele luta contra milhares dispostos em ordem de combate, temível é ele em sua luta; ninguém pode detê-lo.
9. As pessoas louvam a rapidez avassaladora desse Corcel veloz que dá abundância aos homens. Dele eles falam quando se retirando da batalha: Dadhikrās apressou-se adiante com os seus milhares.

---

[6] Dadhikrās, no caso nominativo, ou Dadhikrā na forma bruta, é o nome de um ser mítico frequentemente mencionado no Ṛgveda e o verdadeiro tópico desse hino e de três outros. Ele é descrito como uma espécie de cavalo divino, e provavelmente, como Tārkshya, é uma personificação do sol da manhã; às vezes ele é considerado como uma criação do céu e da terra, às vezes de Mitra-Varuṇa, e é invocado de manhã junto com Agni, Uṣas, e os Aśvins. O nome provavelmente é derivado de *dadhi*, leite engrossado, e *kṝ*, espalhar. Em alusão ao sol nascente espalhando orvalho e geada como leite. (πάχνην θ᾽ἑῴαν ἥλιος σκεδᾷ πάλιν. Aeschylus). Veja o *St. Petersburg Lexicon*, ou o Dicionário de Monier Williams. O professor Ludwig pensa que o hino é um fragmento, referente não ao ser mítico, mas a um verdadeiro cavalo de guerra portador de seu nome.
[7] Mitra e Varuṇa, de acordo com a estrofe 2 do hino seguinte; Céu e Terra, de acordo com Sāyaṇa.
[8] Esse rei foi mencionado antes (1.112.14) como um favorito dos Aśvins. O professor Ludwig assinala que, conforme o que é dito em 4.42.8, a leitura deve ser Trasadasyum; 'vocês que deram Trasadasyu para os Pūrus', o verbo *nitośe* representando o dual *nitośethe*.
[9] Uma das tribos arianas.
[10] Passando pelo avaro que não oferece oblações, e olhando bondosamente para o sacrifício do homem vivo ou adorador devoto. A palavra *aratím* aparentemente = *árātim*.
[11] Referindo-se a Dadhikrās buscando fama e despojos.
[12] Das carruagens que o circundam.
[13] O texto não tem substantivo; *senāsu*, tropas, ou *vikṣu*, pessoas, pode ser subentendido.

10. Dadhikrās tem coberto o Povo Quíntuplo com vigor, como o Sol ilumina as águas. Que o Corcel forte que vence centenas, milhares, retribua com doçura essas minhas palavras e louvores.

Índice ◄►Hino 39 (Griffith)

Hino 39. Dadhikrā (Wilson)

(Sūkta VII)

O deus e o Ṛṣi como antes; a métrica a mesma, exceto no último verso, no qual ela é Anuṣṭubh.

Varga 13. **1**. Realmente nós louvamos aquele veloz Dadhikrā e espalhamos (forragem diante dele) do céu e da terra; que as auroras que dissipam a escuridão preservem para mim (todas as coisas boas), e me levem além de todos os males.

2. Realizador de ritos religiosos, eu reitero o louvor do grande Dadhikrā, o generoso, derramador (de benefícios) honrado por muitos, o qual Mitra e Varuṇa deram para o bem de muitos, o transportador (para além da calamidade), tão brilhante quanto Agni.

3. Que Aditi[1] concordante com Mitra e Varuṇa torne livre de pecado aquele que tem realizado a adoração do corcel Dadhikrā, quando o fogo é aceso no início do amanhecer.

4. Enquanto nós glorificamos o nome do grande Dadhikrā, os meios de sustento e de força, a prosperidade daqueles que (o) louvam,[2] invoquemos (também) para o nosso bem-estar Varuṇa, Mitra, Agni, e Indra, o portador do raio.

5. Aqueles que estão se preparando para a batalha, aqueles que estão procedendo para o sacrifício, ambos invocam (Dadhikrā) como se (ele fosse) Indra; Mitra e Varuṇa deram a nós o cavalo Dadhikrā como um encorajador para o homem.

6. Eu tenho celebrado o louvor de Dadhikrā, o corcel veloz e vitorioso; que ele torne as nossas bocas fragrantes,[3] que ele prolongue nossas vidas.

Índice ◄►Hino 40 (Wilson)

---

[1] Aditi é considerado por Sāyaṇa como um apelativo, *akhandanāya*, o indivisível ou infrangível, isto é, Dadhikrā.

[2] O texto tem *marutāṃ nāma bhadram;* Sāyaṇa explica *marutāṃ* como *stotrīnāṃ*, dos louvadores.

[3] A boca tendo sido poluída pelo uso de linguagem deselegante, de acordo com Mahīdhara; o verso ocorre no *Sāma-Veda,* 1.358, [Primeira Parte, Livro 4, Cap. 2, Década 2, v. 7, da tradução por Griffith]; *[Śukla] Yajur*, 23, 32; e *Atharvan*, XX.137.3. De acordo com o comentador do *[Śukla] Yajur*, ele deve ser recitado no *aśvamedha* quando os sacerdotes levam a rainha para longe do cavalo.

Hino 39. Dadhikrās (Griffith)

1. Agora nós damos louvor a Dadhikrās o rápido, e mencionamos em nosso louvor a Terra e o Céu. Que as Auroras resplandecentes me induzam ao esforço, e me levem com segurança sobre todos os problemas.
2. Eu louvo o Corcel poderoso que enche o meu espírito, o Garanhão Dadhikrāvan[4] rico em bênçãos, que, de pés ligeiros e brilhante como Agni, vocês, Varuṇa e Mitra, deram aos Pūrus.
3. A ele que tem honrado, quando a chama é acesa ao romper da aurora, o Corcel Dadhikrāvan, a ele, em concordância com Varuṇa e Mitra que Aditi[5] torne livre de toda transgressão.
4. Quando nós recordamos o poderoso Dadhikrāvan nosso alimento e força, então o nome abençoado dos Maruts, Varuṇa, Mitra, nós invocamos por bem-estar, e Agni, e Indra o manejador do trovão.
5. Ambos os lados o invocam visto que eles chamam Indra quando eles se põem em movimento e voltam-se para sacrificar.[6] Para nós Varuṇa e Mitra concederam o Corcel Dadhikrās, um guia para os mortais.
6. Assim eu tenho glorificado com louvor o forte Dadhikrāvan, Corcel conquistador. Que ele torne doces as nossas bocas;[7] que ele prolongue os dias que temos para viver.

Índice ◄►Hino 40 (Griffith)

---

[4] Uma forma alongada, intercambiável, de Dadhikrā.
[5] Aqui uma divindade masculina, provavelmente Agni.
[6] Quando homens que estão saindo em uma incursão, ou para a batalha, oferecem sacrifícios por seu sucesso. Ou o significado pode ser, ambos, aqueles que saem para a batalha e aqueles que permanecem em casa e sacrificam.
[7] Purifique os nossos lábios se nós temos falado palavras ruins.

Hino 40. Dadhikrāvan (Wilson)

(Sūkta VIII)

O deus e o Ṛṣi como antes; a métrica do primeiro verso é Triṣṭubh, do resto, Jagatī.[1]

Varga 14. **1**. Que nós recitemos repetidamente (o louvor) de Dadhikrāvan; que todas as auroras nascentes me animem (para a adoração) das águas, de Agni, de Uṣas, de Sūrya, de Bṛhaspati, e de Jiṣṇu o filho de Aṅgiras.
2. Que Dadhikrāvan, o ativo, o nutridor, o dador de gado, que reside com o devoto, o que corre rápido, esteja disposto a aceitar (o) alimento (sacrifical) na hora da aurora desejável; que ele que é verdadeiro, movente, veloz, e que pula como um gafanhoto, produza (para nós) alimento, força, céu.
3. E atrás dele, que é de curso rápido, acelerando, ansioso (para chegar à sua meta, os homens) seguem (como outras aves perseguem) o vôo de uma (ave) rápida,[2] se esforçando juntos para se manterem ao lado de Dadhikrāvan o transportador (de outros), tão veloz quanto um falcão.[3]
4. E aquele cavalo amarrado por seu pescoço, seus flancos, sua boca, acelera seus passos; Dadhikrā crescendo em vigor após o (rito sagrado), seguindo as curvas das estradas, vai ainda mais rapidamente.
5. Ele é Haṃsa, (o sol), que mora na luz; Vasu, (o vento), que mora no firmamento; o invocador dos deuses (Agni), que mora no altar; o convidado (do adorador), que mora na casa (como o fogo culinário); o morador entre os homens, (como consciência), o morador do mais excelente (orbe, o sol), o morador da verdade, o morador do céu (o ar), nascido nas águas, nos raios de luz, na verdade (da manifestação) na montanha (do leste), a (própria) verdade.[4]

---

[1] [Sūrya é louvado no verso 5].

[2] Essa é uma passagem muito elíptica: *asya dravatas-turaṇyataḥ-parṇaṃ na ver-anu vāti praghardhinaḥ;* literalmente, dele correndo, seguindo rapidamente, como atrás do vôo de uma ave, vão eles ansiosos; o escoliasta completa a elipse, e como o verbo *anuyāti* está no singular, ele supre um nominativo, *sarvah janah,* todo homem.

[3] *Śyenasyeva dhrajato aṅkasam pari dadhikrāvṇaḥ sahorjā taritrataḥ,* literalmente, como de um falcão seguindo rápido com relação à inserção do pé ou no peito, *ankasam-pādādhāram urah-pradetam vā* de Dadhikrāvan, junto com força, ou por causa da força junto, habilitando a atravessar; não é fácil dar algum sentido a isso mesmo com a ajuda do comentador, embora não haja nada muito difícil nas palavras; Mahīdhara, *[Śukla] Yajur*, 9.15, explica *aṅkasam pari*, os arreios de um cavalo, o tecido, cauda *chaunri*, etc., *vastrachāmarādikam*, sobre todo o seu corpo, que voam abertos quando o cavalo galopa, como as asas de um pássaro, enquanto o próprio cavalo tem a velocidade do falcão.

[4] Essa estrofe é conhecida como a *Haṃsavatī Ṛc*, e ocorre duas vezes no *[Śukla] Yajur*, 10.24, e 12.14, bem como no *Aitareya Brāhmaṇa*, IV.20; [pág. 199 da tradução por Martin Haug, edição de 1922]. E embora os comentadores variem um pouco em sua interpretação dos termos individuais, eles concordam quanto ao sentido do todo, a identificação de Āditya, ou o sol sob o símbolo Dadhikrā, com Parabrahma, ou o deus universal, e consequentemente sua identidade com todos os outros símbolos do ser supremo; esses termos são assim especificados, 1. *Haṃsa*, de *han,* ir, aquele que vai eternamente destruir, que destrói individualmente; ou é resolúvel em *aham*, eu, e *sa*, ele, ou seja, eu sou *aquele*, o supremo; 2. *Vasu*, o nomeador das posições de todas as criaturas, ou todos os homens, ou aquele que reside *(vasati)* em todos os tempos, *sarvadā;* 3. *Hotā* ou sacrificador; e 4. *Atithi*, ou convidado, significando em ambos os casos Agni ou fogo, em primeiro lugar como fogo sacrifical, e em segundo lugar como fogo culinário; 5. *Nṛṣad,* o morador entre os homens, é explicado como *caitanya*, consciência, ou *prāṇa*, vitalidade, ou, de acordo com Sāyaṇa nos escólios sobre o *Brāhmaṇa*, visão, ou o olho, de acordo com o texto 'o sol, tornando-se o olho (do mundo), entrou nos dois olhos (do homem)'; 6. *Varasad* é traduzido uniformemente como o residente no lugar mais excelente, isto é, o orbe solar; 7. *Ṛtasad* é aquele que está presente na verdade, ou na água, ou no sacrifício; o comentário sobre o *Brāhmaṇa* interpreta verdade como o texto do Veda, *vedavāhya;* 8. *Vyomasad*, o morador do céu, tem seu significado literal em toda parte: só Sāyaṇa o compreende como *vento;* 9. *Abjah*, que nasce no meio da água, como, de acordo com outro texto, *udaka madhye khalvoyam jāyate,* Mahīdhara diz, na forma de um peixe, etc.; o *Brāhmaṇa* sugere que isso se refere à aparente elevação do sol do oceano e ocaso no mesmo; 10. *Gojah*, nascido no meio de, *goṣu*, raios; Mahīdhara diz: *gavi, pṛthivyām*, na terra, sendo idêntico aos elementos; 11. *Ṛtajah*, nascido da verdade, por ser visível por todos, não invisível como Indra e o resto, é a explicação de Sāyaṇa nesse lugar; em seus escólios

Índice ◄►Hino 41 (Wilson)

Hino 40. Dadhikrāvan (Griffith)

1. Vamos recitar o louvor de Dadhikrāvan; que todas as Manhãs me incitem ao esforço; louvor do Senhor[5] das Águas, Aurora, e Agni, Bṛhaspati Filho de Aṅgiras, e Sūrya.
2. Bravo, buscando guerra e despojos, morando com os bons e com os rápidos, possa ele apressar o alimento da Aurora.[6] Que ele o verdadeiro, o veloz, o amante do percurso, Dadhikrāvan o semelhante à ave, traga alimento, força e luz.
3. Sua asa, corredor rápido, o abana em seu caminho, como de uma ave que se apressa para diante para seu alvo, e, como se fosse a de um falcão planando pelo ar, golpeia o lado de Dadhikrāvan enquanto ele acelera com poder.
4. Amarrado pelo pescoço e pelos flancos e pela boca, o Corcel vigoroso empresta nova rapidez à sua velocidade.[7] Contraindo-se, como a sua força permite, Dadhikrās salta ao longo das curvas dos caminhos.
5. O Haṁsa que mora na luz, o Vasu no ar, o sacerdote ao lado do altar, na casa o convidado, morador do lugar mais nobre, em meio aos homens, na verdade, no céu, nascido da torrente, vacas, verdade, montanha, ele é a Lei Sagrada.[8]

Índice ◄►Hino 41 (Griffith)

---

sobre o *Brāhmaṇa* ele o interpreta como, nascido dos mantras dos Vedas; 12. *Adrija*, nascido da montanha, isto é, na montanha do leste, onde ele surge; Mahīdhara diz, nascido em pedra na forma de Agni, como se aludindo à pederneira; ou, *adri* tendo como um significado uma nuvem, ele pode ser mencionado como gerado nas nuvens em forma de chuva; finalmente ele é *ṛtam*, verdade, isto é, de acordo com Sāyaṇa, em ambos os seus comentários, verdade perfeita; ou Parabrahma, como por um outro texto, *'Satyam jñānam anantam Brahma'* verdade, sabedoria, infinitude, Brahma; e como ele o explica nesse texto, *abādhyam sarvādhiṣṭhānam Brahma tatvam,* o princípio irrevogável, que regula tudo, Brahma; assim em sua glosa sobre o *Brāhmaṇa*, a verdade, diz ele, é de dois tipos, *vyāvahārikam*, veracidade em palavras e transações mundanas, e *pāramārthikam*, ou Parabrahma, o espírito universal supremo; ele cita, também, a leitura de outro *Śākhā* ou *Ṛtam bṛhat,* que é seguido no *Yajur*, e é explicado por Mahīdhara como o onipenetrante, o infinito *sarvagatam aparyantam,* isto é, *Parabrahmarūpa;* Aditya na forma de Parabrahma.

[5] Literalmente, o conquistador, isto é, o ganhador, o obtentor.

[6] 'aceitar (o) alimento (sacrifical) na hora da aurora desejável'. – Wilson. Essa linha é difícil, e o significado um tanto obscuro.

[7] Eu adoto a interpretação de Sāyaṇa, *tvarayati gantum*. O professor Eggeling traduz mais literalmente 'acelera após o açoite'. *(Śatapatha Brāhmaṇa* , V.1.5.19).

[8] Nessa estrofe Dadhikrās é identificado com a Lei Eterna do universo e com todos os símbolos ou formas do Ser Supremo. Ele é o Haṃsa, o Cisne do céu, ou o Sol, o Vasu no meio do ar ou o Vento, Agni como o sacerdote e convidado dos homens. Como o Sol ele nasce de, ou entre, vacas ou raios de luz e ergue-se do oceano celeste e das montanhas de nuvens atrás das quais ele nasce. Veja a nota do professor Wilson sobre a passagem, [nota 4 acima]. A estrofe é explicada também no *Śatapatha Brāhmaṇa,* VI.7.3.11. (*Sacred Books of the East*, XLI. Pág. 281).

Hino 41. Indra-Varuṇa (Wilson)

(Sūkta IX)

Indra e Varuṇa são os deuses; o Ṛṣi é Vāmadeva; a métrica Triṣṭubh.

Varga 15. **1**. Indra (e Varuṇa), Varuṇa (e Indra), qual louvor de vocês acompanhado por oblações pode obter para nós felicidade,[1] (tal como) o invocador imortal dos deuses, (Agni, pode conceder)? Que (o louvor) que é dirigido por nós a vocês dois, Indra e Varuṇa, santificado por atos e incitado por veneração, toque seus corações.
2. Divinos Indra e Varuṇa, o mortal diligente em (lhes) oferecer alimento sacrifical, que por amizade fez de vocês seus parentes, destrói (seus próprios) pecados, e seus inimigos em batalha, e por seus grandes favores ele se torna famoso.
3. Indra e Varuṇa (vocês são) os mais generosos doadores de riqueza para os homens que os louvam de várias maneiras, quando, como amigos bem supridos com alimento (sacrifical), vocês são alegrados pelo suco Soma derramado por amizade.
4. Ferozes Indra e Varuṇa, vocês lançaram o raio brilhante resplandecente e mais poderoso contra este (nosso inimigo), que é difícil de ser resistido por nós, (que é) voraz, malévolo; deem-nos força para superá-lo.
5. Indra e Varuṇa, sejam os incitadores desse nosso louvor, como o touro é das vacas leiteiras; que aquela vaca (de louvor) produza (recompensa) para nós, como uma grande vaca que saiu para o pasto, cujos mil canais (estão cheios) de leite.
Varga 16. **6**. Que Indra e Varuṇa, os derrubadores (de inimigos), estejam à nossa volta[2] com (suas) proteções; (para que assim nós possamos ter) bons filhos e netos, e terras férteis, e vida longa,[3] e virilidade.
7. Desejosos de (possuir) gado, nós recorremos a vocês, Indra e Varuṇa, por proteção total, vocês que são poderosos e bondosos como (parentes); recorremos a vocês, heróis adoráveis, por (sua) amizade e afeição, (a vocês que são), como pais, dadores de felicidade.
8. Doadores generosos, aqueles (nossos louvores) solicitando alimento (abundante) procederam até vocês por (sua) proteção; ansiando por vocês como soldados (almejam) pela batalha, e como o gado se aproxima do Soma para (seu) benefício,[4] assim os meus hinos sinceros (se aproximam de) Indra e Varuṇa.
9. Esses meus louvores sinceros se aproximam de Indra e Varuṇa, desejosos de obter riqueza, como dependentes servem (um homem opulento)[5] por causa de riquezas, como humildes (fêmeas)[6] implorando por alimento.
10. Que nós por nosso próprio (direito) sejamos os donos de riquezas permanentes,[7] compostas por cavalos, carros, e alimentação; que aqueles dois, percorrendo (as

---

[1] *Indrā ko vāṃ Varuṇā;* os nomes individuais das duas divindades estando colocados na forma dual, implica a nomeação de ambos.
[2] *Paritakmyāyām* é traduzido como *paritakane*, o que não é mais inteligível; *paritakmā* ocorre também no sentido de noite, em qual caso isso pode significar: que Indra e Varuṇa nos protejam à noite contra maus espíritos.
[3] *Sūro dṛśīke* é o texto, que é interpretado como *sūryasya cirakātadarśanāya,* para a visão do sol por um longo tempo, ou seja, *cirajīvanāya*, por vida longa.
[4] Aludindo à mistura de leite e coalhos com a libação de Soma.
[5] Como servos a um mestre rico, ou, como derivado de *juṣ*, agradar, *joṣṭārah* pode ser traduzido como bajuladores, parasitas.
[6] ['Éguas de pés ligeiros', velozes, de acordo com Griffith]. *Raghvīr-iva śravaso bhikṣamāṇāḥ; raghvīr iva laghvya iva,* como leves ou triviais; não há substantivo, mas o apelativo é feminino.
[7] Isto é, de acordo com o comentador, sem qualquer esforço ou trabalho.

regiões), dirijam seus corcéis Niyut em direção a nós, associando (-os) com riquezas e com proteções recentes.
11. Poderosos Indra e Varuṇa, venham a nós em batalha com (suas) proteções poderosas, e onde as (armas) brilhantes tremulam entre as tropas (hostis), que nós sejamos triunfantes naquele conflito (por meio de) sua (graça).

Índice ◄►Hino 42 (Wilson)

Hino 41. Indra-Varuṇa (Griffith)

1. Qual louvor, ó Indra-Varuṇa,[8] com oblação, tem como o Sacerdote Imortal[9] obtido sua graça? O nosso louvor eficaz, dirigido com homenagem, os tocou, ó Indra-Varuṇa, em espírito?
2. Aquele que com alimento saboroso os obteve, Indra e Varuṇa, Deuses, como seus aliados por amizade, mata os Vṛtras e seus inimigos em batalhas, e por seus poderosos favores fica famoso.
3. Indra e Varuṇa são os mais generosos dadores de tesouro para os homens que labutam para servi-los, quando eles, como Amigos inclinados à amizade, honrados com alimento saboroso, se deleitam com o Soma que flui.
4. Indra e Varuṇa, vocês lançam, ó Poderosos, o seu mais forte raio flamejante de trovão sobre aquele que nos trata mal, o ladrão e opressor; meçam sobre ele a sua força esmagadora.
5. Ó Indra-Varuṇa, sejam os amantes dessa minha canção, como bois que amam a vaca leiteira. Que ela produza para nós[10] como, saída para o pasto, a grande Vaca derramando seus mil rios.
6. Por campos férteis, por filhos e netos dignos, pela beleza do Sol[11] e por vigor como de boi, que Indra-Varuṇa com proteções benevolentes operem maravilhas para nós na tensão da batalha.
7. Por vocês, como Príncipes, por sua bondade antiga, bons companheiros do homem que busca por despojos, nós escolhemos para nós, para o caro laço de amizade, os Heróis mais generosos que trazem felicidade como pais.
8. Mostrando sua força, esses hinos por graça, Doadores Generosos! foram até vocês, devotados, como para a batalha. Por glória[12] eles foram, como o leite para o Soma, para Indra-Varuṇa meus pensamentos e louvores.
9. Para Indra e para Varuṇa, desejosos de ganhar riqueza esses meus pensamentos procederam. Eles têm se aproximado de vocês como amantes de tesouros, como éguas, de pés ligeiros, ansiosas pela glória.[13]
10. Que nós mesmos sejamos senhores de riquezas duradouras, de amplo sustento por carro e cavalos. Assim, que os Dois que trabalham com os mais recentes auxílios tragam parelhas atreladas para cá para nós e riquezas.

---

[8] O hino é dirigido a Indra-Varuṇa, isto é, Indra e Varuṇa conjuntamente.
[9] Agni.
[10] Isto é, nos traga uma rica recompensa.
[11] Isto é, por vida longa na qual nós possamos continuar a ver a glória do sol.
[12] Para glorificá-los.
[13] De ganhar o prêmio na corrida de carruagens.

11. Venham com seus auxílios poderosos, ó Poderosos; venham, Indra-Varuṇa, a nós em batalha. Quando as setas lampejantes tremulam em combate, que nós através de vocês sejamos vencedores na luta.[14]

Índice ◄►Hino 42 (Griffith)

---

[14] O hino é uma prece por auxílio em uma batalha vindoura.

Hino 42. Indra-Varuṇa (Wilson)

(Sūkta X)

O Ṛṣi é o sábio nobre Trasadasyu; como os primeiros seis versos são em seu próprio louvor, ele é considerado como a divindade também; das outras quatro estrofes as divindades são Indra e Varuṇa; a métrica é Triṣṭubh.

Varga 17. **1**. Duplo é meu império,[1] aquele de toda a classe kṣatriya, e todos os imortais são nossos;[2] os deuses me associam com os atos de Varuṇa;[3] eu governo (aqueles) da forma próxima do homem.

2. Eu sou o rei Varuṇa; a mim (os deuses) dão aquelas energias principais (que são) destruidoras de Asuras; (eles) me associam com o culto de Varuṇa; eu governo (os atos) da forma próxima do homem.

3. Eu sou Indra, eu sou Varuṇa, eu sou aqueles dois em grandeza; (eu sou) os vastos, profundos, belos, céu e terra; inteligente, eu dou como Tvaṣṭṛ animação para todos os seres; eu sustento a terra e o céu.

4. Eu distribuí as águas derramadoras de umidade; eu mantive o céu como a morada da água;[4] pela água eu me tornei o preservador da água, o filho de Aditi, ilustrando o triplo espaço elementar.[5]

5. Guerreiros bem montados, ansiosos pela disputa, me invocam; (combatentes) selecionados me (invocam) em batalha; eu, o afluente Indra, instigo o conflito, e, dotado de coragem vitoriosa, eu levanto a poeira (na batalha).

Varga 18. **6**. Eu fiz todos esses (atos); ninguém resiste à minha força divina, insuperável; e quando os sucos Soma, quando canções sagradas, me animam, então os ilimitados céu e terra ambos ficam alarmados.

7. Todos os seres te reconhecem (Varuṇa), e tu, adorador, diriges esses (encômios) a Varuṇa; tu, Indra, és renomado como o matador de Vṛtra; tu libertaste os rios obstruídos para fluir.

8.[6] Os sete Ṛṣis foram os protetores desse nosso (reino) quando o filho de Durgāha estava preso, realizando culto eles obtiveram para (a rainha dele), pela graça de Indra e Varuṇa, Trasadasyu,[7] como Indra o matador de inimigos, morando perto dos deuses.

---

[1] *Mama dvitā rāṣṭraṃ kṣatriyasya viśvāyoh;* aqui, portanto, nós temos uma indicação positiva da ordem militar e real.

[2] *Viśve amṛtā yathā naḥ;* portanto, ele é rei também sobre Svarga.

[3] *Kratuṃ sacante varuṇasya devāh, rājāmi kṛṣṭer upamasya vavreḥ;* exceto a última palavra, que o comentador interpreta como *rūpa*, forma, não há nada de incomum nos termos; mas mesmo com as explicações tentadas por Sāyaṇa, o sentido da frase é muito ininteligível, além de ele ser, provavelmente, a identidade de Varuṇa e Trasadasyu, como afirmado no verso seguinte.

[4] *Sadane ṛtasya* também pode significar, como o lugar ou esfera do sol, a palavra *ṛta* sendo usada aqui e nas passagens seguintes em lugar de *udaka* ou de *āditya*.

[5] Isto é, de acordo com Sāyaṇa, para mim o criador fez os três mundos.

[6] ['O professor Grassmann bane as estrofes 8, 9 e 10 para o apêndice como adições posteriores ao hino' – Griffith].

[7] Purukutsa, filho de Durgāha, sendo um prisioneiro, não é dito em qual ocasião, sua rainha propiciou os sete Ṛṣis para obter um filho que pudesse tomar o lugar de seu pai; eles a aconselharam a adorar Indra e Varuṇa, em consequência do que Trasadasyu nasceu. [Durgāha também é mencionado em 8.54.12].

[De acordo com Emil Sieg, (*Die sagenstoffe des Ṛgveda,* 1902; págs. 97-98), baseado no *Śatapatha Brāhmaṇa,* XIII.5.4.5, Trasadasyu nasceu como resultado do sacrifício de um cavalo (chamado Daurgaha) realizado por Purukutsa. "Purukutsa, o rei Aikṣvāka, uma vez realizou um sacrifício de cavalo (daurgaha), por isso é que o Ṛṣi canta (Ṛg-v. 4.42.8): 'Esses, os sete Ṛṣis, foram então nossos pais quando Daurgaha* estava amarrado'. *Sāyaṇa, diferentemente do nosso *Brāhmaṇa*, considera Daurgaha como o patronímico de Purukutsa (filho de Durgāha)." – *Śatapatha Brāhmaṇa,* tradução por Julius Eggeling.]

9. A esposa de Purukutsa[8] propiciou vocês dois, Indra e Varuṇa, com oblações e prostrações, e, portanto, vocês deram a ela o rei Trasadasyu, o matador de inimigos, morando perto dos deuses.[9]
10. Que nós, glorificando ambos, sejamos deleitados por riquezas; que os deuses sejam satisfeitos por oblações, as vacas pelo pasto; e, Indra e Varuṇa, diariamente nos concedam aquela mesma vaca leiteira, (riquezas), livre de qualquer imperfeição.[10]

Índice ◄►Hino 43 (Wilson)

---

[8] [Purukutsānī].
[9] *Arddhadevam* é explicado como *devānām samīpe varttamānam;* ou nós podemos traduzi-lo como semideus, embora tal denominação não seja aplicável Indra, a quem Trasadasyu é comparado; pelo contrário, é declarado que Indra é a metade de todos os deuses, e, portanto tem direito à maior parte das oferendas.
[10] *Anapasphurantīm ahinsitām,* incólume, de acordo com Sāyaṇa; Mahīdhara, *[Śukla] Yajur-Veda,* 7.10, explica como, que não vai para outro, *ananyagāminām*.

Hino 42. Indra-Varuṇa (Griffith)[11]

1.[12] Eu sou o nobre Soberano, meu é o império, como meus que domino toda vida são todos os Imortais. A vontade de Varuṇa os Deuses obedecem e seguem. Eu sou o Rei da cobertura mais elevada[13] dos homens.
2. Eu sou o rei Varuṇa. A mim foram dados esses principais grandes poderes celestes existentes. A vontade de Varuṇa os Deuses obedecem e seguem. Eu sou o Rei da cobertura mais elevada dos homens.
3. Eu Varuṇa sou Indra;[14] em sua grandeza, essas duas vastas e profundas regiões belamente formadas, essas as duas metades mundo eu, assim como Tvaṣṭar[15] que conhece todos os seres, uni e mantive juntas.
4. Eu fiz fluírem as águas que derramam umidade, e coloquei o céu firmemente no lugar da Ordem.[16] Pela Lei o Filho de Aditi,[17] Cumpridor da Lei, tem expandido amplamente o mundo em medida tripla.
5.[18] Heróis com cavalos nobres, ávidos por batalha, guerreiros selecionados, me invocam em combate. Eu Indra Maghavan, incito o conflito; eu agito a poeira, Senhor de vigor insuperável.
6. Tudo isso eu fiz. O próprio poder de conquista dos Deuses nunca impede a mim a quem ninguém se opõe. Quando louvores e suco Soma me tornaram alegre, ambas as regiões ilimitadas ficam amedrontadas.
7.[19] Todos os seres conhecem esses teus feitos; tu contas isso para Varuṇa, tu grande Distribuidor! Tu és famoso por teres matado os Vṛtras. Tu fizeste fluir as torrentes que foram obstruídas.
8. Nossos pais então foram estes,[20] os Sete Ṛṣis, quando o filho de Durgāha era cativo. Para ela[21] eles obtiveram por meio de sacrifício Trasadasyu, um semideus,[22] como Indra, conquistador de inimigos.
9. A esposa de Purukutsa deu oblações a vocês, ó Indra-Varuṇa, com homenagem. Então para ela vocês deram o Rei Trasadasyu, o semideus, o matador de inimigos.
10. Que nós, possuindo muito, nos deleitemos com riquezas, os Deuses com oblações e as vacas com o pasto; e aquela Vaca leiteira[23] que não recua da ordenha, Indra-Varuṇa, deem-nos diariamente.

Índice ◄►Hino 43 (Griffith)

---

[11] Varuṇa e seu substituto Indra realçam individualmente suas alegações de superioridade, e o poeta decide entre eles. Compare com 10.124.
[12] Varuṇa é o orador das primeiras quatro estrofes; [ou, o rei Trasadasyu identificando-se com Varuṇa].
[13] Do céu mais alto.
[14] Tudo o que Indra representa, Príncipe e Rei de todos.
[15] Ou, como seu grande artífice.
[16] No lugar fixado pela Lei ou a Ordem eterna do universo.
[17] Eu, Varuṇa.
[18] Indra é o orador dessa e da estrofe seguinte; [ou, o rei Trasadasyu identificando-se com Indra].
[19] O poeta fala.
[20] 'Os sete Ṛṣis foram os protetores desse nosso (reino)'. – Wilson. O significado é obscuro. O professor Grassmann bane as estrofes 8, 9 e 10 para o apêndice como adições posteriores ao hino. Sāyaṇa diz que quando Purukutsa, filho de Durgāha, estava em cativeiro, sua esposa propiciou os Sete Ṛṣis, que pela graça de Indra e Varuṇa obtiveram para ela um filho chamado Trasadasyu. [Veja acima a minha adição à nota 7].
[21] A esposa de Purukutsa.
[22] [Veja a nota 9].
[23] Riqueza.

Hino 43. Aśvins (Wilson)

(Sūkta XI)

Os deuses são os Aśvins; os Ṛṣi são Purumīḷha e Ajamīḷha, filhos de Suhotṛa; a métrica é Triṣṭubh.

Varga 19. **1**. Qual daqueles que têm direito a sacrifício escutará (as nossas preces)? Qual dos deuses ouvirá nosso louvor? Qual será propiciado (por ele)? No coração de quem entre os imortais nós podemos imprimir a adoração devota afetuosa, acompanhada por oblações sagradas?

2. Quem nos fará felizes? Qual dos deuses é o mais rápido a chegar ao nosso sacrifício? Qual o mais disposto a nos conceder felicidade? Qual carruagem eles dizem que é rápida e puxada por corcéis velozes? Aquela que a filha de Sūrya escolheu.

3. Movendo-se, vocês procedem rapidamente de dia, como Indra, no fim da noite, (manifesta seu) poder; provenientes do céu, divinos, de movimento gracioso, (Aśvins), por qual dos (seus) atos vocês são mais famosos?[1]

4. Qual pode ser a medida adequada (de seus méritos)? Invocados por quais louvores vocês vêm a nós? Quem (pode existir como) o objeto de sua grande ira? Dasras, distribuidores de (água) doce, defendam-nos com sua proteção.

5. Sua carruagem viaja amplamente em volta do céu até que ela os coloca além do firmamento; distribuidores de (água) doce, (os sacerdotes) estão diluindo o suco Soma com leite, para que a (cevada) cozida possa ser unida com a libação oferecida a vocês.

6. O (rio) que flui[2] borrifou seus corcéis com umidade; os cavalos radiantes (como) aves (em rapidez) passam adiante, brilhantes com esplendor; bem conhecida é aquela carruagem de movimento rápido, pela qual vocês se tornaram os senhores de Sūryā.

7. Que o louvor sincero, distribuidores de alimento, com o qual eu associo vocês dois concordantes[3] nesse sacrifício, seja (benéfico) para nós; vocês protegem seu adorador; meu desejo, Nāsatyas, dirigido a vocês é satisfeito.

Índice ◄►Hino 44 (Wilson)

---

[1] Atos ou energias conectadas com vocês.

[2] *Sindhu;* mas pode aqui significar água em geral, ou uma nuvem.

[3] [Da mesma opinião, ânimo ou disposição].

Hino 43. Aśvins (Griffith)

1. Quem ouvirá, quem daqueles que merecem adoração, qual de todos os Deuses terá prazer em nossa homenagem? No coração de quem nós colocaremos este louvor celestial, rico em belas oferendas, o mais querido para os Imortais?
2. Quem será benevolente? Quem virá mais rapidamente de todos os Deuses? Quem trará bem-aventurança mais amplamente? Qual carro eles chamam de rápido com corcéis velozes? Aquele que a Filha do Sol[4] escolheu.
3. Tantos dias vocês vêm rapidamente para cá, como Indra para dar auxílio na pressão da batalha. Provenientes do céu, divinos, de asas fortes, por qual de todos os seus poderes vocês são mais poderosos?
4. Qual é a prece que devemos lhes trazer, Aśvins, pela qual vocês venham a nós quando invocados? Qual de vocês enfrenta até grande traição?[5] Amantes de doçura, Dasras,[6] nos ajudem e nos salvem.
5. No amplo espaço a sua carruagem alcança o céu, quando ela se volta para cá do oceano. Doces de seu doce gotejarão, amantes de doçura! Estes eles prepararam para vocês como iguarias saborosas.
6. Que Sindhu com sua onda orvalhe seus cavalos; em brilho flamejante as aves[7] vermelhas vêm para cá. Observado por todos foi aquele seu avanço rápido, pelo qual vocês foram os Senhores da filha de Sūrya.
7. Sempre que eu os satisfiz aqui juntos a sua graça nos foi dada, ó ricos em despojos. Protejam, ó Par, o cantor de seus louvores; a vocês, Nāsatyas, o meu desejo é dirigido.

Índice ◄►Hino 44 (Griffith)

---

[4] Sūryā, noiva dos Aśvins. Veja 1.116.17 [nota 19].
[5] [*Aflição*, de acordo com a versão de 1890].
[6] Os que operam maravilhas, poderosos, um nome comum dos Aśvins.
[7] Corcéis voadores. Compare com 4.45.4.

Hino 44. Aśvins (Wilson)

(Sūkta XII)

Deuses, Ṛṣis e métrica como antes.

Varga 20. **1**. Nós invocamos, Aśvins, hoje, o seu carro rápido, o associador do raio solar;[1] o carro provido de bancos que leva Sūryā, vasto, rico e carregado de louvores.
2. Aśvins, netos do céu, divindades, você desfrutam dessa glória por suas ações, que alimento (sacrifical) é fornecido para seus corpos, e cavalos poderosos[2] os puxam em sua carruagem.
3. Qual oferecedor de oblações se dirige a vocês hoje com hinos para (obter) proteção, para beber do Soma, ou para a antiga execução do sacrifício? Qual ofertante de adoração pode trazê-los, Aśvins, (para esse rito)?
4. Nāsatyas, que são múltiplos, venham com sua carruagem dourada para esse sacrifício; bebam da doce bebida Soma, e deem coisas preciosas para o homem que celebra (seu culto).
5. Venham à nossa presença, seja do céu ou da terra, com sua carruagem dourada bem construída; que outros adoradores devotos não os detenham, pois uma atração anterior os espera (aqui).
6. Dasras, concedam a nós dois[3] grande opulência, composta por muitos descendentes, visto que os líderes do rito (os Purumīḷhas), dirigiram a vocês, Aśvins, seu louvor, e os Ajamīḷhas uniram a ele sua louvação.
7.[4] Que o louvor sincero, distribuidores de alimento, com o qual eu associo vocês dois concordantes nesse sacrifício, seja (benéfico) para nós; vocês protegem seu adorador; meu desejo, Nāsatyas, dirigido a vocês é satisfeito.

Índice ◄►Hino 45 (Wilson)

---

[1] *Saṃgatiṃ goḥ* é apenas explicado como *goh sangamayitāram,* o que leva à união, ou associador de *Go;* a que o último se destina não é explicado, e a tradução é puramente conjetural, baseada na conexão dos Aśvins com a luz, ou o sol. [Veja a nota 5].
[2] *Kakuhāsah* é explicado como *mahānto aśvāh,* ou pode ser louvores, *stutayah*.
[3] Os dois Ṛṣis, os autores do Sūkta.
[4] [Idêntico ao último verso do hino anterior].

Hino 44. Aśvins (Griffith)

1. Nós invocaremos hoje o seu carro, que se espalha amplamente, ó Aśvins, a própria reunião da luz solar,[5] – carro louvado em hinos, o mais amplo, rico em tesouros, equipado com assentos, o carro que conduz Sūryā.
2. Aśvins, vocês ganharam essa glória por sua Divindade, ó Filhos do Céu, por sua própria força e poder. Alimento acompanha de perto o seu aparecimento brilhante quando cavalos imponentes em sua carruagem os puxam.
3. Quem os traz hoje para ajudar com oblação oferecida, ou com hinos para beber o suco? Quem, para o antigo amante de sacrifício, os volta para cá, Aśvins, oferecendo homenagem?
4. Conduzidos em seu carro dourado, ó onipresentes! venham a esse nosso sacrifício, Nāsatyas. Bebam do licor agradável de Soma; deem riquezas para as pessoas que os adoram.
5. Venham aqui a nós a partir da terra, do céu, trazidos em sua carruagem dourada que roda levemente. Não permitam que outros adoradores os detenham; aqui vocês estão ligados por laços de amizade mais antigos.
6. Agora, para nós dois,[6] concedam, ó Taumaturgos, riquezas extremamente grandiosas com abundância de heróis, porque os homens lhes enviaram louvores, ó Aśvins, e os Ajamīḷhas[7] vêm para a louvação.
7. Sempre que eu os satisfiz aqui juntos a sua graça nos foi dada, ó ricos em despojos. Protejam, ó Par, o cantor de seus louvores; a vocês, Nāsatyas, o meu desejo é dirigido.

Índice ◄►Hino 45 (Griffith)

---

[5] [‘O carro dos Aśvins é como o sol (8.8.2), ou dourado (4.44.4-5)’. – Macdonell, *Vedic Mythology,* 1897, pág. 50]. O professor Wilson traduz, segundo Sāyaṇa: ‘o associador do raio solar’, e observa: [nota 1]. O professor Grassmann traduz: ‘que se apressa para o leite’. [*Leite* sendo um dos significados da palavra *go*. Então, o sentido seria, nós vamos chamar o seu carro para a sua reunião com o leite, referindo-se à oblação misturada com leite].
[6] Sacerdotes e patrocinadores.
[7] Homens da família do Ṛṣi.

Hino 45. Aśvins (Wilson)

(Sūkta XIII)

Os deuses como antes; o Ṛṣi é Vāmadeva; a métrica do último verso é Triṣṭubh, do resto Jagatī.

Varga 21. **1**. O sol nasce; sua carruagem, (Aśvins), percorrendo (as regiões), está associada com o divino (orbe) no topo (da montanha do leste); nela estão os três tipos de alimentos análogos,[1] e o recipiente de couro do doce suco Soma aparece como o quarto.
2. Suas carruagens de bons cavalos, portadoras de alimento, carregadas de Soma, aparecem no início do amanhecer, dispersando a escuridão circundante como o sol, e espalhando radiância brilhante sobre o firmamento.
3. Bebam do suco Soma com bocas (adequadas para) sorver a bebida; atrelem sua amada carruagem por causa do suco Soma; (venham para a residência) do sacrificador; avivem o caminho com o Soma; tragam, Aśvins, os recipientes de couro cheios de suco Soma.
4. Venham para os sacrifícios como moscas para o mel, (com aqueles cavalos) que são de velocidade rápida, dóceis, não refratários, de asas douradas, portadores (de cargas), que despertam ao amanhecer, distribuidores de água, exultantes e que sorvem o Suco Soma.
5. Os fogos sagrados, os instrumentos de sacrifício sagrado, os transportadores de libações, louvam os associados Aśvins ao raiar do dia, quando o (sacerdote) observador, o condutor do rito, com as mãos lavadas espremeu por meio das pedras (de moagem) o suco Soma de sabor doce.
6. Os (raios) avançando para perto, dissipando (a escuridão) pela (luz do dia), estão cobrindo o firmamento com brilho como o sol; o sol, atrelando seus cavalos, (prossegue em seu caminho); vocês tornam conhecidos todos os caminhos dele por (seguirem) atrás (dele) com alimento sacrifical.
7. Celebrando ritos (sagrados), eu os glorifico, Aśvins; de bons cavalos e imperecível é aquela carruagem, com a qual vocês atravessam rapidamente as regiões (do espaço), e vêm para (o nosso sacrifício) cheio de oferendas, que passa prontamente, e o concessor de alegria.

Índice ◄►Hino 46 (Wilson)

---

[1] *Pṛkṣāso mithunā trayah; mithunā* é propriamente gêmeos, ou um par, mas pode ser utilizado, de acordo com Sāyaṇa, para um maior número de objetos similares ou relacionados, como *mātā pitā putrastadevamithunam,* mãe, pai, filho, constituem um gêmeo ou par; é dito que os três tipos de alimentos são *aśanam, pānam, khādah;* em que o último difere do primeiro não é especificado.

Hino 45. Aśvins (Griffith)

1. Lá sobe aquela luz; está atrelada a sua carruagem que viaja em círculo no cume deste céu. Dentro desse carro estão armazenadas três partes de alimentos semelhantes,[2] e uma pele cheia de hidromel é rumorejante como a quarta.
2. Surgem as suas iguarias ricas com abundância de hidromel agradável, e carros e cavalos ao resplandecer da aurora, tirando a cobertura da escuridão cercada, e espalhando pelo ar brilho radiante como o sol.
3. Bebam do hidromel com lábios habituados à dose; atrelem por causa do hidromel a carruagem que vocês amam. Revigorem o trajeto que seguem, revigorem os caminhos com hidromel; para cá, ó Aśvins, tragam a pele que contém o hidromel.
4. Os cisnes[3] que vocês têm são amigáveis, ricos em fartura de hidromel, de asas douradas, fortes para puxar, acordados de manhã cedo, nadando na água, exultantes, ávidos pelas doses que alegram; vocês vêm como moscas para as nossas libações de hidromel.
5. Conhecendo bem os ritos solenes e ricos em hidromel, os fogos cantam aos Aśvins da manhã ao raiar do dia, quando com mãos puras o sacerdote enérgico prudente espremeu com as pedras a Soma rica em hidromel.
6. Os raios avançando para perto,[4] perseguindo com o dia a escuridão, espalharam pelo firmamento radiância brilhante como o Sol; e o Sol atrelando seus cavalos segue adiante; vocês através da sua natureza divina deixam os caminhos dele serem conhecidos.
7. Devotado em pensamento eu anunciei, ó Aśvins, a sua carruagem com bons cavalos, que dura para sempre, com a qual vocês viajam rapidamente através das regiões até o adorador pronto que traz oblação.

Índice ◄►Hino 46 (Griffith)

---

[2] Partes de alimento similar, para os dois Aśvins e Sūryā, a pele de hidromel estando destinada aos seres terrestres. – Ludwig.
[3] Os cavalos da carruagem dos Aśvins.
[4] Eu sigo a interpretação de Sāyaṇa que supre 'os raios' e 'a escuridão'; mas o sentido exato da meia-linha é incerto.

Hino 46. Vāyu. Indra-Vāyu (Wilson)

(Anuvāka 5. Sūkta I)

Os deuses são Indra e Vāyu, exceto no primeiro verso, que é dirigido apenas a Vāyu; o Ṛṣi é Vāmadeva; a métrica Gāyatrī.

Varga 22. **1**. Bebe primeiro, Vāyu, a libação derramada de Soma nos ritos que asseguram céu, pois tu realmente és o primeiro bebedor.
2. Vāyu, que és puxado pelas Niyuts,[1] e tens Indra como quadrigário, vem (para a realização) dos nossos numerosos desejos, e bebe, tu (e Indra), da libação.
3. Indra e Vāyu, que mil corcéis, ávidos por alimento, os tragam para beber o Soma.
4. Subam, Indra e Vāyu, na carruagem de assento dourado, propícia para o sacrifício, que se eleva ao céu.
5. Indra e Vāyu, venham ao sacrifício com sua carruagem muito forte; venham aqui.
6. Indra e Vāyu, esta (libação) é derramada; concordantes com os deuses, bebam na casa do doador.
7. Para cá seja o seu curso; aqui, Indra e Vāyu, seja a soltura de seus cavalos, para vocês beberem do Soma.

Índice ◄►Hino 47 (Wilson)

Hino 46. Vāyu. Indra-Vāyu (Griffith)

1. Bebe o melhor gole de suco Soma, ó Vāyu, em nossos ritos sagrados;
Pois tu és aquele que bebe primeiro.
2. Vem, puxado por parelhas, com teus cem auxílios, com Indra sentado no carro,
Vāyu, e bebam do suco até a saciedade.[2]
3. Que mil corcéis tragam vocês dois, Indra e Vāyu, aqui
Para beber o Soma, para o banquete.
4. Pois vocês, ó Indra, Vāyu, sobem no carro de assento dourado que auxilia
O sacrifício, que alcança o céu.
5. Na carruagem muito refulgente venham até o homem que oferece presentes;
Venham, Indra-Vāyu, para cá.
6. Aqui, Indra-Vāyu, está o suco; bebam-no, concordantes com os Deuses,
Dentro da residência do doador.
7. Para cá, Indra-Vāyu, seja a sua jornada; aqui desatrelem seus corcéis,
Aqui para a sua dose de suco Soma.

Índice ◄►Hino 47 (Griffith)

---

[1] [*Niyut:* parelha de cavalos (especialmente dos cavalos de Vāyu). – *sanskritdictionary.com*].
[2] O verbo é usado no número dual, Indra estando incluído.

Hino 47. Vāyu. Indra-Vāyu (Wilson)

(Sūkta II)

Deuses e Ṛṣi como antes; a métrica é Anuṣṭubh.

Varga 23. **1**. Purificado (por atos sagrados)[1] eu trago a ti, Vāyu, o Soma, primeiro (oferecido a ti em sacrifícios)[2] que buscam ganhar o céu; deus, que és sempre almejado, vem com teus corcéis Niyut para beber o suco Soma.
2. Indra e Vāyu, vocês são dignos de beber essas libações de Soma, pois as gotas fluem para vocês como águas (correm) juntas para um lugar profundo.
3. Indra e Vāyu, que são senhores da força, vigorosos, e puxados pelos corcéis Niyut, venham (viajando n)o mesmo carro; bebam o Soma para nossa proteção.
4. Líderes (de ritos), transportadores de sacrifícios, Indra e Vāyu dão a nós para o oferecedor (da oblação), aquelas Niyuts que são seus (cavalos), e são desejadas por muitos.

Índice ◄►Hino 48 (Wilson)

Hino 47. Vāyu. Indra-Vāyu (Griffith)

1. Vāyu, o brilhante[3] te é oferecido, o melhor do hidromel em ritos sagrados.
Vem beber o suco Soma, Deus, almejado, em teu carro puxado por parelhas.
2. Ó Vāyu, tu e Indra são bebedores dignos dessas doses de Soma,
Pois para vocês as gotas procedem como águas se reúnem para o vale.
3. Ó Indra-Vāyu, Par poderoso, acelerando juntos, Senhores da Força,
Venham para nos auxiliar com sua parelha, para que vocês possam beber o suco Soma.
4. As almejadas parelhas que vocês possuem, ó Heróis, para o adorador,
Voltem para nós, Indra-Vāyu, vocês a quem o sacrifício é prestado.

Índice ◄►Hino 48 (Griffith)

---

[1] Ilustre por cumprir votos, etc.
[2] *Ayāmi te madhvo aghraṃ;* isso é consistente com as passagens no hino anterior; também com o *Sāma-Veda,* II. 975. Mahīdhara, *[Śukla] Yajur-Veda,* 27, 30, tem uma versão parcialmente diferente: que a taça venha a ti, que é a essência do Soma.
[3] Suco, subentendido.

Hino 48. Vāyu (Wilson)

(Sūkta III)

O deus é Vāyu, o Ṛṣi e a métrica são os mesmos como no último.

Varga 24. **1**. Bebe, Vāyu, as oblações ainda não provadas, como (um príncipe) o aterrorizador de inimigos;[1] (concede) riqueza ao adorador; vem com teu carro brilhante para beber o suco Soma.
2. Vāyu, que és o repressor de calúnias, que és puxado pelas Niyuts, e tens Indra como teu quadrigário, vem com teu carro brilhante para beber o Suco Soma.
3. Os escuros nutridores de riqueza,[2] as formas universais (céu e terra), assistem a ti; vem Vāyu com teu carro brilhante para beber o suco Soma.
4. Que os noventa e nove cavalos atrelados juntos, que são tão rápidos quanto o pensamento, te transportem; vem, Vāyu, com teu carro brilhante, para beber o suco Soma.
5. Atrela, Vāyu, cem cavalos roliços, ou mesmo mil, e que a tua carruagem venha com rapidez (para cá).

Índice ◄►Hino 49 (Wilson)

Hino 48. Vāyu (Griffith)

1. Prova oferendas nunca provadas até agora, como bardos desfrutam da riqueza do inimigo.[3] Ó Vāyu, em carro refulgente vem beber o suco.
2. Removendo maldições, puxado por parelhas, com Indra sentado ao teu lado,
Ó Vāyu, em carro refulgente vem beber o suco.
3. Os dois tesouros escuros de riqueza[4] que vestem todas as belezas te servem.
Ó Vāyu, em carro refulgente vem beber o suco.
4. Que noventa e nove corcéis atrelados que se jungem à tua vontade te tragam.
Ó Vāyu, em carro refulgente vem beber o suco.
5. Atrela, ó Vāyu, ao teu carro cem corcéis fulvos bem alimentados,
Sim, ou mil corcéis, e que a tua carruagem venha a nós com força.

Índice ◄►Hino 49 (Griffith)

---

[1] *Vipo na* é explicado [por Sāyaṇa como: 'como um rei que faz seus inimigos tremerem.' – Griffith. Veja a nota 3].
[2] [Veja a nota 4].
[3] *Vípo ná rāyo aryáḥ;* Sāyaṇa explico *vipo na* como: 'como um rei que faz seus inimigos tremerem,' e *rāyo aryaḥ* como: 'concede riqueza ao adorador'. O professor Grassmann traduz: 'Que a riqueza do homem piedoso cresça como brotos ou rebentos'. *Vípo (vípaḥ)* pode significar cantores inspirados, ou bardos, ou brotos, e *aríḥ*, do qual *aryaḥ* é o genitivo, significa tanto um inimigo quanto um homem piedoso, um adorador. Eu sigo a interpretação do professor Ludwig. Os 'bardos' são os cantores inspirados do partido vitorioso que compartilham dos despojos depois da batalha.
[4] Céu e terra, ainda não iluminados pelo sol.

Hino 49. Indra-Bṛhaspati (Wilson)

(Sūkta IV)

Os deuses são Indra e Bṛhaspati; o Ṛṣi é Vāmadeva; a métrica Gāyatrī.

Varga 25. **1**. (Eu ofereço) a oblação agradável para suas bocas, Indra e Bṛhaspati, e o hino e a bebida estimulante são oferecidos.
2. Este Soma delicioso é derramado, Indra e Bṛhaspati, para vocês, para o (seu) consumo e alegria.
3. Indra e Bṛhaspati, venham à nossa residência, bebedores de Soma, para beber o suco Soma.
4. Concedam-nos, Indra e Bṛhaspati, riquezas compostas por cem (bovinos), mil cavalos.
5. Indra e Bṛhaspati, nós os invocamos com louvores, quando a libação é derramada, para beber desse Suco Soma.
6. Bebam, Indra e Bṛhaspati, o Soma, na residência do doador, e alegrem-se em sua morada.

Índice ◄►Hino 50 (Wilson)

Hino 49. Indra-Bṛhaspati (Griffith)

1. Querida é esta oferenda em sua boca, Indra e Bṛhaspati;
Famoso é o louvor, a dose que alegra.
2. Esse Soma adorável é derramado, Indra e Bṛhaspati,
Para vocês, para beberem e se alegrarem.
3. Como bebedores de Soma venham à nossa casa, Indra e Bṛhaspati –
e Indra[1] – para beber suco Soma.
4. Concedam-nos riquezas centuplicadas, ó Indra e Bṛhaspati,
Com abundância de cavalos, aos milhares.
5. Ó Indra e Bṛhaspati, nós os chamamos quando o hidromel é derramado,
Com canções, para beber o suco Soma.
6. Bebam, Indra e Bṛhaspati, o Soma na casa do doador;
Deleitem-se permanecendo lá.

Índice ◄►Hino 50 (Griffith)

---

[1] As palavras *indraś ca* do texto são manifestamente supérfluas.

Hino 50. Bṛhaspati (Wilson)

(Sūkta V)

O deus dos nove primeiros versos é Bṛhaspati sozinho, e dos dois últimos em conjunto com Indra; o Ṛṣi é como antes; a métrica é Triṣṭubh.[1]

Varga 26. **1**. Os sábios antigos, ilustres, inteligentes, colocaram diante (deles) Bṛhaspati de língua agradável, que escorou por (sua) força as extremidades da terra, e que permanece com ruído nas três regiões.

2. Bṛhaspati, protege o sacrifício amplo, que produz resultado, progressivo, incólume, desse (teu adorador, no qual) aqueles que são os apavoradores (de inimigos), os alegradores de ti que és possuidor de grande sabedoria, (te) glorificam em nosso nome.

3. Aqueles (cavalos), Bṛhaspati, que vieram daquela (região) distante, os melhores (de todos), sentaram-se em conexão com a cerimônia, e para ti os sucos Soma espremidos pelas pedras fluem copiosamente, (acompanhados) pelos sons de louvor, como poços profundos que fornecem água.

4. Bṛhaspati, quando primeiro nascendo no mais alto céu de luz suprema, de sete bocas,[2] multiforme, (combinado) com som, e de sete raios, subjugou a escuridão.

5. (Ajudado) pela tropa louvada e brilhante (dos Aṅgirasas), ele destruiu com som o maldoso Bala; Bṛhaspati, gritando alto, libertou as vacas concessoras de benefícios, fornecedoras de oblação.

Varga 27. **6**. Desse modo que possamos oferecer culto com sacrifícios, com oblações, com louvor, à divindade paterna, universal,[3] o derramador (de benefícios); e que nós, Bṛhaspati, nos tornemos possuidores de riquezas, e sejamos abençoados com progênie excelente e descendentes destemidos.

7.[4] Vence por sua força e bravura todos os povos hostis aquele príncipe que nutre generosamente Bṛhaspati, e o glorifica e o honra como o primeiro compartilhante (da oferenda).

8. Realmente ele mora próspero em sua própria residência; para ele a terra dá frutos em todas as estações; para ele (seus) súditos prestam homenagem voluntariamente, o príncipe, para quem o Brahman em primeiro lugar, (devidamente reverenciado), se dirige.

9. Não oponível ele é o dono das riquezas dos povos hostis e daquelas dos seus próprios súditos; o Rāja que concede riquezas ao Brahman em busca de sua proteção, a ele os deuses protegem.[5]

10. Bṛhaspati, tu e Indra, ambos exultantes e derramando riquezas, bebam o Soma neste sacrifício; que as gotas que a tudo permeiam entrem em vocês; deem-nos riquezas composta por todos os descendentes masculinos.

---

[1] [Jagatī no verso 10, segundo Griffith e Gary Holland].

[2] É dito que as sete métricas são suas bocas.

[3] *Viśvadevāya*, uma denominação de Bṛhaspati, porque, como o deus que preside os mantras, ele é o idêntico a cada divindade; ou *deva* pode aqui, é dito, significar louvor, aquele que tem o louvor de todos.

[4] [Veja a nota 6].

[5] Essa e as duas estrofes anteriores são citadas no *Aitareya Brāhmaṇa,* VIII, 5, 24, 26, como autoridade para o emprego indispensável por um príncipe de um Brahman como *Purohit*, ou sacerdote, para conduzir ritos solenes em seu nome; 'os deuses não comem a comida de um Rāja que não tem Purohita; portanto, quando prestes a sacrificar, que ele nomeie (literalmente, coloque à frente) um Brahman'; Sāyaṇa, ao comentar sobre os versos citados, adota algumas explicações diferentes daquelas aqui seguidas, mas as variações não são de grande importância; como *Iḷā*, alimento, em vez de *Terra*, seu alimento aumenta em todas as estações; e *sajanyā*, aliados de seus inimigos, em vez de seu próprio povo; onde quer que *Brahmā* ocorra ele o interpreta como *Brāhmaṇa*.

11. Bṛhaspati, Indra, elevem-nos; que a disposição favorável de vocês dois seja combinada para conosco; protejam nossos ritos; estejam atentos às nossas louvações, confundam os arrogantes (inimigos) de nós que somos os doadores (de oblações).

Índice ◄►Hino 51 (Wilson)

Hino 50. Bṛhaspati (Griffith)[6]

1. Ele, que com poder sustentou as extremidades da Terra, que senta no assento triplo,[7] Bṛhaspati, com trovão, a ele de língua agradável os sábios antigos, pensando profundamente, cantores sagrados, puseram diante deles.[8]
2. Bravios em seu curso, de modo nítido regozijantes eram eles, Bṛhaspati, que pressionaram à nossa volta.[9] Preserva, Bṛhaspati, o estábulo[10] ileso, derramando desta companhia,[11] lugar de nascimento sempre móvel.[12]
3. Bṛhaspati, da tua distância mais remota sentaram-se eles[13] que amam a lei eterna.[14] Para ti foram cavados poços brotando da montanha,[15] que murmurando em volta derramam rios de doçura.
4. Bṛhaspati, quando primeiro ele teve a sua existência[16] do esplendor poderoso no céu mais supremo, forte, com sua boca sétupla,[17] com som de trovão, com seus sete raios, soprou e dissipou a escuridão.
5. Com o bando que grita alto[18] que cantava seus louvores, com trovão, ele destruiu o obstrutor[19] Vala. Bṛhaspati trovejante guiou para fora o gado, as vacas mugidoras que preparam oblações.[20]

---

[6] Indra e Bṛhaspati são em conjunto os deuses das estrofes 10 e 11, as quais, com as estrofes 7, 8 e 9, são evidentemente uma adição posterior ao hino original.
[7] Céu, meio do ar, e terra.
[8] Para adoração; ou recebeu deles o lugar principal em sacrifício.
[9] Aparentemente os Maruts. [Veja a nota 12].
[10] Como 'o estábulo sem limites' de 3.1.14, o lar aéreo dos Maruts.
[11] O texto tem apenas *asya*, 'dessa'. Eu sigo o professor Ludwig em sua interpretação dessa estrofe muito difícil, e supro *gaṇasya*, tropa ou companhia, isto é, dos Maruts. De acordo com Sāyaṇa, pede-se que Bṛhaspati proteja o adorador ou instituidor do sacrifício.
[12] [**2**. "'Que com marcha retumbante, regozijando-se, Bṛhaspati, por nós atacaram o rebanho visível, variegado, extenso, ileso; ó Bṛhaspati, protege a residência dele', [isto é, do rebanho]. Essa é uma estrofe muito obscura, as alusões na qual podem somente ser conjeturadas. O sujeito de a-c não é improvavelmente os antigos sacerdotes [os Aṅgirasas], mencionados em 1 c, que com a ajuda de Bṛhaspati recapturaram as vacas confinadas na fortaleza de Vala. O quarto Pāda é uma prece para Bṛhaspati proteger as vacas recuperadas". – Macdonell, *A Vedic Reader for Students,* 1917].
[13] Provavelmente os Maruts são aludidos, e não cavalos como diz Sāyaṇa.
[14] ['Bṛhaspati, vindo da distância mais remota, eles, nutrindo o rito, por ti estão sentados'. – Macdonell, *Hymns from the Rigveda. Selected and metrically translated,* 1922].
[15] Reservatórios de suco Soma, espremido pelas pedras, foram preparados.
[16] [*Foi gerado*. – Ibid.].
[17] *Boca sétupla ... sete raios:* como identificado com Agni.
[18] Os Maruts. [Veja ***** na nota 20].
[19] Ou retentor; o significado de *phaligáṃ* é um tanto incerto; provavelmente, reservatório, isto é, segurador ou detentor da chuva. [Veja ****** na nota abaixo].
[20] [**5**. "'Ele com a multidão***** jubilante que louva bem arrebentou com estrondo a caverna circundante;****** Bṛhaspati berrando guiou para fora as vacas avermelhadas mugidoras que adoçam a oblação'. *****Os Aṅgirases, que em 1.62.3 são associados com Indra e Bṛhaspati na descoberta das vacas: 'Bṛhaspati perfurou a montanha, ele encontrou as vacas; os heróis (= os Aṅgirases) rugiram com as vacas vermelhas'. *******Phaligáṃ* deve ter um sentido ligado de perto a *receptáculo*, por exemplo, em 8.32.25: 'que (Indra) perfurou o receptáculo de água (e) libertou os rios [para fluírem]

6. Sirvamos com sacrifícios, presentes, e homenagem exatamente assim ao Boi de todos os Deuses, o Pai.[21] Bṛhaspati, que possamos ser donos de riquezas, com prole nobre e fartura de heróis.
7. Certamente aquele Rei por poder e força heroica se tornou o senhor das posses de todos os seus inimigos, que nutre Bṛhaspati bem cuidado, o adorna e cultua como o principal compartilhante.[22]
8. Em sua própria casa ele reside em paz e conforto; para ele para sempre alimento sagrado flui ricamente. Para ele o povo presta homenagem de livre vontade – o Rei para quem o Brahman tem precedência.[23]
9. Ele, sem oposição, é o dono das riquezas dos seus próprios súditos e dos povos hostis. Os Deuses defendem com sua proteção aquele Rei que ajuda o Brahman quando ele busca seu auxílio.
10. Indra, Bṛhaspati, derramadores de tesouros,[24] regozijando-se nesse sacrifício bebam o Soma. Que as gotas abundantes penetrem profundamente em vocês; concedam-nos riquezas com plena abundância de heróis.
11. Bṛhaspati e Indra, nos façam prosperar; que essa seja a sua benevolência para conosco. Ajudem nossos intentos sagrados,[25] despertem nosso espírito;[26] enfraqueçam o ódio[27] de nossos inimigos e rivais.

Índice ◄►Hino 51 (Griffith)

---

para baixo'; em três passagens é citado como sendo partido ou perfurado, e duas vezes é associado com Vala; e no *Naighaṇṭuka* é apresentado como um sinônimo de *megha*, *nuvem*". – Macdonell, *A Vedic Reader for Students,* 1917].
21 ['Ao pai que pertence a todos os deuses, o touro, ...' – Ibid. 'A ele, poderoso amigo de todos os deuses, o pai, ...' – Macdonell, *Hymns from the Rigveda*].
22 [**7**. 'Aquele rei de fato por sua destreza heroica e energia derrota todas as forças hostis, que mantém Bṛhaspati bem nutrido, o honra e o louva como o primeiro compartilhante'. – Ibid.].
23 ['Se desse rei o sacerdote recebe precedência'. – Ibid.].
24 O significado de *vṛṣaṇvasū* é incerto; 'fortes ou excelentes como touros', de acordo com Ludwig e Grassmann; ['de riqueza poderosa', segundo Macdonell]. Talvez 'fortes com tesouros'.
25 ['Favoreçam (nossas) preces' ou 'deem realização às nossas preces', segundo Macdonell].
26 ['Despertem recompensas'. – Macdonell].
27 ['Inimizades' ou 'hostilidades', segundo Macdonell].

Hino 51. Aurora (Wilson)

(Adhyāya 8. Continuação do Anuvāka 5. Sūkta VI)

A divindade é a Aurora; o Ṛṣi é Vāmadeva; a métrica Triṣṭubh.

Varga 1. **1**. Essa luz amplamente difundida e concessora de percepção surgiu no leste a partir da escuridão; realmente as Auroras brilhantes, as filhas do céu, estão dando ao homem (a faculdade de agir).[1]
2. As Auroras muito ramificadas erguem-se no leste, como os pilares plantados em sacrifícios (em volta do altar); radiantes e purificadoras, elas se manifestam, abrindo os portões da escuridão obstrutora.
3. As Auroras dissipadoras de escuridão, afluentes, animam os adoradores piedosos a oferecer tesouro (sacrifical); que os (negociantes) avarentos[2] durmam não despertados, na profundidade desagradável da escuridão.
4. Divinas Auroras, que a sua carruagem, seja velha ou nova, seja frequente no (culto) de hoje, com a qual, afluentes Auroras, possuidoras de riquezas, (vocês brilham) sobre a (tropa dos Aṅgirasas) de sete bocas,[3] os cumpridores do rito nove ou dez dias.[4]
5. Divinas Auroras, com cavalos que frequentam sacrifícios, vocês viajam rapidamente em volta das regiões (do espaço); despertam o ser adormecido, seja bípede ou quadrúpede, para desempenhar (suas funções).
Varga 2. **6**. Onde está aquela antiga daquelas (Auroras), por meio da qual as obras dos Ṛbhus foram realizadas? pois visto que as Auroras brilhantes prosseguem alegremente, elas não se distinguem, sendo iguais e imperecíveis.[5]
7. Realmente foram auspiciosas aquelas Auroras de antigamente, ricas em bênçãos desejadas, verdadeiras (concessoras) de resultados de sacrifício; nas quais o sacrificador, adorando com louvor (silencioso), glorificando (com hinos), obteve riqueza rapidamente.
8. Elas se espalham ao redor de forma similar, (vindo) do leste, (vindo) da mesma região igualmente renomada; as Auroras divinas, despertando a assembleia do sacrifício, são glorificadas como os (raios) criativos das águas.
9. Aquelas Auroras procedem de fato todas iguais, de forma semelhante, de cores infinitas, puras, brilhantes, iluminadoras, ocultando por seus corpos radiantes a escuridão muito grande.
10. Divinas, filhas resplandecentes do céu, concedam-nos riqueza, abrangendo progênie; despertando vocês para nosso benefício, que possamos ser os senhores de descendentes excelentes.
11. Filhas do céu, Auroras resplandecentes, eu me dirijo a vocês (como) o anunciador do sacrifício; que nós sejamos (possuidores) de celebridade entre os homens, e que o céu e a terra divina (a) perpetuem.[6]

Índice ◄►Hino 52 (Wilson)

---

[1] Ou seja, elas dão aos oferecedores de sacrifício a capacidade de realizar os atos de partida e similares.
[2] *Paṇayaḥ* no texto, *vanijah* no comentário; isto é, de acordo com o último, *adātārah*, não doadores.
[3] Repetindo as sete métricas vêdicas.
[4] Veja 1.62.4, [notas 4 e 13].
[5] Veja 1.123.8.
[6] Esse verso, é dito, deve ser recitado inaudivelmente toda manhã ao nascer do dia.

Hino 51. Aurora (Griffith)

1. Da escuridão na região leste subiu essa luz esplêndida mais abundante. Agora realmente as Manhãs muito refulgentes, Filhas do Céu, trazem bem-estar para o povo.[7]
2. As Auroras ricamente coloridas subiram ao leste, como pilares plantados em nossos sacrifícios, e, resplandecendo muito, esplêndidas e purificadoras, destrancaram os portais do curral da escuridão.
3. Dissipando as trevas neste dia as ricas Manhãs incitam doadores generosos a oferecer seus tesouros. Na profundidade não iluminada da escuridão em volta deles que os negociantes avaros[8] durmam não despertados.
4. Ó Deusas, é este seu carro, eu lhes pergunto, antigo neste dia, ou é novo, ó Manhãs, com o qual, ricas Auroras, vocês buscam com riqueza Navagva, Daśagva[9] Aṅgira,[10] o cantor de sete tons?[11]
5. Com cavalos atrelados pela Ordem eterna,[12] Deusas, rapidamente em volta dos mundos vocês viajam, despertando de seu descanso, ó Auroras, os adormecidos, e tudo o que vive, homem, pássaro, e os animais, para o movimento.
6. Qual delas é a mais velha, e onde está aquela através da qual eles[13] fixaram os regulamentos dos Ṛbhus?[14] Quando as Auroras esplêndidas seguem adiante por esplendor, elas não são conhecidas separadamente, iguais, que não se desgastam.[15]
7. Abençoadas eram aquelas Auroras de antigamente, brilhantes com auxílio, verdadeiras com a verdade que brota da Ordem sagrada; com as quais o adorador labutando, por louvores, cantando hinos e louvando, logo obtinha riquezas.
8. Para cá do leste todas de uma só vez elas viajam, de um lugar se espalhando de maneira idêntica. Despertando, do lugar da Ordem sagrada as Auroras Divinas se aproximam como tropas de gado.[16]
9. Desse modo elas seguem adiante com cores não diminuídas, essas Manhãs similares, de forma idêntica, escondendo o poder gigantesco da escuridão[17] com corpos radiantes brilhantes e puros e resplandecentes.
10. Ó Deusas, ó refulgentes Filhas do Céu, deem-nos prosperidade com abundância de filhos. Como de nosso lugar agradável de descanso nós despertamos que possamos ser senhores de força heroica.[18]
11. Bem hábil no conhecimento de sacrifício, ó Filhas do Céu, Auroras refulgentes, eu me dirijo assim a vocês.[19] Que possamos ser gloriosos entre os povos. Que o Céu nos conceda isso, e a Terra a Deusa.

---

[7] [‘Fazem um caminho para o homem’. – Macdonell, *A Vedic Reader for Students,* 1917].
[8] Avarentos ricos que não oferecem sacrifícios.
[9] Membros individuais das assim chamadas famílias sacerdotais míticas que são frequentemente associadas com os Aṅgirases.
[10] Um membro da família de Aṅgiras.
[11] Literalmente, ‘de sete bocas’, usando em seus hinos as sete métricas do Veda, ou repetindo hinos de sete tipos.
[**4**. “‘Esse deverá ser um curso antigo ou um novo para vocês hoje, ó Auroras divinas? (é aquele) pelo qual vocês fizeram brilhar riqueza, ó ricas, sobre Navagva, Aṅgira, e Daśagva o de sete bocas’? Navagva, Aṅgira, e Daśagva são os nomes de antigos associados com Indra na libertação das vacas cercadas pelos Paṇis e por Vala”. – Ibid.].
[12] [‘atrelados no devido tempo’. – Ibid.].
[13] [‘(os deuses)’. – Ibid.].
[14] As estações do ano, os Ṛbhus sendo poderes cósmicos e ligados de perto aos Ṛtus. [Macdonell lê: ‘impuseram as tarefas dos Ṛbhus’, e explica: ‘isso provavelmente se refere à façanha mais distintiva dos Ṛbhus, a de transformar uma taça em quatro; compare com 1.161.2: ‘transformem a única taça em quatro', isso os deuses lhes disseram’. – Ibid.].
[15] [‘Quando as auroras radiantes prosseguem em seu curso brilhante, elas não se distinguem, iguais, não envelhecendo’. – Ibid.].
[16] Saindo para pastar ao amanhecer.
[17] [‘Ocultando o monstro escuro’. – Macdonell].
[18] [‘senhores de uma tropa de filhos fortes’. – Macdonell].
[19] [“Por isto eu, cuja bandeira é o sacrifício, Filhas do Céu, imploro a vocês que resplandecem:” – Macdonell].

Índice ◄►Hino 52 (Griffith)

Hino 52. Aurora (Wilson)

(Sūkta VII)

A divindade e o Ṛṣi como antes; a métrica é Gāyatrī.

Varga 3. **1**. A filha do céu foi vista; a bondosa condutora (de homens), a fonte (de benefícios), derramando esplendor após (a partida de sua) irmã noite.[1]
2. Como uma bela égua, a mãe radiante dos raios de luz, o objeto de sacrifício, (ela) é a amiga dos Aśvins.[2]
3. Tu és a amiga dos Aśvins; tu és a mãe dos raios de luz; tu, Uṣas, governas as riquezas.[3]
4. Com louvores nós te despertamos, tu que és dotada de veracidade; a ti, aquela que frustra animosidades,[4] a restauradora de consciência.
5. Os raios auspiciosos são visíveis como chuvas de água; a aurora encheu (o mundo) com muita luz.
6. Brilhante Uṣas, enchendo (o mundo com luz), tu dispersas a escuridão com brilho; depois disso protege a oblação.
7. Tu cobres, Uṣas, o céu com raios, assim como o vasto e amado firmamento com brilho puro.

Índice ◄►Hino 53 (Wilson)

Hino 52. Aurora (Griffith)

1. Esta Dama, concessora de deleite, resplandecendo depois de sua Irmã,[5] Filha do Céu, mostrou-se.
2. Infalível, Mãe das Vacas,[6] em cor como uma égua vermelha brilhante,
A Aurora tornou-se a Amiga dos Aśvins.[7]
3. Sim, e tu és a Amiga dos Aśvins, a Mãe das Vacas tu és;
Ó Aurora, tu governas a riqueza.
4. Pensando em ti, ó Alegre, como aquela que afasta o ódio,[8]
Nós acordamos para encontrar-te com nossos louvores.
5. Nossos olhos contemplam teus raios abençoados como tropas de gado soltas para se alimentar. A Aurora repletou a vasta extensão.
6. Quando tu a encheste, Refulgente! tu desnudaste a escuridão com luz.
Segundo a tua natureza ajuda-nos, Aurora.
7. Tu cobres o céu com raios, a estimada ampla região do ar,
Com teu esplendor brilhante reluzente, Aurora.

---

[1] Veja 1.124.8.
[2] Os Aśvins devem ser adorados junto com a Aurora.
[3] *Sāma Veda,* versos 1075-7; [ou *Sāma Veda,* Segunda Parte, Livro 8, Cap. 3; VI, versos 1-3, da tradução por Griffith].
[4] *Yāvayad-dveṣasaṃ;* de acordo com o comentador, a aurora afugenta aqueles inimigos que tinham estado se esforçando para destruir os seus adversários durante a noite.
[5] Quando a Noite partiu.
[6] Os primeiros raios de luz, ou nuvens macias da manhã.
[7] Como sendo adorados ao mesmo tempo.
[8] Especialmente a malignidade dos maus espíritos da noite.

Índice ◄►Hino 53 (Griffith)

Hino 53. Savitṛ (Wilson)

(Sūkta VIII)

O deus é Savitṛ; o Ṛṣi Vāmadeva; a métrica Jagatī.

Varga 4. **1**. Nós solicitamos do divino, poderoso e inteligente Savitṛ aquela (riqueza) desejável e ampla, junto com a qual ele concede uma residência para o oferecedor da oblação por sua própria vontade; que o grande deus nos conceda isso todos os dias.[1]

2. O sustentador do céu, o protetor do mundo, o sábio (Savitṛ) coloca sua armadura dourada;[2] discriminador (de objetos), enchendo (o mundo com luz), Savitṛ gerou grande e louvável felicidade.

3. O divino (Savitṛ) enche (de brilho) as regiões celestes e terrestres, e se orgulha de suas próprias funções; Savitṛ estende seus braços[3] para (o trabalho) de produção, regulando o mundo, e animando-o com luz.

4. O divino Savitṛ incontido, iluminando as regiões, protege os atos justos (dos homens); ele estende seus braços para (a direção) das pessoas da terra; cumpridor de obrigações, ele governa o vasto mundo.

5. Savitṛ, cercando-as por sua magnitude, permeia as três (divisões do) firmamento,[4] os três mundos, as três esferas brilhantes,[5] os três céus,[6] a terra tripla;[7] que ele, por suas três funções,[8] por sua própria (vontade) nos proteja.

6. Que aquele divino Savitṛ, que é a fonte de grande felicidade, o gerador (de boas obras), o que abrange (todos os seres), o regulador do móvel e do estacionário, nos conceda felicidade nos três mundos, e (esteja) conosco para a destruição do pecado.

7. Que o divino Savitṛ se aproxime junto com os Ṛtus, torne próspera a nossa morada, e nos dê boa prole e alimento; que ele seja favorável a nós de noite e de dia; que ele empilhe sobre nós riqueza abrangendo progênie.

Índice ◄►Hino 54 (Wilson)

---

[1] *Tacchardir no mahāṃ udayān devo aktubhiḥ; chardih* [*chardis:* cerca, lugar seguro] é explicado como *gṛha*, uma casa, ou pode significar luz; *aktubhiḥ* é literalmente pelas noites, por metonímia para dias.
[2] *Piśaṅgaṃ drāpim prati muñcate,* é explicado por Sāyaṇa como: toda manhã ele coloca uma couraça dourada.
[3] *Bāhū prāsrāk,* ele estende seus raios.
[4] De acordo com o escoliasta o *antarikṣa* é dividido entre Vāyu, Vidyut, e Varuṇa, em três partes.
[5] As regiões de Agni, Vāyu e Sūrya; veja 2.27.8, e as notas.
[6] Os lokas de Indra, Prajāpati, e o Satya loka.
[7] Essas não são especificadas.
[8] Aquelas de distribuir calor, chuva e frio, de acordo com Sāyaṇa.

Hino 53. Savitar (Griffith)

1. De Savitar[9] o Deus, o sapiente Asura, nós almejamos esta grande dádiva que é digna de nossa escolha, com a qual ele concede livremente defesa ao seu adorador. Isso com seus raios o Grande Deus tem concedido a nós.[10]
2. Sustentador do céu, Senhor da vida do mundo inteiro, o Sábio, ele coloca sua armadura de cor dourada. Perspicaz, espalhando-se ao longe, enchendo o reino espaçoso, Savitar tem trazido bem-aventurança que merece louvor.
3. Ele preencheu as regiões do céu e da terra; o Deus para o seu próprio fortalecimento desperta o hino. Savitar estendeu seus braços para nutrir a vida, produzindo com seus raios e aquietando[11] tudo o que se move.
4. Iluminando todas as criaturas vivas, nunca enganado,[12] Savitar, Deus, protege cada ordenança sagrada. Ele estendeu seus braços para todos os povos da terra, e, com suas leis cumpridas, governa o seu próprio curso poderoso.
5. Savitar circundando três vezes com sua potência o meio do ar, as três regiões, e a tripla esfera de luz, coloca os três céus[13] em movimento e a tripla terra, e de bom grado nos protege com sua lei tripla.[14]
6. O Deus mais benevolente, que traz à vida e acalma para descansar, ele que controla o mundo, o que não se move e o que se move, que ele nos conceda abrigo, – Savitar o Deus, – para vida tranquila, com barreira tripla contra aflição.
7. Com as estações do ano Savitar, Deus, se aproxima; que ele torne próspero o nosso lar, dê alimento e filhos nobres. Que ele nos revigore através dos dias e noites, e que ele nos envie opulência com progênie.

Índice ◄►Hino 54 (Griffith)

---

[9] O Sol como o grande vivificador, gerador e produtor.
[10] ["*Interpretação:* 'Aquela grandeza do Deus Savitar nós escolhemos, do Poderoso, cuja consciência está voltada sempre para frente; Aquela pela qual ele dá proteção ao doador do Sacrifício, pela qual o próprio grande Deus está surgindo na Noite'". – Vladimir Yatsenko, *universityofhumanunity.org*].
[11] A palavra no texto, *niveśayan*, significa 'levando ao descanso'. Sāyaṇa a explica como: 'estabelecendo em seus respectivos deveres'.
[12] [Infalível, não sujeito a engano. '*Adābhya:* livre de engano, confiável, com o qual não se deve brincar'. – *spokensanskrit.de*].
[13] Veja 1.105.5.
[14] De acordo com Sāyaṇa, suas funções como distribuidor de calor, chuva, e frio.

Hino 54. Savitṛ (Wilson)

(Sūkta IX)

O deus e o Ṛṣi são os mesmos; a métrica também é Jagatī, exceto no último verso, no qual ela é Triṣṭubh.

Varga 5. **1**. O divino Savitṛ se manifestou; ele deve ser glorificado imediatamente por nós; ele deve ser louvado pelos sacerdotes no presente (rito) e no fim (do dia), a fim de que ele que distribui coisas preciosas aos descendentes de Manu possa nos dar, nessa ocasião, a riqueza mais excelente.
2. Primeiro tu geras[1] para os deuses adoráveis a melhor parte, a imortalidade; então, Savitṛ, tu abres (o dia) para o doador (da oblação), e (concedes) existências sucessivas aos homens.[2]
3. Se, Savitṛ, por ignorância, por orgulho de (dependentes) fracos ou fortes, ou por debilidade humana, nós cometemos (ofensa) contra a tua pessoa divina, ou contra os deuses ou homens, nessa ocasião considera-nos inocentes.
4. Não (é adequado) obstruir (os atos) do divino Savitṛ, visto que por meio deles ele sustenta o mundo inteiro, pelos quais sua mão bondosa espalha fertilidade sobre a extensão da terra, e a magnitude do céu; esse é o verdadeiro (poder) dele.
5. Tu elevas aqueles, de quem Indra é o chefe, acima das vastas nuvens; para esses, (teus adoradores), tu forneces (lugares) de residência cheios de habitações; como quando avançando eles te detiveram, assim da mesma maneira ao teu comando eles pararam.[3]
6. Que Indra, o céu e a terra, Sindhu com as águas, e Aditi com os Ādityas, concedam felicidade a nós, que, oferecendo libações, Savitṛ, derramamos o auspicioso Soma, dia a dia, três vezes ao dia.

Índice ◄►Hino 55 (Wilson)

---

[1] *Suvasi*, de *sū*, ter ou produzir; ele se torna aqui um termo favorito, e, em uma ou outra inflexão, se repete nos três versos seguintes, requerendo uma tradução modificada.
[2] Isto é, na ordem de pais, filhos, etc.; o verso ocorre no *[Śukla] Yajur Veda*, 33, 54, e é explicado um pouco diferentemente por Mahīdhara: *dāmānaṃ*, que Sāyaṇa traduz *dātāraṃ,* ele explica como *raśmisamūham*, coleção de raios; a última parte do hemistíquio ele, portanto, lê: tu espalhas amplamente teus raios, e incitas entre os homens os consequentes ofícios de vitalidade, ou seja, os deveres diários seguintes ao retorno da manhã.
[3] Não aparece muito claramente quem são citados, mas possivelmente isso se aplica aos adoradores.

Hino 54. Savitar (Griffith)

1. Agora nós devemos louvar e honrar Savitar o Deus; nessa hora do dia os homens devem chamá-lo; a ele que distribui riqueza para a progênie de Manu, para que ele possa nos conceder aqui as riquezas mais excelentes.
2. Pois tu a princípio produzes para os Deuses santos a mais nobre de todas as partes, a imortalidade; depois como um presente para os homens, ó Savitar, tu abres a existência, vida sucedendo vida.
3. Se nós, homens como somos, pecamos contra os Deuses por falta de atenção, por fraqueza, ou por insolência, absolve-nos da culpa e nos torna livres do pecado, ó Savitar, igualmente entre os Deuses e os homens.
4. Ninguém pode impedir aquele poder de Savitar o Deus pelo qual ele manterá o mundo universal. O que o Deus de dedos belos produz sobre a extensão da terra ou na altura do céu, aquela obra dele permanece segura.[4]
5. Para colinas altas[5] tu mandas aqueles[6] a quem Indra lidera, e dás moradas fixas com casas para esses. Embora eles possam fugir e se afastar, ainda, Savitar, eles permanecem obedecendo ao teu comando.
6. Que as libações derramadas para ti três vezes ao dia, dia após dia, ó Savitar, nos tragam bênção. Que Indra, o Céu, a Terra, Sindhu com as Águas, Aditi com os Ādityas, nos deem abrigo.[7]

Índice ◄►Hino 55 (Griffith)

---

[4] ["*Interpretação:* 'Aquele (poder) do Divino Savitar não pode ser diminuído por ninguém, pois Ele sempre estará mantendo todo o Universo. O que o Deus com seus dedos perfeitos impele para a extensão da terra e a altura do céu, aquela é Sua Verdade!'" – Vladimir Yatsenko, *universityofhumanunity.org*].
[5] [Veja a versão por Wilson]. 'As dificuldades em relação a esse verso são muito grandes, e talvez insuperáveis', diz o professor Peter Peterson, em cujo *Hymns from the Rigveda* (*Bombay Sanskrit Series*, Nº. XXXVI), o estudante de sânscrito encontrará uma lista completa dessas dificuldades, e as interpretações propostas por Sāyaṇa e por estudiosos europeus, nenhuma das quais é convincente. [Esta é a versão desse verso pelo professor Peterson, encontrada na pág. 276 da obra (edição de 1888) acima citada: 'Indra e os deuses tu colocaste nas altas colinas, dando a eles lá ricas residências; voando para lá e para cá, todos, Savitṛ, obedecem ao teu comando'].
[6] [Maruts?]
[7] [**6**. 'Ó Savitṛ, que o soma derramado três vezes, que dia a dia te alegra, seja como um guarda para nós; que Indra também, o Céu e a Terra, Sindhu com as Águas, Aditi com os Ādityas, nos protejam'. – Ibid.].

Hino 55. Viśvadevas (Wilson)

(Sūkta X)

As divindades são os Viśvadevas; o Ṛṣi como antes; a métrica dos primeiros sete versos é Triṣṭubh, dos três últimos Gāyatrī.

Varga 6. **1**. Qual de vocês, Vasus, é um defensor? Qual é um protetor? Céu e Terra e Aditi preservem-nos;[1] defendam-nos, Mitra e Varuṇa, do homem forte; quem é, deuses, que lhes oferece riquezas no sacrifício?[2]

2. Os (deuses), que concedem lugares antigos (de diversão para seus adoradores) e, (com mentes) não confusas, são os separadores de luz (da escuridão); eles, os eternos distribuidores (de recompensas), concedem (o que é desejado), e brilham de aspecto agradável, os verdadeiros (recompensadores) de atos piedosos.[3]

3. Eu adoro a venerada Aditi, o Sindhu e a divina Svasti[4] em busca de sua amizade; (eu louvo vocês) dois, Dia e Noite, para que vocês nos protejam desimpedidos; Noite e Manhã façam (o que nós desejamos).

4. Aryaman e Varuṇa nos instruem no caminho (da adoração); Agni, o senhor do alimento, aponta o caminho para a felicidade; Indra e Viṣṇu, sendo glorificados, deem-nos prosperidade desejável abrangendo descendentes e força.

5. Eu recorro à proteção de Parvata, dos Maruts, e do protetor divino, Bhaga; que o senhor (Varuṇa) nos preserve da miséria humana, e que Mitra nos defenda com uma atenção amigável.

Varga 7. **6**. Divinos Céu e Terra, eu os louvo junto com Ahibudhnya[5] por aquelas (coisas boas que são) desejadas, como aqueles desejosos de adquirir (riquezas) louvam o oceano ao atravessá-lo (no qual) os rios ressoantes desaparecem.[6]

7. Que a divina Aditi, com os deuses, nos preserve; que o (deus) protetor sempre atento, (Indra,) nos proteja; nós não somos capazes de reter o elevado alimento (sacrifical) de Mitra, de Varuṇa, de Agni.

8. Agni é senhor do tesouro; Agni (é senhor) de grande boa fortuna; que ele os conceda a nós.

9. Opulenta Uṣas, faladora da verdade, rica em alimentos, concede-nos muitas coisas boas.

10. Que Savitṛ, Bhaga, Varuṇa, Mitra, Aryaman, Indra, venham a nós com a riqueza (que cada um concede).

Índice ◄►Hino 56 (Wilson)

---

[1] *Dyāvābhūmī adite trāsīthāṃ naḥ; adite*, não dividido, indivisível, pode ser um epíteto aqui, de acordo com o comentário, do céu e da terra.

[2] *Ko vo adhvare varivo dhāti devāḥ* também pode significar: qual de vocês deuses concede riqueza no sacrifício?

[3] Não há nenhuma dificuldade peculiar em todas as palavras dessa estrofe, mas seu significado não é o menos duvidoso.

[4] *Svastim* é explicada como 'a morada da felicidade'; bem-estar é a sua acepção usual, mas é dita ser aqui a deusa assim chamada.

[5] [Veja a nota 15].

[6] *Samudraṃ na saṃcaraṇe saniṣyavah* é explicado: como aqueles que desejam possuir riquezas por passarem pelo meio do oceano louvam o oceano; o que vem em seguida é menos óbvio: *gharmasvaraso nadyo apavran;* o comentador aplica a frase às divindades: que eles, o Céu e a Terra, nutram ou reabasteçam os rios.

Hino 55. Viśvedevas (Griffith)

1. Qual de vocês, Vasus, salva? Qual protege? Ó Céu e Terra e Aditi, preservem-nos, Varuṇa, Mitra, do mortal mais forte. Deuses, qual de vocês em sacrifício dá conforto?
2. Eles[7] que com louvor glorificam os estatutos antigos, quando eles resplandecem divisores[8] infalíveis, têm ordenado como Ordenadores[9] perpétuos, e brilhado como Taumaturgos de pensamento santo.
3. À Deusa Dona de Casa,[10] Aditi, e Sindhu, à Deusa Svasti[11] eu imploro por amizade; e que as desobstruídas Noite e Manhã, ambas, dia e noite, providenciem a nossa proteção.
4. Aryaman e Varuṇa têm aberto o caminho, Agni como Senhor da Força a estrada para o bem-estar. Louvados de modo viril que Indra-Viṣṇu nos concedam sua poderosa defesa e abrigo.
5. Eu tenho rogado a proteção dos Maruts, de Parvata, de Bhaga o Deus que resgata. Do problema causado pelo homem que o Senhor[12] nos proteja; da aflição enviada por seu Amigo[13] que Mitra nos salve.
6. Concordem, através dessas nossas oblações aquosas,[14] Deusas, Céu e Terra, com Ahibudhnya.[15] Como se para ganhar o mar,[16] os aquecedores de Gharma[17] abriram, conforme eles se aproximam, os rios.
7. Que deusa Aditi com os Deuses nos defenda, salve-nos o Deus salvador[18] com cuidado incessante. Nós não ousamos restringir o alimento sagrado de Mitra e Varuṇa nas costas de Agni.[19]
8. Agni é Soberano Senhor da Riqueza, Agni de grande prosperidade;
Que ele conceda essas dádivas a nós.
9. Aqui para nós, rica Aurora agradável, traze muitas coisas desejáveis,
Tu que tens ampla fartura de riqueza.
10. Assim então que Bhaga, Savitar, Varuṇa, Mitra, Aryaman, Indra, com generosidade venham a nós.

Índice ◄►Hino 56 (Griffith)

---

[7] Os deuses da luz.
[8] Por separarem o dia da noite.
[9] Por fixarem e regularem o ano e as estações.
[10] Por ser a mãe dos Deuses.
[11] Prosperidade.
[12] Varuṇa.
[13] Varuṇa, como o grande castigador de homens. O professor Roth, a quem o professor Grassmann segue, considera que *jányāt* significa causada por estranhos, e *mitríyāt* causada por amigos.
[14] Essa estrofe é difícil e seu significado obscuro. As palavras *apyebhir iṣṭaiḥ*, 'através de oblações aquosas', são traduzidas pelo professor Grassmann: 'junto com os almejados Deuses da Água'.
[15] O Dragão das Profundezas é um ser divino que mora nas profundezas do oceano de ar. Compare com 1.186.5; 2.31.6.
[16] Como se desejando ganhar o oceano de riqueza abundante.
[17] Os sacerdotes que preparam a oblação de leite quente ou outra bebida quente que é oferecida especialmente para os Aśvins. Ou Gharma pode significar o caldeirão ou recipiente no qual a oblação é fervida. O sentido parece ser, como o professor Ludwig o explica, que os sacerdotes, sacrificando, e cantando hinos, conduzem em direção a si mesmos os rios do oceano de abundância.
[18] Indra.
[19] Isto é, derramado sobre as chamas.

Hino 56. Céu e Terra (Wilson)

(Sūkta XI)

As divindades são Céu e Terra; o Ṛṣi como antes; a métrica das três últimas estrofes é Gāyatrī, do resto Triṣṭubh.

Varga 8. **1**. Vastos e muitíssimo excelentes Céu e Terra, estejam presentes com esplendor neste (sacrifício, atraídos) por hinos santificantes; visto que o derramador soa em toda parte com (seus) arautos, os rápidos (ventos), passando pelas duas (regiões) amplas e poderosas.
2. Que os divinos, adoráveis, benevolentes, fertilizantes, verdadeiros, não opressivos Céu e Terra, os líderes de sacrifício,[1] cujos filhos são os deuses, estejam presentes com os deuses adoráveis, (atraídos) por hinos santificantes.
3. Foi realmente o fazedor de um bom trabalho nas regiões aquele que gerou esses dois, Céu e Terra, e, de propósito firme, deu um impulso por seu feito aos dois mundos vastos, inamovíveis, belos, sem suporte.
4. Que Céu e Terra, vastos, universais, adoráveis, unidos em satisfação, e dispostos a nos dar alimento, nos protejam com nossas residências espaçosas, habitadas por nossas esposas, e que nós pelos nossos atos (piedosos) sejamos possuidores de carros e escravos.
5. Nós oferecemos louvor sincero a vocês dois, resplandecentes (Céu e Terra); nós nos aproximamos de vocês que são puros, para oferecer adoração.
6. Mutuamente santificando (um ao outro)[2] por sua própria substância, vocês brilham por seu próprio poder, e sempre levam a oferenda.
7. Poderosos (Céu e Terra), vocês realizam os desejos de seu amigo; distribuindo alimento e dando sustento, vocês se sentaram no sacrifício.

Índice ◄►Hino 57 (Wilson)

---

[1] *Devī-yajate, aminatī, ukṣamāṇe, ṛtāvarī, adruhā, deva putre, yajñasya netrī,* são os epítetos; literalmente, as brilhantes, ou, como usualmente interpretado nessa tradução, divinas, objetos de culto, inofensivas, que espalham (chuva, e, portanto, fertilizam), que possuem verdade, ou água, ou sacrifício, não opressivas ou violentas, que têm deuses como filhos, líderes ou investigadoras, ou objetos de sacrifício.

[2] *Punāne tanvā mithaḥ,* de acordo com o comentador, pode ser explicado diferentemente: pode se aplicar à adoração ou ao adorador, purificando-os separadamente por cada forma individual; ou pode se aplicar às regiões, céu e terra, o primeiro purificando ou fertilizando a última pela chuva, a última sustentando o primeiro por cultivo; o comentário acrescenta: 'por aquilo que está no céu ou a lua', cujo sentido não é óbvio; a frase provavelmente está incompleta, sendo uma citação; esses três versos ocorrem no *Sāma Veda* II. 946, 947, 948; [ou, *Sāma Veda,* Segunda Parte, Livro 7, Cap. 3, XIV, 1-3, da tradução por Griffith].

Hino 56. Céu e Terra (Griffith)

1. Que os poderosos Céu e Terra, os mais dignos de honra, estejam presentes aqui com luz e esplendores cintilantes; quando, fixando-os separadamente, vastos, os mais extensos, o Boi[3] ruge alto em cursos extensos.
2. As Deusas com Deuses, santas com santos, as Duas[4] permanecem derramando sua chuva,[5] inesgotáveis; fiéis e sinceras, tendo Deuses como filhos, líderes de sacrifício com esplendores brilhantes.
3. Sem dúvida nos mundos ele foi um artesão habilidoso, ele que produziu estes Dois: a Terra e o Céu. Sábio, com seu poder, ele reuniu os dois reinos, amplos e profundos, bem-formados, sem suporte.
4. O Céu e a Terra, promovendo unanimemente, com alta proteção como de Rainhas,[6] o nosso bem-estar, extensos, universais, santos, guardem-nos. Que nós, conduzidos em carros, através da canção sejamos sempre vitoriosos.
5.[7] Para vocês dois, ó Céu e Terra, nós trazemos nossa canção sublime de louvor, Puros! para glorificar ambos.
6. Vocês santificam a forma um do outro, por seu próprio poder característico vocês governam, e desde antigamente cumprem a Lei.
7. Promovendo e cumprindo, vocês, ó Poderosos, aperfeiçoam a Lei de Mitra.
Vocês sentam em volta do nosso sacrifício.

Índice ◄►Hino 57 (Griffith)

---

[3] De acordo com Sāyaṇa, Parjanya o Deus das nuvens de chuva.
[4] [Regiões, Céu e Terra].
[5] Concedendo boas dádivas.
[6] Eu sigo com alguma hesitação a interpretação do professor Ludwig de *patnīvadbhir*. O professor Wilson, seguindo Sāyaṇa, traduz: 'com nossas residências espaçosas, *habitadas por nossas esposas*'.
[7] Estes três versos finais na realidade formam outro hino.

Hino 57. Kṣetrapati, Etc. (Wilson)

(Sūkta XII)

Os deuses, como se tornará visível a partir do hino, são assim apenas em relação às estrofes referentes a eles, sendo, de fato, personificações de circunstâncias relacionadas com a agricultura; e conformemente é dito nos Gṛhya Sūtras que cada verso deve ser repetido silenciosamente, com uma oblação ao fogo, no início da aradura; o deus então dos três primeiros versos é denominado Kṣetrapati; do quarto, Śuna; do quinto e oitavo, Śunāsīra; do sexto e sétimo, Sītā; o Ṛṣi é, como antes, Vāmadeva; a métrica do primeiro, quarto, sexto e sétimo versos é Anuṣṭubh, do resto, Triṣṭubh.[1]

Varga 9. **1**. Com o mestre do campo,[2] nosso amigo, nós triunfamos; que ele nos conceda gado, cavalos, nutrição, pois por tais (presentes) ele nos faz felizes.
2. Senhor do campo, dá-nos (água) doce, abundante, como a vaca leiteira (produz seu) leite, pingando como mel, suave como a manteiga; que os senhores da água nos façam felizes.
3. Que as ervas (do campo) sejam doces para nós; que os céus, as águas, o firmamento, sejam bondosos[3] para nós; que o Senhor do campo seja benevolente para nós; que nós, não amedrontados (por inimigos), recorramos a ele.
4. Que os bois (puxem) alegremente,[4] os homens (trabalhem) alegremente; o arado sulque alegremente; que os tirantes amarrem alegremente; maneje o aguilhão alegremente.
5. Śuna e Sīra,[5] sejam satisfeitos por este nosso louvor, e, consequentemente, borrifem essa (terra) com a água que vocês criaram no céu.
6. Auspiciosa Sītā,[6] está presente, nós te glorificamos; para que tu possas ser propícia para nós, para que tu possas nos dar frutos abundantes.
7. Que Indra tome posse de Sītā; que Pūṣan a guie; que ela, bem suprida com água, a produza como leite, ano após ano.
8. Que as relhas de arado rompam nossa terra alegremente; que o lavrador siga alegremente com os bois; que Parjanya (regue a terra) com doces chuvas alegremente; concedam, Śuna e Sīra, prosperidade para nós.[7]

Índice ◄►Hino 58 (Wilson)

---

[1] [Purauṣṇih é a métrica do quinto verso, de acordo com Griffith e Gary Holland].
[2] *Kṣetrasya patinā* pode ser entendido em sua acepção literal, ou como significando Rudra ou Agni.
[3] Esse, assim como o epíteto de *Kṣetra-putī* que se segue, é o mesmo que o das ervas, *madhumat*, literalmente, tendo doçura.
[4] *Śunaṃ vāhāḥ śunaṃ naraḥ, etc.; śunaṃ* o escoliasta interpreta como *sukham*, *sukham yathā bhavati tathā,* de modo que o prazer exista ou possa existir; como uma personificação é a divindade por cuja proteção o trabalho vai bem, *śukhakṛd devah*, que pode ser tanto Vāyu quanto Indra.
[5] *Śunāsīrāu* é aqui apresentado no dual como o nome de duas divindades, das quais Śuna, de acordo com Śaunaka, é o *dyudevah*, o deus do céu, isto é, Indra, quando Sīra será Vāyu, de acordo com Sāyaṇa; Yāska, *Nirukta*, 9, 40, faz de Śuna, Vāyu, e de Sīra, Āditya; na acepção usual, *Śunāsīra* é um nome de Indra.
[6] *Sītā* é geralmente um sulco, e nesse sentido ela ocorre como uma personificação da divindade, ou objeto de quatro estrofes no *[Śukla] Yajur*, 12, 69-72, quatro sulcos sendo traçados na cerimônia na qual essas estrofes devem ser recitadas; mas na próxima estrofe Sāyaṇa a explica como a madeira que suporta o sulco, *sītādhārakāṣṭhām*, da qual Indra deve tomar posse, *Indra gṛhṇātu;* a não ser que *kāṣṭhā* no feminino mantenha sua acepção usual de quadrante do horizonte, quando *Sītā* pode significar o céu, visto que na linha seguinte, *sā*, ela, é interpretada pelo comentador como *dyau*, o céu.
[7] Os dois últimos versos ocorrem também no *Atharvan,* III. 17. 4-5.

Hino 57. Kṣetrapati, Etc. (Griffith)[8]

1. Nós através do Mestre do Campo,[9] assim como através de um amigo, obtemos
Aquilo que nutre nossas vacas e cavalos. De tal maneira que ele seja bom para nós.
2. Como a vaca produz leite, despeja para nós livremente, Senhor do Campo, a onda que traz doçura, destilando hidromel, bem purificada como manteiga, e que os Senhores da Lei Sagrada sejam benevolentes.
3. Doces sejam as plantas para nós, os céus, as águas, e cheia de doçuras para nós seja a região do meio do ar. Que o Senhor do Campo para nós seja cheio de doçura, e que possamos segui-lo incólumes.
4. Alegremente trabalhem nossos bois e homens, que o arado sulque alegremente.
Alegremente sejam amarrados os tirantes; alegremente que ele maneje o aguilhão.
5. Śuna e Sīra,[10] recebam com agrado esse louvor, e com o leite que vocês fizeram no céu vocês dois orvalhem essa nossa terra.
6. Auspiciosa Sītā,[11] aproxima-te; nós te veneramos e adoramos
Para que tu possas nos abençoar e tornar prósperos e nos trazer frutos copiosamente.
7. Que Indra[12] pressione o sulco para baixo, que Pūṣan guie seu curso corretamente.
Que ela, tão rica em leite,[13] seja drenada por nós através de cada ano seguinte.
8. Alegremente que as lâminas de arado virem para cima a terra arável, que os lavradores sigam alegremente com os bois. Faze-nos felizes, Parjanya, com hidromel e leite. Concedam-nos prosperidade, Śuna e Sīra.

Índice ◄►Hino 58 (Griffith)

---

[8] Nesse hino várias personificações agrícolas são abordadas, o deus das três primeiras estrofes sendo chamado de Kṣetrapati, da quarta Śuna, da quinta e oitava Śunāsīra, da sexta e sétima Sītā. 'E dito nos *Gṛhya Sūtras* que cada verso deve ser repetido silenciosamente, com uma oblação ao fogo, no início da aradura'. – Wilson.
[9] Kṣetrapati, o popular Genius Loci, [Gênio ou Espírito do Lugar], dito significar ou Rudra ou Agni.
[10] Duas divindades ou objetos deificados que abençoam ou estão ligados de perto à agricultura. De acordo com Yāska, Śuna (o auspicioso), é Vāyu, e Sīra (arado) é Āditya ou o Sol. ['*Śuna:* crescimento, sucesso, prosperidade, bem-estar'. – *sanskritdictionary.com*]. O professor Roth conjetura que as palavras significam aqui relha de arado e arado. O professor Grassmann traduz: 'arado e arador'.
[11] O Sulco ou Agricultura personificada e tratada como uma divindade; em tempos posteriores a heroína do *Rāmāyaṇa*.
[12] Como o Deus que manda a chuva necessária, Indra é rogado para abençoar a obra por pressionar e aprofundar o sulco. 'Que Indra tome posse de Sītā'. – Wilson.
[13] De acordo com o escoliasta, *sā*, ela, aqui significa o céu.

Hino 58. Ghṛta (Wilson)

(Sūkta XIII)

Uma variedade de divindades para escolher é apresentada, ou Agni, ou Sūrya, ou a Água, ou a Vaca, ou a Manteiga Clarificada (Ghṛta); o Ṛṣi é como antes; a métrica Triṣṭubh, do último verso Jagatī.

Varga 10. **1**. A água doce forma ondas a partir do firmamento;[1] pelo raio (solar o homem) obtém imortalidade; aquele que é o nome secreto da manteiga clarificada é a língua dos deuses, o umbigo da ambrosia.[2]

2. Nós celebramos o nome de Ghṛta neste sacrifício, nós o oferecemos com adorações; que o Brahmā de quatro chifres o ouça sendo glorificado;[3] o deus de cor clara aperfeiçoa este rito.[4]

3. Quatro são seus chifres; três são seus pés; suas cabeças são duas, suas mãos são sete; o triplamente amarrado derramador (de benefícios) ruge alto; a poderosa divindade entrou entre os homens.[5]

---

[1] *Samudrād ūrmir madhumāṃ ud ārad;* o significado, de acordo com o escoliasta, varia muito de acordo com a significação dada a *samudra;* como, *samodante asmin yajamānāh,* aquele no qual os adoradores se deleitam, o fogo sacrifical; ou, *samudrād-dravanti āpah,* aquele a partir do qual as águas correm, fogo celestial, relâmpago; *ūrmi* no primeiro caso pode implicar recompensa ou consequência, no último, chuva; e, no último sentido de *ūrmi*, *samudra* pode ter um dos seus significados mais comuns, *antarikṣa*, o firmamento; a passagem, diz-se, pode também ser feita se aplicar aos outros objetos do hino; como, por exemplo, *samudra* pode significar, etimologicamente, o úbere da vaca, de onde flui leite, *samuddravati*, do qual vem *ūrmi*, *ghī* ou manteiga; o hino inteiro ocorre no *[Śukla] Yajur*, 17 89-99, onde Mahīdhara limita os objetos a dois, Ghī e Agni: como o representante do alimento, *ghī* aqui é louvado; como aquele da vitalidade, Agni; consequentemente a frase é interpretada de maneira diferente: *samudra* é o oceano de *ghī*, do qual ele se ergue como sua onda, e, tendo assim se erguido, ele permeia imortalidade por Agni, como a vida do mundo com o qual ele é combinado; pode-se duvidar se esse é mais do que inteligível que o de Sāyaṇa, mas é evidente que ambos os comentadores indicam Agni, com quem *ghī*, como o material da oblação, é para ser identificado.

[2] *Ghṛtasya nāma ghuhyaṃ yad asti jihvā devānām amṛtasya nābhiḥ;* isto é, o material de sacrifício comumente chamado *ghī* é, nos mantras do Veda, denominado a língua dos deuses, sendo usado metonimicamente para Agni; também o umbigo ou ligação, isto é, os meios de garantir imortalidade para aquele que o oferece em oblações.

[3] *Brahmā catuḥ-śṛṅgah; Brahmā* é explicado por Sāyaṇa como sempre, *parivṛdho devah*, o deus aumentado, desenvolvido, ou grandioso; seus quatro chifres são os quatro Vedas; Mahīdhara separa o atributo como presentemente a ser notado, e explica *Brahmā* por *Ṛitvij*, sacerdote.

[4] *Avamīd gaura etat;* o texto dá a explicação de Sāyaṇa; Mahīdhara explica *gaura* por *yajña*, e atribui a ele os epítetos *catuh śṛṅga*, o sacrifício com quatro, *sacerdotes*, alcança o objetivo pelo qual é celebrado; a estrofe, de acordo com Sāyaṇa, refere-se especialmente a Agni como o sol; Mahīdhara aparentemente a atribui a *ghī;* o primeiro, no entanto, declara que ela é aplicável a todos os sujeitos do hino seguindo a etimologia do *Nirukta*.

[5] Sāyaṇa, em conformidade com a opinião de Yāska e outros, aplica esse verso também preferencialmente a Agni, identificado com *yajña* ou com *āditya;* os quatro chifres do primeiro são os quatro Vedas; do último, os quatro pontos cardeais do horizonte; os três pés de Yajña são os três sacrifícios diários; de Āditya, manhã, meio-dia, anoitecer; as duas cabeças de Yajña são duas cerimônias específicas chamadas Brahmaudanam e Pravargya; de Āditya, dia e noite; as sete mãos de Yajña são as sete métricas; de Āditya os sete raios, ou as seis estações e seu agregado, ou o ano, como o sétimo; o termo *vṛṣabha phatānām varṣitā,* o derramador de recompensas, se aplica a ambos; e do mesmo modo *roravīte*, ele ruge, implicando o som produzido pela repetição dos mantras dos Vedas; as três amarras de Yajña são, *mantra*, *kalpa* e *Brāhmaṇa*, a prece, o cerimonial, a razão; de Āditya, a três regiões, terra, ar, e o céu; Mahīdhara limita *vṛṣabha*, *hāmānam varṣitā* a Yajña, e explica os atributos conformemente, mas com uma diferença ocasional: os quatro chifres são os sacerdotes, o Hotṛ, Udgātṛ, Adhvaryu e Brahmā; os três pés são os três Vedas; as duas cabeças os ritos Havirdhāna e Pravargya; as mãos são os sete sacerdotes, ou as sete métricas; as três amarras os três sacrifícios diários; ele um tanto gratuitamente também aplica os termos ao discurso gramatical, os quatro chifres sendo substantivos, verbos, preposições e afixos; os três pés, as três pessoas ou os três tempos; as duas cabeças, o agente e o objeto; as sete mãos, os sete casos; e as três amarras, os três números; mas essa é uma exibição desnecessária de engenhosidade; Yāska aplica o verso a Yajña, e é seguido, principalmente em sua explicação dos termos, por Mahīdhara, *Nirukta*, 13.7.

4. Os deuses descobriram o Ghī ocultado pelos Paṇis, colocado triplamente na vaca; Indra gerou uma (parte), Sūrya outra, os (outros deuses) fabricaram uma do resplandecente (Agni), por causa da oblação.[6]
5. Essas chuvas de cem canais caem do firmamento que alegra o coração, não observadas pela (nuvem) hostil; eu olho para essas chuvas de Ghī, (e contemplo) o dourado Vetasa no meio delas.[7]
Varga 11. **6**. Elas fluem ininterruptamente como rios agradáveis, purificadas pela mente que está situada no coração; esses rios de Ghī descem (sobre o fogo), como veados fugindo do caçador.[8]
7. Os rios de Ghī caem abundantes, velozes como o vento,[9] e rápidos como as águas de um rio descendo um declive, rompendo as margens confinantes, e seguindo depressa com suas ondas, como um corcel fogoso.[10]
8. Os rios de Ghī se inclinam para Agni como esposas dedicadas, auspiciosas e sorridentes, para um marido; eles alimentam (a chama) como combustível, e Jātavedas, propiciado, os aceita.
9. Eu contemplo esses rios de Ghī enquanto eles fluem a partir de onde o Soma é derramado, onde o sacrifício (é solenizado), como donzelas se enfeitando com unguentos para ir até o noivo.
10. (Sacerdotes)[11] dirijam o louvor piedoso, (a fonte) de rebanhos de gado;[12] deem-nos riquezas auspiciosas; levem esse nosso sacrifício para os deuses, (no qual) os rios de Ghī descem com doçura.
11. O mundo inteiro, (Agni), encontra um refúgio em tua refulgência,[13] seja no oceano, no coração (do homem), na vida (dos seres vivos), no conjunto das águas, ou na guerra;

---

[6] Os Paṇis são como sempre explicados como Asuras; as três formas ou estados nos quais o *ghī* foi depositado na vaca foram leite, coalhos e manteiga, dos quais Indra gerou *jajāna*, leite, Sūrya, manteiga, e os deuses *(devāsaḥ)* fabricaram *(ṭatakṣuḥ)* coalhos a partir do brilhante, *venāt*, ou seja, Agni; Mahīdhara interpreta *devāsaḥ dvijātayah*, os duas vezes nascidos, mas não difere materialmente no restante.
[7] De acordo com o sentido dado a *samudra*, as chuvas, primeiro indicadas pelo epíteto *śata vrajā,* denotando apenas copiosas, podem ser de água ou *ghī; vetasa* é dito ser um nome Agni, seja como relâmpago ou o sol, ou o fogo do sacrifício; Mahīdhara, muito superfluamente, e incompativelmente com sua explicação dos objetos do Sūkta escolhe, para entender, como um significado, *etā arṣanti, vāca udgacchanti,* estas *palavras* originam-se do oceano de água da fé, purificadas pelas métricas e outras partes complementares dos Vedas, em meio a quais palavras o Ṛṣi vê a forma dourada de Agni, pois Agni é o deus que preside a fala, ou textos sagrados, *agnir hi vācām adhiṣthātṛ devatā;* ele dá como alternativa, no entanto, uma interpretação semelhante à de Sāyaṇa.
[8] Sāyaṇa considera que nesse verso o *ghī* que é derramado da concha sobre o fogo é mencionado; Mahīdhara interpreta *dhenā*, do qual Sāyaṇa faz um epíteto de *saritah*, e traduz *prīṇayitryah*, por *vācah*, palavras, textos, os quais ele diz que fluem como rios, livres de erro pelo coração e a mente; separando *antar-hṛdā* pelo copulativo de *manasā, manasā ca,* enquanto Sāyaṇa faz do primeiro o adjetivo do último, *antarhṛdā manasā*, *hṛdayamadhyagatena chittena,* pela mente que entrou no coração.
[9] Mahīdhara remete a comparação ao *sindhu*, um rio agitado pelo vento.
[10] *Kāṣṭhā bhindan ūrmibhiḥ pinvamānaḥ; kāṣṭhā*, de acordo com Sāyaṇa, significa círculos limitantes, limites dentro dos quais a manteiga que flui aumenta com seus sucos; Mahīdhara a torna parte da comparação, com a rapidez do cavalo correndo para os limites da batalha, *kāṣṭhā* significando *sangrāma pradeśān;* segundo Sāyaṇa, *ghṛta* pode aqui também significar água, quando *sindhu* significará o *antarikṣa*.
[11] O texto não tem nominativo; Sāyaṇa supre *Ṛitvijah*, sacerdotes; Mahīdhara, *devāh*, deuses, o que concorda melhor com parte do que se segue.
[12] *Suṣṭutiṃ gavyam ājim;* o último Sāyaṇa interpreta como *gosambandhinam sanghātam*, o número ou coleção relativa ao gado; ou, segundo ele, pode significar abundância de água; Mahīdhara divide os termos, e explica *Agni* por *yajña*, (sacrifício), e *gavya* por *ghī:* deuses, aproximem-se do louvor piedoso, e, do sacrifício no qual *ghī* é oferecido.
[13] *Dhāman te viśvam bhuvanam adhiśritam;* o primeiro é explicado por Sāyaṇa, *tejah-sthāne,* no lugar de brilho ou calor; Mahīdhara, por *vibhūtyām*, poder sobre-humano; o significado é a identificação de todas as coisas com Agni, presente no oceano como fogo submarino; nos homens, como *vaiśvānara*, o que é um trocadilho etimológico de *viśva*, todos, e *nara,* um homem; na vida, *āyuṣi*, como o princípio vital, ou *āyus* pode significar alimento, *anna*, quando o fogo digestivo é aludido; nas águas reunidas ou o firmamento, como relâmpago; na guerra, como o fogo metafórico da bravura.

que nós alcancemos aquela onda de sabor doce[14] que está estabelecida em tua (essência).[15]

Índice ◄

Hino 58. Ghṛta (Griffith)[16]

1. Do oceano surgiu a onda de doçura; junto com o talo ela voltou-se para Amṛta, esse que é o título misterioso do óleo sagrado; mas a língua dos Deuses é verdadeiramente o centro de Amṛta.[17]
2. Vamos declarar em voz alta o nome de Ghṛta, e neste sacrifício oferecê-lo com homenagem. Então que o Brahman[18] ouça o louvor que proferimos. Esse o Búfalo de quatro chifres emitiu.[19]
3. Quatro são seus chifres, três são os pés que o levam; suas cabeças são duas, suas mãos são sete em número.[20] Atado com uma amarra tripla o Boi[21] ruge alto; o Deus poderoso entrou para os mortais.
4. Aquele óleo em forma tripla[22] os Deuses descobriram depositado dentro da Vaca, escondida pelos Paṇis. Indra produziu uma forma, Sūrya outra; por seu próprio poder eles formaram a terceira a partir de Vena.[23]
5. Do reservatório mais profundo em inúmeros canais descem esses rios que o inimigo não vê. Eu contemplo as correntes de óleo descendo, e veja! o Junco Dourado[24] está lá entre eles.

---

[14] *Ūrmih ya ābhṛtah;* a onda que está assim depositada, *sthāpitah*, pode significar ou a manteiga da oblação, ou água em forma de chuva.
[15] Esse Sūkta, que é provavelmente antigo, é um bom espécime de vagueza vêdica, e mistificação, e dos dilemas nos quais os comentadores são colocados para extrair um significado inteligível a partir do texto.
[16] Este hino é em louvor de Ghṛta, a manteiga clarificada ou óleo usado em sacrifícios, mas uma variedade de divindades para escolher é oferecida no Índex – Agni ou Sūrya, Águas, Vacas, ou Ghṛta. Ele é, como observa o professor Wilson: [veja a nota anterior]. [Vladimir Yatsenko, (em *universityofhumanunity.org)*, observa: "A tradição vêdica atribui este hino à divindade, desta forma: 'ou Agni ou Sūrya, ou Águas ou Vacas ou Afirmação de Ghṛta', o que é bastante surpreendente, pois todas essas divindades não são distinguidas como diferentes aqui. Sāyaṇa tenta unir esse quebra-cabeça à sua própria maneira hábil, mas esse não parece se encaixar no final"].
[17] Seria inútil, como observa o professor Ludwig, repetir todas as várias explicações que Sāyaṇa apresenta da primeira linha dessa estrofe; elas só mostram a total incerteza de tradição em relação à passagem. Por exemplo, *samudrá*, oceano, é dito significar, fogo sacrifical; ou fogo celestial; ou o firmamento; ou o úbere de uma vaca; e *ūrmi*, onda, pode conformemente significar recompensa; ou chuva, ou manteiga. O professor Ludwig pensa que o sentido da estrofe pode ser: a essência que dá vida que se desenvolve a partir do oceano do mundo se transforma em Soma na Lua, mas ela não é nenhum desses dois, mas a língua dos Deuses (Agni?) da qual o Amṛta provém e para a qual ele retorna. Mas veja A. Hillebrandt, *Vedische Mythologie*, I. 321, 322.
[18] De acordo com Mahīdhara, o *ṛtvij* ou sacerdote. Provavelmente Agni é aludido.
[19] A última meia-linha da estrofe é traduzida, conforme Sāyaṇa, pelo professor Wilson: 'o deus de cor clara aperfeiçoa este rito', o epíteto 'de quatro chifres' sendo transferido para 'Brahman'. O Deus pode ser chamado de *búfalo (gaurā,* Bos Gaurus) como um símbolo de força extraordinária. Mahīdhara explica *gaurā* por *yajña,* sacrifício, que tem quatro chifres, isto é, quatro sacerdotes oficiantes.
[20] [Veja a nota 5].
[21] O Boi é, ou como sacrifício ou Āditya, o derramador de recompensas, e o rugido alto é o som da repetição dos textos do Veda.
[22] Como leite, coalhos, e manteiga, segundo Sāyaṇa.
[23] O sentido parece ser que Indra, Sūrya, e Vena, (que é provavelmente Agni), restauraram o poder dos elementos de sacrifício respectivamente no céu, no firmamento e na terra, depois que eles tinham sido tornados ineficazes por um tempo pelos malignos Paṇis.
[24] O Agni Celeste. *['hiraṇyayo vetasah,* que o comentador interpreta como significando o 'fogo do relâmpago produzido nas águas aéreas'. – Muir, *Original Sanskrit Texts,* Vol. 5, pág. 384, nota].

6. Como rios as nossas libações fluem juntas, purificando-se no coração e espírito mais profundos. As correntes de óleo sagrado fluem rapidamente para baixo como os animais selvagens que fogem diante do arqueiro.
7. Como as corredeiras de um rio apressando-se para baixo, fluem mais rápidas que o vento as correntes vigorosas, as torrentes de óleo em flutuação crescente como um corcel vermelho rompendo as cercas.
8. Como mulheres em uma reunião belas de se olhar e sorrindo gentilmente, elas se inclinam para Agni. As correntes de óleo sagrado atingem o combustível, e Jātavedas as recebe alegremente.
9. Como donzelas se enfeitam com adornos alegres para se juntar à festa nupcial, eu agora as contemplo. Onde o Soma flui e o sacrifício está pronto, para lá os rios de óleo sagrado estão correndo.
10. Enviem ao nosso louvor um rebanho de gado;[25] deem-nos posses excelentes. Levem para os Deuses o sacrifício que nós oferecemos; os rios de óleo fluem puros e cheios de doçura.
11. O universo depende do teu poder[26] e força dentro do mar,[27] dentro do coração,[28] dentro de toda vida.[29] Que nós obtenhamos aquela tua onda de sabor doce,[30] trazida, em sua reunião, sobre a superfície das torrentes.

Índice ◄

FIM DO QUARTO MAṆḌALA.

[25] Essa é a interpretação de Sāyaṇa. Os Deuses são abordados, e pedidos para recompensar os cantores. [Veja a nota 11].
[26] De Agni.
[27] No oceano aéreo, o firmamento, no qual Agni está presente como o relâmpago.
[28] Como Vaiśvānara, pertencente a todos os homens.
[29] Como o princípio vital, ou calor.
[30] A *onda* é a manteiga da oblação.

Métrica

A rima não é usada no Ṛgveda. As métricas são reguladas pelo número de sílabas na estrofe, a qual consiste geralmente em três ou quatro Pādas, medidas, divisões, ou quartos de versos, com um intervalo marcado distintamente no fim do segundo Pāda, e assim formando dois hemistíquios ou semi-estrofes de extensão igual e desigual. Esses Pādas muito usualmente contêm oito ou onze ou doze sílabas cada; mas ocasionalmente eles consistem em menos ou às vezes em mais do que esses números. Os Pādas de uma estrofe são em geral de extensão igual e de quantidades métricas mais ou menos correspondentes, mas às vezes dois ou três tipos de métricas são empregados em uma estrofe, e então os Pādas variam em quantidade e extensão. Em relação à quantidade, as primeiras sílabas do Pāda não estão sujeitas a leis muito estritas, mas as últimas quatro são mais regulares, sua medida sendo geralmente iâmbica[1] em Pādas de oito e doze sílabas e trocáica[2] naqueles de onze. No texto impresso o primeiro e segundo Pādas formam uma linha, e o terceiro, ou terceiro e quarto, ou terceiro, quarto e quinto, completam o dístico ou estrofe. Eu segui essa organização na minha tradução.[3]

Abaixo, em ordem alfabética, encontram-se os nomes, com descrições breves, das métricas usadas nos Hinos do Ṛgveda. O Índice dos Hinos mostrará a métrica ou métricas usadas em cada Hino.

Abhisāriṇī: uma espécie de Tṛṣṭup, na qual dois Pādas contêm doze em vez de onze sílabas.

Anuṣṭup ou *Anuṣṭubh:* consistindo em quatro Pādas de oito sílabas cada, dois Pādas formando uma linha. Essa é a forma de métrica prevalecente no Mānava-dharma-śāstra, no Mahābhārata, no Rāmāyaṇa, e nos Purāṇas.

Anuṣṭubgarbhā: uma métrica da classe Uṣṇih: o primeiro Pāda contendo cinco sílabas, e os três Pādas seguintes de oito sílabas cada.

Anuṣṭup Pipīlikamadhyā: uma espécie de Anuṣṭup tendo o segundo Pāda mais curto do que o primeiro e o terceiro (8 sílabas + 4 + 8 + 8).

Aṣṭi: consistindo em quatro Pādas de dezesseis sílabas cada, ou sessenta e quatro sílabas na estrofe.

Āstārapaṅkti: consistindo em dois Pādas de oito sílabas cada, seguidos por dois Pādas de doze sílabas cada.

Atidhṛti: quatro Pādas de dezenove sílabas cada, = 76 sílabas.

Atijagatī: quatro Pādas de treze sílabas cada.

Atinicṛti: consistindo em três Pādas contendo respectivamente sete, seis, e sete sílabas.

Atiśakvarī: quatro Pādas de quinze sílabas cada.

Atyaṣṭi: quatro Pādas de dezessete sílabas cada.

Bṛhatī: quatro Pādas (8 + 8 + 12 + 8) contendo 36 sílabas na estrofe.

---

[1] [Formada de iambos: ênfase nas sílabas de número par, isto é, uma sílaba átona e uma sílaba tônica (fraco-forte; ou breve e longa).]

[2] [Formada de troqueus: ênfase nas sílabas de número ímpar, isto é, uma sílaba tônica seguida de uma sílaba átona (forte-fraca; ou longa e breve).]

[3] [Eu não mantive essa configuração na tradução dos versos para o português.]

Caturviṃśatikā Dvipadā: uma Dvipadā contendo 24 sílabas em vez de 20.

Dhṛti: consistindo em setenta e duas sílabas em uma estrofe.

Dvipadā Virāj: uma espécie de Gāyatrī consistindo em dois Pādas somente (12 + 8 ou 10 + 10 sílabas); representada inadequadamente na tradução por duas linhas decassilábicas iâmbicas.

Ekapadā Triṣṭup: uma Tṛṣṭup consistindo em um único Pāda ou quarto de estrofe.

Ekapadā Virāj: uma Virāj consistindo em um único Pāda.

Gāyatrī: a estrofe geralmente consiste em vinte e quatro sílabas, organizadas de modo variado, mas geralmente como um grupo de três Pādas de oito sílabas cada, ou em uma linha de dezesseis sílabas e uma segunda linha de oito. Há onze variedades dessa métrica, e o número de sílabas na estrofe varia consequentemente de dezenove a trinta e três.

Jagatī: uma métrica que consiste de quarenta e oito sílabas organizadas em quatro Pādas de doze sílabas cada, dois Pādas formando uma linha ou hemistíquio que na tradução é representado por um duplo alexandrino.

Kakup ou *Kakubh:* uma métrica de três Pādas compostos de oito, doze e oito sílabas respectivamente.

Kakubh Nyaṅkuśirā: consiste em três Pādas de 9 + 12 + 4 sílabas.

Kṛti: uma métrica de quatro Pādas de vinte sílabas cada.

Madhyejyotis: uma métrica na qual um Pāda de oito sílabas fica entre dois Pādas de doze.

Mahābṛhatī: quatro Pādas de oito sílabas cada, seguidos por um de doze.

Mahāpadapaṅkti: uma métrica de duas linhas de trinta e uma sílabas, a primeira linha composta quatro Pādas de cinco sílabas cada, e a segunda sendo uma Triṣṭup das usuais onze sílabas. Veja os *Vedic Hymns*, part I. (S. Books of the East) XXXII, p. xcviii.

Mahāpaṅkti: uma métrica de quarenta e oito sílabas (8x6 ou 12x4).

Mahāsatobṛhatī: uma forma alongada de Satobṛhatī.

Naṣṭarūpī: uma variedade de Anuṣṭup.

Nyaṅkusāriṇī: uma métrica de quatro Pādas de 8 + 12 + 8 + 8 sílabas.

Pādanicṛt: uma variedade de Gāyatrī na qual uma sílaba está faltando em cada Pāda: 7x3 = 21 sílabas.

Pādapaṅkti: uma métrica que consiste de cinco Pādas de cinco sílabas cada.

Paṅkti: uma métrica de cinco Pādas octossilábicos, como Anuṣṭup com um Pāda adicional.

Paṅktyuttarā: uma métrica que termina com uma Paṅkti de 5 + 5 sílabas.

Pipīlikāmadhyā: qualquer métrica cujo Pāda central é mais curto do que o precedente e do que o seguinte.

Pragātha: uma métrica no Livro 8, composta de estrofes que combinam dois versos, isto é, um Bṛhatī ou Kakup seguido por um Satobṛhatī.

Prastārapaṅkti: uma métrica de quarenta sílabas: 12 + 12 + 8 + 8.

Pratiṣṭhā: uma métrica de quatro Pādas de quatro sílabas cada; também uma variedade da Gāyatrī consistindo em três Pādas de oito, sete e seis sílabas respectivamente.

Purastādbṛhatī: uma variedade de Bṛhatī com doze sílabas no primeiro Pāda.

Pura-uṣṇih: uma métrica de três Pādas, contendo 12 + 8 + 8 sílabas.

Śakvarī: uma métrica de quatro Pādas de quatorze sílabas cada.

Satobṛhatī: uma métrica cujos Pādas pares contêm oito sílabas cada, e os ímpares doze: 12 + 8 + 12 + 8 = 40.

Skandhogrīvī: composta de Pādas de 8 + 12 + 8 + 8 sílabas.

Tanuśirā: composta de três Pādas de 11 + 11 + 6 sílabas.

Triṣṭup ou *Triṣṭubh:* uma métrica de quatro Pādas de onze sílabas cada.

Upariṣṭādbṛhatī: composta de quatro Pādas de 12 + 8 +8 + 8 sílabas.

Upariṣṭājjyotis: Uma estrofe Triṣṭup cujo último Pāda contém só oito sílabas.

Ūrdhvabṛhatī: uma variedade de Bṛhatī.

Urobṛhatī: uma variedade de Bṛhatī: 8 + 12 + 8 + 8.

Uṣṇiggarbhā: Gāyatrī de três Pādas de seis, sete e onze sílabas respectivamente.

Uṣṇih: composta de três Pādas de 8 + 8 + 12 sílabas.

Vardhamānā: uma espécie de Gāyatrī; 6 + 7 + 8 = 21 sílabas.

Viparītā: uma métrica de quatro Pādas, semelhante à Viṣṭārapaṅkti.

Virāḍrūpā: uma métrica Triṣṭup de quatro Pādas, 11 + 11 + 11 + 7 ou 8 sílabas.

Virāj: uma métrica de quatro Pādas de dez sílabas cada.

Virāṭpūrvā: uma variedade de Triṣṭup.

Virāṭsthānā: uma variedade de Triṣṭup.

Viṣamapadā: métrica de estrofes ímpares.

Viṣṭārabṛhatī: uma forma de Bṛhatī de quatro Pādas contendo 8 + 10 + 10 + 8 = 36 sílabas.

Viṣṭārapaṅkti: uma forma de Paṅkti consistindo em quatro Pādas de 8 + 12 + 12 + 8 = 40 sílabas.

Yavamadhyā: uma métrica que tem um Pāda mais longo entre dois mais curtos.

Ralph T. H. Griffith.

Índice ◄

Índice dos Sūktas do Quarto Maṇḍala

Continuação do Terceiro Aṣṭaka

Continuação do Quarto Adhyāya

Anuvāka 1

Sūkta	*(Hino)*	*Divindade*	*Ṛṣi*	*No. Versos*	*Métrica*
I	**1**	Agni (1,6-20), Agni ou Agni e Varuṇa (2-5)	Vāmadeva Gautama	20	Triṣṭubh. 1: Aṣṭi. 2: Atijagatī. 3: Dhṛti
II	**2**	Agni	"	20	Triṣṭubh
III	**3**	"	"	16	"
IV	**4**	Agni Rakṣohan	"	15	"
Adhyāya 5					
V	**5**	Agni Vaiśvānara	"	15	"
VI	**6**	Agni	"	11	"
VII	**7**	"	"	11	1: Jagatī. 2-6: Anuṣṭubh. 7-11: Triṣṭubh
VIII	**8**	"	"	8	Gāyatrī
IX	**9**	"	"	8	"
X	**10**	"	"	8	Padapaṅkti. 4,6,7: Padapaṅkti ou Uṣṇih. 5: Mahāpadapaṅkti. 8: Uṣṇih
Anuvāka 2					
I	**11**	"	"	6	Triṣṭubh
II	**12**	"	"	6	"
III	**13**	Agni ou Vários Deuses	"	5	"
IV	**14**	"	"	5	"

Sūkta	*(Hino)*	*Divindade*	*Ṛṣi*	*No. Versos*	*Métrica*
V	**15**	Agni (1-6); Somaka Sāhadevya (7-8); os Aśvins (9-10)	"	10	Gāyatrī
VI	**16**	Indra	"	21	Triṣṭubh
VII	**17**	"	"	21	Triṣṭubh. 15: Ekapadā virāj
VIII	**18**	Indra, Aditi, e Vāmadeva em uma conversa.		13	Triṣṭubh
		Adhyāya 6			
IX	**19**	Indra	Vāmadeva	11	"
X	**20**	"	"	11	"
XI	**21**	"	"	11	"
		Anuvāka 3			
I	**22**	"	"	11	"
II	**23**	Indra (1-7,11); Indra ou Ṛta (8-10)	"	11	"
III	**24**	Indra	"	11	Triṣṭubh. 10: Anuṣṭubh
IV	**25**	"	"	8	Triṣṭubh
V	**26**	Indra [ou Paramātmā] (1-3); O Falcão (4-7)	Vāmadeva [ou Indra] (1-3); Vāmadeva (4-7)	7	"
VI	**27**	O Falcão [ou Parabrahma sob essa personificação][1] (1-4); o Falcão ou Indra (5)	Vāmadeva	5	Triṣṭubh. 5: Śakvarī
VII	**28**	Indra ou Indra e Soma	"	5	Triṣṭubh
VIII	**29**	Indra	"	5	"
IX	**30**	Indra (1-8, 12-24); Indra e Uṣas (9-11)	"	24	Gāyatrī. 8,24: Anuṣṭubh
X	**31**	Indra	"	15	Gāyatrī. 3, [4 e 5]:[2] Pādanicṛt
XI	**32**	Indra (1-22); os dois cavalos de Indra (23-24)	"	24	Gāyatrī
		Adhyāya 7 **Anuvāka 4**			
I	**33**	Ṛbhus	"	11	Triṣṭubh
II	**34**	"	"	11	"

[1] Veja a versão desse hino por Wilson.
[2] De acordo com Wilson.

Sūkta	*(Hino)*	*Divindade*	**Ṛṣi**	*No. Versos*	*Métrica*
III	**35**	"	"	9	"
IV	**36**	"	"	9	Jagatī. 9: Triṣṭubh
V	**37**	"	"	8	1-4: Triṣṭubh. 5-8: Anuṣṭubh
VI	**38**	Céu e Terra (1); Dadhikrā (2-10)	"	10	Triṣṭubh
VII	**39**	Dadhikrā	"	6	Triṣṭubh. 6: Anuṣṭubh
VIII	**40**	Dadhikrā (1-4); Sūrya (5)	"	5	Triṣṭubh. 2-5: Jagatī
IX	**41**	Indra e Varuṇa	"	11	Triṣṭubh
X	**42**	Trasadasyu (1-6); Indra e Varuṇa (7-10)	Trasadasyu Paurukutsya Sauhotra	10	"
XI	**43**	Aśvins	Sauhotras Purumīḷha e Ajamīḻha	7	"
XII	**44**	"	"	7	"
XIII	**45**	"	Vāmadeva	7	Jagatī. 7: Triṣṭubh
Anuvāka 5					
I	**46**	Vāyu (1); Indra e Vāyu (2-7)	"	7	Gāyatrī
II	**47**	Vāyu (1); Indra e Vāyu (2-4)	"	4	Anuṣṭubh
III	**48**	Vāyu	"	5	"
IV	**49**	Indra e Bṛhaspati	"	6	Gāyatrī
V	**50**	Bṛhaspati (1-9); Indra e Bṛhaspati (10-11)	"	11	Triṣṭubh. 10: Jagatī
Adhyāya 8					
VI	**51**	Uṣas	"	11	Triṣṭubh
VII	**52**	"	"	7	Gāyatrī
VIII	**53**	Savitṛ	"	7	Jagatī
IX	**54**	"	"	6	Jagatī. 6: Triṣṭubh
X	**55**	Viśvedevas	"	10	Triṣṭubh. 8-10: Gāyatrī
XI	**56**	Céu e Terra	"	7	Triṣṭubh. 5-7: Gāyatrī
XII	**57**	[Kṣetrapati, etc.:] O Senhor do solo (1-3); Śuna (4); os dois Śunāsīras (5,8); o sulco (6,7)	"	8	1,4,6,7: Anuṣṭubh. 2,3,8: Triṣṭubh. 5: Purauṣṇih
XIII	**58**	Agni ou Sūrya ou as Águas ou as Vacas ou a Manteiga Clarificada Sacrifical (Ghṛta)	"	11	Triṣṭubh. 11: Jagatī

Índice Rápido

a: por Wilson; **b**: por Griffith; **c**: por Oldenberg